

clipping

**Nelson Mandela,
líder sul-africano**

**A visita de Nelson Mandela
ao Brasil**

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEEA

F
541

10 Sala 601 CEP 20011 Rio de Janeiro - RJ - Brasil

clipping

**Nelson Mandela,
líder sul-africano**

**A visita de Nelson Mandela
ao Brasil**



APRESENTAÇÃO

A visita ao Brasil, de 1 a 5 de agosto de 1991, do líder sul-africano e atual presidente do ANC (Congresso Nacional Africano) Nelson Mandela, constitui um marco histórico nas relações do Brasil com a nova África do Sul que se constrói para o pós-apartheid.

Ela também proporcionou um momento raro para o povo brasileiro: o de ver, de quase dialogar com um líder negro, africano, da estatura de Nelson Mandela. Uma boa parte desse diálogo pode ser sentido e analisado a partir dos recortes das notícias de jornais de todo o Brasil.

É com esse objetivo — o de poder, a posteriori, refletir sobre esses assuntos — que o setor de Documentação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos elaborou este clipping, à semelhança do que fez quando da visita, em 1987, do Arcebispo sul-africano Desmond Tutu.

Este clipping pretende, portanto, ser um instrumento de pesquisa sobre o significado da visita e do impacto causado entre nós pela discussão, promovida pela visita, da questão racial, tanto a daqui quanto a do outro lado do Atlântico Sul.

Carlos A. Hasenbalg
Vice-Diretor



Kaio

PELA LUTA CONTRA A IGNORÂNCIA, PARABÊNS MANDELA.

Apartheid no Brasil é pior que na África, diz secretário

Da Sucursal do Rio

Editoria de Arte

"O 'apartheid' no Brasil é muito pior do que na África do Sul", declarou ontem o secretário extraordinário de Defesa e Promoção das Populações Negras do Rio, Abdias do Nascimento, 77, em resposta à ação de inconstitucionalidade desse órgão, pedida à Procuradoria Geral da República pelo advogado carioca Gebardo Moreira Santos.

O secretário considerou o pedido do advogado para que o procurador Aristides Junqueira acione o Supremo Tribunal Federal "uma feliz coincidência, na hora em que o país vai receber (dia 1º de agosto) a visita de Nelson Mandela", líder do Conselho Nacional Africano (CNA), que luta contra o "apartheid (segregação racial)" na África do Sul.

Abdias considera sua secretaria "necessária, porque no Brasil existe um crime específico contra o negro, mas é um racismo não declarado e são os brancos os autores do crime de racismo". Abdias afirma que as leis do país "são insuficientes para proteger os negros".

O advogado Moreira Santos diz que a secretaria contraria o artigo 103 da Constituição, que define como "objetivos fundamentais da República promover o bem de todos, sem preconceito de raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação".

Abdias o acusa de querer "revogar outro artigo da Constitu-

VOCÊ É A FAVOR DA SECRETARIA DE DEFESA DOS NEGROS NO RIO?



Januário Garcia, 46, pres. do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN)

"Sim. A secretaria faz parte do que eu chamo de ação afirmativa de segmentos discriminados. É necessária numa sociedade que é racista, mas não assume que é. É o mesmo caso das mulheres e dos índios".



Milton Gonçalves, 57, ator

"Não. Essa secretaria não tem razão de ser. Leva a um paternalismo, desconhece a história, a força e o valor próprios da etnia. Se tem razão de ser, então que se criem também as do branco, do perueta, do zoroelho etc.".

ção, o nº 215", cujo parágrafo 1º prevê que "o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras".

O ator negro Milton Gonçalves, 57, não concorda com a criação da secretaria e a considera "paternalista".

Para o presidente do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), Januário Garcia, 46, Moreira Santos "teria que acionar também as universidades, pois a maioria delas tem centros de estudos afro-brasileiros".



Políticos baianos brigam por Mandela

SALVADOR - A chegada do líder sul-africano Nelson Mandela a Salvador no dia 3 está causando disputa entre políticos do PMDB, do PSB e do PC do B, cada um querendo assumir a paternidade da visita e o controle da programação. E o movimento negro da cidade está irritado porque Mandela não vai ao bairro da Liberdade (o que tem a maior concentração de negros) inaugurar o seu busto, que está sendo confeccionado pela escultora Márcia Magno, diretora da Escola de Belas Artes

Visita do líder negro provoca ciúmes nos partidos

sa ao bairro negro. "Os dois querem obter dividendos políticos com a visita de Mandela, impedindo que ele veja justamente o maior bairro negro do país e com uma longa tradição de luta pela liberdade dos negros", acusa o vereador.

Domingos Leonelli (que compôs uma comissão que no ano passado foi à África do Sul fazer o convite a Mandela) não estava ontem em Salvador, mas o jornalista Miguel Lucena, assessor da deputada Maria José Lima, afirmou que a programação do líder negro na cidade foi basicamente estabelecida por dois assessores dele, Yusuf Salojee e Ralph Petterson. A exclusão da visita ao bairro da Liberdade, segundo Lucena, foi para evitar

Visita de Mandela divide as esquerdas em Salvador

Salvador — A chegada do líder sul-africano Nelson Mandela a Salvador no dia 3 está causando disputa entre políticos do PMDB, do PSB e do PC do B, cada um

Inconformado, o vereador Dionísio Juvenal (PMDB), negro e um dos representantes da Liberdade, ia tentar, em uma reunião ontem à noite no Pelourinho com

Pretória deu dinheiro à direita na Namíbia

JOHANNESBURGO, África do Sul — O governo sul-africano fez doações secretas a partidos de direita da Namíbia numa tentativa frustrada de impedir que guerrilheiros esquerdistas da Swapo (Organização do Povo do Sudoeste Africano) saíssem vitoriosos nas primeiras eleições livres do país, realizadas em março do ano passado. A revelação foi feita pelo ministro de Relações Exteriores da África do Sul, Pik Botha, menos de uma semana depois de o governo ter admitido que financiou secretamente a organização negra Inkatha, rival do Congresso Nacional Africano, de Nelson Mandela. Botha não considerou a atitude uma interferência na soberania da Namíbia e disse que os Estados Unidos e a Alemanha fizeram o mesmo.

“Sim, a África do Sul forneceu fundos a um certo número de partidos da Namíbia durante a campanha eleitoral”, reconheceu o ministro numa entrevista para a imprensa nacional e estrangeira transmitida ao vivo pela tevê. Botha convocou a coletiva para prestar esclarecimentos sobre o *Inkathagate*, como está sendo chamado o escândalo que se transformou na mais grave crise do governo reformista do presidente Frederik de Klerk. O ministro admitiu que não esperava ser indagado sobre o caso Namíbia e, por isso, não tinha dados exatos, mas calcula que ao todo foram dados “pelo menos” 100 mil rands (35 milhões de dólares) à oposição local.

Segundo Botha, os partidos de direita

da Namíbia recorreram ao governo de minoria branca da África do Sul em busca de recursos para fazer frente a Sam Nujoma, o candidato da Swapo — a guerrilha que lutou durante anos contra as tropas de ocupação sul-africanas. Nujoma ganhou com maioria simples nas eleições de março do ano passado, realizadas após negociações mediadas pelas Nações Unidas. A Swapo não conseguiu os dois terços necessários para obter maioria no Congresso. Logo após as eleições, houve suspeitas de que a vitória só foi apertada devido à intervenção sul-africana. Até ontem, o governo de Pretória negava as acusações.

Ao referir-se ao escândalo de financiamento do Inkatha, Botha recusou-se a admitir o erro. “Não me arrependo, não estou pedindo desculpas por isto. Faria de novo do mesmo jeito”, afirmou o ministro, que ao contrário de seu colega da Lei e da Ordem (Interior), Adriaan Vlok, recusa-se a colocar seu cargo à disposição. O chanceler disse que o presidente De Klerk, atualmente em meio a um fogo cruzado, não tomou conhecimento da doação na época. Desde que o escândalo veio à tona, na sexta-feira passada, o governo afirma que a verba dada ao Inkatha serviu para financiar manifestações de repúdio às sanções internacionais contra o país, embora a oposição negra acuse as autoridades de financiarem a luta entre o Inkatha (diretista) e o CNA (de esquerdra), que já deixou 6 mil mortos em menos de cinco anos.

Mandela e Winnie em Havana

Em seu segundo dia em Cuba, o líder negro sul-africano Nelson Mandela cumpriu uma programação que poderia ter sido a de um turista comum não fosse o forte esquema de segurança que o seguia pelas ruas de Havana. O ponto alto foi a visita de Mandela e sua mulher, Winnie, cercados de seguranças à paisana e guiados pelo historiador Eusébio Leal, ao museu histórico de Cuba. Leal descreveu a história da ilha, estendendo-se

nie disse que se sentia em casa. “A calorosa acolhida veio confirmar o que já sabíamos — que Cuba é nosso segundo lar”, afirmou. “De certa maneira, parece que sempre pertencemos a este país”. Ao desembarcar quinta-feira em Havana, o casal foi recebido pessoalmente pelo presidente Fidel Castro. Ontem à noite estava prevista a presença de Mandela, como convidado de honra de Fidel, numa ceia

Mandela fará visita a 4 cidades brasileiras

O líder negro sul-africano Nelson Mandela participará de três atos públicos durante a sua visita oficial de seis dias ao Brasil, atendendo a convite do Governo Federal. Depois de vários meses de negociação entre o Congresso Nacional Africano (CNA) e o Itamarati, somente ontem ficou acertada a agenda detalhada de Mandela no Brasil. A maior dificuldade dos organizadores foi impedir que entidades não-governamentais explorassem a vinda de Mandela em benefício próprio. O presidente do CNA chega no dia 1º de agosto, acompanhado de sua esposa Winnie, no Rio de Janeiro.

O seu primeiro compromisso será inaugurar um Ciep, batizado com seu nome. Mandela visitará a Universidade Federal do Rio de Janeiro e terá um almoço com o governador Leonel Brizola. À tarde, no mesmo dia, ele dará uma entrevista coletiva na Associação Brasileira de Imprensa, e à noite participa de um ato público na Praça da Apoteose.

Depois do Rio, o líder negro

segue para São Paulo. Ele terá encontros com o governador Fleury Filho, a prefeita Luiza Erundina e com o presidente da Assembléia Legislativa. À noite, ele participa de um ato público no Estádio do Pacaembu. Em Salvador, no dia 3, Mandela recebe o título de cidadão da cidade e será recebido para almoço pelo governador Antônio Carlos Magalhães. E, como não poderia deixar de ser, se encontra com a maior comunidade negra brasileira, em ato público, na Praça Castro Alves.

Nelson Mandela só reaparece novamente na segunda-feira, dia 5, em Brasília. Ele será recebido pelo presidente Fernando Collor e pelo ministro interino das Relações Exteriores, embaixador Marcos Azambuja. Não está programada nenhuma entrevista coletiva na capital federal. Mandela visitará também a Universidade de Brasília e o Supremo Tribunal Federal e participará de uma sessão no Congresso Nacional. No dia 6, Mandela e Winnie encerram o giro pela América Latina e retornam para a África do Sul.

Quinto Giro — Ontem, em Havana, onde se encontra depois de visitar a Jamaica, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) participou dos festejos do 38º aniversário do início da revolução cubana, que levou Fidel Castro ao poder. Antes das celebrações, Mandela e sua mulher, Winnie, percorreram a parte antiga da capital de Cuba (La Habana Vieja), onde visitou a Casa da África, um museu destinado a preservar a memória negra no país, que foi um dos grandes centros de escravidão.

A visita de Nelson Mandela a cinco países da América Latina é o quinto giro internacional que o líder negro sul-africano faz, desde que libertado pelo presidente F. W. De Klerk, no ano passado, após passar 27 anos na prisão. Esse giro, que começou em Kingston (Jamaica) e agora inclui Havana, continuará no México, Venezuela e terminará no Brasil. A Argentina também estava incluída na viagem, mas a visita foi cancelada por choque de datas.

Pretória tentou desestabilizar Namíbia

Johanesburgo — A tentativa do governo da África do Sul de controlar as eleições de 1989 na Namíbia fazia parte de uma ampla conspiração para evitar que o Congresso Nacional Africano (CNA) chegasse ao poder e ditasse a política regional. A denúncia foi feita ontem por um ex-oficial do Exército, Nico Basson, e foram qualificadas pelos militares como "disparates". Segundo Basson, major reformado das Forças Sul-Africanas de Defesa, o plano foi controlado pelos militares e envolveu uma série de táticas, incluindo circulação de boatos e manipulação da imprensa. Basson disse aos jornalistas que a conspiração ainda permanece e tem agora como alvos centrais o CNA e as próximas eleições na Namíbia, previstas para 1994.

As acusações de Basson foram feitas no dia seguinte em que o chanceler Pik Botha declarou que o governo enviou em segredo mais de cem milhões de rands (36 milhões de dólares) aos partidos políticos namibios, com a esperança de derrotar os guerrilheiros.

mil dólares) ao Partido Liberdade Inkhata, arqui-rival do CNA, em 1989 e 1990.

"Quando começamos a operação na Namíbia, os comandantes militares e funcionários do Ministério de Relações Exteriores nos disseram que este era um tubo de ensaio do que iria acontecer na África do Sul", disse Basson. Indicou que foi recrutado para o plano namibio no começo de 1989 e que se reformou alguns meses depois, ao se desiludir com a idéia. As eleições na Namíbia se realizaram depois do acordo da guerra de 23 anos da Organização do Povo Sul Ocidental Africano (Swapo) contra o domínio sul-africano no território. A Swapo venceu as eleições, mas segundo Basson, o governo da África do Sul ficou satisfeito porque sua campanha tirou parte do apoio a Swapo e decidiu fazer o mesmo contra o CNA. O governo agora tem sua atenção voltada para o enfraquecimento do apoio ao CNA e a formação de uma aliança com grupos conservadores negros, como Inkhata, para evitar que o CNA chegue ao

potência movido pela sinceridade ao negociar com o CNA os detalhes de uma nova Constituição que ponha fim ao monopólio de poder da minoria branca. De Klerk negou as acusações de que o governo tenha preferência pelo Inkhata. Basson sustenta que o governo está enviando dinheiro para as forças inimigas da Swapo na Namíbia e que as forças sul-africanas de defesa estavam lhes ajudando a preparar as eleições de 1994. Os militares emitiram uma nota na qual indicam que as Forças Armadas "não formulam opinião sobre comentários considerados puros disparates".

Reatamento — A Argentina vai retomar suas relações diplomáticas plenas com a África do Sul o mais rápido possível, anunciou na quinta-feira a Casa Rosada. O assessor de imprensa da presidência, Raul Burzaco, fez o anúncio depois de uma reunião do gabinete do presidente Carlos Menem. As relações diplomáticas entre os dois países foram interrompidas em 1986, durante o governo do presidente Raul Alfonsín, em consequência da política

Governo quer capitalizar visita

Da Reportagem Local

Os governadores Leonel Brizola (Rio), Antônio Carlos Magalhães (Bahia), e Luiz Antônio Fleury Filho (São Paulo) estão facilitando ao máximo os preparativos da visita de Nelson Mandela — uma óbvia tentativa de capitalizar seu impacto. Outra coisa é o que vão fazer para, no mínimo, atenuar o racismo no Brasil.

Um ponto obscuro na agenda de Mandela no Brasil mostra um pouco a disputa de bastidores por parte daqueles que querem ser vistos ao seu lado — como acontecerá, por exemplo, numa visita papal. Trata-se da passagem ou não de Mandela pelo Espírito San-

to.

O Comitê de Recepção a Mandela assegurou, ontem, que Vitória não está no roteiro. Mas o governador Albuíno Azeredo (PDT) — um dos três governadores negros do Brasil — anunciou ontem que venceu o CNA a alterar a agenda, em acordo concluído quinta-feira. Segundo Albuíno, Mandela permanecerá 48 horas no Estado, a partir do dia 3.

Também como numa visita papal, o governo tingirá com populismo o périplo brasileiro de Mandela. Sambódromos, estádios de futebol, carnavais, pão e circo. Depois que Mandela se for, o previsível é que tudo fique igual. (JA)

MAITANZAS, Cuba — O Congresso Nacional Africano (CNA) não abrirá mão de sua aliança com os comunistas, anunciou o presidente da organização negra da África do Sul, Nelson Mandela, em discurso na cidade cubana de Matanzas. Diante do presidente de Cuba, Fidel Castro, Mandela disse que não dará ouvidos aos conselhos para que se afaste do Partido Comunista sul-africano, mas negou que o CNA seja dirigido pelo PC. Em seu terceiro dia de viagem a Cuba, Mandela participou das comemorações pelo 38º aniversário do ataque rebelde ao quartel Moncada, também conhecido como Dia da Rebelião em Matanzas, contra o ditador Fulgêncio Batista.

O líder negro agradeceu a Fidel Castro por Cuba ter permanecido como "um

em que a organização
Segundo Mandela, a
muito especial no ec
africanos por sua co
independência das pot
apoio dos cubanos na
tem paralelo na histó
de", afirmou. Mandel
o internacionalismo c
prova quando tropas
invadiram Angola fórt
forças cubanas na bat
navalle, a qual qualifi
ria da África inteira".

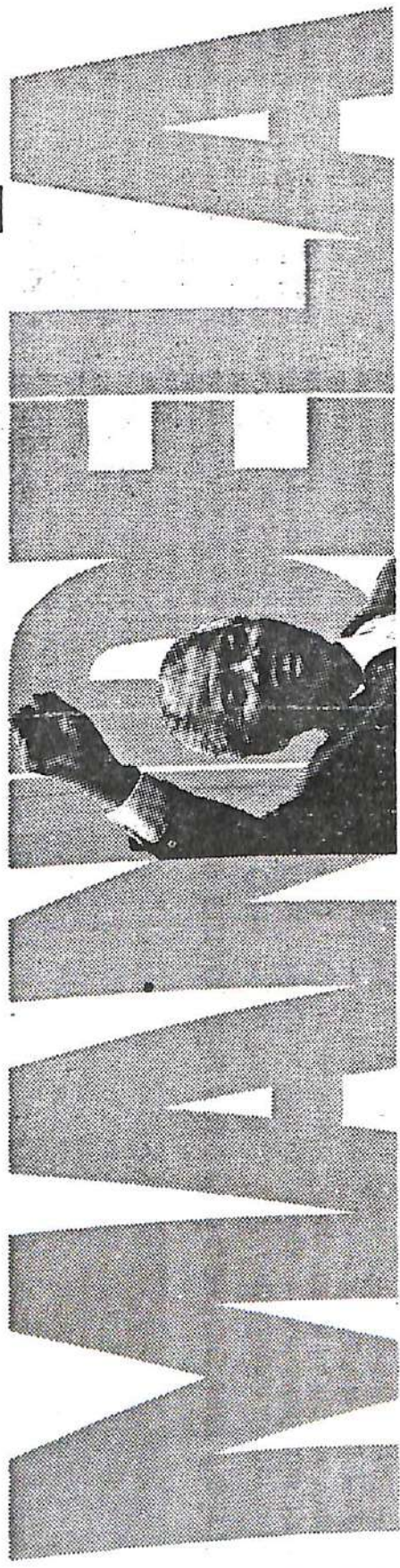
Após ser condecorado com o título de José Martí pelo presidente do CNA criticado por não reconhecer os Estados Unidos que

caso, Mandela disse que não dá para ouvir os conselhos para que se afaste do Partido Comunista sul-africano, mas não quer que o CNA seja dirigido pelo PC. Em seu terceiro dia de viagem a Cuba, Mandela participou das comemorações pelo 38º aniversário do ataque rebelde ao quartel Moncada, também conhecido como Dia da Rebelião em Matanzas,

tem parapeito na história de", afirmou. Mandela: o internacionalismo cubo prova quando tropas sul-africanas invadiram Angola foram forças cubanas na batalha naval, a qual qualificou-a "a África inteira".

Após ser condecorad

O RIO TE ABRAÇA.



SHOWMÍCIO. PRAÇA DA APOTEOSE. QUINTA-FEIRA, ÀS 18 HORAS.

Participação de: Martinho da Vila, Tim Maia, Leci Brandão, Emílio Santiago, Taiguara, Cidade Negra, Sandra de Sá, Alcione. Artistas convidados: Grande Otelo, Ruth de Souza, Lucélia Santos, Antonio Pompeo, Jacira Silva, Cléa Simões, Léa Garcia, Mário Lago, Aroldo de Oliveira, Antonio Pitanga e ainda Blocos Afro e Afoxés do Rio de Janeiro. Não perca. Venha abraçar Nelson Mandela.

Retire seu convite de cortesia no local.

REALIZAÇÃO

RIO

Prefeitura da Cidade
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Mandela

ABDIAS DO NASCIMENTO



Com o maior alarde, a grande imprensa anuncia a eliminação do apartheid pelo regime sul-africano.

Em Durban, onde se realizou, no início deste mês, a 48ª Conferência do Congresso Nacional Africano (ANC), pudemos observar de perto uma realidade bem diferente. Esta histórica conferência, a primeira a ter lugar em solo da África do Sul, elegeu Nelson Mandela como presidente da ANC. Estivemos presente a convite daquela organização, na companhia de Salomão Blajberg, presidente do Comitê de Solidariedade com os Povos Africanos (Comafica).

Foi grande a emoção de nos sentarmos frente a frente com Mandela, que interrompeu uma sessão fechada da conferência para receber, com um caloroso how are you, Mir. Nascimento?, os delegados da Comafica e o portador de uma mensagem de solidariedade do governador Leonel Brizola.

No discurso de abertura, Mandela advertiu sobre a dupla face do sistema apartheidista, que hoje tenta enganar o mundo com a falsa imagem da anulação do regime racista, quando este apenas modifica o seu visual, recondoindo a outros meios para garantir a continuação do atual modelo de poder na África do Sul.

Apresentei então à conferência um comunicado, esclarecendo que

os afro-brasileiros conhecem bem essa dupla face do apartheid, pois fomos obrigados a conviver com ela durante quase quinhentos anos. Vítimas da chamada **democracia racial**, um apartheid de estilo soft, ainda não desfrutamos a cidadania plena do país que construímos.

Na África do Sul estamos assistindo, também, à implantação do apartheid ao estilo brasileiro, soft. A nova imagem propagada pelo regime já obteve o resultado desejado: a suspensão das sanções internacionais contra o país racista. Entretanto, a imensa maioria dos sul-africanos continua destituída dos direitos políticos e humanos básicos, e até mesmo da cidadania nacional. De acordo com a legislação ainda vigente, o próprio Mandela não é cidadão do país, mas de uma aberração intitulada Transkei, um dos bantustões inventados pelo regime racista para banir permanentemente os africanos da cidadania sul-africana.

No futuro próximo, vamos assistir a uma luta acirrada dos racistas sul-africanos para manter vigente o sistema apartheidista através de subterfúgios legais e de práticas concretas bem mais sutis do que antes. Nós, afro-brasileiros, e nossos aliados, não desejamos aos povos oprimidos da África do Sul a má sorte de passar de um apartheid hard para um outro, soft. Junto com eles, continuamos a luta contra a chamada democracia racial, aquela espécie de apartheid soft que combatemos no Brasil.

ABDIAS DO NASCIMENTO é secretário extraordinário de Defesa e Promoção das Populações Negras do Estado do Rio de Janeiro.

Bahia prepara festa para receber Mandela

Da Sucursal de Salvador*

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, 73, líder negro de maior expressão na luta contra o apartheid na África do Sul, será homenageado pela bateria da banda afro Olodum e por um grupo de capoeiristas, ao desembarcar no aeroporto de Salvador (BA) no sábado pela manhã. Cerca de 15 entidades negras, sindicatos e autoridades estaduais e municipais integram o comitê de recepção a Mandela na capital baiana.

O líder e sua mulher Winnie Mandela serão saudados, no aeroporto, por um grupo de crianças negras, vestidas com as cores da bandeira do CNA — preto, verde e amarelo.

A visita de Mandela à Bahia corre o risco de não ser marcada apenas por festas. O Grupo Gay da Bahia (GGB) — sociedade civil defensora dos direitos dos homossexuais — encaminhou ontem à tarde uma carta à sede do

comitê de recepção ao líder convidando Winnie Mandela a visitar a sede do GGB para explicar sua condenação pelo espancamento e morte de dois negros homossexuais na África do Sul, em maio deste ano.

O governo do Espírito Santo planeja receber Nelson Mandela, no próximo sábado, com honras de chefe de Estado, ao som de bandas de congo e de grupo folclórico Ticumbi, de origem africana. O secretário de Justiça, Renato Soares, informou que a programação de Mandela foi concluída ontem à tarde.

Em São Paulo, a prefeita Luíza Erundina e o governador Luiz Antônio Fleury Filho darão as boas-vindas a Mandela. Os cantores Leci Brandão, Alcione, Martinho da Vila e Jorge Mautner já confirmaram sua presença em um show no Estádio do Pacaembu.

*Colaborou a correspondente em Vitória e a Redação

CIDADE

Homenagem a Mandela não
inclui movimento negro

Quando desembarcar em Brasília na próxima segunda-feira, o líder negro sul-africano Nelson Mandela terá pela frente uma verdadeira maratona de solenidades e encontros oficiais com autoridades do Governo brasileiro. Mandela, líder eminentemente popular, não se encontrará com lideranças negras da cidade, fato que vem despertando reações negativas entre as entidades representativas da etnia em Brasília.

O secretário de Imprensa e Divulgação e membro do Executivo Nacional do Movimento Negro Unificado (MNU), Edson Lopes Cardoso, reconhece que a entidade não alimenta muitas esperanças de manter contato com Mandela aqui em Brasília, mas se prepara para encontrar-se com o líder em Salvador, onde lhe será entregue um documento relatando as condições atuais do povo negro no Brasil. "É significativa a entidade estar do lado de fora dos portões, uma vez que o negro é sistematicamente excluído das decisões no País", afirmou ele.

Apesar da exclusão da programação oficial da visita de Mandela, divulgado pelo Ministério das Relações Exteriores, Edson revelou que onde houver solenidades e encontros o MNU estará presente, com caixas e cartazes escritas em português e inglês. "Em algumas destas faixas estará escrito que tanto na África do Sul quanto no Brasil, o negro tam-

bém quer governar, e nós queremos chamar a atenção das lideranças populares e da imprensa mundial com relação a isso". Ele também reclamou da falta de informações a respeito da programação oficial da visita do líder sul-africano, por parte do Itamarati.

Racismo — Para o secretário de Imprensa do MNU, o fato de Mandela ter agendado encontros com representantes de movimentos negros apenas em Salvador e Rio de Janeiro é um reflexo do peso e densidade da população negra naquelas cidades. "É possível que, assim, estejam vendendo a imagem de que o Brasil é um país de maioria branca, onde o povo negro está restrito aos guetos de Salvador e Rio", acredita. "Mas no caso de Brasília, não é apenas mais um lugar, mas a capital do País, onde a discussão sobre a questão do negro no Brasil e na África do Sul poderia ser multiplicada, através dos encontros e de entrevistas".

Edson concluiu dizendo que o MNU não disputará espaços nos salões e banquetes, pois a concepção de homenagem a um companheiro de luta como Mandela seria ir às ruas e aproveitar sua vinda para denunciar as condições de vida do povo negro brasileiro na atualidade. "Nós não vamos nos acotovelar entre pessoas que para nós representam uma classe dominante tão racista e discriminatória quanto a da África do Sul".

ARI CUNHA

Visto, Lido e Ouvido

PRECONCEITO — *A coisa mais chata do mundo é ser preto importante e chegar ao Brasil. Mandela está chegando aí. Nenhuma loura para receber, nenhum jantar de socialite no programa, mas enquanto isto os babalorixás já lavaram a escadaria do Palácio da Cultura no Rio, e preparam um calhamaço de coisas que ele sabe e não gosta nem um pouco de ouvir.*

A visita de Mandela

Os brasileiros, e principalmente os cariocas, alegam-se em dar boas-vindas ao líder sul-africano Nelson Mandela, que chega amanhã ao Rio de Janeiro. Temos muitas lições para aprender com ele. Uma pergunta se impõe diante desta visita: o Brasil é uma democracia racial?

Evidente que o modelo de colonização que vingou no Brasil não foi o mesmo da África do Sul, o que ajuda a desmentir a afirmação de que os males do país vêm da dominação portuguesa. Se fôssemos colonizados por ingleses... talvez estivéssemos em situação igual à da África do Sul!

Mas apesar da miscigenação, da mistura das raças, o Brasil não eliminou ainda o preconceito racial, mais ou menos velado, e que aparece nos índices sociais. Por isso a população brasileira se orgulha de receber um líder como Mandela. Porque aqui temos outras formas de discriminação, mais camufladas e nem por isso menos perversas. O extermínio de crianças, tão em voga nos jornais e televisões do Primeiro Mundo, atinge principalmente os negros. Nas universidades os negros são minoria. E no entanto foram eles, com a força de seu trabalho, que ajudaram a financiar grande parte da riqueza da Europa, o que permitiu a Revolução Industrial e mesmo a Revolução Francesa.

A cultura produzida pelos negros, depois de passar três séculos reprimida ou no máximo consentida no Brasil, resistiu e hoje se fortalece, na música, nos festejos e nas religiões. E predominante em muitos campos, embora o país oficial às vezes teime em não reconhecer esta realidade. Os índices do IBGE não demonstram a presença dos negros na sociedade com clareza, pois muitas pessoas, negras, quando perguntadas, afirmam ser morenas, mulatas, pardas, etc., eufemismo que vem do preconceito racial. Os exemplos se multiplicam, basta lembrar que a Marinha brasileira não possui um único almirante negro.

Mesmo com todas estas limitações, o Itamaraty tem uma posição soberana em relação à África do Sul e o governo brasileiro receberá com honras de chefe de Estado a Nelson Mandela. O governo federal e o Congresso Nacional apóiam as sanções contra o apartheid sul-africano, regime que já desmorona a olhos vistos. Mas persiste.

Depois de décadas preso e isolado, Nelson Mandela desponta como o provável dirigente de uma África do Sul livre. E é importante que nestes contactos pelo mundo ele conheça as diferentes realidades e estreite os laços de amizade. Afinal, o Brasil interiorizou uma grande parte da África.



COCAÍNA
O pó de Rondônia
explode no Congresso

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 193
ANO 24 - N° 31 - Cr\$ 950,00
31 DE JULHO DE 1991

veja

Nelson Mandela,
líder sul-africano

A NOVA AFRICA DO SUL

A visita de Nelson Mandela
ao Brasil

Como o apartheid está
sendo destruído

África do Sul e Brasil: quem
discrimina mais

INTERNACIONAL

O parto de uma nação

Ao entrar na era pós-apartheid, a África do Sul enfrenta a tarefa de fabricar um país com os diferentes povos que a integram

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO, de Johannesburgo



Um tem uma elevada porcentagem de melanina a pigmentar-lhe a pele. Os cabelos são ulótricos, o nariz é do tipo platirino e os lábios são grossos. No outro, ao contrário,

a escassa presença de melanina lhe deixa a pele rosada. Os cabelos são cimótricos, o nariz é leptorrino e os lábios são delgados. Para colocar de maneira mais vulgar, ainda que menos apropriada a um país que tanto acreditou na ciência das raças, um é preto e outro branco. Um chama-se Nelson Mandela, tem 73 anos e é

o último herói de uma espécie em extinção — a dos libertadores de povos. O outro chama-se F.W. (de Frederik Willem) de Klerk, tem 55 anos e, na Presidência de seu país, comanda uma reviravolta tão grande, sob o ponto de vista político, social e filosófico, quanto Mikhail Gorbachev na União Soviética.

De origem, formação e princípios opostos, os dois estão unidos pela História num dos processos mais interessantes atualmente em curso no mundo — o desmantelamento do apartheid, a legislação que segregava os negros na África do Sul. Numa velocidade de campeão, De Klerk, desde

que assumiu a Presidência, em setembro de 1989, legalizou organizações negras, como o Congresso Nacional Africano. ANC, libertou Nelson Mandela e foi revogando uma a uma as leis do apartheid, desde as que separavam as escolas e as que dividiam os espaços públicos entre as raças até, no mês passado, as três que restavam — a que proibia os negros de comprar terras nas áreas dos brancos, a que os impedia de morar nas zonas brancas e a que obrigava as pessoas a terem suas raças registradas nos documentos de nascimento. Por seu lado, Mandela, desde que foi libertado, em fevereiro de 1990, depois de 27 anos de



O que Mandela ainda exige: libertação dos presos políticos que restam, facilidades para a volta dos milhares de exilados ainda existentes, formação de um governo interino, eleições. Ao lado: escola integrada na África do Sul



cadeia, deu um rosto ao movimento dos negros sul-africanos, assumiu o papel de interlocutor junto aos grandes do mundo e ganhou o respeito universal por sua firmeza e serenidade. Em tudo e por tudo, além de adversários políticos, Mandela e De Klerk são o contrário um do outro. No entanto, estão condenados à parceria num processo que, se der certo, no fim da linha dará origem a uma nação — coisa que, até agora, a África do Sul não conseguiu ser.

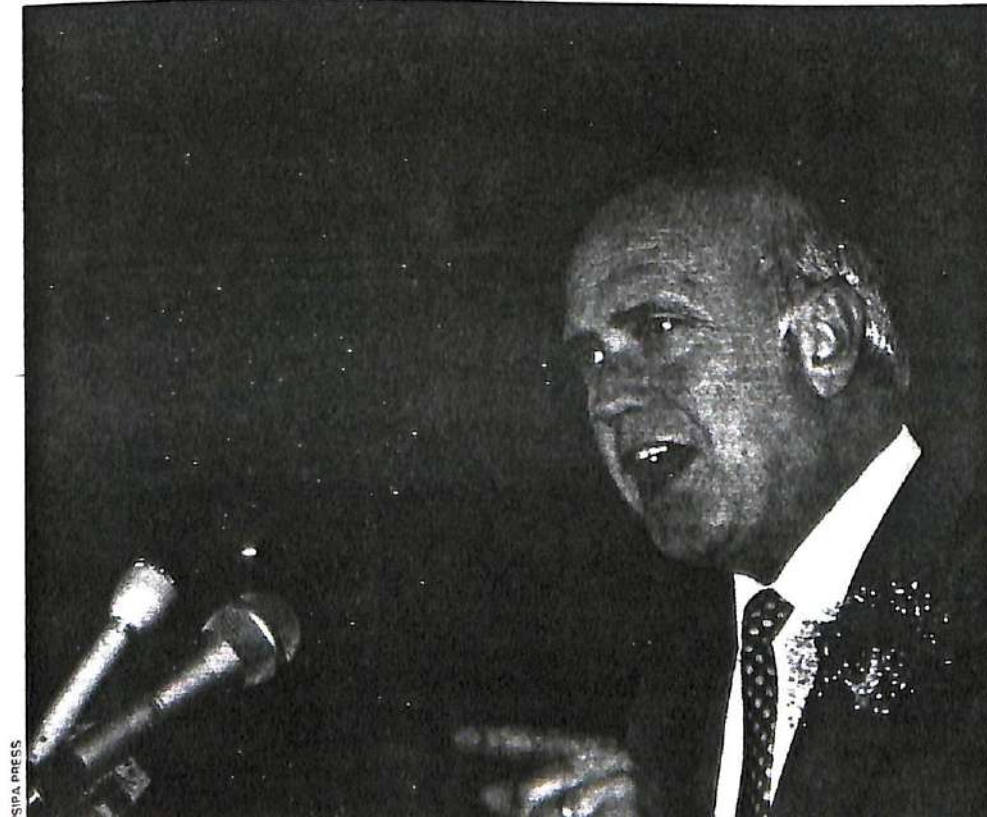
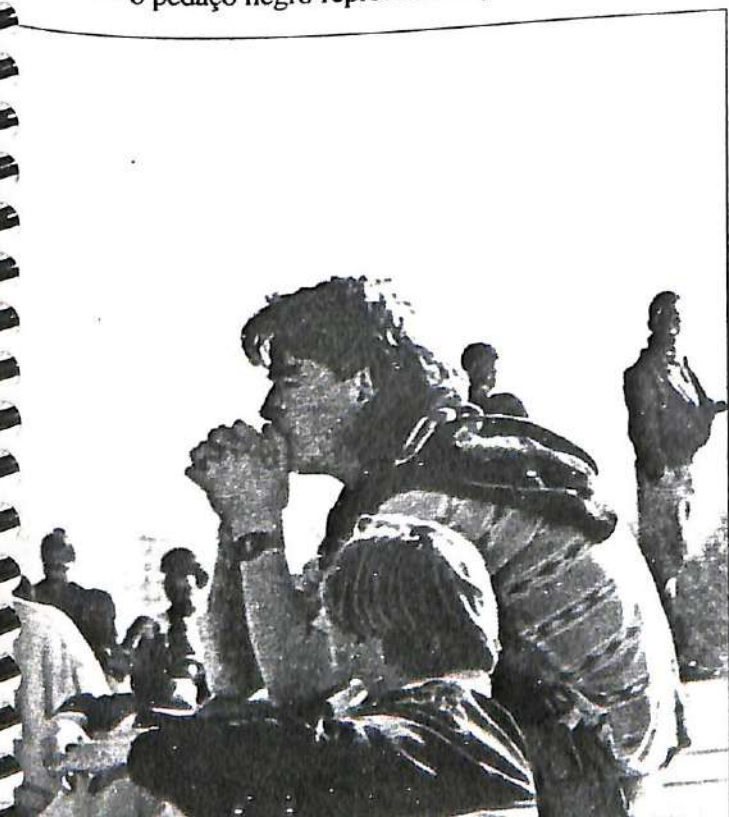
Na África do Sul de hoje, as escolas começam a se dessegregar, e em Johannesburg, coração econômico do país, onde até cinco anos atrás quase não se via negro, hoje, encontrar um branco no centro da cidade, tão cheio de prédios de vidro como a Avenida Paulista, em certas horas, é tão difícil quanto encontrar um avestruz. No entanto, o símbolo perfeito do que ocorre no país é a dupla paradoxal formada pelo arquibranco De Klerk, produto das cepas mais nobres e tradicionais do país, africâner, calvinista e, ao longo da carreira política, um reacionário de carteirinha, e o arquinegro Mandela, nascido na etnia dos xosas, formado como companheiro de viagem dos comunistas, curtido no cultivo da luta armada e endurecido na prisão. A partir desta quinta-feira, um pedaço dessa parceria antagônica, se se pode dizer assim — o pedaço negro representado por Nelson

Mandela —, vem ao Brasil para uma visita de seis dias. No Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Brasília, Mandela se empenhará em mais uma das ofensivas de charme que já lhe valeram a conquista de Nova York ao Vaticano (veja pág. 44). Sobretudo, porém, será uma oportunidade para os brasileiros se familiarizarem com as questões de um lugar que, além de ter vários pontos em comum com o Brasil, inclusive o vezo discriminatório das minorias no poder (veja quadro à pág. 46), ainda apresenta como atrativo a certeza de que, se conseguir mesmo virar uma nação, não será uma nação qualquer, mas a mais arrumada do continente africano, e uma das que mais condições têm de dar certo nesta metade amaldiçoada do planeta conhecida como Hemisfério Sul.

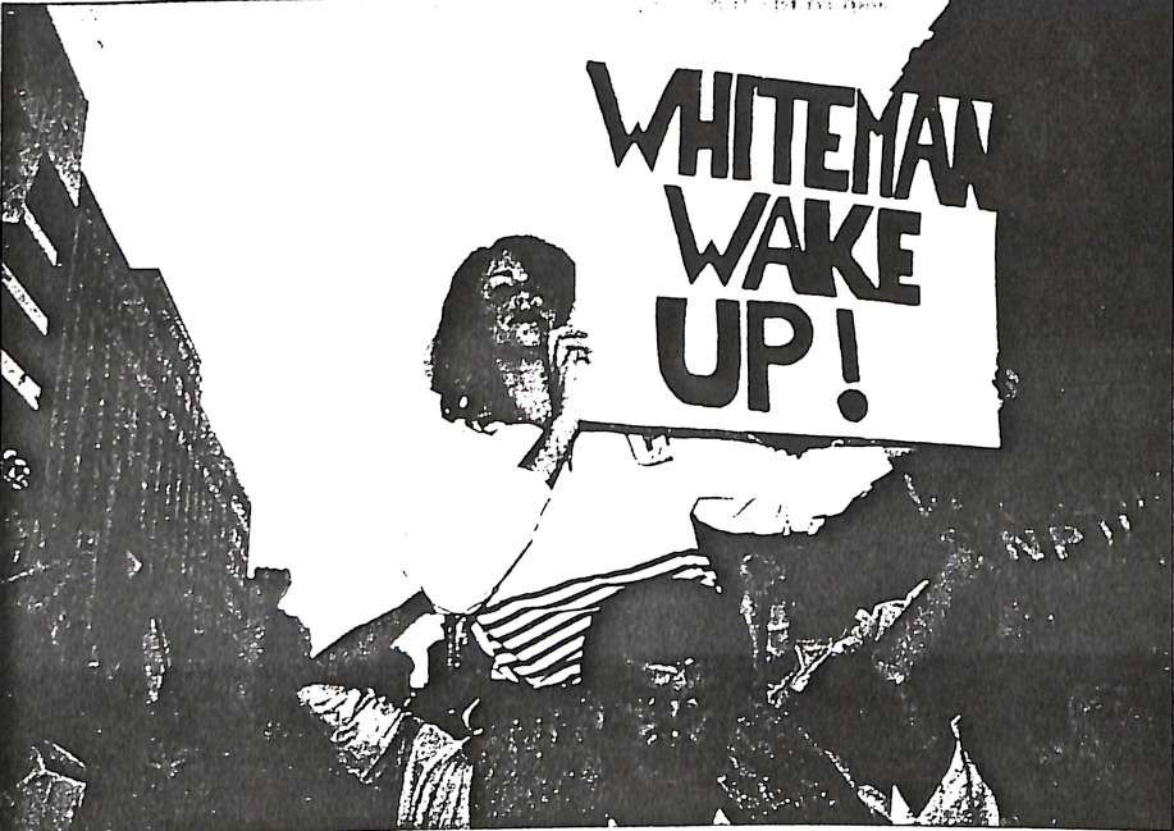
NO NIRVANA — Na Union Building, o edifício que abriga a Presidência e o Ministério das Relações Exteriores da África do Sul, situado sobre uma colina que domina a capital administrativa de Pretória, estes são tempos de entusiasmo. “São tempos fascinantes de se viver”, diz o vice-ministro das Relações Exteriores, Leon Wessels, um político que, mal entrado na casa dos 40 anos, é uma das novas estrelas do Partido Nacional, o partido por excelência da elite branca e africâner, no poder desde 1948.

Quando VEJA lhe indaga se já é possível sentir mudanças concretas em relação à política de De Klerk, Wessels responde: “Sem dúvida. Há gente visitando este país que não o visitaria meses atrás. Há conferências internacionais para as quais estamos sendo convidados. A comunidade internacional está encarando o processo de mudanças em nosso país como algo muito sério e significativo”. A entrevista com Wessels ocorreu no dia 8, uma segunda-feira. No dia seguinte, terça 9, o Comitê Olímpico Internacional anunciou o fim da suspensão que, por 21 anos, manteve a África do Sul fora dos Jogos Olímpicos. Na quarta 10, o presidente George Bush declarou encerrado o boicote econômico dos EUA. Os brancos da África do Sul subiram ao nirvana. Fazia décadas que não eram tratados com tanta atenção e cavalheirismo.

“Muitos pensavam que este momento na História jamais chegaria”, disse Bush ao anunciar o fim do boicote, elogiando o progresso nas relações entre brancos e negros. O processo sul-africano tem isso em comum com a Europa Oriental: a surpresa e a rapidez. O ponto de partida foi o discurso em que De Klerk, em fevereiro de 1990, durante a cerimônia de abertura da sessão legislativa, na Cidade do Cabo, anunciou, entre outras coisas, o término do



WHITEMAN
WAKE
UP!

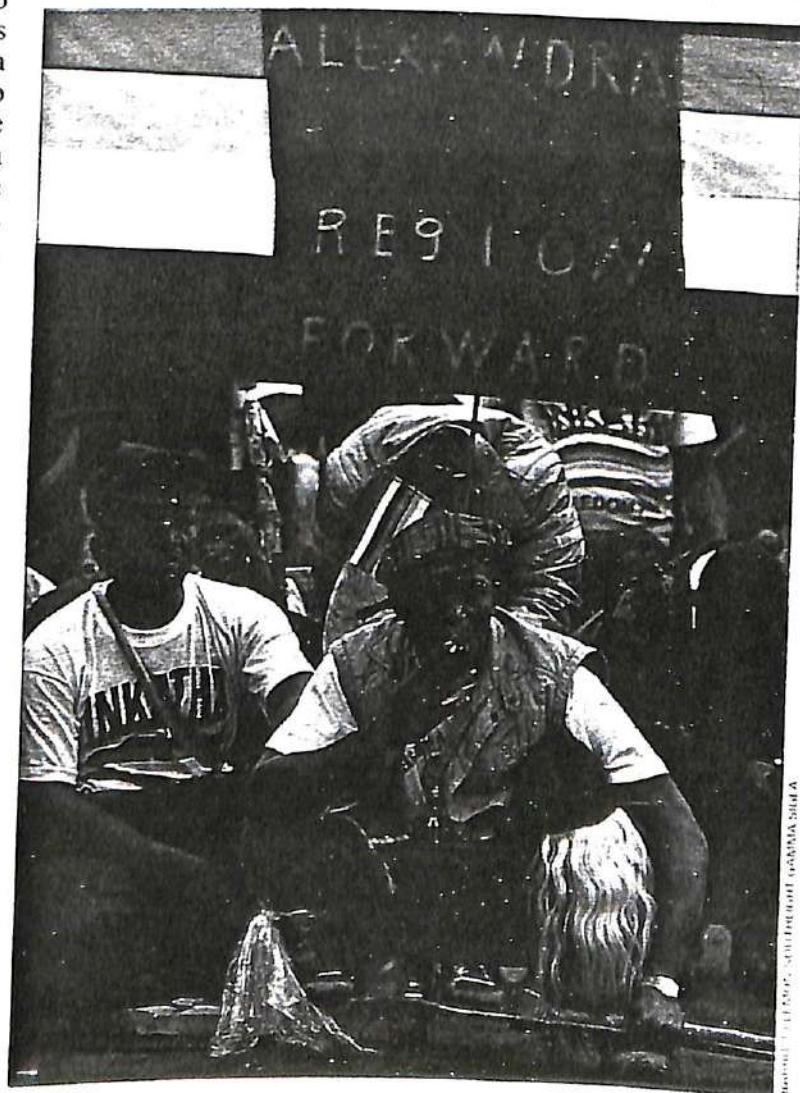


com a Europa do Leste têm um limite. "Nós não estamos numa situação como a de certos países da Europa do Leste, onde o grupo dirigente foi derrotado", adverte o cientista político Steve Friedman, do respeitado Centro de Estudos Políticos da Universidade de Witwatersrand. No casarão que serve de sede a seu instituto, em Johannesburgo, Friedman lembra que a situação também difere da de outros países africanos. "Nós tampouco estamos numa situação como a do Zimbábue, onde também houve a derrota do grupo dirigente." Na verdade, não só o governo está firme e no controle do processo como há outros numerosos fatores que singularizam a situação na África do Sul. Para começar, o país é muito mais poderoso e mais complexo, e sua minoria branca muito mais numerosa e enraizada do que em outros países da África. Além disso, a África do Sul não é uma colônia. Por fim, e talvez mais importante, o momento histórico hoje é tão diferente que os processos mais recentes de subida dos negros ao poder, como os de Angola ou Moçambique, até parece que ocorreram no século passado.

SEM DAR O BOTE — "A revolução, aqui, fracassou", afirma John Kane-Berman, diretor do Instituto Sul-Africano de Relações Raciais, um centro independente de estudos e estatísticas sociais de Johannesburgo. Nas décadas de 70 e 80, observa Kane-Berman, o movimento de massas que era orientado pelo ANC tentou tomar Soweto e outros bairros negros, celebrizados mundo afora, ingovernáveis. Considerou-se nesse período que a África do Sul vivia uma situação pré-revolucionária. "Mas o que aconteceu em seguida foi que o país mudou muito rapidamente de uma fase pré-revolucionária para a fase pós-revolucionária", raciocina Kane-Berman. Ou seja, a revolução perdeu o gás. O ANC foi indo, foi indo, mas na hora de dar o bote, como seus similares na Argélia ou em Angola, não deu. Encontrou um governo firmemente entrincheirado em seu

Em compensação, tem a opção de realizar uma costura negociada que pode se revelar mais eficaz. "O ANC, o partido mais representativo dos negros, e o Partido Nacional, o mais representativo dos brancos, estão condenados a negociar", afirma o deputado Peter Soal, do Partido Democrático, a agremiação dos brancos anti-apartheid. O irresistível impulso em direção à negociação começa pelos exemplos do passado — o assalto ao poder, em Angola e em Moçambique, resultou em atraso e em guerra civil. Depois, há a situação de emparedamento em que se encontram os

alguns milhares de exilados. Ao mesmo tempo, a agremiação de Mandela escuda-se no princípio mais elementar das democracias — o da vontade da maioria — e quer uma eleição o mais breve possível. É lógico: a maioria é dela, segundo se supõe pelas pesquisas que lhe dão ao menos 60% das preferências dos negros. Já o Partido Nacional levanta outra bandeira. "Tem de haver compromisso", afirma Sandy Shaw, diretor do Departamento de Planejamento Constitucional, um órgão do governo encarregado de formular opções institucionais para o futuro. E prossegue: "Para nossa paz



"O ANC não tem o direito de considerar a si mesmo o único representante da maioria negra da África do Sul."
Themba Khosa,
líder do Inkatha,
o partido rival do ANC, na região do Transkei.
Ao lado:
manifestação dos zulus que militam no Inkatha em Alexandra,
um dos subúrbios negros de Johannesburgo

dois lados. Se o ANC não conseguiu a revolução que estava em sua lógica, os brancos também assistiram ao desabamento da utopia que colocavam no fim da estrada do apartheid — a de que teriam um país só para eles. O jogo empatou.

Para enfrentar uma mesa de negociações que, segundo se julga, é a única forma de desmontar, assiste-se no momento a preli-

e estabilidade. devemos ter um governo multirracial. Nós não queremos um sistema em que o vencedor leva tudo, e sim uma partilha do poder".

MÁGICAS — Muita gente na África do Sul queixa-se de que o apartheid acabou no papel, mas não na prática. Curioso é

pressão que virou a pedra de toque de sua política — a "partilha do poder", de que fala Sandy Shaw. Mas a questão é: se vão ser realizadas eleições, e, se é quase inevitável que o ANC vá ganhá-las, como exigir que venha "partilhar" o poder com quem quer que seja? O Partido Nacional trabalha em favor de uma mágica. Pode ser uma mágica política, por exemplo, consubstanciada numa coalizão, mas também pode ser uma mágica constitucional, pela qual se invente algum senado, algum colégio do tipo suíço ou qualquer outro mecanismo de proteção da influência e dos direitos da minoria branca. Na vida real, os brancos têm a seu favor o fato de que são muito importantes para serem descartados. Certos ou errados, mas provavelmente certos, estão sempre a lembrar que sem eles a economia não funciona.

O governo está convidando todos os partidos para negociar. Alguns mais do que já aceitaram, como o Inkatha, o movimento negro rival do ANC. "Temos que negociar, não há outra saída", afirma o líder do Inkatha para a região do Transvaal, Themba Khoza. A direção do ANC, em seu último e concorrido congresso, arrancou da militância um mandato para negociar — mas tudo o que existe no momento, da parte do movimento de Mandela, é uma dança de aproximação e de repulsa. Enquanto isso, multiplicam-se as estocadas de parte a parte. O ANC, que trabalha com o Partido Comunista da África do Sul dissolvido em suas entranhas, saiu do congresso sob severa marcação dos adversários e da imprensa, em função do número de comunistas eleitos para altos postos na organização. Por dias a agremiação ficou na defensiva, até que lhe caiu do céu, na semana passada, o maior escândalo da gestão De Klerk — a revelação de que o governo destinou verbas para ajudar o Inkatha. Chegou-se a falar em quase 2 milhões de dólares. O governo admitiu que soltou 500 mil dólares num programa que visava a sustentar a campanha do Inkatha contra o boicote internacional da África do Sul. Independente da cifra, fica no ar a suspeita de que as verbas podem não ter se destinado a fins tão inocentes. Há uma guerra pelo domínio das comuni-

São Nelson Mandela

Seu segredo é que ele venceu o martírio

Durante 27 anos e seis meses, a partir do dia em que foi trancafiado na prisão, o dia 5 de agosto de 1962, Nelson Mandela foi um homem sem rosto. Só a pouquíssimas pessoas foi dado vê-lo, e os retratos que se agitavam ao redor do mundo, nas manifestações em seu favor, eram antigos. Hoje, junto com o papa João Paulo II, os presidentes George Bush e Mikhail Gorbachev e provavelmente mais ninguém, Mandela tem o rosto mais conhecido do mundo. Muito mais do que o rosto, no entanto, o que impressiona neste Mandela que

ter feito o famoso discurso em que anunciou a reviravolta na política do governo sul-africano. O problema é que tanto se esperou sua libertação e tanto se desejou sua volta que ele poderia acabar decepcionando. Poderia até acontecer, ao se abrirem as portas da prisão, que se chegasse à conclusão de que Mandela, ou pelo menos aquele Mandela que se imaginava, não existia mais, assim como não existia o dom Sebastião pelo qual os portugueses ficaram esperando tanto tempo, desde que se perdeu na batalha de Alcácer Quibir — por coincidência, na África. O que ocorreu, no entanto, foi o contrário. O Mandela que saiu da prisão era muito melhor do que se pensava.

Tão melhor que conquistou o mundo num primeiro olhar e transformou-se em unanimidade. "O que impressiona nele é a ausência de ressentimento", diz o vice-ministro do Exterior sul-africano, Leon Westsels. Não há adversário, nem mesmo no Inkatha, o mortal rival do ANC nas lutas fratricidas dos bairros negros da África do Sul, que fale mal de Mandela. "Ele é um grande



Com Bush: visita triunfal aos Estados Unidos

chega ao Brasil nesta quinta-feira — e que, como em vários outros países, será recebido como o herói que é e o chefe de Estado que não é — é o que está por trás do rosto. Procure-se bem. Contemple-se seu passado e seu presente. O que está escrito atrás do rosto de Nelson Mandela é que esse homem é um santo.

PATRICIO E CONSERVADOR — O hoje presidente do Congresso Nacional Africano, ANC, eleito para esse cargo na convenção realizada pelo partido no início do mês, tinha um problema, ou pelo menos pensava-se que tinha, quando foi libertado, no dia 11 de fevereiro de 1990, nove dias depois de o presidente F.W. de Klerk

líder", diz Themba Khoza, dirigente do Inkatha. Khoza prefere pôr a culpa nos outros: "O problema são as pessoas que o cercam, esses comunistas...". Não é de surpreender que ninguém ouse falar mal de Mandela — não se fala mal de um santo. Mas há também o fato de que Mandela sabe desconcertar seus adversários. "Os brancos deste país acostumaram-se a pensar nele como um terrorista e um comunista", diz o cientista político Keith Gottschalk, da West Cape University, na Cidade do Cabo. "De repente, deparam com alguém que, à sua maneira, é um negro patricio e conservador."

O escritor americano Arthur Miller, que recentemente esteve na África do Sul para uma entrevista com Mandela,

colheu impressão semelhante. "Ele é por natureza um homem formal e conservador, que num país pacífico seria ministro da Suprema Corte ou talvez o chefe de uma banca de advocacia", escreveu Miller. Mas que ninguém se iluda: o advogado Mandela, que pouco tempo teve para exercer sua profissão, não é um santo bonzinho. Ele esteve entre os fundadores do braço armado do ANC, o Umkonto we Sizwe, e colocou-se sempre na linha de frente entre os defensores da estratégia da luta armada. Também é dotado de uma fúria sacrossanta. Os brasileiros verão a firmeza com que ele tem batido no governo sul-africano, por causa do escândalo da descoberta de que o Inkatha recebia verbas oficiais. Também verão a insistência com que prega a continuação do boicote à África do Sul, considerando que a batalha contra o apartheid e a injustiça ainda está longe de terminar.

Mandela é um revolucionário que não se fantasia de revolucionário e um negro que, nascido filho de um chefe tribal, no enclave do Transkei, um dos berços da etnia xosa, acabou de terno e gravata. "Suas qualidades são mais as de um monarca do que as de um político", afirma o jornalista inglês Anthony Sampson, que há décadas acompanha a saga do ANC. Revelador do seu caráter e de sua formação é um fato que Mandela contou a Arthur Miller: que os missionários cristãos fizeram-no acreditar, quando criança, que não tinha história nem cultura. E que se passou dentro dele diante disso?, pergunta Miller. "Eu não sabia que tinha história", responde Mandela. "Confesso que a África permanecia para mim um continente obscuro, do qual eu sabia muito pouco. Eu sabia muito mais sobre a Europa, especialmente a Grã-Bretanha."

PARÁBOLA DE DISCIPLINA — Tanto quanto a mulher, Winnie, dá a impressão de uma pessoa inquieta e espevitada, Mandela é o autodomínio em pessoa. Ele tem a força, e a mais terrível delas — a

força interior. Por ocasião de sua triunfal viagem aos Estados Unidos, em junho do ano passado, em que teve a seus pés do presidente George Bush às multidões do bairro negro do Harlem, em Nova York, Nelson Mandela impressionou a colunista Meg Greenfield, da revista americana *Newsweek*, pelo controle que mantinha de todas as situações. Ela supôs ter descoberto seu segredo: a disciplina. "Mandela transpira disciplina, e sua história é uma parábola de disciplina", escreveu. "Durante seus 27 anos de prisão, o rigoroso programa de exercícios físicos diários que ele se impôs era complementado pela disciplina intelectual de aprender e desenvolver seu pensamento político."



Com Winnie: ela agitada e ele sempre sereno

Seu segredo, na verdade, passa pela disciplina de que fala Meg Greenfield, mas tem sua origem profunda num outro lugar, ainda mais recôndito e sagrado. É que a prisão é feita para quebrar os homens, não para fortalecê-los, e com Mandela aconteceu o contrário. É feita para perdê-los ou levá-los à loucura, não para que eles se achem e se tornem mais lúcidos, e com Mandela aconteceu o contrário. Da mesma forma, os algozes foram feitos para esmagar seus adversários, ainda mais que têm o poder e têm as armas, mas o que aconteceu com Mandela, claramente, é que ele venceu seus algozes. Ele passou pelo martírio e saiu vitorioso. É por isso que Mandela é um santo.

recorrido freqüentemente à ação armada contra o ANC, com mortos e feridos deixados no meio do caminho.

NA GRAMA — Quem visitar a Galeria de Arte de Johannesburgo, encravada no meio de um parque onde negro antes não entrava, mas onde hoje eles se refestelam deitados no gramado, encontrará, entre outras coisas instrutivas, o retrato de um certo sir Lionel Phillips, obra do italiano Giovanni Boldini datada de 1903. Phillips era um figurão dos tempos coloniais ingleses, e a pose com que se exhibe, metido num terno escuro e colete tipo jaquetão, o braço esquerdo estendido em direção a uma mesinha e um olhar invicto lançado para o horizonte, sublinha o vigor e a confiança com que gente como ele chegava para dominar terras e povos distantes. Ao lado, além de doações de Phillips ao museu, como um mármore de Rodin, há

quadros representando duas senhoras da família, lady Phillips e a jovem miss Edith Phillips, que se fizeram retratar em Roma, em 1909 — e a soma de tudo é a invocação de um tempo em que era incrível como tudo dava certo para os brancos. Os ingleses como sir Lionel são a outra metade que, cansada de guerrear com os bôeres, acabou juntando-se a eles na formação da minoria que imaginou construir um país só para eles.

Hoje, mesmo petrificado em forma de quadro, sir Lionel não tem mais o sossego de antes. Há os pretos dormindo na grama lá fora. Há pretos por onde quer que se ande, nesta Johannesburgo até há pouco tão exclusiva como um clube. Surgida em função das minas de ouro descobertas na região no século passado, Johannesburgo é como um milagre de cidade, uma Serra Pelada que deu certo, tanto que virou um milionário conjunto de sedes de bancos e shopping centers cercado por um cinturão de minas, visíveis a olho nu. Hoje, a cidade é o centro de outro milagre, o da assunção de uma maioria que conquistou direitos como o de ir e vir, de ficar e de deitar na grama. Talvez seja esse o grande fenômeno político do século, muito mais que o comunismo, o fascismo, ou o liberalismo — o despertar de maiorias que não param mais quietas, e irrompem de baixo como jorros impossíveis de conter. Isso é tão verdade para a África do Sul como para os Estados Unidos, a União Soviética e o Brasil. Ao fenômeno, dá-se também o nome de democracia.

Casa-grande e Soweto

África do Sul e Brasil, quem discrimina mais? O páreo é duro, e a conclusão de que o Brasil não está confortável para dar lições de moral



Não há pessoa mais louca na Cidade do Cabo do que Theo Rudman. Branco, descendente de africanos por parte de mãe, de ingleses por parte de pai, e especialista em recursos humanos. Rudman tem duas manias. Uma, estranhíssima, é se enfiar nas favelas dos pretos, falar com eles e frequentar suas bibocas. Outra, é a idéia de que a economia informal salvará a África do Sul — razão pela qual criou um instituto, o Self-Employment Institute, cujo objetivo é ensinar aos negros noções de formação de estoques, por exemplo, ou de como se organiza um livro de receitas e despesas, para ajudá-los em seus pequenos negócios. Rudman está qualificado como poucos para falar das relações entre brancos e negros na África do Sul:

“Os brancos deste país gostam de dizer que conhecem os negros”, diz ele. “É mentira. Muitos negros trabalham nas casas dos brancos, mas os brancos não sabem sequer o seu sobrenome. Não sabem onde eles moram. Nunca estiveram nas cidades negras. Não conhecem os seus meios de transporte.”

Epa! Para um brasileiro, a conversa começa a soar familiar. A pele pode não ser bem preta, mas aquela pessoa que as patroas brasileiras têm em casa — quantas já visitaram o lugar onde elas moram ou já tomaram o ônibus que elas tomam? Rudman, que quando dispara a falar parece uma metralhadora, e entre os pretos seus amigos é chamado de “Good White”, ou “O Bom Branco”, continua: “Os brancos não têm idéia do que é ser parado na rua na ponta de um revólver duas vezes por dia — uma pela polícia, outra

por um militante do ANC ou do Inkatha”. Aqui, fica-se a pensar no depoimento de brasileiras como Efigênia Carlos Pimenta, uma senhora negra que milita em movimentos de direitos humanos em Belo Horizonte e costuma dizer que os brancos não sabem o que é ser mãe negra no Brasil: “Mãe negra não fica sossegada quando o filho sai de casa. Se são 8 da noite e ele ainda não chegou, fica pensando que levou um tiro da polícia”.

GARÇOM PRETO — Para um brasileiro na África do Sul, um passatempo dos mais educativos é ficar comparando as estripulias de lá e de cá. A África do Sul tem — ou tinha — apartheid, mas não tem a separação entre elevador social e de serviço, uma instituição única no mundo, inventada no Brasil para tirar a empregada doméstica de vista. Em Johannesburgo, já é



Quem é quem na injustiça

POPULAÇÃO*
(em milhões)

PIB PER CAPITA*
(em US\$)

EXPECTATIVA DE VIDA*

MORTALIDADE INFANTIL*
(óbitos a cada mil nascimentos)

VIOLÊNCIA POLÍTICA

VIOLÊNCIA SOCIAL

EXTERMÍNIO DE MENORES

SEQÜESTROS

VOTO UNIVERSAL

ELEVADOR DE SERVIÇO

GARÇOM NEGRO

TAXA DE CORRUPÇÃO

comum os restaurantes finos terem garçons pretos. No Hotel Carlton, de cinco estrelas, no centro da cidade, não só os garçons e virtualmente todos os demais empregados são negros — também é negra boa parte da clientela. No Rio ou em São Paulo, é raro encontrar garçons pretos em restaurantes de primeira linha. No livro que o irmão mais velho de De Klerk, Willem, escreveu sobre o irmão presidente, há um trecho em que ele descreve as relações da família com os negros, no tempo em que ambos eram crianças:

“Como em todos os lares sul-africanos, havia uma relação senhor-empregado tipicamente colonial e paternalista. Nós fomos criados com as regras de equidade, honestidade e caridade para com os negros. Uma relação amistosa e descontraída, que incluía a atenção para com as necessidades deles, reunia a todos numa família ampliada. Há alguns laços comuns entre africanos e negros que são parte da tradição deste país — mas sempre dentro das linhas do apartheid: você não mora na mesma casa, não come junto, não dorme junto; você não frequenta a mesma igreja e não partilha das mesmas decisões políticas”.

Trata-se de um parágrafo que talvez não fosse percebido como corpo estranho se fosse contrabandeado para dentro de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto

Freyre, o clássico que exalta as doces relações entre brancos e negros no Brasil. Mesmo no trecho sobre o apartheid, poderia ser mantida a observação sobre comer junto — a relação brasileira de senhor-empregado também impede a convivência à mesa. O que careceria de correção é a questão de dormir junto — a convivência nos lençóis, como registra, com abundância de detalhes, o livro erótico que é também *Casa Grande e Senzala*, é um dos traços da formação nacional.

Não é gratuito comparar Brasil e África do Sul — os dois têm abundantes traços em comum. São ambos países do Hemisfério Sul, mais ou menos no mesmo estágio de desenvolvimento, e integrados por uma diversidade de raças. O produto interno bruto da África do Sul, de 80 bilhões de dólares, é quatro vezes menor que o brasileiro, de 320 bilhões de dólares, mas a população sul-africana, de 35 milhões de habitantes, é também quatro vezes menor que a do Brasil, o que resulta numa riqueza per capita virtualmente empatada. Há diferenças, como a parte primeiro mundo da África do Sul, muito mais bem cuidada do que a brasileira. Ali, a infra-estrutura construída pelos brancos inclui estradas estupendas, de nível alemão, telefones que realmente funcionam e cidades em muito melhor estado de limpeza e conservação do que as brasi-

leiras. Também a inflação é de nível civilizado — 14% ao ano —, e tão honrados se mostram os sul-africanos diante da questão que se alarmam com o índice, e estão empenhados em puxá-lo para baixo. Sobretudo, porém — para voltar às semelhanças —, o grande fator que une Brasil e África do Sul é que são ambos países que dispararam numa arrancada desesperada rumo ao progresso, mas esqueceram suas populações para trás.

URBANIZAÇÃO — As populações, nas últimas décadas, começaram a forçar passagem rumo à conquista de seus direitos, e é isso que explica, de maneira mais convincente do que qualquer outro argumento, o processo pelo qual passa a África do Sul. John Kane-Berman, diretor do Instituto Sul-Africano de Relações Raciais, é autor de um livro, *A Revolução Silenciosa*, em que inventaria as transformações de baixo para cima que estão ocorrendo no país — das quais a primeira, e de longe a mais importante, é a urbanização. “As cidades da área que antes era oficialmente chamada de branca estão se transformando em cidades africanas”, escreve Kane-Berman. “Já há mais negros vivendo ao redor das cidades, em barracões ou outras moradias improvisadas (quando não em residências convencionais), do que brancos no país inteiro.”

No Brasil não há leis do apartheid, mas os prédios, por exemplo, têm elevador social e de serviço

ÁFRICA DO SUL	BRASIL
35	147
2 470	2 540
62 anos	66 anos
68	59
Tem	Não tem
Tem	Tem
Não tem	Tem
Não tem	Tem
Não tem	Tem
Não tem	Tem
Frequente	Raro



O fenômeno da urbanização é familiar ao Brasil, e também aqui está ligado à politização de maiorias antes amorfas e a conquistas da cidadania, mas há uma diferença — na África, ele começou a mudar uma paisagem e a quebrar uma ilusão política.

Tome-se o que era a paisagem sul-africana — cidades muito direitinhas, complementadas por subúrbios residenciais onde, à maneira americana, a burguesia vivia tranqüila em suas mansões de poucas cercas e muitos gramados. Preto só entrava — com passes — para trabalhar e voltava para casa, em lugares distantes. Além disso, nas áreas urbanas, eles eram poucos. Nas últimas décadas, porém, seu número foi crescendo. Começaram a inchar bairros como Soweto, a cidade-dormitório dos negros que trabalham em Johannesburgo. Tratava-se de um fenômeno tão social quanto econômico, impulsionado pelas necessidades de expansão industrial do país. Em 1987, quando ainda não era presidente, De Klerk reconhecia: "A economia requer a presença permanente de milhões de negros em áreas urbanas". Com isso começou a desmoronar a ilusão política que estava associada ao exclusivismo branco nas cidades — a de que, ao fim e ao cabo, seria possível manter um país autônomo, onde os negros viessem trabalhar apenas, como os turcos trabalham na Alemanha, mas onde eles não teriam nenhum direito político. Para tornar a ilusão ainda mais perfeita, até se começou a criar enclaves aos quais os negros pertenciam segundo sua etnia de origem, e onde, ali sim, poderiam votar à vontade — não importa se a realidade cada vez mais mostrasse que o negro vivia mesmo em Johannesburgo, Durban ou Port Elizabeth, e tinha tanta familiaridade com sua aldeia de

origem quanto um africâner tem com Amsterdã, na Holanda de origem de sua raça.

Conseqüências da urbanização foram os outros fenômenos dos últimos anos. A educação, por exemplo. Ela ainda é bastante desigual no país. O Estado gasta quatro vezes mais com um aluno branco, nas boas escolas públicas a eles destinadas, do que com os negros, nas precárias e insuficientes escolas que lhes cabem. Mas, vinte anos atrás, essa proporção era de dezoito para um. Sempre segundo o livro de Kane-Berman, em 1967 apenas 7% dos estudantes universitários eram negros, mas hoje eles já são mais que 40%. A erupção dos negros na vida do país levou ainda a conseqüências como uma economia própria, surgida e alimentada entre eles — da qual o mais vistoso e citado exemplo é a indústria dos táxis Kombi, que, nas maiores cidades sul-africanas, fazem a ligação entre o centro e as *townships*, onde moram os negros. O serviço de transporte imaginado por empreendedores negros, baseados em Kombi de nove lugares, geralmente da marca Toyota, no início teve de brigar, mas acabou por se impor às companhias de ônibus convencionais controladas pelos brancos. Hoje, segundo dados de Kane-Berman, há 55 000 desses táxis no país, eles carregam mais de 1 milhão de passageiros por dia e o sindicato de seus proprietários, o Southern Africa Black Taxi Association, afirma que seus associados compram de 300 a 500 veículos por mês. A prosperi-



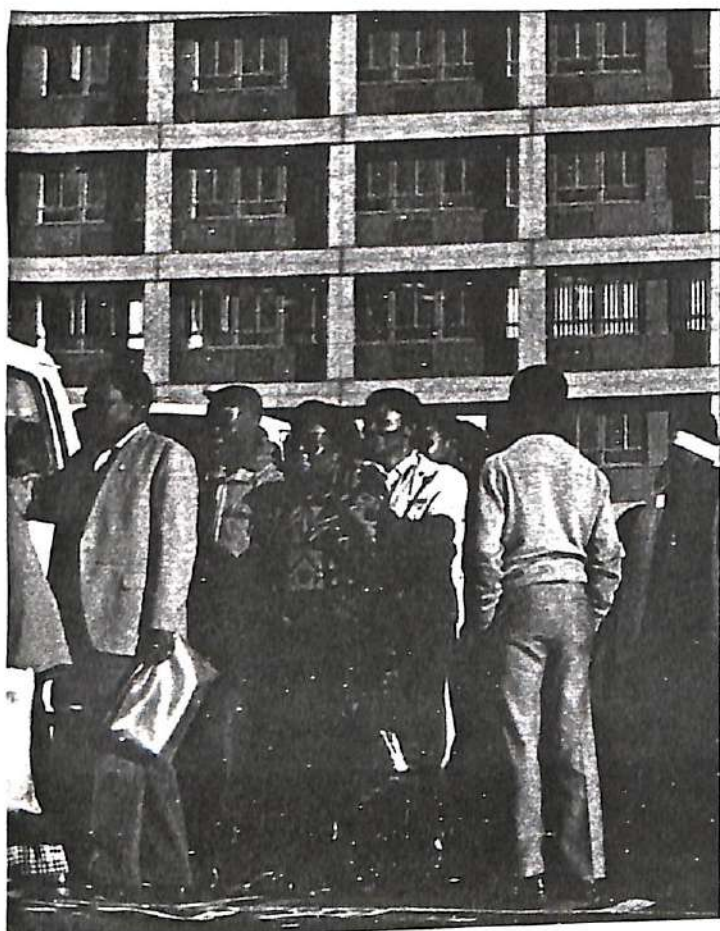
dade dos 49 000 associados do sindicato tornou-os bons clientes da Varig, onde costumam comprar pacotes de férias no Brasil. Pode-se assegurar que uma viagem de táxi Kombi de Soweto a Johannesburgo, feita em meia hora, é mais segura, confortável e humana do que num trem da Central, ou nos ônibus assassinos que servem os subúrbios do Rio de Janeiro.

IDÉIA DE NAÇÃO — Os progressos são grandes, mas, como se diria numa assembleia brasileira, a luta continua. No prédio em que a ANC instalou sua sede nacional, no centro de Johannesburgo — um edifício de 22 andares que, comprado

da Shell, por um preço não revelado, é também um sinal da ascensão dos negros na África do Sul —, uma dirigente da agremiação, Gill Marcus, muito próxima de Nelson Mandela e recém-eleita para o Comitê Executivo, argumenta: "O apartheid não acabou. Ainda resta sua infraestrutura". O governo, ao longo dos últimos dezoito meses, revogou uma a uma as leis que compunham o edifício do apartheid, mas evidentemente não revogou o apartheid na cabeça das pessoas. Gill Marcus cita casos de novos embaraços criados para os negros. Por exemplo, há comu-

Theo Rudman, entre os negros de uma favela da Cidade do Cabo: "Muitos negros trabalham nas casas dos brancos, mas os brancos não sabem sequer seu sobrenome nem onde eles moram"





**Táxis Kombi em
Johanesburgo: um
negócio inventado
pelos negros para
os negros, que
transporta 1 milhão
de pessoas por
dia, conta com
55 000 carros
e é muito mais
seguro e humano
do que os trens
da Central ou os
ônibus que cortam
o Rio de Janeiro**

“padrões civilizados” dos candidatos a morar nelas, uma fórmula vaga com que tentam barrar os negros. Há também escolas que resistem a se abrir, e os exemplos poderiam continuar. Com isso tudo, no entanto, a África do Sul já deu o grande passo de ficar mais parecida com outros países. O apartheid disfarçado é sobejamente conhecido no Brasil, onde há clubes que não aceitam negros, embora nunca com essa justificação, e empresas que exigem “boa apresentação” — geralmente sinônimo de pele branca — dos candidatos a seus empregos.

O que o Brasil tem e a África do Sul não tem é uma idéia comum e incontroversa de

nação. “Na África do Sul eles ainda não resolveram o problema nacional, que para nós não existe”, diz o embaixador brasileiro Ítalo Zappa, ex-representante do Brasil em Moçambique e especialista em problemas da área. Nenhum brasileiro tem dúvida de que é brasileiro, nem de onde ficam as fronteiras do país. Na África do Sul, para começar, as pessoas pensam em si mesmas como “brancos sul-africanos” ou “negros sul-africanos”, quando não em “mestiços sul-africanos” e “indianos sul-africanos” — as outras duas etnias oficialmente existentes. A criação de enclaves para os negros, cujo futuro ainda não tem definição, deixou dúvidas até sobre onde começa e onde

acaba o país. E tudo indica que, quando houver eleições, os eleitores vão votar com sua cor da pele. “As tendências são os negros votarem no ANC porque é bom para os negros, e não porque é bom para o país, e os brancos votarem no Partido Nacional porque é bom para os brancos, e não para o país”, diz o cientista político Steve Friedman, do Instituto de Estudos Políticos de Johanesburgo. Uma velha águia do apartheid, H. F. Verwoerd, que foi primeiro-ministro de 1960 até ser morto com uma punhalada, em 1966, em sua cadeira no Parlamento — para cúmulo de sua desgraça, aplicada por um assassino branco —, disse certa vez: “Deixe-me ser bastante claro. Quando falo de nação, falo do povo branco da África do Sul.” Costurar uma nação dos pedaços que a prepotência branca manteve historicamente separados é a questão que se impõe agora aos sul-africanos, brancos e negros.

A África do Sul sai do túnel escuro do apartheid com boas chances na vida. É uma história que por enquanto se encaminha para um final feliz, lá dentro como também aqui fora, onde a comunidade internacional se congratula pelo fato de seus longos anos de advertências, boicotes e sanções terem afinal contribuído para que a ovelha rebelde tomasse jeito. O Brasil alinhou-se entre os países que aplicaram os castigos aos sul-africanos e fez bem, mas o fato é que em sua própria conta também tem uma pesada fatura de injustiças e iniquidades. E se agora que o apartheid acabou invente-se de baixar sanções contra os países que distribuem mal a renda? E caso se venha com a idéia de boicotar as nações que têm governos corruptos? Não é por nada não. É só para lembrar que o Brasil não está com essa bola toda para dar lições de moral à África do Sul.

R.P.T.

Conversas de Estado

Nelson Mandela será recebido no Brasil como chefe de Estado, com direito ao circuito do Planalto, Congresso e Supremo Tribunal, e terá também uma conversa de Estado, em que o assunto será a elevação do nível da embaixada brasileira em Pretória. Para mostrar seu desagrado com a África do Sul, o Brasil não mantém ali um embaixador. A embaixada é conduzida por um encarre-

gado de negócios. Desde que as últimas leis do apartheid foram revogadas, porém, o Itamaraty considerou chegada a hora de mudar. Só faltaria uma consulta a Mandela, por cortesia ao representante da maioria da população do país, e ninguém duvidava de que Mandela não oporia obstáculos. Agora já se duvida, pela fúria que ele tem demonstrado contra o governo sul-africano depois do escândalo das verbas para o Inkatha.

As relações do Brasil com a África do Sul registram uma balança comercial de 200 milhões de dólares e uma curiosidade. A curiosidade é que nestes anos de escasso dinheiro de fora no Brasil os sul-africanos são responsáveis por um dos maiores investimentos individuais — a soma de mais de 1 bilhão de dólares que, ao longo dos últimos quinze anos, foi versada no país pela Anglo American, a gigante sul-africana do ouro. Sempre associada ao banco Bozzano-Simon-

sen, a Anglo American possui aqui participações que vão da mina de Morro Velho, em Minas Gerais, ao Barrashopping do Rio de Janeiro e o MorumbiShopping de São Paulo, sem contar a maior fazenda de café do mundo, em Alfenas, Minas, e uma das maiores de laranja, em Barretos, São Paulo. A explicação talvez seja que, para quem está acostumado com a África do Sul, o Brasil não é risco.

A visita de Mandela, quase cancelada. CNA teme pela saúde do líder.

O Congresso Nacional Africano quis cancelar a visita do líder negro sul-africano Nelson Mandela ao Brasil. Anteontem, o escritório do CNA na África do Sul tentava reduzir pelo menos à metade a duração da viagem, por temer pela saúde do símbolo da luta contra o apartheid. Enquanto isso, os enviados do CNA ao Brasil incorporavam eventos à programação.

A negociação pela vinda de Mandela, que adentrou a noite de terça, mobilizou convidados do coquetel de despedida da embaixatriz Thereza Quintella, nova representante do Brasil na Áustria, no Clube das Nações, em Brasília. No fim da festa,

chegou a boa notícia: Yasuf Sa-loojee, um dos enviados especiais do CNA, conseguiu do próprio Mandela, que está no México, sinal verde para a programação.

Ontem, ficou decidido que o governador do Rio, Leonel Brizola, oferecerá um vinho de honra ao líder, que também comparecerá a uma reunião com as comunidades negras do Estado. Mandela vai-se encontrar com o presidente Fernando Collor segunda-feira. Enquanto isso, sua mulher, Winnie, visitará a sede da Legião Brasileira de Assistência e a primeira-dama do País, Rosane.

Ajustes de última hora ainda

são feitos. Pensa-se em aliviar um pouco a programação — Mandela tem 73 anos, 29 deles passados na prisão — para não cansar o visitante.

A Embaixada da África do Sul não está envolvida na visita, mas aceitou todos os convites feitos pelo Itamaraty. O embaixador Johan Rienk Von Gernet estará presente em pelo menos três ocasiões: no jantar do Itamaraty, na sessão especial do Congresso e na chegada à base aérea. Diz-se até que a embaixada poderá pagar a volta de Mandela à África do Sul. A vinda e os deslocamentos internos correm por conta do governo brasileiro.

nação racial, de inspiração nos fascistas, conhecida como Apartheid.

O Apartheid é uma política de segregação racial utilizada por uma minoria branca elitista contra uma maioria negra. Na África do Sul o racismo vai lentamente assumindo nova feição. Estão sendo promovidas algumas alterações na legislação do Apartheid, com o objetivo de escapar a tímidas sanções econômicas impostas pelos países ricos.

Durante estes últimos trinta anos Nelson Mandela tem sido o símbolo da resistência e referência viva para a luta de libertação das populações negras, não somente a nível da África do Sul, como em todas as nações em que o povo negro vive oprimido pela força da discriminação, onde crianças e adolescentes são exterminados, mulheres negras sofrem uma brutal violência (em especial a violência sexual): o desemprego e o su-

ra, agravadas de manifestações públicas contra a marcha dos 100 anos da farsa da abolição e outros instrumentos, tais como: jornais, revistas, seminários e encontros.

Sendo assim é importante dizer que a maneira pela qual foi definida a agenda da visita de Nelson Mandela ao Estado do Rio de Janeiro, foi bastante autoritária, pois não atendeu à expectativa do conjunto das entidades e lideranças do movimento popular e em especial do Movimento Negro.

Dessa forma, nós militantes do PARTIDO DOS TRABALHADORES e do Movimento Negro, saudamos a presença de Mandela entre nós, na esperança que sirva de estímulo e alerta para a continuidade da luta, para transformação das sociedades brasileira e da África do Sul em verdadeiras sociedades socialistas.



O pequeno Nelson Mandela pretende abraçar o líder na inauguração do Ciep em Campo Grande

O pequeno xará de Mandela

Menino que tem o nome do líder vai conhecê-lo hoje

Nelson Mandela de Oliveira, de cinco anos, finalmente vai realizar seu grande sonho: o de conhecer hoje o líder negro sul-africano Nelson Mandela, a quem ele costuma chamar, com muita intimidade de "Mandelão". Aluno do pré-escolar do Centro Educacional de Niterói, *Mandelinha* está eufórico e, vestido com uma camisa com as cores do Congresso Nacional Africano, presidido pelo líder negro, será um dos primeiros a chegar na inauguração do Ciep Nelson Mandela, em Campo Grande, onde pretende conhecer e abraçar seu *xará*. "Ele é lindo!", definiu o menino.

"Eu quero que ele o conheça pes-

soalmente, não só por uma questão afetiva, mas também para solidificar a formação que pretendo dar para ele, que é a de assumir a sua negritude", disse Iolanda de Oliveira, mãe do menino. Ela resolveu fazer essa homenagem ao líder negro, batizando seu filho mais novo de Nelson Mandela, por acreditar que "ele fez muito pela humanidade, dedicando a vida inteira à luta pela democracia racial e justamente devido a essa luta pela igualdade para o negro, ele passou 27 anos na prisão".

"Somos negros e estamos em uma sociedade em que a democracia racial não existe. A diferença entre o Brasil e a África do Sul é que lá o racismo é institucional", afirmou Iolanda de Oliveira. Sócia do Instituto de Pesquisa de Culturas Negras, ela quer que seus filhos também adquiram a consciência da história e da realidade da luta dos negros no país e no mundo. Iolanda

colaborou ainda com o grupo de trabalho André Rebouças, criado dentro da Universidade Federal Fluminense, onde ela leciona na faculdade de Educação. Ela trabalha também no estado, formando professores de pré-escolar e de alfabetização.

Iolanda sempre conversou com *Mandelinha* e com o filho mais velho — Eustáquio José, de oito anos — sobre a importância de Nelson Mandela, o que ele representa na luta em favor dos negros. "Fica difícil, com cinco anos, dele entender o que é a África do Sul, mas ao menos já compreendeu, a sua maneira, o que representa a visita do líder sul-africano ao Brasil", garante Iolanda. Prova de sua empolgação com a chegada de seu *xará* é que ontem, *Mandelinha* fez questão de levar para a sala de aula o cartaz do "Showmicio", que se realiza hoje em homenagem a Nelson Mandela, na Praça da Apoteose.

Mandela chega ao Rio hoje mais fortalecido

Gabriela Máximo

O Nelson Mandela que chega hoje ao Brasil é um líder negro bem mais fortalecido do que aquele que deixou a África do Sul no sábado retrasado para um giro pela Europa, Caribe e América Latina. Quando saiu de seu país a caminho da Espanha, Mandela ainda tentava digerir a suspensão parcial das sanções internacionais contra o governo sul-africano, que caiu como um presente para seus adversários. Ao regressar, na quarta-feira que vem, o líder negro encontrará o país imerso numa crise que atinge a todos, menos a sua organização, o Congresso Nacional Africano.



Nelson Mandela

Desde que o governo admitiu ter financiado o partido negro Inkatha, rival do CNA, Mandela recuperou, em grande parte, o perfil de único homem verdadeiramente comprometido com a democratização. Esta imagem lhe havia sido roubada pelo presidente Frederik de Klerk que prometeu mudar o país e aboliu as leis do *apartheid*, mas que agora se vê metido até o pescoço no escândalo do *Inkathagate*. Há duas semanas, o governo reconheceu ter doado ao menos 90 mil dólares para o Inkatha, entre 1989 e 1990. Embora garanta De Klerk que a verba tivesse como objetivo financiar manifestações de repúdio às sanções, há fortes suspeitas de que ela foi mesmo destinada a enfraquecer o CNA. Pressionado, o presidente promoveu na segunda-feira uma reforma ministerial, rebaixando de posto os envolvidos diretamente no caso.

Mandela voltará para casa como o *homem-que-tinha-razão*, pois há meses ele vinha acusando o governo de financiar o Inkatha nos conflitos que vêm produzindo milhares de mortos entre os negros. Quando saiu da prisão, há 18 meses, o líder negro foi surpreendido com o aumento da popularidade da organização negra rival. Durante os 27 anos de cárcere, ele havia se transformado num mito. Livre, teve que enfrentar o desgaste provocado pelas difíceis negociações com o governo, pela luta fratricida entre xhosas (partidários

do CNA) e zulus (do Inkatha), e até pelo escândalo envolvendo sua mulher, Winnie, acusada de cumplicidade no assassinato de um menino negro.

Aos 73 anos, o presidente do Congresso Nacional Africano se mostra disposto a negociar com o governo para que a maioria negra da população sul-africana conquiste, o mais rapidamente possível, a cidadania plena. Mas, fiel à sua longa trajetória de militante, não abre mão de um só artifício para chegar a este objetivo. "Este é um ideal pelo qual espero viver, mas pelo qual estou preparado para morrer", disse ele ao ser libertado. Durante todos os anos de prisão, Mandela recusou várias ofertas de libertação do governo, que exigia sua renúncia à luta armada contra o *apartheid*. O líder repetia que o governo é quem deveria abandonar a violência contra os negros.

Na prisão, Mandela foi excluído do mundo dos vivos e, para os carcereiros, perdeu o nome para se tornar apenas o número 466/64. Perdeu também o rosto, e uma foto do presidiário chegou a valer 300 mil dólares, oferecidos pelas agências internacionais. Depois de anos sendo classificado como terrorista pelo regime, no final da década Mandela passou a ser visto por muitos brancos como a única esperança para uma solução pacífica do conflito sul-africano. Nos últimos dias, mais do que nunca a continuidade das negociações sobre o futuro do país está nas mãos de Mandela, que na quarta-feira deixa o Brasil, a última escala de sua viagem, para dar uma resposta à crise.

□ CIDADE DO MÉXICO — O presidente do CNA, Nelson Mandela, cancelou ontem um jantar que lhe seria oferecido pelo presidente mexicano Carlos Salinas para discutir a crise na África do Sul com seus auxiliares pelo telefone. A agência UPI afirmou que Mandela poderia abreviar sua visita ao Brasil, última etapa de uma viagem a seis países, ou mesmo cancelá-la devido aos problemas causados em Pretória pelas denúncias de que o governo financiava o movimento Inkatha, rival do CNA.

Mais Mandela no Caderno Cidade

SALVADOR — O movimento negro da Bahia reorganizou, às pressas, a programação prevista para a visita de Nelson Mandela a Salvador. Ele chega sábado, às 11h, no Aeroporto Dois de Julho e, às 18h30, parte para o Espírito Santo. O programa anterior reservava dois dias para a capital baiana. O governo do estado repassou a entidades negras Cr\$ 5 milhões para a organização da festa e a prefeitura gastou a mesma quantia na confecção de um busto do líder sul-africano, além de se encarregar da infra-estrutura que será montada na Praça Castro Alves para o show intitulado Axé Mandela.

No aeroporto, Mandela será recebido por autoridades estaduais, representantes municipais e líderes de entidades negras da Bahia. Um grupo de capoeiristas fará uma rápida apresentação e, em seguida, o líder negro parte em cortejo até a Praça Municipal, onde será recepcionado pelo prefeito Fernando José. No palácio municipal, inaugura seu busto feito pela diretora da Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, Márcia Magno. Devido à pressa, ela não teve tempo de banhar sua obra de cobre, como encomendara a prefeitura.

Ainda pela manhã, Mandela receberá na Câmara Municipal o título de Cidadão de Salvador e a comenda Libertador da Humanidade. Em seguida, almoça com o governador Antônio Carlos Magalhães e, à tarde, fará um pronunciamento na Praça Castro Alves, onde se apresentarão grupos afros e artistas, como Margareth Menezes e Luis Melodia, acompanhados pela bateria do Olodum. Após o pronunciamento, previsto para as 16h, o líder sul-africano viaja ao Espírito Santo, sendo recepcionado pelo governador Albuino Azevedo.

A Voz Serena

Poucos dias antes de chegar ao Brasil, Nelson Mandela, o líder negro sul-africano que passou 27 de seus 73 anos na cadeia como prisioneiro político, disse a um jornal espanhol que "a violência não beneficia a África do Sul, nem os negros, nem os brancos". Numa época decisiva para o futuro sul-africano, com as facções exigindo atitudes radicais, enquanto o *apartheid* submerge numa velocidade que desagrada os que querem rapidez e os que querem lentidão, a voz de Mandela se sobrepõe à de todos pela serenidade.

Mandela, que inicia hoje pelo Rio a etapa final de uma viagem a seis países, continua a defender suas posições enérgicas, entre elas a de que o levantamento do bloqueio econômico à África do Sul se deu de forma precipitada, antes de obter os efeitos desejados. Segundo ele, algumas das leis discriminatórias consideradas pilares do *apartheid* foram de fato abolidas, mas o desaparecimento delas não significa o fim do *apartheid*. A luta, portanto, continua. A África do Sul não resolverá seus problemas numa única penada.

O próximo passo, a mudança da Constituição para permitir a eleição geral com o voto de todos os cidadãos, contém em si o nó da questão. Quando perguntaram a Mandela se podia prever a data da eleição, ele respondeu que se trata de previsão difícil. Realismo maior, impossível. Com ou sem a concretização da fórmula mágica *um homem, um voto*, brancos e negros estão condenados à parceria, e também à moderação, mesmo que os negros exaltados se manifestem impacientes e os brancos conservadores queiram frear o ritmo das reformas.

Os grandes movimentos históricos se processam em ritmo desigual, ora com uma demora exasperante, ora com rapidez. Na África do Sul, os negros não têm alternativa de tomada do poder, nem os brancos podem eternizar os privilégios. Ambos estão metidos até o pescoço na aventura da eliminação do *apartheid* e na busca da igualdade de oportunidades. A meta de um governo multirracial, que impeça a ascensão de um grupo em detrimento do outro, pode parecer utópica, mas no futuro será inevitável. Mandela é uma prova disto. Depois de 27 anos na cadeia, fala como se não tivesse nenhum ressentimento — virtude escassa num continente que apresenta aspecto desolador. Na África, depois da descolonização, sob o signo da herança racista imposta pelas ex-metrópoles, o lema *África para os africanos* marchou direto para o desastre.

As tentativas de reforma empreendidas pelas principais cabeças africanas, as que não pereceram ou as que foram cortadas (Cabral, Lumumba), converteram-se em experimentos políticos incapazes de dar aos africanos pão, paz e liberdade. A arcaica vertebração social e econômica truncou a possibilidade de eludir formas tribais sectárias, guerras racistas ou caciquismo. Não há nenhum país estável na África sub-sahariana. Os grandes do mundo não se interessam mais pelo continente, espoliado já de suas riquezas. Politicamente, metade dos países africanos é governada ainda por ditadores militares ou regimes de partido único.

Nelson Mandela é atualmente o único líder africano com projeção mundial, exemplo vivo da África que não deseja continuar de joelhos, símbolo de uma nova esperança. A luta contra o racismo, a mais importante de todas as lutas, demonstra que a dignidade é parte inalterável da vida.

Mandela inaugura hoje Ciep em Campo Grande

O líder negro sul-africano Nelson Mandela desembarca hoje, às 8h30m, no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, procedente do México. Mandela vem acompanhado da mulher, Winnie, e de uma delegação composta por 14 pessoas. Todos ficarão hospedados no Hotel Copacabana Palace. As 11h30m, ele inaugura o Ciep Nelson Mandela, na Rua Campo Alegre, em Campo Grande, e depois participa de um coquetel no Palácio Guanabara, onde receberá o título doutor *honoris causa*, oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

As 13h30m, Mandela almoça com o governador Leonel Brizola no Palácio Laranjeiras. Depois irá para o hotel, onde conversará com representantes do movimento negro. As 16h30m, dará entrevista à imprensa. Segundo Yusuf Salogee, coordenador da delegação enviada pelo Congresso Nacional Africano (CNA) para organizar a vinda do líder sul-africano, é possível que seja incluída na programação, durante a tarde, uma visita à Uerj para que Mandela tenha um contato com a comunidade acadêmica: Winnie Mandela receberá no hotel, às 18h, um grupo de mulheres negras que, entre outros assuntos, denunciará a esterilização em massa praticada no Brasil.

Representantes do movimento negro, entre os quais o deputado estadual Marcelo Dias (PT), a coordenadora do Movimento Negro Unificado, Jurema Batista, e outros militantes terão encontro à tarde, no Hotel Othon Palace, com a delegação do CNA, para manifestar desagrado com a programação oficial. "O programa preparado pelo governo estadual não incluiu um encontro da comunidade negra com Mandela. O pouco que conseguimos foi através de integrantes do CNA", queixou-se Marcelo Dias, que pretendia levar Mandela a um grande ato na Assembleia Legislativa. A justificativa de Yusuf Salogee é de que o líder sul-africano é convidado do governo brasileiro. "Quando nos convidam para conhecer uma casa, não podemos escolher os membros da família que queremos conhecer. No entanto, não creio que tenha havido a intenção de excluir nenhum setor da sociedade. Um movimento negro unido deveria pressionar o governo, que é o anfitrião", afirmou.

Mandela visitará também São Paulo (sexta-feira), Salvador (sábado), Espírito Santo (domingo) e Brasília (segunda-feira). O Brasil é o sexto país de uma turnê do líder sul-africano, que incluiu Espanha, Cuba, Jamaica, Venezuela e México.

Jornal do Brasil

1/01/91

Rezek anuncia agenda curta

A agenda do líder sul-africano Nelson Mandela no Brasil será consideravelmente reduzida. A informação foi dada ontem, pelo ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, que deixou claro que o governo brasileiro não quer "assumir o visitante, excluindo grupos, pessoas ou instituições", mas que, como anfitrião, "não pode sacrificar o visitante".

O ministro explicou que "Nelson Mandela é um grande líder, mas não é mais uma pessoa jovem. Tem certas limitações decorrentes da saúde e da idade e parece que se estaria concebendo — se dependesse de todos os que querem vê-lo, prestigiá-lo e homenageá-lo — uma agenda absolutamente desumana". Acrescentou que o próprio Mandela manifestou preocupação a res-

peito e que será ele quem definirá sua agenda.

Sobre o possível reatamento das relações comerciais do Brasil com a África do Sul, o ministro declarou que "a questão do boicote está em aberto, não há decisões ainda tomadas. Apenas a representação diplomática, que mantivemos no nível de conselheiro, poderá, como resposta aos progressos que ali se fizeram, ser elevada ao nível de um embaixador." Rezek ressaltou que antes do governo brasileiro decidir reatar ou não as relações com a África do Sul pretende "conversar com mais gente e Nelson Mandela é, sem dúvida, um interlocutor importante", não só por sua projeção internacional mas também por sua influência na comunidade negra brasileira.

Visita de Mandela provoca protesto de movimento negro

Representantes de diversas entidades do Movimento Negro do Rio de Janeiro protestaram ontem contra a marginalização a que foram relegados pelo Governo do Estado e pelo Itamaraty na organização da visita do Presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela. Eles se reuniram na Assembléia Legislativa com alguns deputados e concluíram ter aprendido o que chamaram de "uma lição irônica".

— Após reuniões com o Governo para organizar a agenda, percebemos que a participação do Movimento Negro foi cortada. A preocupação do Itamaraty com segurança é absurda. Tivemos encontros com os Secretários Abdias do Nascimento (Promoção das Populações Negras) e Carlos Alberto de Oliveira (Trabalho e Ação Social) e aprendemos que há uma distância, dentro do movimento negro, dos quadros que ocupam cargos no Governo — afirmou Amauri Mendes, do Fórum Estadual de Entidades Negras.

Amauri destacou que o aspecto mais irônico da situação é o fato de o Governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, ter deixado a organização da visita do líder sul-africano às entidades do Movimento Negro da Bahia e o Governador Leonel Brizola ter marginalizado os representantes dessas entidades no Rio de Janeiro.

Entre os representantes do Movimento Negro presentes ao encontro de ontem na Alerj, estavam Carlos Calazans, Presidente da CUT de Minas Gerais; Haroldo Antônio da Silva, do Grupo Afro 29 Anos; Fábio Conceição, do Instituto de Pesquisas e Culturas Negras, entre outros.

Eles se reuniram com os Deputados estaduais Marcelo Dias e Carlos Minc e os federais Benedita da Silva e Carlos Santana. Os parlamentares lamentaram que o Cerimonial do Palácio Guanabara tenha cancelado a visita de Nelson Mandela à Alerj, onde o Líder negro sul-africano seria ser homenageado.

A própria visita de Mandela ao Brasil esteve ameaçada. Segundo o Chefe de Assuntos Internacionais do CNA, Yusuf Saloojee, Mandela quase desistiu da visita por estar muito cansado. Ele recomendou que evitassem uma programação intensa, embora tenha manifestado interesse de participar de atos públicos.

Saloojee prometeu um encontro de Winnie Mandela, mulher do Líder sul-africano com

Movimento negro acusa Brizola de discriminação

Membros de diversas entidades do movimento negro do Rio protestaram ontem na Assembléia Legislativa contra o que consideram marginalização de seus representantes, por parte do Governo do Estado e do Itamaraty, na organização da visita do Presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, que chega hoje à cidade. Segundo Amauri Mendes, do Fórum Estadual de Entidades Negras, ao contrário de Leonel Brizola, na Bahia, o Governador Antônio Carlos Magalhães entregou a organização do programa do líder sul-africano às entidades do movimento negro. Ontem, no Rio, o Chefe de Assuntos Internacionais do CNA, Yusuf Saloojee, disse que Mandela, com 73 anos, quase desistiu da visita ao Brasil. Em telefonema a Saloojee, ele alegou cansaço e temer uma programação muito intensa no País. **Página 4**

Quiproquô-

CHEGA ao Rio de Janeiro Nelson Mandela, figura sob todos os títulos respeitável. Na excitação desta visita, entidades de apoio ao negro já se preparam para entregar ao ilustre hóspede um dossiê com denúncias sobre a prática do racismo no Rio de Janeiro.

VALE lembrar aos açodados que denúncias desse tipo têm dois destinatários naturais: a Polícia e a Justiça. Tanto mais quanto, ao que consta, Nelson Mandela vem na condição de visitante, e não de inspetor.

Uma 'apoteose' musical para Nelson Mandela

Cantores, atores e personalidades receberão hoje, às 18h30m, em um grande show na Praça da Apoteose, o líder do movimento negro sul-africano Nelson Mandela. Esperando reunir entre 60 e 70 mil pessoas, o show de encerramento da visita de Mandela ao Rio terá entrada franca (os convites serão distribuídos no local) e contará com a participação de Emílio Santiago, Alcione, Sandra de Sá, Martinho da Vila, Taiguara e Leci Brandão, entre outros.

Os portões da Apoteose estarão abertos a partir das 17h, mesmo horário marcado para a concentração de um cortejo com grupos de danças negras em frente ao prédio dos Correios, na Avenida Presidente Vargas. Apresentado por Haroldo Costa, o show começa com o ator Antônio Pompeu interpretando uma

Countee Cullen. Em seguida, o grupo Cidade Negra sobe ao palco para três números musicais.

O show segue entremeando música e poesia. Vários atores, como Mario Lago, Ruth de Souza, Grande Otelo, Lucélia Santos, Cléia Simões e Léa Garcia interpretarão poesias, textos e manifestos sobre o movimento negro. A atriz Lucélia Santos, por exemplo, foi escalada para ler uma adaptação da autobiografia de Winnie Mandela, a partir do trecho onde ela conta seu namoro e o casamento com o líder negro.

Cantores e atores se revezarão no palco preparando o clímax da noite: a entrada de Nelson Mandela, acompanhado do Governador Leonel Brizola e do Prefeito Marcello Alencar. Durante todo o espetáculo, vários telões espa-

Mandela chega a São Paulo com seis horas de atraso

SÃO PAULO A agenda do líder negro sul-africano Nelson Mandela e sua mulher e Winnie Mandela em São Paulo sofreu atraso de quase seis horas. Inicialmente marcada para as 9h30, a chegada ao Aeroporto de Congonhas foi anunciada para as 12 horas, mas só às 15h15m o casal e sua comitiva chegaram num avião Xingu, da FAB, sob frio de seis graus. Eles foram recepcionados pelo Governador Luiz Antônio Fleury Filho, o Vice-Governador Aloísio Nunes Ferreira e a Prefeita Luiza Erundina, além de representantes de movimentos negros e sindicais. A assessoria do Governo informou que o atraso se deveu devido à retenção das 39 malas da comitiva em Miami e que somente hoje chegaram ao Rio.

A caravana oficial, de 22 carros e dez motocicletas da PM, deixou o Aeroporto pela saída interna da ala VIP, reservada a autoridades, o que frustrou dezenas de ativistas negros que aguardavam o Presidente do CNA no interior do salão. O Ministro Antônio Rogério Magri desceu no Aeroporto às 13h45m e disse que a vinda de Mandela é importante "não só para os negros, mas para o Brasil".

No trajeto para o Palácio dos Bandeirantes, Mandela queixou-se a Fleury do frio e o Governador emprestou-lhe um sobretudo cinza, com o qual ele posou para os fotógrafos no salão de despachos. Depois do almoço, servido por volta de 17 horas, no mezzanino do Palácio, Fleury fez um brinde à liberdade e à igualdade no Brasil e na África do Sul, e pediu licença aos presentes para quebrar o protocolo, gritando "Viva Mandela".

Em rápido pronunciamento, Nelson Mandela disse que o partido Congresso Nacional Africano (CNA) vai interromper as negociações pela paz com o Governo de seu país até que o Presidente Frederik de Klerk renuncie em favor de um governo interino.

— De Klerk não tem direito de controlar o processo de transição. Não haverá mais negociação a menos que ele aceite a formação de um Governo interino com a participação de todos os partidos. Esta é a única saída para a paz — disse Mandela em discurso durante recepção no Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo do Estado.

No discurso após o almoço, Mandela disse que o Governo da África do Sul reconheceu recentemente que mais de dez mil pessoas morreram em conflitos raciais no país, desde 1984:

— Jornais independentes revelaram que, enquanto dialogava conosco, o Governo negociava com outras organizações negras, para solapar o CNA.

A noite, Mandela foi à Prefeitura, no Ibirapuera, onde conversou com Erundina e representantes de grupos negros. Para encerrar a visita foi organizado um show no Estádio do Pacaembu, com Alcione, Martinho da Vila e Sandra de Sá.

Mandela inicia hoje sua visita ao Brasil

Ele critica a CEE pelo fim do embargo ao seu país

Chega hoje ao Rio, Nelson Mandela, o principal líder negro sul-africano, iniciando visita de seis dias ao Brasil. No Rio, Mandela inaugura hoje um Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) batizado com seu nome, em Campo Grande (zona oeste), acompanhado do governador Leonel Brizola e do prefeito Marcello Alencar.

Presidente da mais importante organização anti-apartheid do país, o Congresso Nacional Africano, Mandela disse, em entrevista ao jornal espanhol "El País", que acha prematura a suspensão pelos países europeus das sanções impostas à África do Sul.

Pergunta - O que o sr. acha da suspensão das sanções contra a África do Sul pela Comunidade Européia?

Nelson Mandela - Acho prematuro porque as sanções foram introduzidas com uma finalidade específica: a eliminação de todas as formas de opressão racial e o voto de todos os sul-africanos. Nenhum desses objetivos foi alcançado. É verdade que foram abolidas certas leis discriminatórias que eram consideradas os pilares do apartheid, mas o não significa que o apartheid tenha acabado. Continua havendo discriminação nas verbas para educação, moradia, para os serviços sanitários e sociais. Além disso não se introduziu o princípio de "uma pessoa, um voto" em nosso sistema de governo.

Pergunta - O sr. é a favor de que a África do Sul participe das Olimpíadas de Barcelona, em 92?

Rezek quer mais contato

Da Sucursal do Rio

O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, declarou no Rio que a representação diplomática do Brasil na África do Sul pode ser "elevada do nível de conselheiro ao de embaixador".

A visita que o líder negro sul-africano Nelson Mandela inicia hoje ao país será, para Rezek, "fator importante" para o governo decidir se vai "aquecer ou não relações econômicas e culturais" com Pretória.

com o governo, para o que é necessária a libertação dos presos políticos, que são muitos. Tudo pelo objetivo principal: uma Constituição democrática.

Pergunta - O CNA tem mais apoio no exterior do que na África do Sul?

Mandela - Tanto as nossas investigações quanto as pesquisas realizadas em nosso país — e o próprio fato de que (o presidente Frederik) De Klerk reconheceu perante o Parlamento que, sem o CNA, a união para a paz seria impossível — mostram claramente que o CNA é hoje a voz política mais forte da África do Sul. Dizermos que precisamos fortalecê-lo não significa

do Sul e que ainda temos muitos de nossos simpatizantes na prisão, podemos dizer que os objetivos foram atingidos.

Pergunta - Quem lucra com a luta entre negros?

Mandela - A violência não beneficia ninguém. Acontece que uma organização tribal está disposta a chegar ao poder às custas de inocentes e está operando em acordo com o governo para destruir o CNA. O que acontece na África do Sul não é uma violência de negros contra negros, mas uma estratégia prevenida por essa organização e o governo que a está financiando.

Pergunta - Quando se soube que o Ministério do Interior estava financiando a organização zulu Partido de Libertação Inkhata?

Mandela - Há 15 anos dizemos que há uma aliança entre o governo e essa organização.

Pergunta - Isso impedirá a continuidade das conversações com o governo?

Mandela - É um assunto muito sério. Não é aceitável que conversemos com quem planeja nossa destruição.

Pergunta - Há mais diferenças entre negros e brancos do que entre negros?

Mandela - O objetivo da violência é destruir o CNA, que é multirracial. Não se trata de uma questão de raças.

Pergunta - A luta entre negros parece inviabilizar um governo negro na África do Sul.

Mandela - Os meios de

Mandela será ouvido sobre reaproximação

Rezek afirma que Brasil consultará líder negro sobre as relações com a África do Sul

O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, disse ontem no Rio que o Brasil pretende conversar com lideranças negras sobre que atitude adotar em relação à retomada de relações comerciais e culturais com a África do Sul. Segundo ele, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, que chega hoje ao Brasil, será "um dos interlocutores mais importantes desse processo".

Rezek prevê que em pouco tempo as relações estarão normalizadas. Mesmo assim, ressaltou que "não há decisões tomadas" na mudança de comportamento com a África do sul. "A principal tônica é de otimismo", afirmou. "Parece que em pouco tempo não teremos de nos queixar da ordem jurídica na África do Sul."

O ministro comentou ter ficado preocupado com a extensão do programa que Mandela terá de cumprir de hoje até segunda-feira, quando se encontrará com o presidente Fernando Collor. "Mandela é um grande líder mas

tem limitações de saúde e idade (tem 73 anos)", avaliou Rezek. Para ele, foi elaborada uma agenda "absurda e gigantesca", que será diminuída.

Os problemas com a extensão do programa de Mandela no Brasil acabaram quase levando ao cancelamento, na terça-feira, da visita do líder negro ao País. Da

África do Sul, o escritório do Congresso Nacional Africano (CNA), partido presidido por Mandela, queria reduzir pelo menos à metade a duração da viagem, por causa da saúde do líder da luta contra o apartheid. Em Brasília, a negociação para manter o roteiro invadiu a noite e mobilizou vários dos convidados

no coquetel de despedida da embaixadora Thereza Quintella, nova representante do Brasil na Áustria, no Clube das Nações. No fim da festa, a boa notícia: Yasuf Saloojee, um dos enviados especiais do CNA, conseguira falar com Mandela, no México, e ele mandou seguir a programação.

MARATONA

A maratona de Mandela no Brasil começa hoje, às 6h30, quando desembarcar na Base Aérea do Galeão e for recebido pelo governador do Rio, Leonel Brizola (PDT). Logo em seguida, ele vai inaugurar um Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) que levará seu nome. Almoçará com Brizola e, à noite, participará de ato público na Praça da Apoteose. Amanhã, terá encontro em São Paulo com o governador Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), e com a prefeita da Capital. No sábado, será homenageado em Salvador, na Bahia, e à noite jantará em Vitória, no Espírito Santo, com o governador Albuíno Azeredo. No domingo, ainda no Espírito Santo participa de nova manifestação. Sua visita se encerrará em Brasília na segunda-feira, quando manterá encontro com o presidente Collor.

Rezek sugere agenda menor para Mandela

O ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, qualificou ontem de "absurda" e "gigantesca" a agenda preparada pelos organizadores da visita do dirigente negro sul-africano Nelson Mandela ao Brasil. "Ele é um grande líder, mas tem limitações de saúde e de idade", disse o ministro. Mandela, de 73 anos, chegará hoje ao Rio e ficará no País até segunda-feira. *Página 6*

Tentativa de manter sanções

Em sua viagem pelas Américas Central e do Sul, Nelson Mandela já conseguiu que países como Venezuela e Jamaica mantivessem as restrições comerciais à África do Sul. Assim, embora não ocupe nenhum cargo no governo, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) demonstrou, pelo menos parcialmente, o peso que seu movimento pode ter sobre o futu-

gais do apartheid, os EUA e outros países começaram a levantar algumas sanções. Mandela, entretanto, tem reiterado pedidos pela manutenção de todas as sanções, argumentando que o apartheid, na prática, ainda não acabou.

Essa é também a posição do governo brasileiro, segundo um funcionário do Itamaraty. Ele disse ainda que as sanções só serão levantadas

● Pretória suspenderá 41 planos secretos, diz jornal

PRETÓRIA — O jornal The Citizen afirmou ontem que 41 projetos secretos do governo sul-africano serão interrompidos. Segundo o jornal, os projetos seriam conduzidos pelas Forças Armadas. Terça-feira o presidente Frederik De Klerk anunciou que todos os planos secretos com fins políticos seriam cancelados. A medida visa restaurar a credibilidade do governo após o escândalo do financiamen-

Líder vira mito após passar 27 anos na prisão

LOURIVAL DE SANT'ANNA Fc

Disfarçado de motorista, Nelson Rolihlahla Mandela dirigia por uma estrada ao norte de Durban, capital da Província de Natal, quando foi detido por uma barreira policial. Mal sabia o regime sul-africano que naquele 5 de agosto de 1962, em vez de punir um negro inconveniente que viajava sem permissão, estava ajudando a criar uma celebridade.

A carreira política de Mandela, presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), está marcada por essa inversão. Sua ausência física, por 27 anos, da luta contra o regime racista branco resultou na perturbadora presença como mito na vida política não só da África do Sul, mas do mundo inteiro.

Foi na prisão, onde só podia receber a família e estava proibido de dar declarações políticas, que se tornou um símbolo. Em seu segundo julgamento, em 1964, quando as acusações foram ampliadas de uma singela viagem sem autorização para "sabotagem e conspiração", Mandela produziu o que foi considerado seu mais acabado documento político, ao defender a sabotagem como resposta à "violência do regime" e admitir a participação de comunistas na direção do CNA — embora assegurasse não ser comunista. Foi condenado à prisão perpétua.

NOBREZA

Mandela nasceu em 10 de julho de 1918, em Umtata, hoje capital do Transkei, bantustão (designação das áreas autônomas cria-

Casal fica só com a roupa do corpo

RIO — Em meio à correria do desembarque no Aeroporto Internacional do Galeão, ontem pela manhã, o líder sul-africano Nelson Mandela acabou constatando que sua bagagem não chegara. Suas 39 malas acabaram ficando nos Estados Unidos, durante a conexão de vôos entre Guadalajara, no México, onde estava antes de vir para o Brasil, e a cidade americana de Miami.

Sua bagagem só chegará ao Brasil às 9h15 de amanhã, pela American Airlines. Em seu primeiro dia no País, Mandela e sua mulher, Winnie, ficaram apenas com a roupa do corpo: o líder sul-africano com seu terno escuro e Winnie com um colorido boubou (traje típico africano).

das pelo regime racista para confinar os negros) declarado independente pelo governo sul-africano. É príncipe da tribo Thembu, um dos ramos da etnia cossa. Renunciou à chefia hereditária da tribo para estudar em Clarkebury.

Em Fort Hare, conheceu Oliver Tambo — que presidiu o CNA no exílio até o mês passado. Tambo e Mandela criariam o primeiro escritório de advocacia para negros na África do Sul. O contato de Mandela com o CNA (fundado em 1912) ocorreu entretanto por meio de Walter Sisulu, depois de se mudar em 1941 para Johannesburg, onde cursou Direito na Universidade Witwatersrand. Mandela, Sisulu e Tambo reorganizaram o CNA, na época dirigido por chefes tribais. Em 1952, Mandela já era vice-presidente da organização. Seis anos depois, casou-se com a assistente social Nonzamo Winnie Madikizela.

Os líderes do CNA decidiram recorrer à luta armada em 1960, depois que 69 negros foram massacrados pela polícia na cidade-dormitório de Sharpeville. O CNA só renunciou ao uso da força em agosto do ano passado, mediante acordo com o presidente Frederik de Klerk, que em troca prometeu anistia aos 2 mil presos políticos e 20 mil exilados. Antes disso, em fevereiro, de Klerk havia anunciado seu programa de reformas antiapartheid, com a legalização do CNA e a libertação de Mandela.

Logo depois, no entanto, o líder zulu Mangosuthu Buthelezi, durante anos o principal colaborador negro do regime, anunciou que não aceitaria "ficar de fora". Começaram então os combates entre militantes do Inkatha — chefiado por Buthelezi — e do CNA. No período de um ano, esses confrontos já deixaram 2 mil mortos e abarrotaram o arsenal de argumentos da extrema direita branca, que prevê a instauração do caos no país se a maioria negra chegar ao poder.

● CNA pede a renúncia do governo sul-africano

JOHANNESBURGO — O Congresso Nacional Africano (CNA) pediu ontem a renúncia do governo sul-africano. Segundo a organização antiapartheid, o escândalo do financiamento governamental ao Partido Inkatha mostrou que os dirigentes atuais são um obstáculo para a resolução do conflito racial no país. "O único caminho que pode fazer a África do Sul avançar é estabelecer um governo de transição encarregado de preparar nosso país para viver sob uma Constituição democrática", afirmou o CNA em declaração divulgada após uma reunião de seu Comitê Executivo Nacional. A organização afirmou também que irá negociar com o Inkatha o fim dos conflitos entre seus membros.

Homenagens, com ressalva

Cum grano salis. É assim, com moderação, que devemos ver as homenagens que serão prestadas a Nelson Mandela a partir de hoje, quando ele chega ao Rio de Janeiro. A "certa ressalva" se impõe porque há evidências de que a presença do líder do Congresso Nacional Africano (CNA) servirá de pretexto para a ação daqueles que parecem não se ter dado conta de que a luta no Brasil pela igualdade de direitos civis (os políticos foram consagrados nas Constituições há tempos) não pode enveredar pelo caminho de um revanchismo social com marcadas características de "racismo".

Ninguém negará a existência de bolsões de preconceito no País: a Lei Afonso Arinos foi de fato a prova maior, sociologicamente, falando com rigor, de que a construção de Gilberto Freire sobre a "raça cósmica" não fora capaz de enfrentar as vicissitudes da revolução demográfica e do adensamento de populações socialmente marginalizadas nas grandes metrópoles. Por outro lado, a Constituição de 1988, ao estabelecer no seu art. 3º, IV, que um dos objetivos fundamentais da República é "promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação", e ao estipular no art. 5º, XLII, que "a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei", estabele-

leceu, por um lado, que a raça (se cientificamente se puder falar assim) ou a cor da pele não devem ser fatores impeditivos da ascensão social e política de ninguém e, por outro, o racismo é crime. Segue-se daí, sem necessidade de grandes exegeses, que qualquer tentativa de diferenciar os brasileiros pela raça ou pela cor fere o consenso nacional a que se chegou, depois que a sociedade, pela Lei Afonso Arinos, reconheceu que se fazia mister corrigir, educando pelas penas, o que moral e socialmente afrontava a consciência civilizada.

O movimento que se articula para receber Mandela envolve dois aspectos e compromete dois setores da sociedade e dos poderes públicos. Um dos aspectos, digno de todos os encômios, é a ação dos que, na pessoa do líder do Conselho Nacional Africano, rendem homenagem aos que sempre lutaram, na África do Sul ou na Argélia, na Índia ou nos Estados Unidos, no Brasil ou na Argentina, em prol dos valores fundamentais da democracia, aqueles decorrentes de *principiis ex hominis internis* e sobre os quais se construíram os sistemas democráticos. Outro aspecto é o da ação dos que, de modismos que chegam dos



brasileiros (a vingar essa esdrúxula tendência, então, teríamos os sírio-brasileiros, os ítalo-brasileiros, os teuto-brasileiros, os nipo-brasileiros e chegaríamos a um Estado multiétnico como a União Soviética ou o antigo Império Austro-Húngaro), querem distinguir entre a natureza humana dos que não têm ascendentes africanos e dos que os têm.

Do ponto de vista dos setores sociais, de um lado formam quantos vêem a realidade de frente e desejam seu progresso — os que não necessitam de inspiração no mundo que desaparece na Europa (e na própria África do Sul, como prova a vinda de Mandela ao Brasil) para sustentar suas posições políticas. De outro, estão os que só conseguem encontrar sua identidade se desenterrarem causas que foram sepultadas, para ver se, empunhando as bandeiras delas, conseguem parecer mais à esquerda que aqueles que, tomando consciência do malogro do socialismo e de suas palavras de ordem, nos deixaram a ver navios. O grave é quando a necessidade de identificar-se com causas mortas se associa ao empenho em marginalizar, por palavras e posições sectárias, os que não têm raízes africanas ou não comungam com esse novo

tipo de "racismo". O sinal dessa mentalidade é a lamentável decisão, não recente, mas só agora focalizada, do governador fluminense, criando secretaria especial para cuidar do problema dos negros.

As homenagens a Nelson Mandela, mesmo vistas *cum grano salis*, já o dissemos, são merecidas. Durante lustros, S. Sa. simbolizou a luta pelo fim do apartheid, que, mais que a luta pelo reconhecimento dos negros enquanto "raça", era o justo combate pela extensão a todos os habitantes da África do Sul dos direitos civis e políticos que a civilização ocidental já incorporou a seu ideário. Por simbolizar isso, que é intangível, Mandela pôde passar incólume pela crise que o CNA enfrentou quando do julgamento de sua esposa. Por simbolizar esses ideais e não apenas uma reivindicação de "raça", conseguiu comover e trazer para sua luta ponderáveis setores da sociedade sul-africana (que os há!), afora conquistar a solidariedade da comunidade internacional para sua luta. Por isso, igualmente, conseguiu demonstrar que muito dos conflitos intertribais de que se teve notícia foram provocados pelos africanos mais duros.

Enquanto símbolo da luta do Homem em busca do Paraíso Perdido, todos sauda-





Dia 1/8/91

a chega ao Rio e now na Apoteose

AFP, 13/2/90



0 Dia 1/8/91

PERFIL





O monumento do líder negro, Zumbi dos Palmares, foi limpo

A lição de Mandela

RUTH DE AQUINO



O Brasil vai ter que rebolar para convencer o líder negro sul-africano Nelson Mandela de que vivemos numa democracia racial. É bem verdade que hoje ele visita um

Cien, onde crianças brancas

tantes da burguesia negra, que até em seu país existe. Em vão. Não entenderá ao sentir a ausência absoluta de negros nos hotéis em que se hospedar no Brasil – a não ser as cozinheiras, os manobreiros e os faxineiros. Mas, quem sabe, até aí ele nem vai notar. Todo aquele burburinho, os flashes, a agenda apertada...

Na sua suíte, certamente ligará a TV para ver os artistas brasileiros negros nos comer-

Mandela: o começo de um novo começo

Klaus Kleber*

Depois de 27 anos atrás das grades, encarnando a resistência ao "apartheid", Nelson Mandela tem, sim, uma aura de Xangô. Mas, fora do terreno mítico, ele se tem mostrado um hábil articulador, com a pinta de um dos mais consumados estadistas do nosso tempo. Sua origem revolucionária é conhecida, como participante do grupo "Umkonto we Sizwe" ou "Spear of the Nation" (Lança da Nação), que reunia ativistas do Congresso Nacional Africano (ANC). O que hoje parece curioso é que os participantes do "Umkonto" não eram acusados de ser guerrilheiros, pois o governo de Pretória não admitia que houvesse luta armada organizada no território que controlava com mão de ferro. Chamado de "Pimpinela Negro" pela sua capacidade de iludir a repressão, Mandela, como seus companheiros, era acusado de "atos de sabotagem" e sua saga teria terminado em julho de 1963 quando foi preso ao cair o aparelho central em um subúrbio de Johannesburg.

Foi nos julgamentos que se seguiram que sua fama se disseminou. As autoridades "afrikaners" não conseguiram caracterizar Mandela como "comunista", o que internacionalmente lhes seria então muito conveniente. A sua luta, insistia o acusado, sempre foi contra a dominação de seu país por qualquer grupo racial.



sem conotação ideológica. Tanto assim que recomendara à ANC receber ajuda tanto do Ocidente quanto do bloco socialista.

A longa prisão não só lhe reforçou o ânimo. Serviu também para que ele se preservasse do sangrento conflito, pouco conhecido, entre a ANC e o grupo negro rival Inkhata, que, segundo estimativas citadas pelo ex-secretário de Defesa dos EUA, Robert McNamara, fez 5 mil vítimas civis entre 1985 e 1989. Hoje na presidência da ANC, Mandela atrita-se com o Inkhata, mas isso parece fazer parte de um jogo político menor. O que Mandela quer mesmo é uma anistia ampla, geral e irrestrita, ou seja, o começo de um novo começo.

São inegáveis os avanços conquistados pelo povo negro depois que F. W. De Klerk assumiu o poder em Pretória, mas, para o presidente da ANC, o "apartheid" foi apenas mitigado. Os "afrikaners" empedernidos resistem a novas reformas e, por trás disso, está o pavor da concessão de franquias democráticas plenas a todos os habitantes da África do Sul, emergindo os bantus como reconhecida maioria. Entre os moderados firma-se o consenso de que é necessário um governo de transição, compartilhado pelos brancos, negros, mulatos e descendentes de indianos.

O ex-Pimpinela Negro é o único homem capaz de fazer a mediação indispensável. Mas exige primeiro uma anistia, sem a qual, com certeza, não se romperá o círculo vicioso do ódio e do medo.

* Editor adjunto deste jornal

"peregrinação" ao Brasil à procura de apoio para sua luta contra a política segregacionista estabelecida no seu país, a África do Sul (o apartheid — separação entre brancos e pretos), estabelecida em 1926, pelos ingleses, que detinham e detêm ainda o poder (a minoria branca), naquele país.

A história da África do Sul é recente. Com a descoberta do Cabo da Boa Esperança pelos portugueses de Bartolomeu Dias, em 1488 os primeiros colonizadores brancos, holandeses, só chegaram à África do Sul em 1652, quando estabeleceram a Colônia do Cabo. Em 1814 a Inglaterra obtém a posse formal da Colônia do Cabo, em consequência das guerras napoleônicas.

A partir de 1835/36, em uma migração conhecida como "A Grande Viagem", os bóeres (descendentes de colonos holandeses) partem da Colônia do Cabo em direção ao Norte, em protesto contra o domínio britânico.

De 1899 a 1902 começa a guerra dos bóeres contra a Inglaterra. Depois de três anos de luta, chega-se à paz com o Tratado de Vereeniging, em que os bóeres reconhecem o domínio britânico sobre o Transvaal e o Estado Livre de Orange. Finalmente, em 1910 constitui-se a União da África do Sul, nos termos do South Africa Act, aprovado pelo Parlamento britânico.

Dez anos depois, ou seja, em 1926, os brancos, no poder, aprovaram a legislação segregacionista, o apartheid, a legislação mais severa de que se tem notícia em todo o mundo, que punia como crime inafiançável o relacionamento sexual do preto com branco, separando os núcleos habitacionais, meios de transportes, praias para uso coletivo, restaurantes, bares, lojas etc.

O senhor Nelson Mandela foi um dos grandes líderes da luta contra os brancos, que desenvolveram a África do Sul nos últimos 60 anos, chegando a passar um longo período na prisão, em virtude de sua condenação à prisão perpétua, por incitação contra os dirigentes e formação de partido na clandestinidade, o Congresso Nacional africano.

Os mais graves acontecimentos políticos da África do Sul ocorreram em 1976 e 1977, respectivamente, quando violentos conflitos ocasionados pelo apartheid, principalmente na cidade dormitório de Soueto (núcleo habitado pelos pretos), causaram centenas de mortos. Logo em seguida, ocorreu a morte, sob tortura, do líder negro Steve Biko, na prisão.

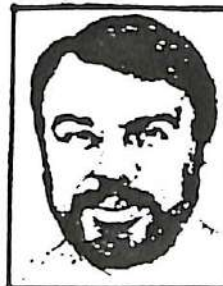
negras — compostas de africanos (bantus) e as tribos principais (Xosa, Zulu, Soto, Tsonga, Suzai, Ndebele e Venda) não se entendem entre si e provocam terríveis choques tribais, com milhares de mortos nos últimos anos, não surtindo qualquer efeito a participação das consideradas legítimas lideranças negras, como Nelson Mandela, para acalmar o ódio tribal, que não reside ali por causa do branco, mas pela disputa de poder entre eles, pelos seus espaços culturais.

Enquanto esteve na prisão, sofrendo as consequências de sua luta pela liberdade política, social e econômica do seu povo, Nelson Mandela assistiu ao desenrolar de uma tragédia familiar, com sua mulher, Winnie Mandela, que ocupou seu lugar na luta pela liberdade do povo sul-africano, transformando-se em protagonista de acontecimentos entre segmentos negros, em virtude da política que desenvolvia com clubs de futebol, seqüestrando, violentando e provocando a morte de inimigos seus, sendo condenada à prisão, mas por enquanto libertada, aguardando um recurso, mais de natureza política do que realmente jurídico.

Mandela vem conhecer redutos de maior concentração da raça negra fora da África, sob a ótica de apelar para os sentimentos de tais sociedades, que devem participar da batalha que seu povo trava em favor das diversas etnias negras de seu país, que vivem sob o domínio do branco inglês desde 1814.

O branco que vive na África do Sul não abre mão do poder porque sabe que será massacrado pelas diversas correntes que lhe são hostis. Por outro lado, a luta de Mandela e seus seguidores do Congresso Nacional Africano esbarra na parede da consciência de grande parte da sociedade preta, porque sabe que, sem o branco, a África do Sul se acaba e o apartheid não difere muito, ou se torna até mais humano do que certos tipos de segregação racial que existem no Brasil, Estados Unidos, França etc.

O mundo vive, naturalmente, da esperteza de poucos sobre a burrice de muitos. Mandela é um dos poucos espertos de sua raça que querem também conquistar o poder e, como não gasta nada do seu bolso para percorrer o mundo, ao invés de buscar concentrar sua esperteza para combater o terrível morticínio ocasionado pelos choques étnicos do seu povo, se diverte mundo afora em companhia de sua incorrigível Winnie, às custas dos trouxas.



CARLOS MONFORTE

Ave, Mandela

Os jornalistas têm hoje oportunidade para se jogar sobre dois assuntos da mais extrema importância. No plano externo, a esperada visita do líder sul-africano Nelson Mandela; no plano interno, a esperada volta do Congresso, depois de um mês de recesso. No primeiro caso, haverá deslumbramentos e êxtase, todos os produtos que Mandela vem espalhando pelo mundo, com muita competência, equilíbrio e uma firmeza dignas de nota.

No segundo caso, fica a esperança de que alguma coisa seja feita, finalmente, para que se recupere o prestígio, a seriedade e o espírito público de deputados e senadores, qualidades quebradas por uns poucos que, como tudo que é ruim, ocuparam o lugar de tudo o que o Congresso tem de bom, a começar pela possibilidade de o País ser mais democrático.

Já disse inúmeras vezes nestes artigos de quinta-feira que o Congresso não é dessa ou daquela maneira à toa. Não. O Congresso é assim porque o Brasil é assim, lá dentro, no Plenário, está espelhada a sociedade brasileira. Que ela precisa tomar jeito, não há a menor dúvida. Mas lá estão, por enquanto, o banqueiro, o bancário, o empresário agrícola, o trabalhador rural, o comerciante, o comerciário, o traficante, o policial, o pastor, o macumbeiro e outros. Estão todos lá.

É claro que isso não impede que medidas duras devam ser tomadas para acabar com os abusos. Da mesma forma como

ra. Lugar de bandido é na cadeia. É bem verdade que isso está cada vez mais difícil, mas o princípio é esse. E deputado que abusa do poder, mais que isso, que usa o poder para o crime, deve ser punido com todos os horrores do inferno.

Tem-se colocado muito a responsabilidade no estabelecimento de uma ordem legislativa nas costas do Presidente Ibsen Pinheiro. Claro que ele tem sua dose forte de participação no processo. Mas depende muito da corporação. Ele apenas pode dar início, deslanchar o processo de recuperação da imagem do Congresso. No entanto, vai depender muito da boa vontade dos parlamentares.

Hoje, portanto, vamos assistir o que o Congresso vai começar a fazer para recuperar sua vitalidade e sua imagem diante da população. O cruel é culpar a parte pelo todo. Mas o que não pode é deputados e senadores ficarem preocupados com a caça de narcotraficantes e ladrões arrombadores, deixando de lado votações importantes e o questionamento de assuntos que visam melhorar o futuro de um país maltratado pelas terríveis ações da economia.

Assim, com nossos graves problemas internos, vamos receber com o sorriso nos lábios esse líder do fim do século, que só se equipara em popularidade ao Papa, a Bush e Gorbachov. Vamos tentar tirar dele algumas lições. Algumas coisas, temos em comum: a democracia incipiente, a riqueza da nação, a pobreza do povo, as discriminações

Visita de Mandela ao Brasil conscientiza população negra

A visita de Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano (CNA) — partido majoritário na oposição ao Governo da África do Sul — ao Brasil servirá para elevar o nível de conscientização da população negra e dos movimentos sociais brasileiros. A avaliação é de representantes do movimento negro no Rio de Janeiro, onde Mandela chega hoje, às 8h30min. Amauri Mendes Pereira, um dos coordenadores do Fórum Estadual de Entidades Negras, diz que a visita "mexerá com a cabeça da massa negra que carece de identificações".

A chegada da principal liderança mundial anti-racismo ao País coincide com o período de reavaliação das formas de ação do movimento negro. Um setor do movimento considera que a atuação das diversas entidades já não deve se limitar às denúncias das discriminações sofridas pela população negra, mas sim ocupar os espaços para divulgar suas reivindicações.

Esse setor considera que depois de quase duas décadas de denúncias sobre as péssimas condições de sobrevivência oferecidas aos negros na sociedade brasileira, é hora de partir para linha de frente. Eles pretendem abandonar a posição de denúncia, que consideram um tanto defensiva, na qual correm sempre atrás do fato já cometido. O objetivo do segmento, que é oposição a atual diretoria do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN), é politizar o discurso.

Wilson Prudente, do IPCN, disse que o mito da democracia racial anestesiou a sociedade brasileira. Este seria um dos motivos da timidez com que se desenvolveu a campanha pela libertação de Mandela no País. "Basicamente, afirmou, só o movimento negro empenhou-se na causa".

A nova linha de ação proposta para o movimento negro deve ser debatida no 1º Encontro Nacional das Entidades Negras, que será realizado em São Paulo, entre os dias 14 e 17 de novembro.

O prefeito Marcello Alencar e o governador Leonel Brizola, em companhia de Nelson Mandela, inaugurarão hoje, às 11h30min, em Campo Grande, o Centro Integrado de Educação Pública em homenagem ao líder sul-africano.

A presença de Mandela

Nos anos sessenta, quando a questão racial nos Estados Unidos era quase tão explosiva quanto na África do Sul do *apartheid* — em ambos os casos a segregação entre negros e brancos baseava-se no ordenamento jurídico — o pastor Martin Luther King Jr. fazia ecoar por todo o país, ajudado por uma oratória vibrante, um sonho irresistível, o de liberdade, igualdade e justiça para todos os cidadãos. Indo além da simples pregação, King mostrou desassombro ao enfrentar, além da Ku-Klux-Klan, os casseteles, as algemas e os cães ensinados que truculentos xerifes sulistas utilizavam para intimidar e submeter a população de cor. Foi nessa época que ganhou triste notoriedade o governador racista George Wallace, do Alabama, cuja polícia foi federalizada pelo presidente Kennedy, quando se recusou a acatar as leis anti-segregacionistas.

Três décadas depois, a sociedade entressenhada por King e outros líderes ainda não se concretizou, mas as leis discriminatórias foram banidas e as políticas de integração racial continuam vigorando.

O líder sul-africano Nelson Mandela, que visita

Florianópolis de Lima Nascimento

O Brasil pela primeira vez, deve ser visto como símbolo vivo da luta secular que minorias políticas vêm travando pela dignidade e pela cidadania em vários países do mundo. Sua ética e inspiração política são as mesmas que — guardadas diferenças geográficas, culturais e ideológicas — mobilizou, em momentos históricos diversos, homens como Luther King, Patrice Lumumba, Steve Biko, Desmond Tutu, Agostinho Neto, Leopold Senghor, Gandhi, W. E. B. Dubois e tantos outros. Cada um desses homens foi capaz de empunhar com decisão, em momentos críticos, a bandeira da igualdade e da justiça — e todos pagaram elevado preço por isso.

A luta contra a iniquidade do *apartheid* custou à Mandela vinte e sete preciosos anos de sua vida — que ele amargou, tratado como celerado, nos cárceres sul-africanos. Durante esse tempo, a liberdade lhe foi oferecida, vezes sem conta, pelos seus algozes. Só que a paga requerida — a da renúncia ao seu ideal — foi sempre recusada sem hesitação.

As reformas políticas desencadeadas pelo presidente Frederik De Klerk — iniciadas com a libertação de Mandela e aceleradas com a abolição das leis do *apartheid* — representaram um passo deci-

sivo para que a África do Sul fosse reinserida no rol dos países civilizados. E o mundo já começou a reconhecer a mudança — como demonstra a suspensão, talvez um pouco afoita, das sanções que a maioria dos estados ocidentais havia imposto naquele país.

A visita de Nelson Mandela ao Brasil assume, deste modo, uma importância que não deveria limitar-se ao formalismo das cerimônias protocolares. Porque ele não é apenas o presidente do CNA, maior partido político sul-africano (e o provável sucessor de De Klerk à frente daquela nação); é, também, o que faz dele alguém muito especial, um dos grandes líderes morais do nosso tempo.

País ligado à África por laços históricos e culturais indissolúveis, o Brasil poderá retirar, deste evento, a inspiração para retomar a política de aproximação com o continente africano — priorizada nos anos setenta, mas inexplicavelmente relegada a plano secundário, pelo Itamaraty, desde a última década.

Florianópolis de Lima Nascimento é advogado e professor universitário

Rio recebe Mandela com festa

Com atraso de quase cinco horas, o líder negro sul-africano Nelson Mandela visitou, ontem à tarde, o Ciep que leva seu nome, em Campo Grande, onde o esperavam cerca de duas mil pessoas — moradores do bairro e alunos e professores da escola. Mandela chegou de helicóptero às 16h15, com a mulher, Winnie, o governador Leonel Brizola e o prefeito Marcelo Alencar. Participaram também da visita a secretária municipal de Educação, Mariléia Cruz, e os governadores do Rio Grande Sul, Alceu Collares (PDT), e de Pernambuco, Joaquim Francisco (PFL). Às 16h50, Nelson Mandela deixou Campo Grande e retornou ao Hotel Copacabana Palace, onde recebeu militantes do movimento negro e deu entrevista à imprensa.

A visita de Mandela ao Ciep estava marcada para as 11h30. Desde 11h, moradores do bairro, representantes do movimento negro, alunos e professores se concentraram na porta da escola, na Rua Campo Alegre. Apesar de a visita ter sido transferida para a tarde, muita gente decidiu esperar no próprio Ciep. Ao descer do helicóptero, Mandela foi recebido aos gritos de "axé, axé" e com muitos aplausos. A Banda Ci vil da Cidade e o Coral da Comlurb também participaram. Cinquenta policiais militares cercaram o local, apoiados por agentes da Polícia Federal e soldados do Corpo de Bombeiros.

O Ciep Nelson Mandela foi inaugurado em 4 de agosto de 1988 e tem atualmente 18 turmas, com um total de 480 alunos. Segundo a orientadora pedagógica Lurdes Aparecida Mesquita, foi um dos poucos *escolões* que conseguiu sobreviver ao governo Moreira Franco e continuar oferecendo aos alunos tudo o que era previsto no projeto original, como recreação, alimentação e atendimento dentário. O aluno Carlos Eduardo, de 10 anos, entregou aos Mandela, em nome do Ciep, uma fita de vídeo com a história e as atividades do centro de educação e um álbum de retratos com a dedicatória: "Sr. Mandela, estamos felizes porque o senhor nos ensinou que amor e liberdade existem".

Após a banda da cidade tocar o Hino Nacional, o líder sul-africano hasteou a bandeira do Brasil e sua mulher hasteou a do estado. Em seguida, o Coral da Comlurb homenageou os visitantes com a música afro *Lá e Cá*, que já foi gravada pela cantora Lecy Brandão. A diretora do Ciep, professora Beatriz Pinto Gonzales, agradeceu ao líder negro e a sua comitiva pela visita. O prefeito Marcelo Alencar disse que "a vida de Mandela é uma lição que deveria ser seguida por todo mundo neste momento de decadência. Espero que ele faça bem para a nossa cidade e para o nosso país, porque é o verdadeiro líder da humanidade".

No aeroporto uma recepção de estadista

O líder negro sul-africano Nelson Mandela, 73 anos, chegou às 8h30 no Aeroporto Internacional e foi recebido com honras de chefe de Estado pelo governador Leonel Brizola e euforia por dezenas de pessoas que esperavam ver de perto o homem que se tornou um mito vivo na luta contra o *apartheid*. Um forte esquema de segurança impediu que figuras como José Alves de Moura, o *Beijoqueiro*, se aproximassem de Mandela e sua mulher, Winnie, de 43 anos. *Beijoqueiro* foi recebê-lo vestindo um impecável smoking e saiu aos frangalhos, depois de lutar com meia dúzia de enormes policiais, sem conseguir beijar o casal Mandela.

Apesar de a viagem ter durado quase dez horas (eles viajaram uma hora da Cidade do México até Miami e mais oito e meia até o Rio), Nelson e Winnie Mandela demonstravam bom humor, mesmo com toda a confusão dos admiradores e jornalistas no seu desembarque. Vestindo um caftan (túnica e turbante africanos) roxo, com detalhes em vermelho e branco, Winnie sorria o tempo todo e, antes de entrar no carro, levantou o braço direito com o punho cerrado e gritou "Mandela lives" (Mandela vive). De terno escuro e mancando da perna — ele tem problema nas articulações — Nelson Mandela também sorriu todo o tempo, com uma fisionomia extremamente serena.

"Ele parece um santo", comentava a nutricionista Sônia Menezes. 47

anos, que mora em Bangu e chegou com a marido às 6h30 no aeroporto. Ele preferiu não dar seu nome porque estava faltando ao trabalho. "Ontem (anteontem) à noite eu ouvi no rádio que o desembarque seria cedo. Tô aqui mofando, mas vai valer a pena", dizia Sônia, com sua pequena máquina fotográfica, contando que fizera o mesmo quando Fidel Castro veio ao Brasil e Brizola chegou do exílio. Depois da confusão do desembarque, com fotógrafos e cinegrafistas da imprensa nacional e estrangeira, Sônia não tinha certeza se conseguira fotografar Mandela. "Mas pelo menos eu o vi", conformou-se.

O bom humor do casal Mandela pôde ser constatado pelo secretário Extradordinário de Defesa e Promoção das Populações Negras, Abdias Nascimento, na sala vip do aeroporto. Abdias contou que, quando uma funcionária da Infraero entregou a Winnie o livro de assinaturas do aeroporto, ela disse que quem teria que assinar primeiro seria seu marido, que é o chefe da nação sul-africana. Ao que Mandela respondeu, em tom de brincadeira: "Eu já falei para a Winnie sobre a igualdade entre os sexos, mas parece que ela ainda não está preparada para isso".

Mandela e Winnie seguiram sozinhos, em carro oficial, até o Copacabana Palace, onde se hospedaram com o resto de sua comitiva de dez pessoas, todos membros do Congresso Nacional Africano, presidida por Nelson Mandela. O único contratempo da viagem foi a ausência das 39 malas da comitiva, retidas no aeroporto de Miami, que só chegam amanhã ao Rio. O líder negro embarca hoje de manhã para São Paulo, depois vai a Salvador, Espírito Santo e Brasília, na segunda-feira, etapa final da viagem.

Coquetel teve 400 convidados

Jornal do Brasil
2/8/91

Os 400 convidados que foram ontem ao coquetel oferecido no Palácio Guanabara participaram de um momento histórico. Do alto de um pequeno palanque armado no jardim, Nelson Mandela falou, emocionado, sobre sua satisfação de estar no Rio. Depois de cumprimentar os presentes com um ensaiado "boa tarde, senhoras e senhores", em português, afirmou: "Quando olho para seus rostos, tenho a sensação de estar em casa, não só porque seu governo sempre esteve ao nosso lado na luta contra o *apartheid*, mas porque aqui há uma população igual à nossa".

O líder sul-africano fez questão de só começar a falar depois que todos os membros de sua delegação de dez pessoas — um dos quais branco e outro indiano — subiram no palanque e foram apresentados. "A África do Sul só será uma nação quando for entendido que, apesar das nossas diferenças de cor, raça e religião, somos um só povo. Acho que o Brasil está mais adiantado que nós nesse sentido, por isso vamos usar vocês como guia", afirmou Mandela, arrancando aplausos da plateia.

A plateia, aliás, era bastante eclética. Ia desde Dona Zica da Mangueira até o presidente da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC), Ênio Candoti, passando pelo animador cultural Perfeito Fortuna, pelo bicheiro Luis Carlos Batista, pelas deputadas Benedita da Silva (PT) e Regina Gordilho (PDT), além do vereador Alfredo Sirkis (PV), o sociólogo Herbert de Souza, o pianista Artur Moreira Lima e a cantora Eliana Pitman. Não faltaram também atores e atrizes, como Milton Gonçalves, Walmor Chagas e Mário Lago.

O governador do Rio Grande do Sul, Alceu Colares (PDT), veio especialmente ao Rio para conhecer Mandela e ficou no palanque ao seu lado. As posições próximas do líder negro e de Winnie, aliás, eram arduamente disputadas por Abdias Nascimento e Carlos Alberto Caó de Oliveira, que se colocaram estrategicamente no palanque. O governador de Pernambuco, Joaquim Francisco (PFL), também veio ao Rio, mas só participou do almoço, reservado, oferecido no Palácio Laranjeiras, residência oficial do governador, do qual participaram 40 pessoas.

No cardápio, lagostas à la Raquel com molho rosado de entrada e franguinho de leite com molho de champignon, aspargos, batatinha assada e cenoura cozida, como prato principal. De sobremesa, sorvete de goiaba e mousse de coco com nozes e baba de moça.

CNA busca verba para campanha

O giro que Nelson Mandela está fazendo desde sábado retrasado por países da Europa, Caribe e América Latina tem objetivo político e também a finalidade de captar recursos para uma futura campanha do líder negro à presidência da África do Sul. Por isso, estão programados encontros com empresários em São Paulo e Brasília. "Além de agradecer o convite da visita e a solidariedade que o Brasil sempre lhe deu, *mister Nelson Mandela* vem explicar nossas posições e a necessidade de apoio material", disse um dos membros do Congresso Nacional Africano (CNA), Ralph Petterson. "O partido do governo é forte, rico. Nós somos fortes, mas não somos ricos. Para fazer uma eleição, é preciso recursos. E para isso precisamos do auxílio de todos", acrescentou.

Mandela diz que no Rio sente em casa

O líder sul-africano Nelson Mandela foi recebido com honras de chefe de Estado pelo governador Leonel Brizola. "Quando olho para seus rostos, tenho a sensação de estar em casa, não só porque seu governo sempre esteve ao nosso lado na luta contra o *apartheid*, mas porque aqui há uma população igual à nossa", disse Mandela ao agradecer homenagem no Palácio Guanabara.

Depois de coquetel no Guanabara para 400 convidados e de almoço no Palácio Laranjeiras, Mandela foi conhecer o Ciep com seu nome em Campo Grande, onde cerca de 2 mil pessoas o aguardaram quase cinco horas. À noite, ele foi ao showmício em sua homenagem, no Sambódromo. (*Cidade*, páginas 1 e 3)

Para o secretário estadual de Trabalho e Ação Social, Carlos Alberto Caó de Oliveira, a África do Sul só se tornará uma verdadeira nação quando Mandela chegar à presidência. "O CNA pretende instalar no Brasil um escritório e já escolheu o Rio para isso. Além de ser um instrumento de intercâmbio político, econômico e cultural, o escritório vai nos dar a oportunidade de contribuir para a história da humanidade, ajudando a eleição de Mandela", disse o secretário.

Caó negou a acusação de líderes de movimentos negros de que houve discriminação por parte do governo do estado e do Itamaraty na participação desses grupos na agenda de Mandela no Rio. Disse que não entendeu a razão do protesto, pois estava marcado para ontem à noite, no Copacabana Palace, um encontro com líderes desses movimentos. "Isso não é hora para brigas internas. O importante é perceber que a presença de Nelson Mandela vai despertar nos brasileiros a consciência de que se pode e se deve lutar pelo exercício da plena cidadania", afirmou o secretário de Trabalho e Ação Social do governo.

Ele disse ainda que foi a pedido do CNA que a agenda do líder africano foi reduzida, para poupá-lo da exaustão física. O encontro que ele teria com líderes de entidades negras, marcado para a ABI, foi transferido para o salão nobre do Copacabana Palace, onde Mandela e sua comitiva estão hospedados. Com isso, evitou-se mais um deslocamento do líder sul-africano pelas ruas do Rio. "Este encontro não constava da agenda oficial distribuída à imprensa porque só hoje (ontem) conseguimos confirmar o horário", justificou o assessor de imprensa do governador Brizola, Fernando Brito.

A presidente da Associação de Pesquisas da Cultura Afro-Brasileira, Lia Vieira, que esteve no desembarque de Mandela, disse que as entidades negras sediadas no estado (32 na capital e 43 no interior) não têm motivo para se queixar. Segundo ela, muita gente ficou descontente porque foi decidido que, durante o encontro, apenas representantes de três instituições iriam falar, por causa do tempo restrito da reunião. Ficou decidido também que os temas principais seriam a esterilização em massa de mulheres e o extermínio de crianças.

Jornal do Brasil
2/8/91



Jornal do Brasil 2/8/91



Mandela atrai 40 mil à Praça da Apoteose

Cerca de 40 mil pessoas foram ontem à Praça da Apoteose aplaudir Nelson Mandela, que subiu ao palco às 9h50m, ao lado de sua mulher, Winnie, do governador Leonel Brizola e do prefeito Marcello Alencar, anunciado pelo cantor Martinho de Vila, que prestou uma homenagem cantando, de sua autoria, *Sob o Sol de Johannesburgo*, composta especialmente para o líder negro. Foi um momento de emoção, com todos se abraçando no palco.

O showmício *Mandela, o Rio te abraça* começou às 19h, quando o apresentador Haroldo Costa lembrou que aquele momento era histórico para a cidade do Rio de Janeiro. Depois da apresentação de Martinho de Vila, foi a vez do cantor Mombança, com muito swing e músicas afro-brasileiras.

Em seguida, subiu ao palco o grupo *Cidade Negra*, da Baixada Fluminense, que cantou músicas *reggae*. Depois, apresentou-se a cantora sul-africana Cinthia, que cantou o hino do Congresso Nacional Africano. Um vídeo apresentado por Sérgio Cabral foi exibido, continuando o show com Lecy Brandão e Paulinho da Viola. Também se apresentaram as baianas das escolas de samba Caprichosos de Pilares, Unidos de Vila Isabel, Imperatriz Leopoldinense e União da Ilha do Governador, e os cantores Taiguara, Sandra Sá, Tim Maia e Emilio Santiago.

"Cercado de guarda-costas, Nelson Mandela mostrou-se o tempo todo bastante cansado e não falou com ninguém. Dizia apenas pequenas frases, como "Viva a África" "Viva a Liberdade."

Apelo — À tarde, durante encontro com dirigentes de entidades negras que lotaram o Golden Room do Copacabana Palace Hotel para saudá-lo, Mandela disse que o Congresso Nacional Africano só retomará as negociações de paz com as autoridades sul-africanas se o presidente Frederik de Klerk concordar em formar um governo de transição. Afirmou que, como presidente do CNA, pediu o apoio do governo brasileiro à idéia. "Estou seguro de que temos este apoio para partir para o tipo de governo que desejamos", afirmou.

Mostrando-se decepcionado, o líder negro disse que chegou a ter esperanças de que os brancos de seu país aprenderiam a agir com honradez, após o início das negociações de paz, no ano passado. "Durante os últimos 18 meses tentamos fazer com que o governo se sentasse para buscarmos juntos uma solução pacífica. Avisamos que a estratégia do governo era falar de paz e fazer a guerra. Aparentemente, a minoria branca parece não querer sair de forma honrosa", lamentou.

Segundo Mandela, os negros tentaram estabelecer uma atmosfera de confiança entre as raças. "Mas eles (os brancos) negaram isto. O que aconteceu no dia que sai de lá?" indagou, referindo-se ao escândalo chamado de Inkathagate. Na sexta-feira, horas antes de Mandela partir para a Espanha, primeira escala de sua viagem, o governo sul-africano admitiu ter financiado o Inkatha, uma organização negra conservadora e rival do CNA. A revelação causou a pior crise do governo do presidente Frederik de Klerk.

Tentativa de exploração

SALVADOR — Cinco pessoas que se identificaram como integrantes de um projeto denominado Amandla tentaram enganar o governador do Espírito Santo, Albuino Azeredo, pedindo US\$ 27 mil para incluir o estado no roteiro do líder negro Nelson Mandela. Na proposta, não explicavam claramente seus objetivos, mas garantiam que 200 "instituições representativas da sociedade brasileira" participaram da elaboração do projeto, que contaria com o apoio da Força Sindical, do sindicalista Luís Antônio Medeiros. Também foram procurados representantes do governo da Bahia. "Isso é um bando de salafários, bandidos, e vamos denunciá-los à polícia", reagiu, indignado, o secretário-geral da Força Sindical, Enilson Simões de Moura, o Alemão.

O secretário da Justiça e Cidadania do Espírito Santo, Renato Soares, recebeu a visita de Benedito Vicente da Silva e Jorge Octávio Xavier Júnior, que se disseram representantes do projeto Amandla. "Era uma espécie de empresa de lobby político para administrar a vinda de Mandela ao estado. Descartamos qualquer tipo de contato com eles e procuramos diretamente as autoridades oficiais", disse o secretário. Renato Soares nega que o governo do estado tenha autorizado a liberação de recursos para o projeto, mas outras autoridades locais garantem que o governo desembolsou US\$ 27 mil e só percebeu a armadilha quando verificou que o Espírito Santo não constava da programação de visitas de Nelson Mandela no Brasil.

De acordo com um político capixaba que acompanhou as negociações com o grupo, o golpe do Amandla só foi descoberto nesta semana. Por causa do incidente, afirmou, a delegação do Congresso Nacional Africano decidiu reduzir a permanência do líder sul-africano em Salvador para viabilizar a sua presença no Espírito Santo.

Benedito Vicente da Silva e Jorge Octávio Xavier Júnior distribuíram em Vitó-

ria um panfleto sobre o projeto Amandla, informando que desde a libertação de Mandela iniciaram contatos com o CNA, para a visita do líder negro ao Brasil. Afirmam que as propostas básicas do projeto foram aprovadas por várias autoridades sul-africanas, como Alfred Nzo, T. Nkobe, Walter Sizulu e Joe Slovo. Os contatos teriam sido feitos, segundo o panfleto, diretamente com o Departamento Internacional de Administração, de Finanças, de Marketing Empresarial, Liga das Mulheres e Liga da Juventude. "Certamente Nelson e Winnie Mandela analisaram e concordaram com as propostas básicas do projeto", diz o texto.

O chefe do cerimonial do governo da Bahia, Sérgio Sampaio, também foi procurado. Há dois meses, ele recebeu um fax do projeto Amandla com informações "muito vagas", que apenas revelava o interesse de participar da organização da visita de Mandela a Salvador. "Descartamos porque sabíamos que toda a programação de Mandela no Brasil depende unicamente da aprovação do CNA", explicou. O Conselho de Entidades Negras da Bahia desconhece a existência do Amandla. Mas alguns integrantes do Movimento Negro revelaram que participantes desse grupo fazem parte de uma quadrilha desmantelada pela Polícia Federal quando tentava arrecadar fundos para remessa de remédios destinados ao Iraque, no ano passado.

"Isso é coisa de bandido. Não vamos permitir que ajam em nome da Força Sindical", disse o secretário-geral da entidade, Enilson Simões de Moura, o Alemão. Indignado, ele prometeu levar o assunto para o presidente da Força Sindical, Luís Antônio Medeiros, e entregar o caso à polícia. Representantes do movimento negro de Salvador, que preferem não se identificar, afirmam que o grupo fez várias visitas à África do Sul e tentou ter exclusividade para organizar a vinda de Mandela ao Brasil.

Mandela chega a São Paulo com seis horas de atraso

SÃO PAULO A agenda do líder negro sul-africano Nelson Mandela e sua mulher e Winnie Mandela em São Paulo sofreu atraso de quase seis horas. Inicialmente marcada para as 9h30, a chegada ao Aeroporto de Congonhas foi anunciada para as 12 horas, mas só às 15h15m o casal e sua comitiva chegaram num avião Xingu, da FAB, sob frio de seis graus. Eles foram recepcionados pelo Governador Luiz Antônio Fleury Filho, o Vice-Governador Aloísio Nunes Ferreira e a Prefeita Luiza Erundina, além de representantes de movimentos negros e sindicais. A assessoria do Governo informou que o atraso se deveu devido à retenção das 39 malas da comitiva em Miami e que somente hoje chegaram ao Rio.

A caravana oficial, de 22 carros e dez motocicletas da PM, deixou o Aeroporto pela saída interna da ala VIP, reservada a autoridades, o que frustrou dezenas de ativistas negros que aguardavam o Presidente do CNA no interior do salão. O Ministro Antônio Rogério Magri desceu no Aeroporto às 13h45m e disse que a vinda de Mandela é importante "não só para os negros, mas para o Brasil".

No trajeto para o Palácio dos Bandeirantes, Mandela queixou-se a Fleury do frio e o Governador emprestou-lhe um sobretudo cinza, com o qual ele posou para os fotógrafos no salão de despachos. Depois do almoço, servido por volta de 17 horas, no mezzanino do Palácio, Fleury fez um brinde à liberdade e à igualdade no Brasil e na África do Sul, e pediu licença aos presentes para quebrar o protocolo, gritando "Viva Mandela".



Telefoto de Luiz Paulo Lima

No Bandeirantes, Mandela e Winnie posam ao lado de Fleury e Erundina

Em rápido pronunciamento, Nelson Mandela disse que o partido Congresso Nacional Africano (CNA) vai interromper as negociações pela paz com o Governo de seu país até que o Presidente Frederik de Klerk renuncie em favor de um governo interino.

— De Klerk não tem direito de controlar o processo de transição. Não haverá mais negociação a menos que ele aceite a formação de um Governo interino com a participação de todos os partidos. Esta é a única saída para a paz — disse Mandela em discurso durante recepção no Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo do Estado.

No discurso após o almoço, Mandela disse que o Governo da África do Sul reconheceu recentemente que mais de dez mil pessoas morreram em conflitos raciais no país, desde 1984:

— Jornais independentes revelaram que, enquanto dialogava conosco, o Governo negociava com outras organizações negras, para solapar o CNA.

À noite, Mandela foi à Prefeitura, no Ibirapuera, onde conversou com Erundina e representantes de grupos negros. Para encerrar a visita foi organizado um show no Estádio do Pacaembu, com Alcione, Martinho da Vila e Sandra de Sá.

Líder africano volta ao Rio na segunda-feira

O líder negro sul-africano Nelson Mandela volta ao Rio na próxima segunda-feira, à noite, e na terça concede entrevista coletiva a imprensa, para depois embarcar para a África do Sul. Em sua visita ao Brasil, o líder negro sul-africano pede apoio político e material para a atuação de seu partido, o Congresso Nacio-

do Rio, Leonel Brizola disse que vai propor ao PDT a realização de uma campanha nacional de arrecadação de recursos para ajudar o Congresso Nacional Africano (CNA) de Nelson Mandela na sua luta contra o apartheid na África do Sul. Segundo o Governador Brizola, é natural que um líder como Mandela ande pelo mundo angariando para

toda a população irá colaborar — disse Brizola.

O dirigente do PDT exortou os empresários brasileiros a também contribuírem financeiramente com o CNA de Nelson Mandela. O líder negro sul-africano discutiu este assunto quinta-feira à noite, no Rio, durante uma reunião com um grupo

Mandela pede apoio para chegar ao poder

ELIANE VELLOSO e
JOSE LUIS VILHENA

Mandela para visitar o Brasil, confirmou ontem que o objetivo estratégico da visita foi o de con-

Uma saudação à
miscigenação racial

CNA exige renúncia do Governo para manter negociações

JOHANNESBURGO — O Congresso Nacional Africano (CNA) passou ontem a concentrar suas reivindicações políticas na exigência da renúncia do Governo sul-africano, alegando que ele bloqueia as conversações sobre uma nova constituição. Embora o CNA já tenha formulado antes tal exigência, dirigentes do movimento negro disseram que recentes revelações sobre doações secretas do Governo ao partido rival Inkhata davam à sua reivindicação uma nova urgência.

Líderes do CNA disseram ontem em entrevista que sua organização quer iniciar assim que possível conversações com todos os partidos para conseguir a formação de um governo provisório e a renúncia do Gabinete do Presidente Frederik de Klerk.

A exigência do CNA foi exposta em declaração divulgada por seu Vice-Presidente, Walter Sisulu, que lidera o movimento na ausência do Presidente, Nelson

Mandela, atualmente em viagem a vários países da América Latina, entre eles o Brasil.

O documento diz que "o centro da crise é a credibilidade do Governo De Klerk", uma referência às revelações de que o Governo dera US\$ 90 mil ao Inkhata, em 1989 e 1990, antes do início das reformas das leis de segregação racial.

"O Comitê Executivo Nacional do CNA reiterou que o único caminho para o nosso país é a formação de um governo transitório, que será encarregado de preparar o país para uma constituição democrática e governá-lo durante esta fase", disse o comunicado.

Desta declaração não constam as antigas exigências de libertação dos presos políticos, de volta dos exilados e outras que o CNA apresentava como condições para iniciar conversações com o Governo.

Mandela veio pedir recursos para chegar ao poder

O Chefe do Cerimonial do Congresso Nacional Africano, Halph Petterson, revelou ontem no Rio que a visita ao Brasil do líder sul-africano Nelson Mandela visa à obtenção de apoio financeiro de empresários e políticos para levar ao poder seu partido, que luta contra o regime do apartheid. Em troca, Mandela ofereceria vantagens em negócios com seu país. Em seu primeiro dia no Brasil, Mandela foi recepcionado com coquetel no Palácio Guanabara, visitou Ciep em Campo Grande, batizado com seu nome, esteve com empresários e à noite foi homenageado com showmício na Praça da Apoteose.

Página 5

No Ciep, visita rápida frustrou moradores

Os moradores da periferia do Ciep Nelson Mandela, em Campo Grande, ficaram decepcionados com a visita do líder negro sul africano à escola. As cerca de duas mil pessoas esperaram por mais de quatro horas, mas mal conseguiram ver o casal Nelson e Winnie Mandela. Os dois chegaram ao Ciep de helicóptero às 16h15, ao lado do Governador Leonel Brizola, dos Governadores Alceu Collares, do Rio Grande do Sul, e Joaquim Francisco, de Pernambuco, e ou-

tras autoridades, mas lá permaneceram apenas por meia-hora.

O palco montado não foi usado pelas autoridades. Não houve discursos, apenas um breve aceno aos manifestantes que cercavam o Ciep, rápidos apertos de mãos e a execução do hino nacional. Mandela, cercado por seguranças e uma multidão de convidados do Governo estadual, hasteou a bandeira brasileira, e seguiu praticamente empurrado de volta ao helicóptero para deixar o local. Na rápida visita, Mandela e a mulher, Winnie,

reinauguraram simbolicamente o Ciep e receberam de presente flores e uma fita de vídeo sobre a escola e ouviram uma apresentação do Coral da Comlurb e da Banda Civil da Cidade do Rio de Janeiro.

Tudo isso frustrou os populares que desde cedo foram ao Ciep ver Mandela e Brizola. Muitos não sabiam direito quem era o homem homenageado que tinha dado nome à escola que já funciona há três anos, com 480 alunos do C.A à 8ª série.

Desorganização e cansaço mudam agenda

A visita de Nelson Mandela ao Rio de Janeiro sofreu alguns reflexos da desorganização por parte dos responsáveis pela definição de sua agenda. Até quarta-feira à noite, a programação já havia sido alterada 20 vezes, segundo Ralph Petterson, Chefe do Cerimonial do CNA, partido presidido por Mandela. Como se não bastasse, ontem mesmo a agenda sofreu novas modificações a pedido de Mandela, que reclamou do cansaço. Como reflexo da confusão na programação, Mandela acabou ficando

do homenageado — cuja chegada, inicialmente prevista para 20h, foi depois anunciada para 22h — e com uma hora e meia de atraso, o show "O Rio abraça Mandela" foi aberto pelo cantor Mombaça às 19h com "Cidade Maravilhosa" e reuniu vários artistas negros. Mais de 20 mil pessoas assistiram aos primeiros números e ao desfile de artistas e grupos musicais negros, como o conjunto "Cidade Negra".

■ MALAS — As 39 malas da

AIRJ, a empresa optou pelo prosseguimento do voo para que não houvesse atrasos na programação no Rio. As malas chegarão hoje às 8h15m no voo 905.

■ TUMULTO — O líder sul-africano Nelson Mandela desembarcou às 8h30 no Aeroporto Internacional do Rio e enfrentou logo um tumulto. Ao som de cânticos africanos, ele teve de sair protegido por seguranças pelo lado direito para proibir a aproximação de fãs.

Mandela contradiz líderes negros do Brasil

Segundo o presidente do CNA, país está mais avançado do que a África do Sul na construção de sociedade multirracial

Da Sucursal do Rio

Em seu primeiro discurso no Brasil, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, contradisse ontem a tese de líderes negros brasileiros de que existe no país um apartheid (regime de segregação racial) pior do que na África do Sul. Foi o primeiro dos seis dias da visita de Mandela ao Brasil.

“Vocês estão muito mais avançados do que nós na construção de uma sociedade multirracial. Por isso, nós vamos utilizar o Brasil como guia”, afirmou Mandela, em palanque montado nos jardins do Palácio Guanabara (sede do governo do Rio).

No palanque, estavam também os governadores pedetistas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul, respectivamente Leonel Brizola e Alceu Collares. Além do

prefeito Marcello Alencar (PDT), ainda estavam no palanque a mulher de Brizola, Neusa; a de Mandela, Winnie, e o secretário estadual de Promoção e Defesa das Populações Negras, Abdias do Nascimento.

Abdias tem dito que a segregação racial no Brasil é pior do que na África do Sul, “porque aqui é camuflada, enquanto lá é declarada e oficial”. Entre os 300 convidados reunidos em frente ao palanque, estavam também o bispo de Duque de Caxias (na Baixada Fluminense), d. Mauro Morelli, e a deputada federal Benedita da Silva (PT).

Benedita concordou, pouco antes do discurso de Mandela, com a tese de Abdias. Ela citou como exemplo uma faculdade no subúrbio de Soweto, em Johannesburgo (África do Sul), “que tem 5 mil pessoas, e 500 são negras”,

enquanto no Brasil uma faculdade com igual número de alunos tem, segundo a deputada, “no máximo, 50 negros”. Abdias costuma dizer que, por ano, mais negros são assassinados no Brasil do que na África do Sul.

Mandela disse que no Brasil “a mistura racial da população é idêntica” à da África do Sul. Mas, segundo ele, os negros brasileiros “já chegaram a um estágio em que podem usar seus próprios recursos, seus líderes e suas escolas para o desenvolvimento do povo”, enquanto os negros sul-africanos ainda lutam “pelo direito ao voto”.

Brizola, que discursou antes de Mandela, qualificou-o de “homem superior”, falou da “identidade” entre as populações dos dois países, mas fez a ressalva de que os presentes não representavam uma “síntese” do povo brasileiro, porque não havia entre eles muitos “morenos”.

Mandela, porém, falou da mesma “identidade” com outras palavras: “Quando vejo os rostos de vocês, eu tenho a sensação de estar em casa, não só pelo apoio que sempre nos deram, mas porque também em nosso país temos africanos, pessoas de origem mista, índios e brancos”.

O líder negro recebeu do prefeito Marcello Alencar o título de cidadão honorário do Rio. Mandela e Brizola almoçaram no Palácio das Laranjeiras.

Mandela deve chegar hoje a São Paulo por volta das 12h, segundo a assessoria de imprensa do governador Luiz Antônio Fleury Filho (PDB). Do aeroporto de Congonhas, Mandela e sua mulher devem seguir para o Palácio dos Bandeirantes (sede do governo paulista), onde serão recebidos por Fleury.

CNA pede renúncia de governo De Klerk

Da "Reuter"

O partido do Congresso Nacional Africano (CNA) pediu ontem a renúncia do governo da África do Sul em favor de uma administração interina, encarregada de levar o país para um futuro governo não-racial.

Numa coletiva de imprensa, os membros do Comitê executivo nacional do CNA afirmaram que o único progresso possível seria a criação de "uma autoridade de transição encarregada de preparar o país para uma constituição democrática".

"Como seria formado o governo interino se... um bom assunto para negociar", disse o porta-voz do CN... partido lançou

um apelo ao presidente sul-africano, Frederik de Klerk, para que as negociações reúnam todos os partidos e afirmou que aceitava descartar temporariamente suas objeções contra uma partilha do poder.

De Klerk já afirmou repetidas vezes que não entregaria o poder a um "regime temporário". "Qualquer avanço nesta situação deve surgir das negociações", disse o presidente. O CNA respondeu que o governo não poderia ser "ao mesmo tempo jogador e juiz" nas negociações.

O partido de Nelson Mandela anunciou que planeja "ações de massa" para forçar De Klerk a aceitar o pedido.

Quem é Nelson Mandela

Da Redação

Nelson Mandela, 73, é interlocutor obrigatório para a estabilização da África do Sul. Mandela é presidente do Congresso Nacional Africano, principal organização da luta contra a segregação racial. Fundado em 1912, tem hoje pelo menos 400 mil membros. Mais do que líder, Mandela é uma espécie de símbolo, acima da luta entre facções pelo poder.

O mito Mandela começou com sua prisão, em 1962, quando preconizava a luta armada. Passou 27 anos na cadeia, onde só podia receber a visita de sua mulher, Winnie, e de familiares,

com a condição de que não emitisse declarações políticas. Sua existência reclusa assegurou-lhe a aura de "mártir".

Mandela é príncipe da tribo thembu, de etnia "xhosa", que habita Umtata, capital do Transkei (um "bantustão", área negra criada pelo apartheid — regime de segregação racial da África do Sul). Ao invés de reivindicar direitos de herança tribal, estudou Direito em Johannesburgo.

A campanha por sua libertação foi decisiva para isolar seu país e forçar o declínio do presidente De Klerk anunciando a disposição de revogar o apartheid.

Movimento negro protesta

Da Sucursal do Rio

Líderes do movimento negro protestaram ontem contra o governo do Estado do Rio e o governo federal pela não inclusão de representantes negros — e de outros segmentos da sociedade civil — nos encontros previstos na agenda oficial do presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela.

"Os partidos políticos ficaram de fora, assim como associações de moradores, sindicatos, índios

"quadros do movimento negro", no poder será "rediscutida" por causa da "discriminação do governo do Estado", enquanto Ivanir dos Santos, do Centro de Articulação das Populações Marginalizadas, reclamava da falta de credenciais para os líderes negros participarem da homenagem a Mandela, prevista para ontem à noite no Sambódromo (centro do Rio).

Em Salvador, o secretário do Conselho de Entidades Negras da Bahia, Jonatas Conceição, disse

Igualdade ilusória

Causa surpresa, pelo desconhecimento que demonstra, a declaração feita no Rio pelo líder negro da África do Sul e presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, de que o Brasil constitui um exemplo de sociedade multirracial a ser seguido.

Apesar de se reconhecer que a manifestação é motivada também pela intenção amistosa comum aos que desejam retribuir os rapapés atenciosos dos comitês de boas-vindas, é forçoso verificar que —infelizmente— o relacionamento entre as raças no Brasil está bem longe de exibir uma harmonia tal que mereça ser imitada.

Com efeito, pode parecer a um visitante sul-africano que a ausência de instrumentos legais de discriminação — como os que lamentavelmente persistem no regime de Pretória — implique o estabelecimento de uma sociedade em que as oportunidades se acham igualmente abertas a todos, independentemente da cor de sua pele.

Esta foi, por sinal, a tônica do discurso oficial dos governos e das elites brasileiras — e da imagem oferecida ao exterior — durante décadas, desde a abolição formal da escravatura no país, há pouco mais de um século.

Entretanto, se é verdade que o convívio racial no Brasil tem características muito menos violentas e ostensivas do que na África do Sul, subsiste, sob o verniz igualitarista, uma realidade eivada por inúmeras sutilezas discriminatórias herdadas do período escravista.

Tal situação contribui para agravar ainda mais as profundas injustiças da estrutura social brasileira, configurando um quadro especialmente perverso para os negros. Partindo, via de regra, de uma brutal inferioridade, têm estreitadas as suas chances de ascender no trabalho e na sociedade. Tendem assim a permanecer nas camadas mais pobres da sociedade, só dentro das quais a ausência de distinção econômica entre as raças parece lentamente atenuar a prática da discriminação — ao contrário do que ocorre entre as elites e a classe média, onde ela apenas se perpetua.

Um dos poucos avanços na luta

RIO — O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, afirmou, ao discursar de improviso em palanque montado diante do Palácio Guanabara, que considera a realidade social do Brasil um exemplo a ser seguido. "Vocês estão muito mais adiantados na conquista de uma sociedade multirracial e servirão para nós com um guia", disse Mandela, que chegou ontem ao País para uma visita de cinco dias.

Antes de iniciar seu discurso em inglês, que foi traduzido por um intérprete, Mandela fez questão de saudar o público em português com um "boa tarde, senhoras e senhores", sem sotaque. Agradeceu o governo brasileiro, os partidos políticos e a população pelo apoio dado à luta contra o apartheid e, ao lado de sua mulher, Winnie, e do governador do Rio, Leonel Brizola (PDT), emocionou as cerca de 400 pessoas que acompanharam seu discurso. "Nós ainda vamos ter outros encontros, mas desde já quero dizer que nós admiramos, respeitamos e sobretudo amamos vocês", declarou, sob aplausos.

brancos, formando uma amalgama que enriquece nosso país", observou. "Quando vejo seus rostos, tenho a sensação de estar em casa."

Mandela ressaltou que o povo de seu país precisa continuar recebendo o apoio dos brasileiros. Para ele, a participação do Brasil foi decisiva para que ele e outros líderes sul-africanos saíssem da prisão. "Não se esqueçam de que estamos só do outro lado do Oceano Atlântico", enfatizou.

QUEIXAS

Militantes do movimento negro brasileiro, que aguardavam a chegada de Mandela no Palácio da Guanabara, responsabilizaram o governo do Rio pelo pouco espaço que obtiveram na agenda. "Vivemos um mito de democracia racial, mas aqui existe o apartheid", queixou-se a deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ). Para ela, a recepção a Mandela "não ficou à altura do que ele representa e teve pouca divulgação".

De acordo com o governador do Rio, o objetivo da cerimônia programada para o jardim do Palácio da Guanabara era

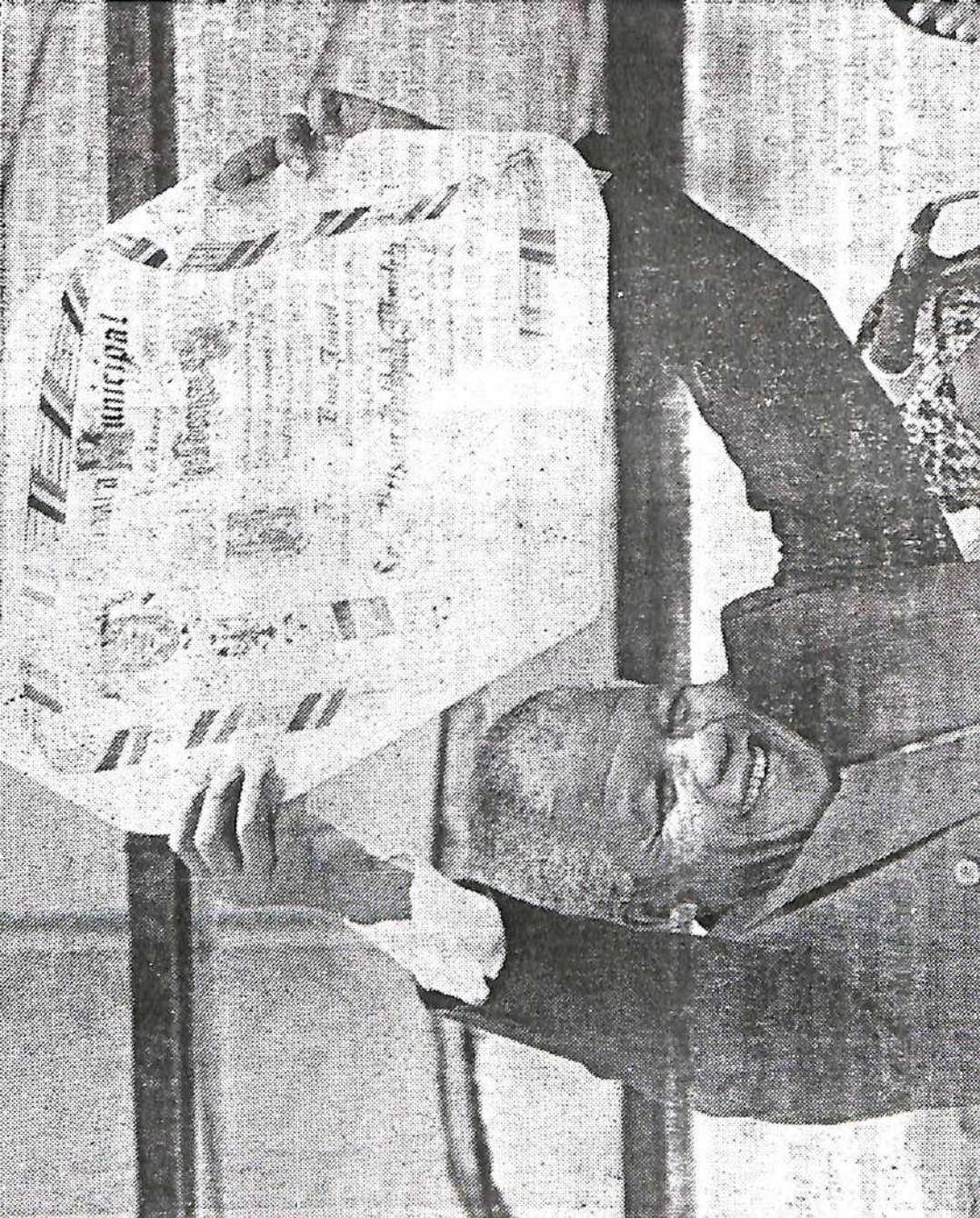
que ele se conserve assim forte, cheio de saúde e vigor mental", argumentou.

CANSAÇO

Mandela e Winnie foram recepcionados por Brizola ao desembarcar no Aeroporto Internacional do Galeão, às 8h50. Sorridente, mas aparentando cansaço, Mandela seguiu imediatamente para o Hotel Copacabana Palace. Após um coquetel no Palácio Guanabara e almoço no Laranjeiras, o líder negro seguiu de helicóptero para Campo Grande, onde foi inaugurado um Centro Integrado de Educação Pública (Ciep) que leva seu nome.

Ao chegar ao local, às 16h15, estava descontraído. Ao lado da mulher, aproximou-se das pessoas que acenavam em sua direção. Com o braço direito estendido e a mão fechada, fez o sinal característico da luta negra na África do Sul.

Hoje Mandela estará em São Paulo. Ele desembarca no Aeroporto de Congonhas por volta do meio-dia. Estão previstos encontros com o governador Luiz Antônio Fleury Filho e com



O Dia 2/8/91

Alegria ao reinaugar Ciep

Nos 30 tumultuados minutos em que permaneceu no Ciep que leva o seu nome, em Campo Grande, Nelson Mandela não teve tempo para ver as salas de aula, o refeitório ou a biblioteca, especialmente decorados para a ocasião, tampouco percebeu as faixas com saudações em inglês que enchem as paredes. Mas fez questão de saudar, com um largo sorriso e o punho direito cerrado para o alto, os discriminados da festa: cerca de duas mil pessoas que, do lado de fora do Ciep, contidos pelas grades e por cordões de PMs, gritavam "axé, axé, Mandela" para o líder negro.

Nem o atraso de Mandela esfriou a platéia. Esperado para as 11h30, ele só desembarcou do helicóptero que o levou a Campo Grande às 16h15, ao

lado de sua mulher Winnie, e do governador Leonel Brizola. Outros dois helicópteros trouxeram os convidados especiais: os governadores Alceu Collares, do Rio Grande do Sul, e Joaquim Francisco, de Pernambuco. O público, formado por militantes de entidades negras, políticos locais, moradores da vizinhança e centenas de crianças, ao saber do atraso, não se aborreceu.

Logo depois de descer do helicóptero, o líder negro saudou a multidão e retirou o pano que cobria seu nome na fachada do Ciep, inaugurado de fato em agosto de 1988. Por alguns segundos, admirou o letreiro e pediu a Brizola que chamasse os fotógrafos, pois queria pousar ali. A seguir num pedestal, hasteou a bandeira brasileira.

Saudação a Winnie

BENEDITA DA SILVA



O Brasil está recebendo Nelson e Winnie Mandela, duas grandes personalidades da luta contra o apartheid. São ambos nossos conhecidos, guerreiros, lutadores, contestadores e, sobretudo, humanistas. Dispensam apresentações. Mas quero falar de minha irmã de luta, Winnie Mandela. Lembro-me dela, perfeitamente, quando da visita feita ao Congresso Nacional Africano (ANC). Fui portadora do convite feito pela Prefeitura de São Paulo ao grande líder Nelson Mandela para que visitasse o Brasil. Fazia parte de uma comissão de parlamentares integrada pelos deputados federais Paulo Paim, Caó, Edmilson Valentim, Domingos Leonelli e João Hermann. E, ao cumprimentar Winnie, senti forte emoção. Com orgulho pude abraçar uma mulher que não permitiu nunca que a prisão do seu marido caísse no esquecimento, pois compreendia muito bem o que significava a sua luta para os negros de todo o mundo.

Sabendo que esfriar essa luta, violentar, ameaçar ou depreciar é tática comum no regime racista da África do Sul, Winnie não vacilou, nem mesmo diante das ameaças de prisão. Esguia, convicta e desenvolta, descreveu para nós todo o quadro de enfrentamentos, ressaltando os desafios que teriam pela frente, sempre mantendo a mesma coragem e otimismo.

Sem nunca perder o sorriso, Winnie demonstrava o quanto sa-

bia das coisas. Observei como ficou surpresa e feliz ao receber de presente uma bonequinha preta. Aproveitou aquele momento de descontração para falar de sua preocupação com as crianças e sua educação presente e futura.

Que coincidência! Lembro-me de que, ao nos despedirmos, manifestou um desejo muito grande de conhecer o Brasil. Parecia considerar remota essa possibilidade. Mas, vejam só, ei-la chegando mercidamente ao lado do seu homem, como muito bem expressa Martinho da Vila.

Quero saudá-la, Winnie, e dizer-lhe, repetindo Leci Brandão, que você é seriedade, um exemplo de coragem. Mulher bendita, guerreira vitoriosa. Você encontrará, aqui e em nós, vontade de levar a luta e afastar os obstáculos, criar condições e trazer a paz duradoura e permanente. A paz anunciada nos tambores rufando, muita gente cantando, as crianças brincando, homens e mulheres trabalhando, as flores brotando em novo porvir. Pássaros em revoada, a igreja cheia apenas de gente, cuja raça não importa, não tem mais sentido.

Somos braços que se abraçam numa nova caminhada.

Não, Winnie, não estou sonhando. Quero apenas um novo amanhecer para a nossa gente, para todos os povos. Não quero sentir saudades, mas apenas a satisfação de ver que o nosso trabalho não foi em vão.

Sonho, até, com o dia em que poderemos, enfim, mudar a palavra de ordem e dizer, com liberdade: a luta acabou.

BENEDITA DA SILVA é deputada federal (PT-RJ)

Rio recebe Mandela como herói

Grande entusiasmo popular - que chegou ao tumulto - marcou a visita do líder negro sul-africano Nelson Mandela, ontem, ao Rio. Depois de cumprir uma exaustiva agenda de compromissos, sempre com a mesma roupa, já que sua bagagem ficou retida em Miami, Mandela foi recebido como herói por 70 mil pessoas que lotaram a Apoteose, à noite, para aplaudir-lo. Hoje de manhã ele segue para São Paulo. (Página 7)

Um sorriso negro, mil abraços negros

Punho cerrado, largo sorriso e o andar arrastado. Ao desembarcar ontem no Aeroporto Internacional, o líder sul-africano Nelson Mandela, 73 anos, tinha a fisionomia cansada. Mas não a ponto de inibir o entusiasmo de seus seguidores. "Abaixo o racismo praticado no Brasil", gritava o coro formado por militantes da Associação de Pesquisa da Cultura Afro-Brasileira (Aspecab), que foram recepcionar Mandela no Aeroporto do Rio.

Além do Aspecab, apenas alguns curiosos - não mais que 60 pessoas -, aplaudiram Mandela de perto. Mas o suficiente para tumultuar a recepção.

Às 8h30, surgiam Nelson Mandela, presidente do Congresso Nacional Africano, e sua mulher, Winnie. O casal, acompanhado pelo governador Leonel Brizola e o secretário de Defesa e Promoção das Populações Negras, Abdias Nascimento, mal podia caminhar, apesar da forte escolta policial.

Em resposta aos aplausos que o acompanharam até a saída do aeroporto, Mandela cerrou o punho direito. Winnie imitou o gesto e distribuiu sorrisos. Em meio ao tumulto generalizado, o governador Leonel Brizola não conseguiu entrar com Mandela no Landmark.

Crianças não conhecem líder

No trajeto entre o helicóptero e o pedestal das bandeiras, Nelson Mandela acariciou algumas das 400 crianças que estudam no Ciep de Campo Grande há três anos. Para essas crianças, aquele negro alto, de

co era um desconhecido ao lado do ídolo Leonel Brizola.

"Só ouvi falar dele agora, nem sei que crime ele cometeu para ficar preso tanto tempo", confessou Leandro Tomás, de 14 anos, aluno da 4ª série

O sonho de uma democracia não racista

Os 50 minutos programados da entrevista coletiva de Néelson Mandela a jornalistas e lideran-

África do Sul, F. W. de Klerk: "A única maneira de se chegar à democracia racial é através de

dar ontem mesmo. Após o pronunciamento, ele se reuniu com empresários da Confederação

Jornal do Comércio 2/8/91



Mandela quer ajuda do Brasil

Brizola recepciona líder negro

O líder negro sul-africano Nelson Mandela chegou ao Rio de Janeiro, ontem, acompanhado pela mulher, Winnie, e uma comitiva de 14 pessoas, para uma visita oficial de seis dias ao Brasil. Mandela inaugurou, à tarde, em Campo Grande, na Zona Oeste da cidade, um Centro Integrado de Educação Popular (Ciep) com seu nome. O Ciep Nelson Mandela, que atende a 480 crianças em regime integral, funciona há três anos.

O governador Leonel Brizola, que foi receber Mandela no aeroporto, disse que o líder sul-africano estava emocionado ao chegar ao Rio, cidade sobre a qual leu muito, nos anos em que passou na prisão. Mandela passou 27 anos e seis meses na prisão, por defender direitos iguais para negros e brancos em seu país.

Além de Brizola, foram receber Mandela os secretários estaduais de Trabalho e Ação Social, Carlos Alberto de Oliveira Caó, e da Defesa e Promoção das Populações Negras, Abdias do Nascimento. Nelson Mandela chegou ao Rio às 8h30min, procedente do México. Do aeroporto, o líder sul-africano seguiu direto para o Hotel Copacabana Palace. Ao meio-dia, participou de coquetel, no Palácio Guanabara, oferecido pelo governador Leonel Brizola, parlamentares e representantes do Movimento Negro do Rio. Em seguida, almoçou no Palácio das Laranjeiras.

O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, chegou às 12h50min ao Palácio Guanabara, para o seu primeiro compromisso oficial no Rio de Janeiro. Foi recebido pelo governador Leonel Brizola e por sua mulher, Dona Neuza, no Salão Verde do Palácio.

Na oportunidade o líder sul-africano conheceu o menino Nelson Mandela, de cinco anos, que vestia camisa com as cores do CNA — preto, vermelho, verde e amarelo — e mora em Niterói. Brizola apresentou a

do por ter desfilado em carro aberto com Brizola no dia de sua posse, 15 de março passado.

Sorridente e sempre ao lado de Winnie, Mandela conheceu diversas personalidades especialmente convidadas, entre elas o sociólogo Herbert de Souza, o governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares e o presidente da OAB/RJ, Sérgio Zweiter, que ofereceu ao presidente do CNA uma placa de bronze comemorativa de sua visita ao Rio de Janeiro.

O casal Mandela surpreendeu as faxineiras Vera Lúcia da Silva e Roseli de Oliveira Ferreira, que, munidas de balde e esfregão, foram convidadas para posar para fotos ao lado do casal.

“Senhoras e senhores, boa tarde”, com esta frase em bom português Nelson Mandela saudou os 200 convidados que compareceram a um coquetel em sua homenagem nos jardins do Palácio Guanabara, no Rio. Foi o primeiro discurso de um sorridente Mandela no Brasil. Ele disse que os sul-africanos vão usar o Brasil como um País-guia na luta pela construção de uma sociedade multirracial. Simpático com os anfitriões, o líder negro não deixou, no entanto, de reafirmar a luta pelo fim do *apartheid* em seu país.

Mandela foi saudado pelo governador do Estado do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, e pelo prefeito Marcello Alencar. Este entregou-lhe o título de cidadão honorário do município, outorgado pela Câmara dos Vereadores. Mandela exibiu o diploma de cima do palanque que dividia, entre outros, com sua mulher Winnie, Brizola e D. Neuza, Marcello Alencar, o vice-prefeito Roberto D’Ávila, o governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares, os secretários estaduais de Trabalho e Ação Social, Carlos Alberto de Oliveira, e de Assuntos da População Negra, Abdias Nascimento, e da sambista da Mangueira, D.

— em inglês — durou 15 minutos. Ele ressaltou as semelhanças entre a população brasileira e a sul-africana. Disse que os dois povos “viajaram o mesmo caminho”. No momento, afirmou, há diferença de estágios. Segundo Mandela, o povo brasileiro pode utilizar seus recursos para seu próprio desenvolvimento, o que não ocorre na África do Sul.

Mandela arrancou aplausos do seletor público, que o ouvia, diversas vezes. Entre elas quando agradeceu o apoio dado pelo Governo e povo brasileiros à luta pela sua libertação e de outros militantes anti-*apartheid*. Entre os convidados circulavam pelo Palácio Guanabara a deputada Benedita da Silva (PT-RJ), o bispo de Duque de Caixas, D. Mauro Morelli, o pianista Arthur Moreira Lima, o senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), o presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ênio Candotti, os atores Milton Gonçalves e Walmor Chagas, os secretários estaduais de Governo do Rio e deputados pedetistas.

O líder negro convidou ao palanque os membros de sua comitiva. Dez deles subiram e foram apresentados. Outros dois, seguranças, tiveram seus nomes citados e foram apontados por Mandela.

Ao saudar o líder Nelson Mandela, nos jardins do Palácio Guanabara, o governador Leonel Brizola, o definiu como “um homem superior”. Brizola disse que depois de passar 27 anos na prisão, Mandela ressurgiu para o mundo como um líder revigorado que, embora comprometido com “a paz e fraternidade, não abre mão nem um milímetro da luta pelos direitos civis de seu povo”. Segundo o governador, que recebeu Mandela e sua mulher, Winnie, para um almoço reservado no Palácio Laranjeiras, a principal tarefa do presidente do CNA é conduzir os negros sul-africanos pela comitiva

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, em seu primeiro dia de visita oficial ao Brasil, declarou que veio para pedir ao Governo brasileiro e ao seu povo apoio para a luta contra o *apartheid* na África do Sul. Em mensagem aos representantes da comunidade negra, no Golden Room do Copacabana Palace, Mandela disse que, durante 18 anos, tentou uma saída pacífica para seu País, mas o Governo usava a estratégia da paz quando, na verdade, existia um clima de guerra.

Mandela disse que se De Kleck não aceitar a solução de um Governo temporário e de transição, formado com representantes de todos os segmentos sociais da África do Sul, não haverá mais conversa. Daí ele estar visitando o Brasil e os países da América Latina em busca de apoio para a luta dos negros africanos. Os brancos sempre dominaram a África — frisou o presidente da CNA — pela propaganda falsa e o engodo.

Ao iniciar sua mensagem, Mandela pediu desculpa por não dar autógrafos e depois de falar saiu sem dar entrevista, quebrando acordo que os seus assessores fizeram com os assessores do governador Leonel Brizola. Inicialmente, a entrevista seria na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), às 16h30min. Mais tarde a programação foi mudada e a entrevista foi transferida para o Copacabana Palace, às 18h30min. Depois, ele se reuniria com os representantes da comunidade negra. Mandela e sua comitiva chegaram ao local da entrevista, às 19h. Fez a sua mensagem aos negros e se retirou, apressado, porque tinha outro encontro, no próprio hotel, com o presidente da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), senador Albano Franco, e empresários do Rio. A reunião com os empresários, que ele procurou manter sob sigilo, vazou e sua retirada abrupta do Golden Room — fugindo da imprensa —, segundo informações que circularam entre assessores e jornalistas, foi para não ter que dar

Honoris Causa, oferecido pela UERJ. Às 13h30min almoça com o governador Leonel Brizola no Palácio Laranjeiras. (Mais informações na página 2)

Movimentos negros vêm discriminação

O presidente do Instituto de Cultura Negra (Ipcn), Januário Garcia, disse que o Governo estadual discriminou os movimentos negros e a sociedade civil na organização da visita de Nelson Mandela ao Rio de Janeiro. O fato é que a agenda preparada pelo cerimonial do Palácio Guanabara foi modificada três vezes. A original previa uma verdadeira maratona de compromissos do líder negro, um exaustivo exercício que logo foi desaconselhado pelos representantes do Congresso Nacional Africano.

A entrevista coletiva que antes estava prevista para as 16h30min, na Associação Brasileira de

representantes do movimento negro no Rio de Ja-

liderança mundial antiracismo ao País coincide

CNA pede que não se burlem sanções

CIDADE DO MÉXICO — O Congresso Nacional Africano, através de um porta-voz da comitiva do líder Nelson Mandela, no México, advertiu ontem para "a pouco saudável prática" de burlar as sanções impostas à África do Sul através do tratado de livre comércio da América do Norte.

O porta-voz do CNA, Neo Mokinga, declarou ao jornal *El Financiero* que o México deve adotar medidas para evitar que, com o tratado de livre comércio, "alguns se sintam tentados a burlar as sanções impostas à África do Sul, mantendo relações comerciais com o regime racista de Pretória através dos Estados Unidos".

REUTER



Mandela no México

no de Pretória, acrescentan-

vulgar suas reivindicações.

Esse setor considera que depois de quase duas décadas de denúncias sobre as péssimas condições de sobrevivência oferecidas aos negros na sociedade brasileira, é hora de partir para linha de frente. Eles pretendem abandonar a posição da denúncia, que consideram um tanto defensiva, na qual correm sempre atrás do fato já cometido. O objetivo do segmento, que é oposição a atual diretoria do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN), é politizar o discurso.

Wilson Prudente, do IPCN, disse que o mito da democracia racial anestesiou a sociedade brasileira. Este seria um dos motivos da timidez com que se desenvolveu a campanha pela libertação de Mandela no País. "Basicamente, afirmou, só o movimento negro empenhou-se na causa".

A nova linha de ação proposta para o movimento negro deve ser debatida no 1º Encontro

Nelson Mandela

Álvaro Acioli

Nelson Mandela não é somente o símbolo da grande luta pela descolonização da África negra, que se conquistou nos anos sessenta, por intermédio de quatro lideranças importantes: Jomo Kenyatta, precursor da luta anticolonialista, chefe da tribo dos mau-mau, que venceu a resistência inglesa, libertando o Quênia; Kwame Nkrumah, o grande líder da libertação de Gana; Ahmed Ben Bella, o líder africano árabe, da revolução da Argélia; e Patrice Lumumba, o jovem mártir da libertação do Congo, cujo assassinato em 1961 acelerou o movimento de emancipação em todo o continente africano.

A França e a Inglaterra foram os primeiros colonizadores a se convencerem da irreversibilidade do processo de liberta-

ção, que já deu surgimento a mais de 30 nações africanas.

Infelizmente o exame da situação econômica desses novos estados africanos, principalmente as relações que tiveram de estabelecer com a economia internacional, ou mesmo com os antigos colonizadores, revela o caráter quase formal da independência que alcançaram, depois de muita luta e sacrifícios. Na grande maioria dos países, o poder de fato pertence à burguesia nacional, que na verdade continua representando o interesse das grandes potências.

A euforia da libertação acabou mais cedo nos países de melhor situação econômica, justamente pela permanência de grandes interesses dos colonizadores banidos. Rapidamente os novos governantes se viram envolvidos nas malhas do neocolo-

nialismo. Depois do esforço pela afirmação nacional, as grandes massas passaram a enfrentar a luta maior pela afirmação social.

Preocupados em modernizar os seus exércitos, muitos desses Estados se envolveram na corrida armamentista. Fizeram acordos militares com as grandes potências, principalmente com a Rússia e os Estados Unidos. E esse fato levou ao consumo de reservas estratégicas, debilitando excessivamente a economia dos países "ajudados". E também facilitou o desendramento de golpes militares, com todas as conseqüências que os brasileiros e latino-americanos conhecem tão bem.

A luta de Nelson Mandela é principalmente contra o colonialismo interno, que usa o ra-

cismo como a sua arma mais poderosa. E ele sabe que as medidas de abertura racial do novo governo de seu país mostram muito mais sabedoria política do que enfraquecimento da tese criminosa. O grande líder percebeu que tem de mostrar ao mundo que muito pouco mudou, de fato, em seu país. E que a pressão internacional contra o racismo praticado pelo governo da África do Sul não pode abrandar.

Mas pela obstinação com que tem defendido os seus ideais, Nelson Mandela acabou por tornar-se o símbolo moderno contra todos os racismos que ainda são praticados no mundo.

Esperamos que a sua visita alcance a repercussão internacional que ele tanto procura e produza a repercussão nacional, de que nós tanto precisamos.

LUX JORNAL

TRIBUNA DA IMPRENSA
RIO DE JANEIRO-RJ

02 AGO 1991

Mandela tem o Brasil como um exemplo de integração racial

Rio (AG) — Sem saber das críticas feitas pelo movimento negro, que acusou os organizadores da visita de Nelson Mandela ao Brasil — além do Itamaraty, os governos dos Estados por onde passará com sua comitiva — de alijar os negros e outros representantes da sociedade civil do contato com o líder negro sul-africano, Mandela anunciou ontem à tarde, durante coquetel oferecido pelo governador Leonel Brizola nos jardins do Palácio Guanabara, sua intenção de usar o país como exemplo do desenvolvimento entre raças que espera alcançar na África do Sul.

— Quando vejo seus rostos tenho a sensação de estar em casa, porque a mistura da população é como a nossa. E nós damos as boas vindas a esse fato, porque a miscigenação enriquece o país. Apesar das raças diferentes, somos um só povo. Mas vocês já estão mais adiantados na construção de uma sociedade multi-racial. E

é por isso que vamos usar seu país como guia para podermos alcançar esse desenvolvimento na África do Sul — disse Mandela, do alto de um pequeno palanque armado no jardim de inverno, em seu discurso para 400 convidados.

Antes de fazer seus comentários sobre a viagem, surpreendeu os convidados de diferentes segmentos da sociedade civil ao pronunciar algumas palavras em português:

“Senhoras e senhores, boa tarde”, disse em um português decorado e arrastado.

Mandela fez questão de apresentar todos os integrantes de sua comitiva, a começar por sua mulher Winnie. Ela foi o centro das atenções das mulheres convidadas, que gritaram seu nome antes que deixasse o palanque, pedindo um aperto de mão.

Ao lado de Mandela no palanque, o prefeito Marcello Alencar e o governador Leonel Brizola também não pouparam

elogios ao líder sul-africano. Antes de Mandela discursar, Marcello concedeu-lhe o título de cidadão honorário da cidade.

O governador Leonel Brizola disse que a presença de Mandela será importante para que o povo “abra uma janela em sua cabeça para mudar muita coisa”. Ele afirmou ainda que se dependesse do Brasil, o regime do Apartheid já estaria acabando completamente.

Antes da chegada de Mandela, Januário Garcia, presidente do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), disse que o governo do Estado como um todo — não somente os secretários negros Carlos Alberto de Oliveira (Trabalho) e Abdias Nascimento (Defesa e Promoção do Negro) — discriminou as entidades negras e outras da sociedade civil na organização da visita de Mandela ao Rio.

“Beijoqueiro” provocou tumultos

Rio (AG) — Ao som de cânticos africanos, protegido por seguranças pelo lado direito para proibir a aproximação de José Alves de Moura, o “Beijoqueiro”, e pelo lado esquerdo para conter a excitação de Sérgio de Jesus, candidato a vereador nas últimas eleições, que queria abraçá-lo, o líder sul-africano Nelson Mandela desembarcou ontem, às 8h30m, enfrentando tumulto no Aeroporto Internacional do Galeão.

Acompanhado da esposa Winnie, do governador Leonel Brizola, do secretário Abdias do Nascimento e de sua comitiva, Mandela saiu pelo setor C de embarque do aeroporto — em vez do setor B de desembarque, como os outros passageiros do voo da American Airlines — para evitar tumulto na sua saída. A estratégia, no entanto, não deu resultado: Mandela e a mulher Winnie foram empurrados desde

que deixaram o setor C até a saída do aeroporto. O tumulto era provocado basicamente pelo Beijoqueiro e Sérgio de Jesus, que tentavam de qualquer jeito se aproximar do líder sul-africano.

O “Beijoqueiro” chegou a se jogar várias vezes no chão para burlar a segurança da Polícia Federal. Sérgio de Jesus, mesmo com as cotoveladas que recebia dos seguranças, tentou furar o cerco.

As mulheres pertencentes à Associação de Pesquisa da Cultura Afro-brasileira o receberam com faixas com os dizeres “Mulheres pela paz”. Elas entregaram um documento à comitiva de Mandela, relatando a situação do negro no Brasil, a sua contribuição para a cultura do país, a esterelização de mulheres e o extermínio de crianças. O documento vai ser lido em todas as visitas de Mandela a outros países.

Ao chegar no estacionamento do setor de embarque do aeroporto, Mandela ainda teve que esperar para entrar no carro. O Opala oficial estava do outro lado da pista. O governador Brizola então pediu para o casal entrar em seu carro. Winnie, que segurava um chapéu mexicano, olhou firme para a multidão que gritava o seu nome, levantou a mão com o punho fechado e sorriu, sendo aplaudida demoradamente.

A comitiva só demorou a sair porque o governador Leonel Brizola não conseguia entrar no outro carro, já que o “Beijoqueiro” queria agarrá-lo. Brizola, já dentro do carro, mandou que os seguranças o largassem, permitindo assim que a comitiva pudesse, enfim, se deslocar até o Hotel Copacabana Palace, onde o casal Mandela está hospedado.

Mandela tem o Brasil como um exemplo de integração racial

Rio (AG) — Sem saber das críticas feitas pelo movimento negro, que acusou os organizadores da visita de Nelson Mandela ao Brasil — além do Itamaraty, os governos dos Estados por onde passará com sua comitiva — de alijar os negros e outros representantes da sociedade civil do contato com o líder negro sul-africano, Mandela anunciou ontem à tarde, durante coquetel oferecido pelo governador Leonel Brizola nos jardins do Palácio Guanabara, sua intenção de usar o país como exemplo do desenvolvimento entre raças que espera alcançar na África do Sul.

— Quando vejo seus rostos tenho a sensação de estar em casa, porque a mistura da população é como a nossa. E nós damos as boas vindas a esse fato, porque a miscigenação enriquece o país. Apesar das raças diferentes, somos um só povo. Mas vocês já estão mais adiantados na construção de uma sociedade multi-racial. E

é por isso que vamos usar seu país como guia para podermos alcançar esse desenvolvimento na África do Sul — disse Mandela, do alto de um pequeno palanque armado no jardim de inverno, em seu discurso para 400 convidados.

Antes de fazer seus comentários sobre a viagem, surpreendeu os convidados de diferentes segmentos da sociedade civil ao pronunciar algumas palavras em português:

“Senhoras e senhores, boa tarde”, disse em um português decorado e arrastado.

Mandela fez questão de apresentar todos os integrantes de sua comitiva, a começar por sua mulher Winnie. Ela foi o centro das atenções das mulheres convidadas, que gritaram seu nome antes que deixasse o palanque, pedindo um aperto de mão.

Ao lado de Mandela no palanque, o prefeito Marcello Alencar e o governador Leonel Brizola também não pouparam

elogios ao líder sul-africano. Antes de Mandela discursar, Marcello concedeu-lhe o título de cidadão honorário da cidade.

O governador Leonel Brizola disse que a presença de Mandela será importante para que o povo “abra uma janela em sua cabeça para mudar muita coisa”. Ele afirmou ainda que se dependesse do Brasil, o regime do Apartheid já estaria acabado completamente.

Antes da chegada de Mandela, Januário Garcia, presidente do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), disse que o governo do Estado como um todo — não somente os secretários negros Carlos Alberto de Oliveira (Trabalho) e Abdias Nascimento (Defesa e Promoção do Negro) — discriminou as entidades negras e outras da sociedade civil na organização da visita de Mandela ao Rio.

“Beijoqueiro” provocou tumultos

Rio (AG) — Ao som de cânticos africanos, protegido por seguranças pelo lado direito para proibir a aproximação de José Alves de Moura, o “Beijoqueiro”, e pelo lado esquerdo para conter a excitação de Sérgio de Jesus, candidato a vereador nas últimas eleições, que queria abraçá-lo, o líder sul-africano Nelson Mandela desembarcou ontem, às 8h30m, enfrentando tumulto no Aeroporto Internacional do Galeão.

Acompanhado da esposa Winnie, do governador Leonel Brizola, do secretário Abdias do Nascimento e de sua comitiva, Mandela saiu pelo setor C de embarque do aeroporto — em vez do setor B de desembarque, como os outros passageiros do voo da American Airlines — para evitar tumulto na sua saída. A estratégia, no entanto, não deu resultado: Mandela e a mulher Winnie foram empurrados desde

que deixaram o setor C até a saída do aeroporto. O tumulto era provocado basicamente pelo Beijoqueiro e Sérgio de Jesus, que tentavam de qualquer jeito se aproximar do líder sul-africano.

O “Beijoqueiro” chegou a se jogar várias vezes no chão para burlar a segurança da Polícia Federal. Sérgio de Jesus, mesmo com as cotoveladas que recebia dos seguranças, tentou furar o cerco.

As mulheres pertencentes à Associação de Pesquisa da Cultura Afro-brasileira o receberam com faixas com os dizeres “Mulheres pela paz”. Elas entregaram um documento à comitiva de Mandela, relatando a situação do negro no Brasil, a sua contribuição para a cultura do país, a esterelização de mulheres e o extermínio de crianças. O documento vai ser lido em todas as visitas de Mandela a outros países.

Ao chegar no estacionamento do setor de embarque do aeroporto, Mandela ainda teve que esperar para entrar no carro. O Opala oficial estava do outro lado da pista. O governador Brizola então pediu para o casal entrar em seu carro. Winnie, que segurava um chapéu mexicano, olhou firme para a multidão que gritava o seu nome, levantou a mão com o punho fechado e sorriu, sendo aplaudida demoradamente.

A comitiva só demorou a sair porque o governador Leonel Brizola não conseguia entrar no outro carro, já que o “Beijoqueiro” queria agarrá-lo. Brizola, já dentro do carro, mandou que os seguranças o largassem, permitindo assim que a comitiva pudesse, enfim, se deslocar até o Hotel Copacabana Palace, onde o casal Mandela está hospedado.

Negros desunidos

Entre os movimentos negros, a desunião foi total. Só existiu consenso dentro do Comitê Popular Pró-Mandela, formado por membros da Famerj, grupos de mulheres negras, associações de funcionários e outros órgãos. E a opinião foi geral - a visita de Nelson Mandela não passou de uma grande festa oficial, onde a população não teve espaço para colocar os seus problemas e discutir soluções.

Adélia Azevedo, do Comitê Popular e líder do Movimento de Mulheres Negras, afirmou que o povo "ficou de fora no baile" a acusou todas as pessoas envolvidas na organização da visita, inclusive militantes negros, de oportunismo. "Não podemos acusar apenas uma pessoa, mas todos os que conduziram o processo de uma maneira arbitrária, fazendo os negros de palhaços e, mais uma vez, usando a comunidade como um boneco".

A deputada Federal pelo PT, Benedita da Silva, responsabilizou o governo fluminense pelo pouco espaço que o movimento negro teve na agenda de Mandela. "Vivemos um mito de democracia racial, mas aqui existe o *apathid*", afirmou ela, acrescentando que a recepção a Mandela não ficou à altura do que ele representa e teve pouca divulgação.

Essa opinião é compartilhada



Benedita: apartheid moreno

da por Maria Helena Fuzer, presidente do Sindicato dos Publicitários do Rio de Janeiro, que ressaltou que, na Baixada Fluminense, por exemplo, as associações de moradores e entidades não foram informadas sobre a agenda de Mandela e se haveria um espaço para encontro com o líder de Mandela dizendo que um

munidades.

Januário Garcia, presidente do Instituto de Pesquisas de Culturas Negras, acusou o governo do Estado de discriminar os movimentos negros. Já o governador Leonel Brizola, explicou a "falta de tempo"

• Os negros foram mais uma vez usados como simples palhaços, como bonecos. Ficamos de novo do lado de fora do baile, sem direito a participar'.

Adélia Azevedo

programa muito intenso poderia sacrificar o líder, que tem 73 anos. "Temos que colaborar para que ele se conserve assim forte, cheio de saúde e vigor mental. Uma grande tarefa espera o casal Mandela, que é a de conduzir o seu povo a posse de sua terra, dos bens que são frutos do trabalho", disse o governador durante a visita ao Ciep.

tantos negros...
mo. "Não podemos acusar
apenas uma pessoa, mas to-
d o s q u e

conduziram o
processo de
uma maneira
arbitrária,
fazendo os
negros de pa-
lhaços e,
mais uma
vez, usando a
comunidade
como um bo-
neco".

A deputa-
da Federal
pelo PT, Be-
nedita da Sil-
va, respon-
sabilizou o

governo fluminense pelo pou-
co espaço que o movimento
negro teve na agenda de Man-
dela. "Vivemos um mito de
democracia racial, mas aqui
existe o *apatheid*", afirmou
ela, acrescentando que a re-
cepção a Mandela não ficou à
altura do que ele representa e
teve pouca divulgação.

Essa opinião é compartilha-

Mandela e se haveria um es-
paço para encontro com co-
de Mandela dizendo que um
comunidades.

**• Os negros foram
mais uma vez
usados como
simples palhaços,
como bonecos.
Ficamos de novo
do lado de
fora do baile,
sem direito
a participar'.**

Adélia Azevedo

Januário
Garcia, presi-
dente do Ins-
tituto de Pes-
quisas de
Culturas Ne-
gras, acusou
o governo do
Estado de
discriminar
os movimen-
tos negros.
Já o governa-
dor Leonel
Brizola, ex-
plicou a "falta
de tempo"

programa muito intenso po-
deria sacrificar o líder, que
tem 73 anos. "Temos que co-
laborar para que ele se con-
serve assim forte, cheio de
saúde e vigor mental. Uma
grande tarefa espera o casal
Mandela, que é a de conduzir
o seu povo a posse de sua ter-
ra, dos bens que são frutos do
trabalho", disse o governador
durante a visita ao Ciep.

Africa do Sul

Aquele mesmo homem que amargou, durante longos anos, a pena das prisões sul-africanas está sendo hoje festejado no Brasil. A visita de Nelson Mandela não inclui, infelizmente, o Estado de Minas Gerais, onde a presença e a contribuição de segmentos de ascendência africana enriquecem o patrimônio humano da gente mineira. Mas Nelson Mandela vem ao País, está entre nós, e sua viagem serve para aprofundar os laços que ligam os brasileiros à luta pelo fim do "apartheid" na África do Sul e em favor da plenitude dos direitos fundamentais humanos naquele continente, em que tem generosas raízes a formação sócio-cultural do Brasil.

A política externa de Brasília não tem faltado a esses compromissos que emergem da consciência da sociedade. O País logo alinhou-se junto à grande maioria que se dispôs a oferecer embargos ao governo de Pretoria, enfatizando-lhe o anseio do concerto das nações quanto ao fim de um regime discriminatório singularmente aviltante. É natural, assim, que Nelson Mandela tenha incluído o Brasil em seu roteiro de viagens pelo mundo, em busca do intercâmbio que ensejará a plena transformação da África do Sul.

A história da europeização do rico território que os portugueses haviam sido os primeiros a alcançar, com a viagem histórica de Vasco da Gama, engendrou um país de terrí-

veis contradições: trata-se de uma economia rica, dotada de sensíveis avanços tecnológicos nos mais diversos setores, mas mergulhada na tragédia do preconceito racial. Um país do Primeiro Mundo incrustou-se na extremidade da África e ali combate tribos e nações do Terceiro Mundo — ou seriam de um mundo já desaparecido do referencial contemporâneo? — como se pudessem coexistir em luta permanente, em contínuo e obstinado desentendimento.

Em verdade, não há como um lado sobrepujar o outro, e a integração aparece como a saída viável para que a maioria negra, marginalizada e oprimida, possa conquistar todos os seus direitos sem perder o potencial que o país adquiriu através do regime racista, acumulando riquezas às quais os deserdados do "apartheid" devem ter acesso. A questão fundamental reside na inserção da grande população negra em sistema que a reconhece, ainda, apenas como força servil, incapaz de assumir a exuberância de uma economia primeiro-mundista sem liquidá-la ao som de batuques primitivos.

A figura de Nelson Mandela encarna, essencialmente, mais que a resistência política, o empenho do negro sul-africano em mostrar-se pronto para o desempenho de qualquer função. De prisioneiro a estadista, de excluído a partícipe de uma vida melhor para todos.

GAZETA MERCANTIL
SÃO PAULO-SP

2AG01991

Brasil x África do Sul

250

(Balança comercial –
em US\$ milhões)

200

Importação

150

Exportação

100

50

0

81

83

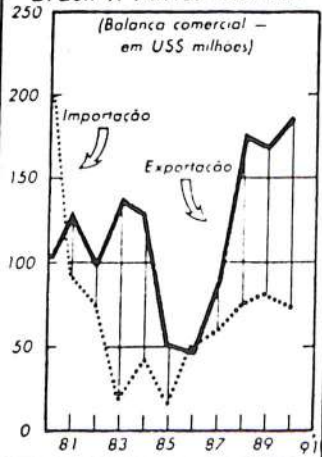
85

87

89

91

Brasil x África do Sul



Fonte: Dados: Cetes e Centro de Informações do Comércio
Mercantil
* Não disponível

leiras para a África do Sul

a África do Sul. Segundo ele, a influência daquele país na região da África austral é muito forte e a África do Sul é a porta de entrada para a abertura de novos mercados.

Já o cônsul diz que uma das vantagens do intercâmbio comercial com o Brasil é a distância entre os dois países, situados no Hemisfério Sul. "Muitas vezes, o Brasil busca produtos nos Estados Unidos e na Europa que, caso fossem adquiridos na África do Sul sairiam mais baratos em função do frete e do próprio custo de produção", diz ele. Em sua opinião, um dos fatores que impede um intercâmbio maior entre os dois países é

o desconhecimento sobre o potencial das trocas por parte dos próprios empresários.

Os investimentos da África do Sul no Brasil estão na faixa de US\$ 50 milhões e US\$ 60 milhões e concentrados em três grandes empresas com atividade no setor de mineração. Não há conhecimento, entretanto, de investimentos brasileiros naquele país, embora exista predisposição da parte de empresários nacionais em formar "joint ventures" com os sul-africanos na área de mineração, uma vez que dispõem de tecnologia muito avançada nessa área, ressalta o presidente da Câmara de Comércio.

Nelson Mandela defende instalação imediata de governo de transição

por Cezar Faccioli
do Rio

A visita de Nelson Mandela ao Brasil, parte de sua viagem pelo mundo iniciada em 19 de julho, tem por objetivo obter apoio do governo e do povo brasileiros para as recentes decisões políticas do Congresso Nacional Africano (CNA), que marcam uma virada na estratégia de negociação com o regime do apartheid. Em um rápido pronunciamento a lideranças negras, autoridades estaduais e à imprensa, Mandela defendeu a constituição imediata de um governo de transição, composto de todas as forças políticas do País.

O presidente do CNA advertiu o presidente Frederic Willem de Klerk, do Partido Nacional, sobre o risco de retrocesso nas negociações, que já duram dezoito meses, contados desde a libertação de Mandela. "Se De Klerk não estiver preparado para aceitar nossas reivindicações, não haverá mais diálogo entre nós." Outra exigência listada, além da formação de um governo de transição, foi a eleição imediata de um congresso pluripartidário, pela fórmula do sufrágio universal (cada pessoa, independente da raça, um voto).

As advertências de Mandela coincidem com as informações de que a direção do CNA, em Joannesburgo, está pedindo a renúncia de De Klerk, por considerá-lo indigno de confiança, depois da revelação de que o governo destinou US\$ 300 mil para o Movimento Nacional Inkata, de maioria zulu e em permanente conflito com o CNA, multiétnico, mas de grande influência xhosa (tribo de Mandela). "Em toda a sua história, o governo da minoria branca se sustentou pela repressão, pelas intrigas e pela propaganda. Mas, desde que iniciamos as negociações há dezoito meses, esperávamos que os brancos aprendessem a agir honradamente, cumprindo os compromissos e respeitando os esforços conjuntos com o CNA para levar à confiança entre brancos e negros e à criação de uma atmosfera de paz no País", avaliou Mandela.

Depois do pronunciamento, estava prevista uma entrevista de Mandela, cancelada, sem explicações. O presidente do CNA reuniu-se então, a portas fecha-



Nelson Mandela

das, com uma delegação da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ainda no aeroporto do Galeão, pela manhã, Ralph Peterson, da direção do CNA e da segurança pessoal de Mandela, informou que a busca de recursos financeiros para possíveis futuras campanhas eleitorais era um dos objetivos da visita.

Os contatos com empresários devem prosseguir hoje em São Paulo, mas não devem se limitar a pedidos de recursos. Uma preocupação importante do CNA é o crescente levantamento das sanções políticas, culturais e econômicas contra o governo sul-africano, para o partido a origem da revisão promovida por De Klerk.

Tradicionalmente alinhado com teses terceiro-mundistas nos foros internacionais como a ONU e a Unesco, e ao mesmo tempo um país de grande dinamismo comercial, o Brasil é encarado como um parceiro potencial para a permanência do bloqueio comercial ou, em contrapartida, uma brecha relevante caso decida retomar o comércio com a África do Sul. (ver matéria ao lado). Os contatos com os governadores do Rio, Leonel Brizola, de Pernambuco, Joaquim Francisco, do Rio Grande do Sul, Alceu Collares, realizados ontem, e o encontro previsto com o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, visam conseguir aliados no esforço de convencer o presidente Fernando Collor e o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, da viabilidade e da necessidade de manter o bloqueio, agora associado à exigência de um governo de transição multipartidário e um congresso multirracial, para pôr fim ao apartheid.

Brasília, sexta-feira, 2 de agosto de 1991

Mandela, no Rio, faz ultimato a De Klerk

Da Sucursal

Rio — O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, o partido da maioria negra da África do Sul, lançou ontem do Brasil um ultimato ao governo de minoria branca daquele país. Mandela exigiu do presidente sul-africano Frederik De Klerk renúncia de seu gabinete e a instalação imediata de um governo interino com a participação de todas as organizações e forças políticas do país.

As afirmações de Mandela foram feitas no Golden Room do Copacabana Palace no início da noite. Mandela fez uma declaração de cinco minutos, sob a tensão das últimas informações recebidas via telefone do seu país. O governo sul-africano acabou assumindo que financiava o Inkatha, o partido negro adversário do Congresso Nacional Africano, com objetivo de enfraquecer Mandela.

O líder negro disse que se a exigência do CNA (instalação de um governo interino para a transição do governo do apartheid para uma democracia não-racista

no país) não for atendida, todo o processo de negociação será interrompido. Com palavras duras, Mandela acusou o Partido Nacional de De Klerk, e o próprio líder da minoria branca de responder com repressão, intriga e conspiração a seriedade com que o seu partido, o CNA, estava desenvolvendo as negociações. De acordo com Mandela, as negociações, eles nos respondem com a mentira e negociações políticas. A proposta de paz do CNA, o governo de De Klerk estaria respondendo com uma política que visa a repressão e uma guerra.

Presente ao coquetel, a deputada federal, Benedita da Silva (PT), — criticou o programa oficial da visita do líder negro, por não dar espaço para a mulher de Mandela, Winnie Mandela, participar também nos eventos paralelos.

O bispo de Duque de Caxias, dom Mauro Morelli, reconheceu que faltou tempo para Mandela visitar o "verdadeiro" Brasil, mas acredita que "a visita deixou em aberto uma lacuna importante que é a visita à Baixada Fluminense".

CNA quer novo governo na África do Sul

Johannesburgo — O movimento negro Congresso Nacional Africano (CNA) afirmou ontem que o governo está boicotando as conversações sobre uma nova constituição e pediu a renúncia de seus membros para dar lugar a um governo interino. Embora o CNA tenha feito esse pedido anteriormente, dirigentes do grupo declararam que as recentes denúncias sobre o envio de verbas secretas do governo ao Partido Liberdade Inkhata, rival do CNA, dão assuas exigências um caráter de urgência.

Em entrevista à imprensa, a liderança do CNA indicou que vai entrar em contato com Inkhata para pôr fim à violência política entre as duas organizações. "O único caminho a seguir é criar uma autoridade de transição... encarregada de preparar para nosso país uma constituição democrática", diz o texto de uma nota emitida pelo CNA, divulgada depois de uma reunião do comitê executivo do movimento.

■ Nelson Mandela

Não há dúvida que Nelson Mandela receberá merecidas manifestações de simpatia e aplauso por parte do povo brasileiro, durante a visita que faz ao Brasil. Ele ficará satisfeito em ouvir de autoridades brasileiras que o Governo não pensa (pelo menos por enquanto) em suspender as sanções comerciais à África do Sul. Mas levará uma certa frustração ao regressar ao seu país porque os fundos arrecadados pelos organizadores de sua visita não são assim tão grandes para ajudar nas atividades de seu partido, o CNA.

País vira guia contra *apartheid*

Rio — “Senhoras e senhores, boa tarde”, com esta frase em bom português o líder negro da África do Sul, Nelson Mandela, saudou os 200 convidados que compareceram a um coquetel em sua homenagem nos Jardins do Palácio Guanabara, no Rio. Foi o primeiro discurso de um sorridente Mandela no Brasil. Ele disse que os sul-africanos vão usar o Brasil como um País-guia na luta pela construção de uma sociedade multirracial. Simpático com os anfitriões, o líder negro não deixou, no entanto, de reafirmar a luta pelo fim do *apartheid* em seu país.

Mandela foi saudado pelo governador do Rio, Leonel Brizola, e pelo prefeito Marcello Alencar. Este entregou-lhe o título de Cidadão Honorário do município, outorgado pela Câmara dos Vereadores. Mandela exibiu o diploma de cima do palanque que dividia, entre outros, com sua mulher Winnie, Brizola e dona Neu-

za, Marcelo Alencar; o vice-prefeito Roberto D'Ávila; o governador do Rio Grande do Sul, Alceu Collares; os secretários estaduais de Trabalho e Ação Social, Carlos Alberto de Oliveira e de Assuntos da População Negra, Abdias Nascimento (ambos são negros) e da sambista da mangueira, dona Zica.

Ao saudar o líder Nelson Mandela nos jardins do Palácio Guanabara, o governador Leonel Brizola, o definiu como “um homem superior”. Brizola disse que depois de passar anos na prisão, Mandela ressurgiu para o mundo como um líder revigorado que embora comprometido com “a paz e fraternidade”, não abre mão nenhum milímetro da luta pelos direitos civis de seu povo”. Segundo o governador do Rio, que recebeu Mandela e sua mulher, Winnie, para um almoço reservado no Palácio Laranjeiras, a principal tarefa do presidente da CNA é conduzir os negros sul-a-

fricanos pelo caminho de liberdade.

O discurso de Mandela — em inglês — durou 15 minutos. Ele ressaltou as semelhanças entre a população brasileira e a sul-africana. Disse que os dois povos “viajaram o mesmo caminho”. No momento, afirmou, há diferença de estágios. Segundo Mandela, o povo brasileiro pode utilizar seus recursos para seu próprio desenvolvimento, o que não ocorre na África do Sul. Ele lembrou que lá ainda há luta para estabelecer o sistema eleitoral em que cada pessoa tenha direito a um voto.

Mandela arrancou aplausos do seletor público que o ouviu diversas vezes. Entre elas quando agradeceu o apoio dado pelo Governo Federal e pelo povo brasileiro à luta pela sua libertação e de outros militantes anti-*apartheid*. Mandela afirmou que os brasileiros admiram, respeitam e amam o povo africano.

Rio — Sem saber das críticas feitas pelo movimento negro, que acusou os organizadores da visita de Nelson Mandela ao Brasil — além do Itamaraty, os governos dos estados por onde passará com sua comitiva — de alijar os negros e outros representantes da sociedade civil do contato com o líder negro sul-africano, Mandela anunciou ontem à tarde, durante coquetel oferecido pelo governador Leonel Brizola nos jardins do Palácio Guanabara, sua intenção de usar o país como exemplo do desenvolvimento entre raças que espera alcançar na África do Sul.

— Quando vejo seus rostos tenho a sensação de estar em casa, porque a mistura da população é como a nossa. E nós damos as boas-vindas a esse fato, porque a miscigenação enrique-

ce o país. Apesar das raças diferentes, somos um só povo. Mas vocês já estão mais adiantados na construção de uma sociedade multi-racial. E é por isso que vamos usar seu país como guia para podermos alcançar esse desenvolvimento na África do Sul — disse Mandela, do alto de um pequeno palanque armado no jardim de inverno, em seu discurso para 400 convidados.

Antes de fazer seus comentários sobre a viagem, surpreendeu os convidados de diferentes segmentos da sociedade civil ao pronunciar algumas palavras em português.

Recepção

“Senhoras e senhores, boa tarde”, disse em um português decorado e arrastado.

Mandela fez questão de apresentar todos os integrantes de sua comitiva, a começar por sua mulher Winnie. Ela foi o centro das atenções das mulheres convidadas, que gritaram seu nome antes que deixasse o palanque, pedindo um aperto de mão.

Ao lado de Mandela no palanque, o prefeito Marcello Alencar e o governador Leonel Brizola também não pouparam elogios ao líder sul-africano. Antes de Mandela discursar, Marcello concedeu-lhe o título de Cidadão Honorário da cidade.

O governador Leonel Brizola disse que a presença de Mandela será importante para que o povo “abra uma janela em sua cabeça para mudar muita coisa”. Ele afirmou ainda que se dependesse do Brasil, o regime do Apartheid já estaria acabado completamente.

Mandela chega amanhã e será

homenageado domingo

O líder sul-africano Nelson Mandela chega amanhã a Vitória, onde permanecerá até segunda-feira. O maior evento organizado pelo Governo do Estado em homenagem a Mandela e sua mulher Winnie ocorrerá no estádio da Desportiva Ferroviária, a partir das 13 horas de domingo, quando se apresentarão grupos folclóricos locais, artistas capixabas e de projeção nacional.

Ontem, o Cerimonial do Palácio Anchieta divulgou a programação oficial da visita do líder sul-africano. Quando desembarcar no aeroporto de Goiabeiras, às 20h30m de amanhã, ele será recebido na pista pelo governador Albuíno Azeredo, e a primeira-dama Waldicéia. Em seguida, na sala VIP, será recepcionado pelas seguintes autoridades convidadas: o prefeito de Vitória, Vítor Buaziz; o reitor da Universidade Federal do Espírito Santo, Rômulo Augusto Penina; deputados estaduais e federais, senadores e os presidentes da Assembléia Legislativa e do Tribunal de Justiça, Valci Ferreira e Osly Ferreira, respectivamente.

Carreata

Até chegar ao Palácio Anchieta, onde deve ficar apenas meia hora, Mandela será acompanhado por uma carreata. No salão do povo, ele, primeiro, descerra uma placa comemorativa em sua homenagem, com os seguintes dizeres: "O Governo do Estado do Espírito Santo registra, com orgulho, a visita de Sua Excelência, o presidente do Congresso Nacional Africano, doutor Nelson Mandela, pela sua luta contra o apartheid".

Ainda no salão do povo, ele receberá o título de Professor Honoris Causa concedido pela Ufes, uma comenda do centenário do município de Cariacica oferecida pela Prefeitura, e o título de cidadão vitoricense, pela Prefeitura de Vitória. A entrega da comenda Jerônimo Monteriano Grau Grande Cruz, conferida pelo Governo, não será feita mais no Palácio, mas sim durante o evento programado para

Praia da Costa, onde janta com o governador. Só hoje o cardápio será definido, segundo informou ontem o Cerimonial do Governo. Um dos pratos a ser servido, porém, é a moqueca capixaba.

Domingo

Para que o líder sul-africano possa descansar, ele já tem 73 anos, durante todo o dia de domingo, até o momento em que irá para a Desportiva, não há programação organizada. Se ele quiser, haverá um encontro com empresários capixabas do setor de mineração e outros setores de interesse sul-africano.

Desde as 13 horas, no estádio, estarão se apresentando nove grupos folclóricos do Estado, entre esses o Ticumbi, de Conceição da Barra, Boi-Pintadinho e a Banda de Congo da Serra. Para esses grupos está prevista a armação de tablados.

Somente às 17h30min o líder sul-africano fará um rápido pronunciamento, iniciando, em seguida, os shows dos artistas capixabas e de outros Estados. Os cantores a se apresentarem são: Alcione, Ninguinho da Beija-Flor, Sandra de Sá, Piratas do Asfalto, Carlos Pappel, Lula, Chico Lessa e Amantes do Pagode.

Durante o ato público em Jardim América, também a mulher de Mandela, Winnie, será homenageada por crianças órfãs, que entregarão flores e presentes. Ainda não está definido quantas crianças são, nem de quais orfanatos representados.

Ontem à tarde, o palco, com 216 metros de extensão três metros de altura, já estava montado, assim como a passarela onde ficarão as autoridades. As torres de luz e som também já começaram a ser armadas e a previsão é de que, às 10 horas de amanhã, todos os trabalhos estarão concluídos. O palco será coberto por chapas galvanizadas. A empresa responsável pela luz e som, Galerani Júnior, divulgou que serão instalados 150 mil watts de iluminação e 40 mil watts de som.

Como o público será acomoda-

judicar o evento. Ontem, devido à chuva que caiu na quarta-feira, o gramado estava com muita lama e escorregadio.

Despedida

Após o evento, Nelson Mandela, sua mulher e comitiva vão novamente para a residência oficial na Praia da Costa, onde haverá um jantar para 20 pessoas — presidente de partidos políticos, representantes de entidades civis, do Executivo, Legislativo e Judiciário. Na segunda-feira, ele deixa Vitória, às 8h45m, no aeroporto.

Com o objetivo de lotar o estádio, com capacidade para 20 mil pessoas, desde hoje o Governo do Estado veiculará nos canais de televisão um vídeo onde são narrados alguns aspectos da vida do líder sul-africano, como sua prisão durante 27 anos, o apoio que recebe de artistas internacionais e a realidade da África do Sul. Um outro vídeo fornecerá as informações sobre o show de domingo.

Também o Departamento de Articulação Municipal da Casa Civil do Governo está contactando as prefeituras do interior para que sejam formadas caravanas. A Superintendência de Comunicação Social informou que devem vir dos municípios do interior cerca de 20 ônibus.

Já o Centro de Estudos da Cultura Negra do Estado do Espírito Santo (Cecun) divulgou que, dentro das homenagens a serem prestadas a Mandela, a entidade concederá o título "Cidadão Zumbi dos Palmares" e o documento sobre a "História do Negro no Brasil e na África" a Winnie Mandela.

■ A versão de que a Companhia Vale do Rio Doce estaria bancando os custos relativos à visita do líder negro Nelson Mandela ao Espírito Santo, no valor de Cr\$ 40 milhões, não corresponde à realidade. A CVRD apóia a iniciativa, a pedido do Governo do Estado, mas não assumiu tal responsabilidade, conforme publicado

JORNAL DA TARDE

2-8-91

Mandela no Rio.

Emoção supera o cansaço.

Mandela destaca a integração racial no Brasil

RIO - Sem saber das críticas feitas pelo Movimento Negro, que acusou os organizadores da visita de Nelson Mandela ao Brasil - além do Itamaraty, os governos dos estados por onde passará com sua comitiva - de alijar os negros e outros representantes da sociedade civil do contato com o líder negro sul-africano, Mandela anunciou ontem a tarde, durante coquetel oferecido pelo governador Leonel Brizola nos jardins do Palácio Guanabara, sua intenção de usar o país como exemplo do desenvolvimento entre raças que espera alcançar na África do Sul.

Quando vejo seus rostos tenho a sensação de estar em casa, porque a mistura da população é como a nossa. E nós damos as boas-vindas a esse fato, porque a miscigenação enriquece o país. Apesar das raças diferentes, somos um só povo. Mas vocês já estão mais adiantados na constru-

ção de uma sociedade multi-racial. E é por isso que vamos usar seu país como guia para podermos alcançar esse desenvolvimento na África do Sul - disse Mandela, do alto de um pequeno palanque armado no jardim de inverno, em seu discurso para 400 convidados.

Antes de fazer seus comentários sobre a viagem, surpreendeu os convidados de diferentes segmentos da sociedade civil ao pronunciar algumas palavras em português:

"Senhores e senhores, boa tarde", disse em um português decorado e arrastado.

Mandela fez questão de apresentar todos os integrantes de sua comitiva, a começar por sua mulher Winnie. Ela foi o centro das atenções das mulheres convidadas, que gritaram seu nome antes que deixasse o palanque, pedindo um aperto de mão.

Ao lado de Mandela no palanque, o prefeito Marcello Alencar e o governa-

dor Leonel Brizola também não pouparam elogios ao líder sul-africano. Antes de Mandela discursar, Marcello concedeu-lhe o título de Cidadão Honorário da cidade.

O governador Leonel Brizola disse que a presença de Mandela será importante para que o povo "abra uma janela em sua cabeça para mudar muita coisa". Ele afirmou ainda que se dependesse do Brasil, o regime do apartheid já estaria acabado completamente.

Antes da chegada de Mandela, Jânúrio Garcia, presidente do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), disse que o governo do estado como um todo - não somente os secretários negros Carlos Alberto de Oliveira (Trabalho) e Abdias Nascimento (Defesa e Promoção do Negro) - discriminou as entidades negras e outras da sociedade civil na organização da visita de Mandela ao Rio.

Tumulto na chegada do líder no Galeão

RIO - Ao som de cânticos africanos, protegido por seguranças pelo lado direito para proibir a aproximação de José Alves de Moura, o Beijoqueiro, e pelo lado esquerdo para conter a excitação de Sérgio de Jesus, candidato a vereador nas últimas eleições, que queria abraçá-lo, o líder sul-africano Nelson Mandela desembarcou ontem às 8h30min enfrentando tumulto no Aeroporto Internacional do Galeão. Acompanhado da esposa Winnie, do governador Leonel Brizola, do se-

cretário Abdias do Nascimento e de sua comitiva, Mandela saiu pelo setor C de embarque do aeroporto - em vez do setor B de desembarque como os outros passageiros do voo da Américan Airlines - para evitar tumulto na sua saída. A estratégia, no entanto, não deu resultado: Mandela e a mulher Winnie foram empurrados desde que deixaram o setor C até a saída do aeroporto. O tumulto era provocado basicamente pelo beijoqueiro e Sérgio de Jesus, que tentavam de qual-

quer jeito se aproximar do líder sul-africano.

O beijoqueiro chegou a se jogar várias vezes no chão para burlar a segurança da Polícia Federal. Sérgio de Jesus, mesmo com as cotoveladas que recebia dos seguranças, tentou furar o cerco.

As mulheres pertencentes à Associação de Pesquisa da Cultura Africana Brasileira o receberam com faixas com os dizeres "Mulheres Pela Paz".

CURITIBA, SEXTA-FEIRA, 2 DE AGOSTO DE 1991

PF

GAZETA DO POVO





CNA quer formar governo provisório e pede a renúncia de Frederik de Klerk

JOHANNESBURGO - O Congresso Nacional Africano (CNA) concentrou suas reivindicações políticas na exigência da renúncia do governo do presidente Frederik de Klerk por causa do escândalo sobre as verbas dadas ao movimento Inkatha, que pôs em risco a melhoria das relações raciais na África do Sul.

Líderes do CNA disseram em entrevista que sua organização quer iniciar assim que possível conversações com todos os partidos para conseguir a formação de um governo provisório e a renúncia do gabinete de Klerk.

A exigência do CNA foi exposta em declaração divulgada por seu vice-presidente, Walter Sisulu. O documento diz que "o centro da crise é a credibilidade do governo de Klerk", uma referência às revelações de que o governo dera 90.000 dólares ao movimento Inkatha, rival do CNA, em 1989 e no começo de 1990, antes do início das reformas das leis raciais.

"O comitê executivo nacional re-terou que o único caminho para o

nosso país e a formação de um governo transitório, por um período limitado, que será encarregado de preparar o país para uma constituição democrática e governá-lo durante esta fase", disse o comunicado.

Desta declaração não constam as antigas exigências de libertação dos presos políticos, da volta dos exilados e dos julgamentos políticos, bem como de outras medidas que o CNA apresentava como condições para iniciar conversações com o governo.

O documento lamentou o fato de os ex-ministros da Lei e da Ordem Adriaan Vlok e da Defesa Magnus Malan, principais envolvidos no escândalo das verbas para o Inkatha, ainda estarem no gabinete, embora com sua autoridade reduzida. Contudo, não pede que sejam demitidos.

"Nos continuamos querendo que os obstáculos sejam removidos, mas achamos que o melhor meio é a remoção do próprio governo", declarou Sisulu. O CNA disse que aceleraria as conversações com seus aliados e as sessões regionais em um esforço

para realizar uma conferência com todos os partidos o mais depressa possível.

Mas, o CNA não apóia uma conferência com todos os partidos como foi proposta pelo próprio de Klerk, disse o secretário-geral Cyril Ramaphosa. O CNA prefere que tal conferência seja convocada por um organismo politicamente independente, como os grupos de Igrejas que no mês passado promoveram uma conferência sobre a violência na África do Sul.

De Klerk disse terça-feira em um discurso ao país após o escândalo que estava pronto para incluir a questão dos líderes não eleitos em seu gabinete na agenda de qualquer conferência multipartidária.

Contudo, ele rejeitou a idéia de renúncia de seu gabinete em favor de um governo provisório.

O CNA não disse dentro de quanto tempo poderia ser realizada a conferência multipartidária mas anunciou que vai rever suas relações com o Partido da Liberdade Inkatha depois do escândalo.

"O envolvimento do Inkatha com verbas secretas e em atos de violência, bem como as inadequadas repostas de sua liderança, colocaram em dúvida sua legitimidade como força política independente", declarou o CNA.

O CNA e o Inkatha são velhos e sangrentos rivais na luta pelo poder entre os negros sul-africanos. De Klerk iniciou suas reformas das leis raciais em fevereiro de 1990 legalizando o CNA, que tinha sido proibido por causa de sua violenta luta para acabar com o apartheid.

O Inkatha, com uma posição menos radical, entrou em atrito com o CNA, que acusou o governo de estimular a violência entre os negros que matou milhares de seguidores dos dois grupos nos últimos anos.

Uma das principais divergências é em torno das sanções internacionais contra a África do Sul. O CNA fez campanha por elas a fim de pressionar o governo a promover mudanças e o Inkatha se opôs, considerando que elas eram mais prejudiciais aos trabalhadores negros do que ao "establishment" branco.

Brasil estuda a suspensão das sanções comerciais impostas à África do Sul

por Maria Helena Tachinardi de Brasília

O Itamaraty enviará em breve um embaixador para a África do Sul, elevando assim o nível daquela representação diplomática, que hoje é chefiada por um encarregado de negócios, o conselheiro Luiz Antonio Facchini. Além desse passo, anunciado ontem a este jornal pelo secretário-geral de política externa da chancelaria, embaixador Marcos Azambuja, a posição do governo evoluiu, nos últimos dias, para uma possibilidade maior de se suspender as sanções impostas contra Pretória em 1985. O Itamaraty está à espera de um momento especial para demonstrar ao governo de Frederik de Klerk que apóia suas iniciativas para dismantelar o regime do "apartheid".

Há cerca de um mês, a posição do Brasil ainda era de relutância em relação à suspensão do embargo de petróleo e derivados, armas e atividades desportivas e artísticas, decretado em 1985 pelo governo Sarney, em cumprimento às resoluções do Conselho de Segurança e da Assembléia Geral da ONU. Admite-se, contudo, que durante a visita do líder Nelson Mandela discutir-se-á a sua visão sobre a evolução das medidas a serem tomadas para a eliminação das restrições do regime "apartheid".

Segundo o embaixador Azambuja, o Brasil não quer chegar "nem cedo nem tarde demais" na

O primeiro dia da visita

por Cezar Faccioli do Rio

Um show para 60 a 70 mil pessoas no Sambódromo, nas expectativas dos organizadores, foi programado para ser o ponto alto da passagem do presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, pelo Rio, primeira escala de sua viagem pelo Brasil. Mandela chegou ao Rio acompanhado da mulher, Winnie, e outros onze integrantes da direção do CNA.

Desde a chegada, uma hora depois do previsto, os desencontros marcaram a visita. A inauguração de uma placa comemorativa no Centro Integrado de Educação Pública (Ciep), que leva o nome do líder sul-africano, foi transferida da manhã para a tarde, sem aviso ao prefeito da capital, Marcelo Alencar.

Mandela recebeu o título de cidadão honorário do Rio de Janeiro das mãos do pre-

feito, mas a entrega do título de doutor "honoris causa" pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) teve de ser cancelada. Na solenidade, antes do almoço, no Palácio Laranjeiras, Brizola saudou a força e o vigor mental de Mandela, um homem de 73 anos com uma passagem de 27 anos e 6 meses pelas prisões, por causa da luta contra o regime de segregação racial em seu país. O governador alertou para a grande tarefa que espera Mandela: "Conduzir seu povo pelo caminho da democracia, da superação do apartheid, da posse de sua terra, de seus bens e do fruto de seu trabalho".

Em seu discurso de agradecimento, iniciado em português com um "boa tarde senhoras e senhores", Mandela agradeceu a solidariedade do governo e do povo brasileiro à luta contra o apartheid.

questão do levantamento das sanções. Está apenas à espera de um "timing" adequado que poderia ser o anúncio, por de Klerk, da formação de um governo de conciliação nacional para elaborar uma nova Constituição assegurando o direito de votos a todos e atendendo aos vários grupos raciais.

O Brasil, acrescentou o secretário-geral, está "à procura ativa de negócios"

com aquele país. Foi esse também um dos motivos alegados pelos EUA há poucos dias, para a suspensão de sanções contra Pretória. A evolução na posição diplomática brasileira é considerável porque, no dia 10 do mês passado, o chanceler Francisco Rezek havia afirmado que o Brasil não cogitava enviar um embaixador para lá e levan-

tássemos as sanções, seria como se tudo estivesse resolvido", ele disse.

Uma fonte oficial sul-africana comentou a este jornal que seu governo está conversando com as autoridades brasileiras. "Achamos que as condições foram criadas para que o governo brasileiro suspenda as sanções." Uma dessas condições, explicou, é que "o governo sul-africano abra o jogo e o Congresso Nacional Africano (CNA) — presidido por Nelson Mandela — comece as negociações para elaborar uma nova Constituição. Será uma Constituição negociada e terá um sentido pleno de democracia, seguindo os parâmetros do sistema eleitoral dos EUA. "Essa é a proposta que o governo fará a Mandela", enfatizou a fonte.

Na ótica de Pretória, o momento é adequado para se levantar as sanções porque os parceiros africanos privilegiados do Brasil — Angola e Moçambique — evoluíram no sentido de se aproximar mais da África do Sul. "Muitas multinacionais sul-africanas já estão investindo em Angola, como a Beer, com minas de diamante naquele país."

O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, será homenageado pelo presidente Fernando Collor, na próxima segunda-feira, com a ordem do Rio Branco. "Ele receberá a mais cordial hospitalidade", lembrou Azambuja, que lhe oferecerá um jantar no Itamaraty.

Nelson Mandela defende instalação imediata de governo de transição

por Cezar Faccioli do Rio

A visita de Nelson Mandela ao Brasil, parte de sua viagem pelo mundo iniciada em 19 de julho, tem por objetivo obter apoio do governo e do povo brasileiros para as recentes decisões políticas do Congresso Nacional Africano (CNA), que marcam uma virada na estratégia de negociação com o regime do apartheid. Em um rápido pronunciamento a lideranças negras, autoridades estaduais e à imprensa, Mandela defendeu a constituição imediata de um governo de transição, composto de todas as forças políticas do País.

O presidente do CNA advertiu o presidente Frederic Willem de Klerk, do Partido Nacional, sobre o risco de retrocesso nas negociações, que já duram dezesseis meses, contados desde a libertação de Mandela. "Se De Klerk não estiver preparado para aceitar nossas reivindicações, não há mais diálogo entre

nós." Outra exigência listada, além da formação de um governo de transição, foi a eleição imediata de um congresso pluripartidário, pela fórmula do sufrágio universal (cada pessoa, independente da raça, um voto).

As advertências de Mandela coincidem com as indicações de que a direção do CNA, em Joannesburgo, está pedindo a renúncia de De Klerk, por considerá-lo indigno de confiança, depois da revelação de que o governo destinou US\$ 300 mil para o Movimento Nacional Inkata, de maioria zulu e em permanente conflito com o CNA, multiétnico, mas de grande influência xhosa (tribo de Mandela). "Em toda a sua história, o governo da minoria branca se sustentou pela repressão, pelas intrigas e pela propaganda. Mas, desde que iniciamos as negociações há dezesseis meses, esperávamos que os brancos aprendessem a agir honradamente, cumprindo os

compromissos e respeitando os esforços conjuntos com o CNA para levar à confiança entre brancos e negros e à criação de uma atmosfera de paz no País", avaliou Mandela.

Depois do pronunciamento, estava prevista uma entrevista de Mandela, cancelada, sem explicações. O presidente do CNA reuniu-se então, a portas fechadas, com uma delegação da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ainda no aeroporto do Galeão, pela direção do CNA e da segurança pessoal de Mandela, encontrou previsto com o governador de Pernambuco, Antonio Carlos Magalhães, viáveis futuras campanhas eleitorais era um dos objetivos da visita.

Os contatos com empresários devem prosseguir hoje em São Paulo, mas não devem se limitar a pedidos de recursos. Uma preocupação importante do CNA é o crescente levantamento das sanções políticas, culturais e econômicas

contra o governo sul-africano, para o partido a origem da revisão promovida por De Klerk.

Tradicionalmente alinhado com teses terceiro-mundistas nos foros internacionais como a ONU e a Unesco, e ao mesmo tempo um país de grande dinamismo comercial, o Brasil é encarado como um parceiro potencial para a permanência do bloqueio comercial ou, em contrapartida, uma brecha relevante caso decida retomar o comércio com a África do Sul. (ver matéria ao lado). Os contatos com os governadores do Rio, Leonel Brizola, de Pernambuco, João Francisco, do Rio Grande do Sul, Alceu Collares, realizados ontem, e o encontro previsto com o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, visam conseguir aliados no esforço de convencer o presidente Fernando Collor e o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, da viabilidade e da necessidade de manter o bloqueio, associado à exigência de um governo de transição multipartidário e um congresso multirracial, para pôr fim ao apartheid.

A hora de Mandela

Colin Darch *

A chegada de Nelson Mandela oferece aos brasileiros de todas as raças uma oportunidade de ver, pela primeira vez, um autêntico herói negro dos nossos tempos. A sua visita, porém, deve estimular toda a gente neste país a aprofundar o seu entendimento da realidade da luta da libertação sul-africana.

Neste sentido, é necessário enfatizar algumas coisas. Em primeiro lugar, deve-se salientar que não existem paralelos fáceis entre a luta contra o sistema do *apartheid*, por um lado, e a questão racial no Brasil, por outro. Mas isto não implica que uma destas coisas não têm nada a ver com a outra, ao contrário. Implica sim a necessidade de brasileiros compreenderem melhor os acontecimentos naquele país africano, para serem capazes de apreender alguma coisa daquela experiência. Sobretudo, implica evitar análises simplificadoras das chamadas lutas tribais. Ultimamente, o papel de Nelson Mandela deve ser avaliado não apenas em termos de um suposto "São Nelson Mandela", um homem-símbolo, mas também em termos de um político vivo, enfrentando uma luta política numa posição de fraqueza tática.

Não há dúvida — quaisquer que sejam o tipo e o grau de discriminação encarada pela população negra tão numerosa do Brasil — de que esta não se baseia, hoje em dia, numa estrutura jurídica sistemática, tal como os chamados "pilares" do *apartheid*. Mas, enquanto estas leis, que tratavam de discriminação no acesso aos serviços sociais, às áreas residenciais separadas, às terras, e de classificação por raças, foram todas revogadas, entre junho de 1990 e junho de 1991, temos agora uma forte esperança de ver, em breve, a tomada de posse de um governo majoritariamente negro na África do Sul, uma coisa que nunca se aproximou de ocorrer no Brasil.

A luta política do povo sul-africano é, na sua essência, uma luta pela democracia, por um sistema político unificado. Assim, as confrontações violentas

va, conscientemente, a tentar encorajar a violência nos bairros negros, e até forneceu armas ao Inkatha. Logo surgiram evidências destes pagamentos, embora os ministros continuem a negar a compra ou o donativo de armas.

As semelhanças destas atuações às manobras do governo sul-africano no Zimbábue, Angola e Moçambique são óbvias. A agenda do governo minoritário sul-africano era sempre, e é, simplesmente de manter o controle indiretamente, enquanto é necessário cedê-lo diretamente, isto é, do ponto de vista político. A base da exploração, nas palavras de um analista sul-africano, passará da raça para a classe. Neste processo, a legitimidade do Inkatha como representante do povo negro oprimido fica muito questionável.

O CNA, ao contrário do que foi várias vezes afirmado, não é uma organização dominada pela etnia hosa, embora esteja atualmente fraca em termos eleitorais no Natal. Basta olhar as fotografias da mesa durante as chamadas "conversas sobre negociações" do ano

passado. Do lado governamental só homens brancos de 50 ou 60 anos de idade. Do lado do CNA, em pleno contraste, um reflexo do rico perfil demográfico do país, com mulheres, brancos, mestiços, e indianos, além, obviamente, de uma maioria de negros de várias etnias. Neste sentido, lembramos também as palavras do advogado branco, Albie Sachs, militante veterano do CNA, quando numa entrevista o repórter perguntou-lhe por que ele estava a lutar por conta dos seus irmãos negros, ele respondeu: "Luto por mim mesmo porque ninguém está livre na África do Sul enquanto continuar a repressão racial."

O CNA, fundado em 1912, é uma organização bastante realista. Em fevereiro de 1990 enfrentou, de repente, uma situação política absolutamente nova. Sediado na Zâmbia, e com militantes dentro do país vivendo uma situação de ilegalidade, tinha que organizar, simultaneamente, a volta dos exilados e a saída da clandestinidade. Assim, Nelson Mandela se transformou

Jornal do Brasil 3/8/91

res, sobretudo alguns dos velhos, não foi sempre assim muito encorajadora. Mandela, entretanto, entende bem a necessidade desta reformulação. No seu discurso de abertura na Conferência Nacional do CNA, em Durban, em 2 de julho deste ano, afirmou que já que o seu partido nunca concorreu em eleições gerais, "temos de ter as políticas necessárias para apresentar a todo o povo, em uma estrutura organizativa para fazer tudo. Temos de ter idéias claras sobre tais questões como os sistemas eleitorais e a demarcação de distritos eleitorais".

No mesmo discurso, Mandela formulou um apelo para a formação de um governo interino, e para uma conferência interpartidária. O afastamento, exigido há meses pelo CNA, dos ministros Vlok e Malan, considerados, e comprovadamente, os mais responsáveis pela repressão nos bairros negros e pela desestabilização em nível da região da África Austral como um todo podia representar um grande passo para a frente neste sentido, enquanto os dois representaram as tendências mais conservadoras no partido nacional, atualmente no poder.

O significado disso tudo é que Nelson Mandela, que sempre se descreve modestamente como "membro sob a disciplina partidária do CNA" precisa de apoio político, moral, e sobretudo financeiro, dos países democráticos do mundo. O levantamento de sanções pelo governo dos Estados Unidos, anunciado no mês passado, foi feito propositalmente contra a vontade do CNA, e terá um impacto imediato no fortalecimento do lado governamental. Sabe-se também que vários grandes compromissos de apoio financeiro foram feitos durante visitas anteriores, mas nunca se concretizaram. Esperamos que algo semelhante não aconteça esta vez. Esperamos, também, que exista uma base de compreensão mútua entre Brasil e o CNA, para evitar que este importantíssimo encontro não resulte apenas num diálogo de surdos.

* Pesquisador do Centro de Estudos Afro-Asiáticos do Conjunto Universitário de Natal.



Jornal do Brasil 3/8/91

Moço almoça com Fleury e 'apartheid' na África do Sul

São Paulo — Murilo Menon



Moço faz queixa de discriminação

SÃO PAULO — O 1º Distrito Policial de São José dos Campos abriu inquérito contra o chefe de pessoal da empresa Fuji Filmes, com base na denúncia de discriminação racial feita pela jornalista Katia Regina de Souza Silva, 26 anos, em boletim de ocorrência registrado no dia 24 de julho. Inscrita na agência de empregos Objetiva, Katia teve seu currículo selecionado para uma vaga de relações públicas na unidade da Fuji Film, em Caçapava (na região de São José dos Campos, interior do estado), com salário de aproximadamente Cr\$ 200 mil. Foi convocada para uma entrevista às 10h da quarta-feira, dia 24, na agência, com um representante da empresa.

Embora Sandra Regina de Brito, funcionária da Objetiva, tenha assegurado que seu currículo preenchia os requisitos da empresa, Kátia não chegou a ser recebida para a entrevista pelo representante

3/8/91

Mandela propõe governo provisório na África do Sul

ANA CLÁUDIA CRUZ e
MARCELO HARGREAVES

Em seu segundo dia de visita ao Brasil, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, defendeu a criação de um governo provisório na África do Sul, que reúna diversas correntes partidárias. No discurso que fez durante almoço no Palácio dos Bandeirantes, onde foi homenageado pelo governador Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), Mandela falou sobre a luta contra a segregação racial na África do Sul e pela democratização do País. "Nós estamos lutando por uma nova constituição, com direitos para todos, negros e brancos", afirmou. "Queremos um País com multipartidarismo, acreditamos em eleições livres", declarou, antes de deixar o palácio do governo e se dirigir à prefeitura, onde onde foi recebido pela

prefeita Luíza Erundina (PT) e cerca de 200 representantes dos chamados movimentos negros.

Mandela fez uma longa exposição sobre os problemas políticos e "os grandes contrastes sociais" da África do Sul, lembrando que enquanto a maior parte da população vive na miséria, cerca de 4 milhões de pessoas dos perto de 40 milhões de sul-africanos detêm o poder econômico. Ele afirmou que não haverá mais diálogo com o governo da África do Sul enquanto a proposta de criação de um governo interino não for atendida.

Mandela lembrou que, no mês passado, jornais sul-africanos fizeram denúncias contra o governo, que estaria negociando com outras organizações para tentar desacreditar o CNA. "Eles tiveram de admitir que as denúncias eram verdadeiras e de lá para cá não aceitamos mais

negociar com esse governo", disse.

O presidente do CNA e sua comitiva chegaram ontem a São Paulo com três horas de atraso. Apesar disso, foram mantidos quase todos os compromissos que que estavam em sua agenda. Sob a alegação de cansaço, Mandela deixou de comparecer a um ato programado para o estádio do Pacaembu.

Na Assembléia Legislativa, para onde seguiu depois da prefeitura, foi homenageado com discursos dos líderes dos partidos. Mandela foi convidado a comandar a sessão e sentou-se na cadeira do presidente. As galerias e o plenário da Assembléia estavam lotados. Mandela agradeceu as homenagens e o apoio que estava recebendo no Brasil, dizendo que voltaria para a África do Sul sentindo-se mais forte para lutar contra as diferenças sociais em seu País.

Líder só viaja após reaver malas

RIO — Transportadas por um caminhão da Polícia Militar e sob escolta até o Hotel Copacabana Palace, chegaram ontem pela manhã às mãos do líder sul-africano Nelson Mandela, e das 14 pessoas de sua comitiva, as 39 malas que haviam ficado retidas em Miami, nos Estados Unidos. A justificativa apresentada para a retenção da bagagem foi que a American Airlines teria atrasado sua inspeção.

Logo cedo, o diplomata Antenor Boga, do Itamaraty, avisara que o líder sul-africano e sua comitiva só embarcariam para São Paulo depois

bolsa de fabricação francesa.

Mais de 40 mil pessoas assistiram ao show em homenagem ao líder sul-africano, anteontem na Praça da Apoteose, no centro do Rio. No palco se apresentaram Leci Brandão, Alcione, Martinho da Vila, Sandra de Sá e Tim Maia, entre outros artistas. Mandela estava acompanhado de Winnie e do governador do Rio, Leonel Brizola (PDT).

Antes de deixar o local, às 22h30, Mandela fez inflamado discurso. Agradeceu a ajuda do Brasil na luta contra o apartheid e ressaltou a necessidade da criação de um governo paralelo na África do Sul, capaz de dar um "golpe

Mandela quer poder provisório na África do Sul

O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, defendeu ontem em São Paulo a criação de um governo provisório na África do Sul que reúna

precisam trocar de roupas e
dever seus pertences", expli-
ca. "As malas guardam tam-
bém os presentes que recebe-
ram em Cuba, Venezuela, Mé-
xico, Jamaica e Espanha."

Na Base Aérea do Galeão, às
13h45, Mandela e Winnie em-

mortal no facísimos e trans-
formar o país numa sociedade
democrática. Enfatizou ain-
da a "lealdade" do País com a
luta do povo sul-africano. "O
Brasil ocupa lugar muito es-
pecial nas nossas relações
com outros países", disse.

Segundo o chefe do cerimo-

Mandela prega a substituição do presidente da África do Sul

SÃO PAULO — Lembrando que na década de 60 os negros sul-africanos recorreram às armas na luta por seus direitos, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, pregou ontem, em São Paulo, a necessidade da queda do governo do presidente da África do Sul, Frederic de Klerk, para a manutenção da paz. "Sem a saída do governo atual, não haverá mais diálogo nem negociação. A única saída para a paz é a formação de um governo interino, de unidade, com representantes de todos os partidos políticos", disse Mandela, em contundente discurso de improviso, após o almoço com que foi homenageado no Palácio dos Bandeirantes.

Mandela começou falando da situação do seu país, onde vivem 30 milhões de negros, 7 milhões de brancos e quatro de mestiços. "O poder político continua nas mãos dos brancos. Um percentual mínimo da população tem acesso à instrução, e a maioria vive na miséria", denunciou. "Não é mais possível prolongar esta situação insustentável, pois as diferenças podem se acentuar cada vez mais", afirmou. Ele de-

monstrou claramente sua irritação com as notícias divulgadas recentemente de que o governo sul-africano financiou dois comícios, em 1989 e 1990, da principal força de oposição ao CNA entre os negros, o Partido da Liberdade Inkatha.

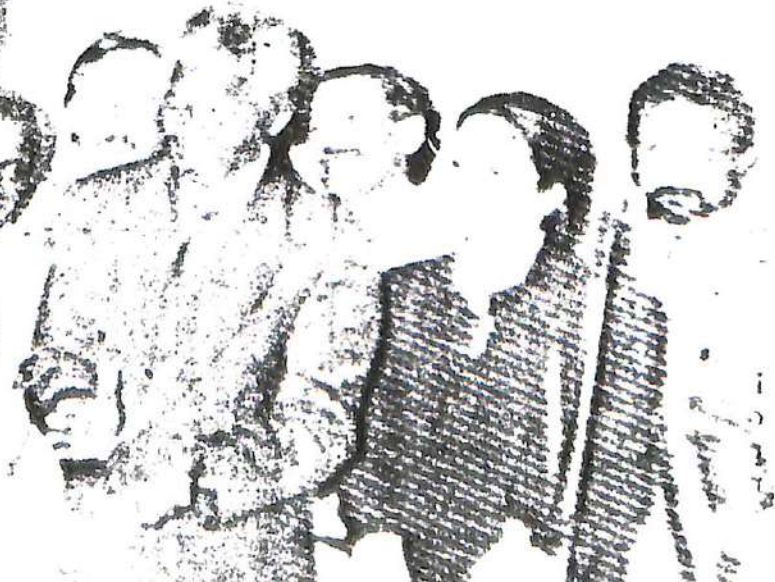
"Na década de 60, pegamos em armas por nossos direitos. Com as mudanças do governo, nos últimos meses, resultantes das sanções econômicas internacionais impostas à África do Sul em 1986, o CNA fez esforços pela paz. Mas a denúncia, dia 19 passado, de que o governo colaborou com outras organizações, para derrotar o CNA, não deixa mais alternativa para a paz", disse Mandela. Ele afirmou que a transição do *apartheid* para um regime mais humano depende de um governo de unidade, com representação de todos os partidos. "Se o governo de unidade não for aceito, não haverá paz", avisou o líder.

Após encontro com o líder sul-africano, o governador de São Paulo, Fleury, disse estar disposto a fazer um apelo ao presidente Fernando Collor para que o Brasil não levante as sanções diplomáticas e econômicas à

África do Sul. Se o fizer, Fleury estará atendendo um pedido de Mandela, que lhe falou sobre isto em encontro reservado que mantiveram, depois de almoçarem no Palácio dos Bandeirantes. "Mandela me pediu apoio político para que o Brasil só levante as sanções se o atual governo sul-africano cair e assumir um governo de unidade, com representantes de todos os partidos políticos da África do Sul", explicou o governador.

Fleury — que pouco antes, durante o almoço, fizera um brinde ao líder, afirmando que "Mandela é liberdade e igualdade" — disse que ele terá todo o apoio político do governo de São Paulo naquela questão. "A política externa brasileira é atribuição do governo federal, através do Itamaraty. Mandela não nos pediu apoio financeiro, mas político, e estou disposto a levar ao presidente o seu pedido", afirmou o governador. Fleury contou que ele e Mandela conversaram também sobre os problemas comuns ao Brasil e à África do Sul. "Falamos sobre o desemprego e sobre a necessidade de maior justiça social nos dois países", afirmou.

1479



Nelson Mandela pedirá aos brasileiros ajuda de US\$ 56 milhões

por Cynthia Malta de São Paulo

Em sua primeira visita ao Brasil, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, não vem em busca apenas de apoio político. Segundo o diretor financeiro do CNA, Nkobi Thomas, "se o Brasil puder contribuir com US\$ 56 milhões nos próximos doze meses, nós poderemos avançar com o nosso movimento".

Thomas, que por 27 anos esteve exilado de seu país e decidiu voltar no ano passado para integrar o partido político de Mandela, é o homem responsável pelo orçamento do CNA. Preferiu não detalhar o montante das despesas feitas nos últimos meses pelo partido, mas contou que na recente viagem de Mandela aos Estados Unidos "conseguimos arrecadar algumas dezenas de milhares de dólares".

Na elaboração do orçamento para os próximos doze meses, Thomas calcula que uma eventual contribuição do Brasil, no valor de US\$ 56 milhões, poderia financiar desde a reintegração de políticos exilados à sociedade sul-africana até programas de educação e saúde para a população de baixa renda. "Achamos que o Brasil é um país grande e rico e que pode ajudar", observou Thomas. A Venezuela, que também figura no orçamento, poderia "ajudar" com US\$ 30 milhões. A Argentina, por sua vez, não aparece nas contas de Thomas.

"A América latina deve nos ajudar a instalar a democracia na África do Sul. Nós ainda não sabemos o que é democracia", disse Thomas. Para instalar a democracia, eliminando completamente o regime do "apartheid", o CNA quer condicionar a manutenção das negociações políticas com o presidente Frederik De Klerk a dois pontos básicos: instalação de um governo de transição, formado por representantes de todos os partidos políticos, e a eleição imediata de um Congresso pluripartidário, onde "cada pessoa é um voto".

"Se o governo rejeitar essas condições, eles estarão rejeitando o diálogo e não haverá mais negociações", disse Mandela, em discurso no final do almoço oferecido pelo governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, na sexta-feira passada. O presidente do CNA acusou o governo de De Klerk, do Partido Nacional, de tentar enganar a opinião pública internacional ao anunciar que mantém negociações com o CNA, com o objetivo de suspender o embargo comercial, mantido por diversos países. "Nos últi-

CNA é contra o fim das sanções

por Cynthia Malta de São Paulo

"O regime do 'apartheid' ainda vigora. De nada adiantaria eliminar as sanções." Assim reagiu Nkobi Thomas, diretor financeiro do Congresso Nacional Africano (CNA), diante da possibilidade de o Brasil suspender as sanções, impostas desde 1985, contra a África do Sul e enviar um embaixador para Pretória.

Para Nkobi, que integra a comitiva do presidente do CNA, Nelson Mandela, em sua primeira visita ao Brasil, o governo brasileiro deve manter o embargo para intercambiar petróleo, armas e atividades artísticas e desportivas até que a África do Sul seja um país "livre". "A maioria dos cidadãos sul-africanos não são livres. Nós não podemos votar. Mandela não pode votar", disse Thomas a este jornal, pouco depois de chegar ao Palácio dos Bandeirantes, na tarde de sexta-feira.

O governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, observou que a condução da política internacional do País deve ser feita pelo governo federal. "No entanto, se persistir esta idéia, nós estamos dispostos a fazer chegar um apelo ao presidente Collor para que não se aprove a suspensão das sanções", afirmou Fleury. A "idéia" a que Fleury se refere foi divulgada pelo secretário-geral do Itamaraty, o embaixador Marcos Azambuja na última quinta-feira.

"A manutenção das sanções deveria ser um ponto de honra para o Brasil. O País não deve se alinhar aos Estados Unidos nessa questão", disse o senador Eduardo Suplicy (PT-SP), um dos convidados para almoçar com Mandela no Palácio dos Bandeirantes. Em sua opinião "a posição do Itamaraty" é vista como "uma falta de respeito ao presidente do CNA".

mos 18 meses (período das conversações entre os partidos) temos tentado concertar essa situação. Mas de 1984 até hoje mais de 10 cidadãos inocentes já foram mortos", afirmou Mandela.

O presidente do CNA finalizou o discurso observando que Brasil e África do Sul têm "muitos pontos em comum" e, portanto, devem "trabalhar de mãos dadas para fortalecer os laços entre os nossos países". Fleury explicou que um dos "pontos em comum" refere-se aos milhões de desempregados registrados pelos dois países e que na África do Sul somam 3,5 milhões, quase 10% da população.

Paulistas viram Mandela de longe

Da Redação

Punhos erguidos. O gesto, símbolo da luta liderada por Nelson Mandela, se repetiu durante todo o dia de ontem, do aeroporto de Congonhas, onde chegou com três horas de atraso, desembarcando de um jato da FAB procedente do Rio, até o encontro solene na Assembléia Legislativa, no início da noite, quando voltou a ser homenageado.

Recebido com todo o aparato que se mobilizaria para um chefe de Estado estrangeiro e sempre mantido à distância da Imprensa e de populares por um rígido esquema de segurança, Mandela foi recebido na pista pelo governador Luiz Antonio Fleury Filho e pela prefeita Luiza Erundina. O frio em Congonhas era de 6 graus positivos. Mandela vestia um simples terno e tremia. Fleury estendeu-lhe um sobretudo, que o lídeiro negro usou pelo resto do dia. Sua bagagem tinha ficado em Miami e estava sendo trazida para o Brasil, com a maior parte das roupas.

Depois de responder as saudações de um grupo de 60 pessoas de movimentos negros que passaram toda a manhã esperando em Congonhas, a comitiva foi direto para o Palácio dos Bandeirantes, para almoço com 140 convidados especiais, a portas fechadas, com a presença de Erundina, empresários, políticos, parlamentares e líderes negros. Não havia discursos previstos, mas acabaram sendo feitos. Fleury elogiou Mandela e condenou a política segregacionista do governo da África do Sul.

APOIO

Nelson Mandela fez um pronunciamento acentuadamente político, explicando suas dificuldades de negociar com o governo sul-africano

do presidente De Klerk, contando que mais de 10 mil negros já foram mortos nas lutas raciais do seu país desde 1984 e pregando a formação de um governo de transição, que incluiria representantes de todos os movimentos. Disse, ainda, que não teria existido vitória em sua luta se não tivesse existido também o apoio internacional à luta contra o racismo, incluindo-se aí o Brasil.

Retribuindo um brinde que há pouco fora levantado pelo governador Fleury em sua homenagem, estendeu-o também ao povo de São Paulo, sob aplausos.

Os numerosos jornalistas brasileiros e correspondentes estrangeiros que cobriam a visita de Mandela, em alguns momentos, deram muito trabalho ao pessoal da segurança, principalmente na hora da saída para a programação que seria cumprida no gabinete da prefeita. Fotógrafos e cinegrafistas quase derrubaram os membros da comitiva, no empurrar-empurra em busca de algumas tomadas. Mesmo assim Mandela não abandonou um sorriso sereno.

ASSEMBLÉIA

Na Assembléia Legislativa, à noite, ele foi mais uma vez saudado por lideranças políticas e sindicais e foi convidado a assumir a presidência da mesa, uma homenagem que disse nunca ter recebido antes. Por causa do frio, e do cansaço, foi suspensa sua ida ao estádio do Pacaembu, onde haveria uma grande concentração popular.

Hoje ele segue para Salvador e depois para Vitória. Está prevista também uma audiência com o presidente Fernando Collor na terça-feira, em Brasília, última etapa da viagem pelo Brasil (MS).

WILSON MAGÃO



Mandela cumprimenta Erundina, ao centro, o governador Fleury



...antes: Mandela cumprimenta Erundina, ao centro, o governador Fleury

Prefeitura de S. Paulo vai firmar convênio com CNA

MILTON SALDANHA
Da Redação

A Prefeitura de São Paulo vai estabelecer convênio para troca de cooperação com o Congresso Nacional Africano (CNA), maior partido de oposição negro sul-africano liderado por Nelson Mandela, que chegou ontem a São Paulo, para uma visita de um dia. O acordo foi acertado durante audiência do líder negro com a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, com as presenças do vice-prefeito Luiz Eduardo Greenhalg, do secretário de Finanças do CNA e de mais uma assessora de Mandela, além de Clara Scharf, coordenadora da área de Relações Internacionais da Prefeitura.

Durante o encontro Mandela deixou claro um dos objetivos de sua viagem: obter apoio político e financeiro. "Preciso da ajuda de vocês" — disse Mandela a Luiza Erundina, depois que os dois trocaram as apresentações das pessoas na mesa. Erundina respondeu prontamente: "vamos estudar uma forma de cooperação entre o governo da cidade de São Paulo e o CNA. Assim que tivermos as linhas gerais desse convênio vamos elaborar um documento para divulgação. Clara Scharf vai cuidar imediatamente desse assunto".

Clara Scharf disse ao Diário que a "a luta por liberdade e igualdade de direitos na África do Sul tem muitos pontos de identificação com a luta do povo brasileiro" e que muitas coisas podem ser feitas, sem especificar, contudo, quais.

Ainda na audiência, Mandela não escondeu sua emoção quando Erundina fez um relato sobre as posições defendidas pelo PT e da sua luta contra a ditadura militar que governou o Brasil. A prefeita falou a Mandela: "ficamos tão pouco tempo juntos, mas estes minutos vão me dar forças para continuar minha luta pelo resto da vida". Em seguida

a prefeita entregou-lhe uma caixa fechada, presente para Winnie, sua mulher, e três livros ilustrados sobre a cidade de São Paulo.

Logo depois da audiência Mandela participou de ato público com as principais lideranças dos movimentos negros de São Paulo, quando foi ovacionado e recebeu muitos presentes, entre eles um quadro a óleo com seu rosto. Os oradores, que denunciaram "o apartheid não oficial que existe no Brasil"; foram Flávio Jorge Rodrigues da Silva, do Soweto Organização Negra, e Suely Carneiro Geldes, do Instituto da Mulher Negra.

Com sua voz muito negra, rouca e possante, dominando o salão onde se comprimiam cerca de 300 pessoas, Mandela exibiu num discurso curto a energia de sua liderança: "no Soweto (famoso bairro negro de Johannesburgo) ou em São Paulo a nossa luta é uma só. É com ela que vamos conquistar a liberdade". E ao final, adotando um tom quase paternal, desenhado por um sorriso: "amo vocês". Muita gente chorou.

PAZ

Em pronunciamento no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado, Mandela disse que o Partido do Congresso Nacional Africano (CNA) vai interromper as negociações pela paz com o governo de seu país até que o presidente Frederik De Klerk renuncie em favor de um governo interino.

"De Klerk não tem direito de controlar o processo de transição. Não haverá mais negociação a menos que ele aceite a formação de um governo interino com a participação de todos os partidos. Essa é a única saída para a paz" — disse Mandela.

A viagem de Mandela ao Brasil está sendo vista como uma tentativa de obter apoio político e financeiro para sua candidatura à presidência desse governo de coalizão.

deve manter sanções,

"Falamos sobre o desemprego e sobre a necessidade de maior justiça social nos dois países", afirmou.

Atraso

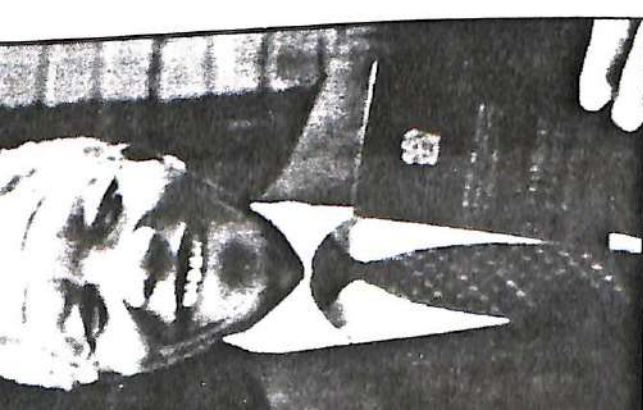
Mandela chegou às 15h15 a São Paulo com atraso, devido ao desvio da sua bagagem, que ficara retida em Miami, nos Estados Unidos. Eles desembarcaram de um avião Xingu, da Força Aérea Brasileira, no aeroporto de Congonhas, onde foram recebidos pelo governador Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB), por sua mulher Ika, e pela prefeita Luiza Erundina (PT). Estavam também no aeroporto cer-

diz Mandela

Sábado, 3/8/91

Só Brasília

• Nelson Rolihlahla Mandela quando chega



Mandela critica De Klerk

aduanças do governo, nos últimos meses, resultantes das sanções econômicas internacionais impostas à África do Sul em 1986, o CNA fez esforços pela paz. Mas a denúncia, em 19 passado, de que o governo colaborou com outras organizações, para derrotar o CNA, não deixou mais alternativa para a paz", disse Mandela. Ele afirmou que a insinuação do "apartheid" para um crime mais humano depende de um governo de unidade, com representação de todos os partidos. "Se o governo de unidade não for aceito,

Belo Horizonte — País com grande contingente de pessoas negras, onde a discriminação racial é legalmente proibida, o Brasil ainda convive com problemas decorrentes do preconceito de cor. Uma pesquisa da Fundação João Pinheiro (FJP) concluiu que a violência psicológica sofrida por crianças negras é um fator de estímulo à evasão escolar.

Intitulada "racismo na escola — linguagem do silêncio", a pesquisa incluiu entrevistas com adultos negros e um levantamento em escolas da rede pública de Belo Horizonte em que a maioria dos alunos é negra. A primeira fase do trabalho, em 1985, mostrou que as escolas adotam critérios discriminatórios já no ato da matrícula. A clientela é selecionada de maneira homogênea. Há escolas públicas que se especializam em crianças de classe baixa.

De acordo com o trabalho, quando uma escola recebe clientela heterogênea, tenta a homogeneizá-la ao definir turnos e turmas. Na avaliação dos técnicos da FJP esses mecanismos de seleção permitem às instituições, principalmente as com estudantes de classe média, defender seu status e desempenho, recusando ou marginalizando a criança pobre. O mesmo ocorria com as crianças negras, pois a negritude era associada à pobreza.

Racismo

A maioria desses alunos eram

ção profissional. Na fase recente da pesquisa, os pesquisadores estudaram uma escola da periferia da capital, com maioria de estudantes negros e sem infra-estrutura adequada. Noventa por cento dos estudantes gastavam dois anos para concluir uma série.

Uma turma da quarta série primária tinha alunos de 14 a 16 anos, quando a idade normal seria 10 anos. Entrevistados pelos pesquisadores, os estudantes admiti-

Bairro negro

Salvador — A Liberdade, bairro negro de Salvador, com quase 400 mil habitantes, não fará festa hoje para o líder sul-africano Nelson Mandela, que desembarcará às 11 horas no Aeroporto Dois de Julho, nesta capital.

Os moradores do bairro — onde foram criados os principais blocos afro e as entidades do Movimento Negro da Bahia — estão decepcionados com o cancelamento da visita de Mandela ao local, para a inauguração de um busto em uma praça que levará o seu nome, segundo o vereador Dionísio Juvenal (PMDB).

Durante esta semana, carros de som denunciavam, nas ruas do bairro, a "traição", e alguns moradores, como o operário Marcelo Nery, propuseram realizar uma manifestação de protesto na Praça Castro Alves onde, à tarde, Mandel-

do mencionar sua condição de ne-

O Ministério da Educação, que financiou a pesquisa, já tem o resultado do trabalho da FJP, com propostas para modificação do quadro de racismo nas escolas públicas. Uma das sugestões é a realização de um diagnóstico mais abrangente sobre a realidade do aluno negro no País e um trabalho de conscientização, por parte do MEC, junto aos professores e funcionários das instituições de ensino.

Bairro negro não faz festa

porto por entidades negras, entre estas o Ilé-aye e a Irmandade da Boa Morte.

Ele participará de uma sessão conjunta da Assembléia Legislativa e da Câmara Municipal, em que receberá o título de cidadão de Salvador e a medalha Libertador da Humanidade, criada especialmente para ele. Depois, almoçará no Palácio de Ondina com o governador Antônio Carlos Magalhães (PFL).

Blocos afros

A programação festiva da visita terá início às 14 horas, na Praça Castro Alves, onde o casal assistirá de cima de um palanque, sob a estátua do "Porta dos Escravos" uma concentração pública animada pelos blocos afro olodum, Ilé-Aye e Muzenza e pelos cantores Margaret Menezes e Gerônimo. As 18h30, Winnie e Mandela em-

Especial

presença festejada

em apenas dois dias, agita vida da capital capixaba



Nelson Mandela desembarca amanhã, com agenda repleta de homenagens



Costa, onde dorme o sono dos justos.

Quem acompanhar toda a romaria de sábado à noite não vai querer perder, de jeito nenhum, a festa propriamente dita que acontece no domingo, a partir de 17h30m, no estádio Engenheiro Araripe, em Jardim América. Dali em diante é que a coisa pega fogo, mesmo já se sabendo de antemão que Jimmy Cliff e Caetano Veloso, algumas das estrelas anunciadas para participar do evento, não vão estar no pedaço. Segundo a Superintendência de Comunicação Social do Governo, que organiza toda a festa, no Engenheiro Araripe estarão presentes os grupos Piratas do Asfalto e Amantes do Pagode, Chico Lessa, Carlos Papel e Lula, entre alguns outros artistas da terra que vão aparecer. De nível nacional farão parte desse show Alcione, Neguinho da Beija-Flor, Sandra de Sá e o mago Jorge Mautner. Não há hora prevista para acabar o espetáculo — mesmo porque, também é intensa a programação de Mandela, incluindo contatos com entidades culturais, antes do espetáculo —, e os portões do estádio devem ser abertos mais cedo. Pode ser que o povo de Salvador, predominantemente negro e tradicionalmente festeiro, tenha feito da passagem do líder algo de ficar na história — mas o capixaba está com todo o gás para que esse encontro seja o mais feliz possível. Vale ir com

Lembrando que na década de 60 os negros sul-africanos recorreram às armas, na luta por seus direitos, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, pregou ontem, em São Paulo, a necessidade da queda do governo racista do presidente da África do Sul, Frederic de Klerk, para a manutenção da paz:

— Sem a saída do governo atual, não haverá mais diálogo nem negociação. A única saída para a paz é a formação de um governo interino, de unidade, com representantes de todos os partidos políticos, disse Mandela, em contundente discurso de improviso, após o almoço com que foi homenageado no Palácio dos Bandeirantes.

Mandela começou falando da situação do seu país, onde vivem 30 milhões de negros, sete milhões de brancos e quatro milhões de mestiços:

— O poder político continua nas

Um pedido: manutenção das sanções

O governador de São Paulo, Luís Antônio Fleury Filho (PMDB), disse ontem estar disposto a fazer um apelo ao presidente Fernando Collor para que o Brasil não levante as sanções diplomáticas e econômicas à África do Sul. Se o fizer, Fleury estará atendendo a um pedido do líder negro Nelson Mandela, que lhe falou sobre isto em encontro reservado que mantiveram, depois de almoçarem no Palácio dos Bandeirantes:

— Mandela me pediu apoio político para que o Brasil só levante as sanções se o atual governo sul-africano cair e assumir um governo de unidade, com representantes de todos os partidos políticos da África do Sul, explicou o governador.

Fleury — que pouco antes, durante o almoço, fizera um brinde ao líder negro, afirmando que “Mandela é liberdade e igualdade” — disse que ele terá todo o apoio político do Governo de São Paulo na questão:

— A política externa brasileira é atribuição do Governo Federal, através do Itamaraty. Mandela não nos pediu apoio financeiro, mas político,

ritação com as notícias divulgadas recentemente de que o Governo sul-africano financiou dois comícios, em 1989 e 1990, da principal força de oposição ao CNA entre os negros, o Partido da Liberdade Inkatha.

— Na década de 60, pegamos em armas por nossos direitos. Com as mudanças do Governo, nos últimos meses, resultantes das sanções econômicas internacionais impostas à África do Sul em 1986, o CNA fez esforços pela paz. Mas a denúncia, dia 19 passado, de que o Governo colaborou com outras organizações, para derrotar o CNA, não deixa mais alternativa para a paz, disse Mandela.

Ele afirmou que a transição do *apartheid* para um regime mais humano depende de um governo de unidade, com representação de todos os partidos:

— Se o governo de unidade não for aceito, não haverá paz, avisou o líder negro. (AE)

HOJE NA BAHIA — A Liberdade, bairro negro de Salvador, com quase 400 mil habitantes, não fará festa hoje para o líder sul-africano Nelson Mandela, que desembarcará às 11 horas no Aeroporto Dois de Julho, da capital baiana.

Os moradores do bairro — onde foram criados os principais blocos afro e as entidades do Movimento Negro da Bahia — estão decepcionados com o cancelamento da visita de Mandela ao local, para a inauguração de um busto em uma praça que levará o seu nome, segundo o vereador Dionisio Juvenal (PMDB).

Alguns moradores, como o operário Marcelo Nery, propuseram realizar uma manifestação de protesto na Praça Castro Alves onde, à tarde, Mandela participará de uma concentração. O líder será recebido no aeroporto por entidades negras, entre estas o Ilê Ayê e a Irmandade da Boa Morte.

Mandela participará de uma sessão conjunta da Assembléia Legislativa e da Câmara Municipal, em que receberá o título de Cidadão de Salvador e o título de Libertador da

HORA

PORTO ALEGRE, SÁBADO — 3.8.91
ANO XXVIII — Nº 9466 — Cr\$ 200,00

Erundina e Fleury recebem líder negro em São Paulo

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, chegou às 15h15min a São Paulo, com mais de três horas de atraso, devido ao desvio da sua bagagem, que ficou retida em Miami, nos Estados Unidos. Eles desembarcaram de um avião Xingu, da Força Aérea Brasileira, no Aeroporto de Congonhas, onde foram recebidos pelo governador Luís Antônio Fleury Filho (PMDB), por sua mulher Ika Fleury, e pela prefeita Luiza Erundina (PT). Estavam também no aeroporto cerca de 50 representantes do Movimento Negro Paulista. O casal Mandela seguiu para o Palácio dos Bandeirantes, sede do Governo paulista, onde almoçou.

Dado o frio de seis graus, Fleury emprestou a Mandela um sobretudo de lã cinza, que o líder negro vestiu sobre seu terno da mesma cor, antes de posar para fotos. No almoço, para 130 pessoas, foram servidos salada Waldorf, lagosta ao termidor e bebidas nacionais. A sobremesa destoou inteiramente do clima: sorvete de creme com cobertura de chocolate.

A diretora do Coletivo da Mulher Negra da Baixada Santista, Eidiland Guilhermina, entregou a Winnie Mandela um documento denunciando a situação de discriminação em que vivem as mulheres negras no Brasil, submetidas ao subemprego. Do palácio, Mandela seguiu para a Prefeitura e a Assembléia Legislativa.

integrar a sua comitiva conseguiram receber, ontem, às 11h30min, as 39 malas que ficaram retidas em Miami, por atraso da American Airlines, na inspeção. A bagagem chegou em caminhão da Polícia Militar, sob escolta.

Logo cedo, o diplomata Antenor Boga, designado pelo Itamaraty para integrar a comitiva, avisara que Mandela só embarcaria para São Paulo depois que recebesse as bagagens. Eles precisam trocar de roupas e reaver seus pertences. As malas guardam também os presentes que receberam em Cuba, Venezuela, México, Jamaica e Espanha.

ELOGIOS — Sanado o problema, Nelson e Winnie Mandela saíram do hotel às 12h40min e embarcaram às 13h45min para São Paulo, num avião da Força Aérea Brasileira que os aguardava na Base Aérea do Galeão. Despedindo-se, o líder negro dirigiu-se aos jornalistas e elogiou a recepção no Rio. Segundo ele, maravilhosa e calorosa.

A manhã chuvosa não impediu que um grupo de fãs do líder sul-africano ficasse à sua espera na porta do Copacabana Palace Hotel. A desenhista de arquitetura Alzira Coelho foi do subúrbio do Méier a Copacabana para que a sua filha, África Dandara, três anos, entregasse uma fotografia ao ídolo. Tanto insistiu que acabou conseguindo que Mandela, antes de entrar no carro que o levaria ao aeroporto, segurasse a me-

Zero Hora 3/8/91

50 minutos
-o-
ólm
60
é

Movimentos do Sul se organizam

Cachoeiro (Sucursal) — Com o objetivo de acompanhar de perto a visita do líder sul-africano Nelson Mandela, que chega a Vitória amanhã à noite, permanecendo no Estado até segunda-feira, integrantes do movimento negro do Sul do Estado, desde o início da semana, vêm se mobilizando para participar de toda a programação. Além da

Mandela ao Estado há três dias e não tivemos tempo de mobilizar um maior número de pessoas”, disse, salientando que a intenção inicial era enviar um ônibus com 40 pessoas. Na sua opinião, a visita de Mandela “servirá como impulso e fortalecimento ao movimento negro em todo o Estado”.

Outros

Nesta cidade, a Associação Beneficente Pixinguinha, que representa o movimento negro, fundada em 23 de abril de 1984, foi a primeira a confirmar a participação na visita do líder sul-africano. Há dois dias a entidade iniciou a distribuição do panfleto “Bem-vindo Mandela”, junto às escolas e comunidades. Segundo o assessor



聖賢之學

Símbolo da resistência contra a segregação racial, o líder negro continua a luta pela igualdade

João Barreto

Tão ou mais popular do que o papa João Paulo II, George Bush ou Mikhail Gorbachev, o líder do movimento negro sul-africano Nelson Mandela chega hoje a Vitória, no aeroporto de Goiabeiras. Motivos para comemoração não faltam: a situação na África do Sul está se abrando com o fim do sistema *apartheid*. Aqui se aproveita para homenagear o herói grisalho que, hoje com 73 anos, continua sua peregrinação em busca de um mundo mais justo e contra qualquer forma de preconceito racial.

Numa visita de seis dias foram incluídas no roteiro de Nelson Mandela as cidades do Rio de Janeiro, Brasília, Vitória e Salvador. O que faz de Mandela uma personalidade tão especial, ao ponto de ser recebida com honrarias de secretário de Estado, acumulando as homenagens mais importantes de todas as cidades pelas quais passou em todo o mundo?

Resistência

Por sua luta pelo movimento negro, Mandela passou 27 anos na prisão, sendo que inicialmente havia sido condenado à pena de morte, sentença "abrandada" para prisão perpétua. A comunidade internacional, sensibilizada com o sofrimento dos negros sul-africanos, pressionou de várias formas com sanções econômicas, respaldada na opinião pública (estimulada em boa parte pela movimentação de artistas). Ao sair da prisão em fevereiro do ano passado, ao contrário do que se esperava, Mandela saiu fortalecido, lucido, com firmeza e serenidade suficientes para remodelar os passos do Congresso Nacional Africano (entidade da qual faz parte como vice-presidente), voltou à atividade de porta-voz do movimento negro africano no mundo e continuou pressionando no sentido de mudanças.

Junto à libertação de Mandela,

vieram mudanças orquestradas pelo presidente sul-africano Frederik Willem de Klerk, que reabilitaram os partidos proscritos e aboliram as leis que impediam o acesso de negros a terras e áreas antes só acessíveis aos brancos. De Klerk também terminou, pelo menos oficialmente, com a segregação nas escolas e nos lugares públicos. As mudanças foram bem-recebidas pela comunidade internacional, dando fim ao boicote que colocou a África do Sul numa situação delicada.

Muitos imaginavam que Mandela amoleceria na prisão mas, ao sair, surpreendeu novamente pregando a luta armada. Mandela é originário da etnia dos xosas, já investiu na luta armada, além de ter moderadas posições comunistas. É um revolucionário, filho de um chefe tribal do Transkei, que trocou vários hábitos pelo terno e a gravata, de acordo com a militância política. Soma-se a isto o fato de Mandela ser um advogado, que conduziu sua própria defesa no julgamento que culminou na sua prisão. Seus depoimentos, idéias, posição política e informações diversas sobre esta época estão contidos no livro *Mandela — A Luta é Minha Vida*, da Editora Globo.

Dedicação

Há quem diga que o segredo de Mandela está na disciplina, que tem origem na dedicação e concentração em torno do que ele almeja. Conta-se que na prisão ele fazia exercícios físicos diariamente, que eram acompanhados de meditações e reflexões, em busca do auto-domínio e do equilíbrio. Para se ter uma noção mais específica do problema sul-africano e da luta de Mandela é necessário uma certa noção histórica. A luta contra a supremacia branca na África do Sul não é coisa recente, mas em 1948 chega ao poder o Partido Nacional dos bôeres (população branca de idioma africâner), hegemônico até hoje. Recorrendo à legislação, os bôeres instituíram um sistema separatista intitulado *apartheid*.

Segundo os escritores de *Mandela — A Luta é Minha Vida*, o li-

3/8/91

der negro teve uma infância tradicional, rural, como membro da família dos nobres Tembu, no Transkei, cuidando de carneiros, arando a terra e sonhando em se tornar um advogado, ao ouvir seu primo, o chefe local, julgando os casos apresentados à corte tribal. Ele sonhava também com os heróis negros do passado. Depois de frequentar a escola metodista, foi para a faculdade tentar o diploma de bacharel, mas foi suspenso no terceiro ano, junto com vários estudantes, entre os quais Oliver Tambo.

Mandela voltou para casa, mas, para evitar um casamento arranjado e para continuar seus estudos, ele foi para Johannesburgo, coração econômico da África do Sul. Lá, ele conheceu Walter Sisulu, um ex-trabalhador de minas alguns anos mais velho que ele que o iniciou no combate contra a injustiça. Em 1944, ele entrou para o Congresso Nacional Africano, junto com Oliver Tambo, Anton Lambede e Sisulu. Este, por sua vez, deu um jeito para que Mandela estudasse Direito ao mesmo tempo em que aprendia como era a vida nos bairros negros superpovoados, cuja população negra vivia sob a constante ameaça da Polícia de Segurança.

Alterações

Nessa trajetória se fortalece Nelson Mandela. Hoje, algumas

fenômeno mundial. O que dizer da habitação da maioria negra em favelas brasileiras? Por essas e outras, a visita de Mandela representa a avaliação de novas idéias e conceitos, principalmente sobre racismo institucionalizado ou não. No entanto, Mandela é incansável e continua reivindicando a libertação de presos políticos, volta de exilados e eleições diretas com facilidades. Esta última anda preocupando os brancos conservadores, uma vez que o Congresso Nacional Africano é maioria e tem a figura de Mandela como um ídolo. No entanto, divide o poder negro com outra facção, o partido Inkhata, liderado por Themba Kosa, rival do Congresso Nacional Africano.

Mas os bôeres ou africânder (de origem holandesa) não vão entregar o ouro de bandeja. O ouro mesmo, pois a cidade de Johannesburgo é a maior produtora de ouro e diamante do mundo, com minas espalhadas por vários pontos. A África do Sul se diferencia do restante do continente por ter uma economia forte e organizada pela minoria branca tão armada que poderia reprimir qualquer levante negro com facilidade e abater qualquer manifestante como mosca.

A expansão industrial do país começou com a Segunda Guerra Mundial, atraindo investimentos estrangeiros, devido à mão-de-obra negra muito barata. A subida do Govenô africânder ao poder e a massacrante submissão da popula-

tavam greves, boicotes e outros atos de desobediência civil contra a legislação repressiva.

Mobilização

Em todos os pronunciamentos, Mandela faz questão de frisar a massa anônima que morreu em decorrência das lutas, agradece o apoio internacional e a opinião pública. Sobre a África do Sul e seus problemas raciais, o cinema já produziu obras com conteúdo significativo, como **Gritos de Liberdade** e **Assassinato sob Custódia**. Este, como a presença de Marlon Brando, que só aceitou atuar porque achou a causa nobre. Ele fez um advogado branco que tenta, em vão, junto com outros negros, lutar contra o regime nazifacista. Em Londres, em 1989, também foi realizado um grande show sob o título **Liberte Mandela**, que movimentou toda a comunidade europeia com a intenção de conseguir uma solução imediata para a questão da prisão do líder.

Em Salvador, compositores se inspiraram em Mandela, sendo que na cidade era possível detectar várias canções cujo tema era Mandela ou África do Sul. A lista de apoio e oferendas fazem de Mandela um dos homens mais famosos deste século. Tanto que o Governo do Estado do Espírito Santo vai conferir ao líder negro a honraria máxima local, a comenda Jerônimo Monteiro, às 17h30m.

Mandela prega queda do governo africano

SÃO PAULO — Lembrando que na década de 60 os negros sul-africanos recorreram às armas, há luta por seus direitos, o presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, pregou ontem a necessidade da queda do governo do presidente da África do Sul, Frederic De Klerk, para a manutenção da paz. "Sem a saída do governo atual, não haverá mais diálogo nem negociação. A única saída para a paz é a formação de um governo interino, de unidade, com representantes de todos os partidos políticos", disse Mandela, em contundente discurso de improviso, após o almoço com que foi homenageado no Palácio dos Bandeirantes.

Mandela começou falando da situação do seu país, onde vivem 30 milhões de negros, sete milhões de brancos e quatro de mestiços. "O poder político continua nas mãos dos brancos. Um percentual mínimo da população tem acesso à instrução, e a maioria vive na miséria", denunciou. "Não é mais possível prolongar esta situação insustentável, pois as diferenças

podem se acentuar cada vez mais", afirmou. Ele demonstrou claramente sua irritação com as notícias divulgadas recentemente de que o governo sul-africano financiou dois comícios, em 1989 e 1990, da principal força de oposição ao CNA entre os negros, o Partido da Liberdade Inkatha.

"Na década de 60, pegamos em armas por nossos direitos. Com as mudanças do governo, nos últimos meses, resultante das sanções econômicas internacionais impostas à África do Sul em 1986, o CNA fez esforços pela paz. Mas a denúncia, dia 19 passado, de que o governo colaborou com outras organizações, para derrotar o CNA, não deixa mais alternativa para a paz", disse Mandela. Ele afirmou que a transição do "Apartheid" para um regime mais humano depende de um governo de unidade, com representação de todos os partidos. "Se o governo de unidade não for aceito, não haverá paz", avisou o líder.

Atraso

O presidente do Congresso Nacional Africano, embarcou

ontem para São Paulo, num avião da Força Aérea Brasileira, com seis horas de atraso. O embarque na Base Aérea do Galeão estava previsto para 8 horas, mas Mandela só chegou às 13h30m porque esperou no Hotel Copacabana Palace pela chegada das 39 malas de sua comitiva que foram extraviadas na vinda para o Brasil. A bagagem ficou retida em Miami, onde o vôo da American Airlines, procedente do México, fez escala.

A chuva fez com que poucos fôssem se atrevesssem a esperar pela saída do líder negro em frente ao Copacabana Palace. Antes de embarcar no Landau que o levou a Base Aérea, Mandela acompanhado de sua mulher, Winnie, pegou no colo a menina africana Dandara Coelho, de 3 anos. A criança entregou ao líder sul-africano uma foto e uma carta com o pedido para visitar a África do Sul.

Mandela tomou café por volta das 9 horas e, em seguida, recebeu, através de membros do Gabinete Militar do governo do Estado, os presentes que ganhara quinta-feira durante sua visita ao Rio de Janeiro e que ha-

viam sido guardados pelo governador Leonel Brizola. Antes de deixar o hotel, ele assinou o livro de ouro do Copacabana Palace, destinado aos autógrafos dos hóspedes ilustres.

Com Fleury

Nelson Mandela, sua mulher e comitiva chegaram às 15h15m a São Paulo. Eles desembarcaram de um avião Xingu, da FAB no aeroporto de Congonhas, onde foram recebidos pelo governador Luís Antônio Fleury Filho (PMDB), por sua mulher Ika, e pela prefeita Luíza Erundina (PT). Estavam também no aeroporto cerca de 50 representantes do Movimento Negro Paulista. O casal seguiu para o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, onde almoçou.

Na Bahia

A Liberdade, bairro negro de Salvador, com quase 400 mil habitantes, não fará festa neste sábado para o líder sul-africano Nelson Mandela, que desembarcará às 11h no Aeroporto Dois de Julho.

Os moradores do bairro — onde foram criados os princi-

pais blocos afro e as entidades do movimento negro da Bahia — estão decepcionados com o cancelamento da visita de Mandela ao local, para a inauguração de um busto em uma praça que levará o seu nome, segundo o vereador Dionísio Juvenal (PMDB).

Durante esta semana, carros de som denunciavam, nas ruas do bairro, a "traição", e alguns moradores, como o operário Marcelo Nery, propuseram realizar uma manifestação de protesto na Praça Castro Alves onde, à tarde, Mandela participará de uma concentração. O líder será recebido no aeroporto por entidades negras, entre estas o Ilê Ayê e a Irmandade da Boa Morte.

Mandela participará de uma sessão conjunta da Assembléia Legislativa e da Câmara Municipal, em que receberá o título de cidadão de Salvador e a medalha "Libertador da Humanidade", criada especialmente para ele. Depois, almoçará no Palácio de Ondina com o governador Antônio Carlos Magalhães.

Ricardo Giraldez/Angular



A TAR

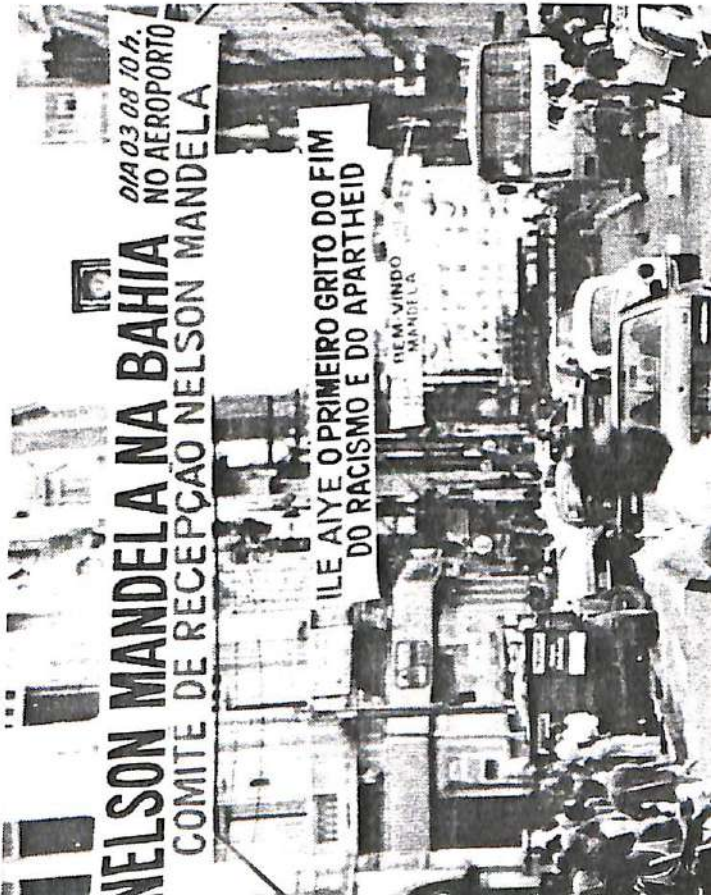
Salvador, Bahia ● Sábado ●

reafirma sua negritude as homenagens a Mandela

Uma luta travada
a partir da cela

Neelson Mandela, legenda viva da luta por um ideal, passou 27 dos 73 anos de vida confinado em prisões — 25 deles na prisão de segurança máxima de Pollsmoor, pelo crime de pregar a luta armada como meio de enfrentar a política de forte segregação racial pregada pela minoria branca que domina com mão de ferro o destino da África do Sul, apesar das sanções e boicote internacionais. Mandela conseguiu obter vitórias sucessivas contra o regime de *apartheid* da África do Sul, mesmo encarcerado, sendo libertado somente no ano passado como consequência da mobilização de milhões de pessoas em todo o mundo.

Príncipe da tribo thembu, da etnia xhosa, que habita a capital do Transkei — um "bantustão", área negra criada pelo



avião da FAB que o trazia chegou em Congonhas, vindo do Rio, às 15h20, com quase três horas e meia de atraso. O governador Luiz Antônio Fleury e a prefeita Luiza Erundina já o esperavam há duas horas. Mesmo com o atraso, Mandela cumpriu uma agenda cheia: almoço no Palácio dos Bandeirantes, encontro com Erundina e lideranças negras na Prefeitura, sessão solene no Palácio dos Bandeirantes. Faltou, no entanto, ao ato público realizado à noite no Pacaembu em sua homenagem.

Mandela protegeu-se da onda de frio com um sobretudo emprestado pelo governador Fleury logo que os dois chegaram à ala residencial do Palácio. "Para mim foi uma honra", disse Fleury. "Espero até que ele fique com o meu casaco, apesar de estar um pouco largo". Em seu discurso, antes de erguer um brinde a Nelson e Winnie, Fleury apontou o casal Mandela como "um exemplo para todos os que lutam pela liberdade".

No Palácio, Mandela reafirmou suas críticas ao presidente F.W. De Klerk. "Não se pode permitir que este governo seja o mediador do processo de transição do apartheid para o regime democrático", disse. Segundo ele, as denúncias de que De Klerk se

ligava a organizações anti-CNA ao mesmo tempo em que negociava a paz o desacreditaram. "Sem um governo interino, de união de todas as correntes, não haverá mais diálogo", resumiu.

Aparentando cansaço e preocupado com os compromissos que

cumprimentou a multidão que o esperava desde cedo (a programação original previa sua chegada para as 9h30), e na Prefeitura, onde ouviu discursos e recebeu presentes. Nas duas ocasiões, Mandela se emocionou ao ser saudado com o

hino nacional africano, cantado em coro pelos admiradores.

Eram 15h40 quando se ouviu a salva de palmas saudando, no Palácio dos Bandeirantes, o líder negro sul-africano. Pelo estabelecido nos convites, quase três horas de atraso. Um atraso que provocou um coquetel prolongado e um "se-ção", iniciado às 12h30, na sala de

recepção do primeiro andar do Palácio.

Só convidados "especiais" tiveram acesso ao primeiro andar: 140, entre políticos, líderes da comunidade negra paulista, empresários negros. Uma fusão rara de pessoas que, no geral, só se conversam e se vêem em ocasiões excepcionais. O grande interesse era saber se Mandela estava chegando e descobrir, já com certa inquietação, o que emperrava seu acesso ao local do almoço.

Para o deputado estadual Gilson Menezes, líder do PSB, Mandela "é o símbolo de alguém que defende uma raça, da liberdade no mundo". O professor Dalmir Dalari, secretário de Negócios Jurídicos na Prefeitura, vê nele "o símbolo da liberdade, que ultrapassa a condição de líder negro para ser um líder de toda a humanidade na luta pela liberdade". Milton Santos, negro, professor de Geografia Humana na USP vê na visita "um

questão importante do continente africano, toma atitudes retóricas. Mesmo este almoço não passa de uma questão de boas maneiras..."

Estão no saguão, à espera, o senador petista Eduardo Suplicy; Henrique Cunha, patriarca dos movimentos negros paulistanos; o

nigeriano Kabengele Nuanga, professor da USP e autor de "Negritude, Usos e Costumes"; padre Toninho, vigário da igreja de Nossa Senhora da Acchiropita; o ex-deputado federal Adalberto Camargo, da Câmara de Comércio Afro-Brasileira; líderes negros, brancos, empresários, estudantes.

Às 15h40 ouviu-se a esperada salva de palmas. E às 16h15 começava o almoço. Mesmo com a excelência do cardápio, a grande emoção estava na espera das palavras de Mandela, uma emoção preparada pelos anos de lutas, prisões, livros escritos sobre ele, e a ascensão à posição de um dos maiores líderes da liberdade neste século.

No seu discurso neste almoço, Mandela revelou a incerteza sobre uma rápida solução para o problema racial da África do Sul. Em suas palavras, a necessidade implícita novas energias para uma nova luta: enfrentar um inimigo que perigosamente se disfarça com as máscaras da democracia. A voz do líder, apesar dos seus 73 anos, soa firme. Mas se percebe que não basta um almoço e estar diante de algumas lideranças brasileiras para ele poder expor o que pensa e também o que espera do governo branco de seu país.

Fernanda Galvão

Busto só fica pronto em outubro

O busto do presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, esculpido provisoriamente em gesso pela artista plástica baiana Márcia Magno, ficou pronto na noite de ontem. E hoje, por volta das 12 horas, será inaugurado por Mandela, que chega a Salvador, às 11 horas, desembarcando no Aeroporto Internacional Dois de Julho, procedente de São Paulo. A estátua definitiva será em bronze e deverá ficar pronta em outubro deste ano. Depois de inaugurado, o busto em gesso será levado para o Rio de Janeiro, e, na Fundição Zani, servirá de molde para a peça em bronze.



Foto Gerardo Ataíde

Na manhã de ontem, em uma das oficinas da Escola de Belas Artes da UFBA, Rua Araújo Pinho, Canela, Márcia Magno, com a equipe de profissionais que estava lhe ajudando a finalizar o trabalho, tingia a estátua. Para isso, o busto recebeu três tonalidades de tintas: cinza, grená, dourada e passou por um processo de envelhecimento com tinta automotiva. A cor definitiva ficará dourada, na tonalidade ouro velho, que dá um aspecto solene à peça.

O líder negro inaugurará cópia em gesso

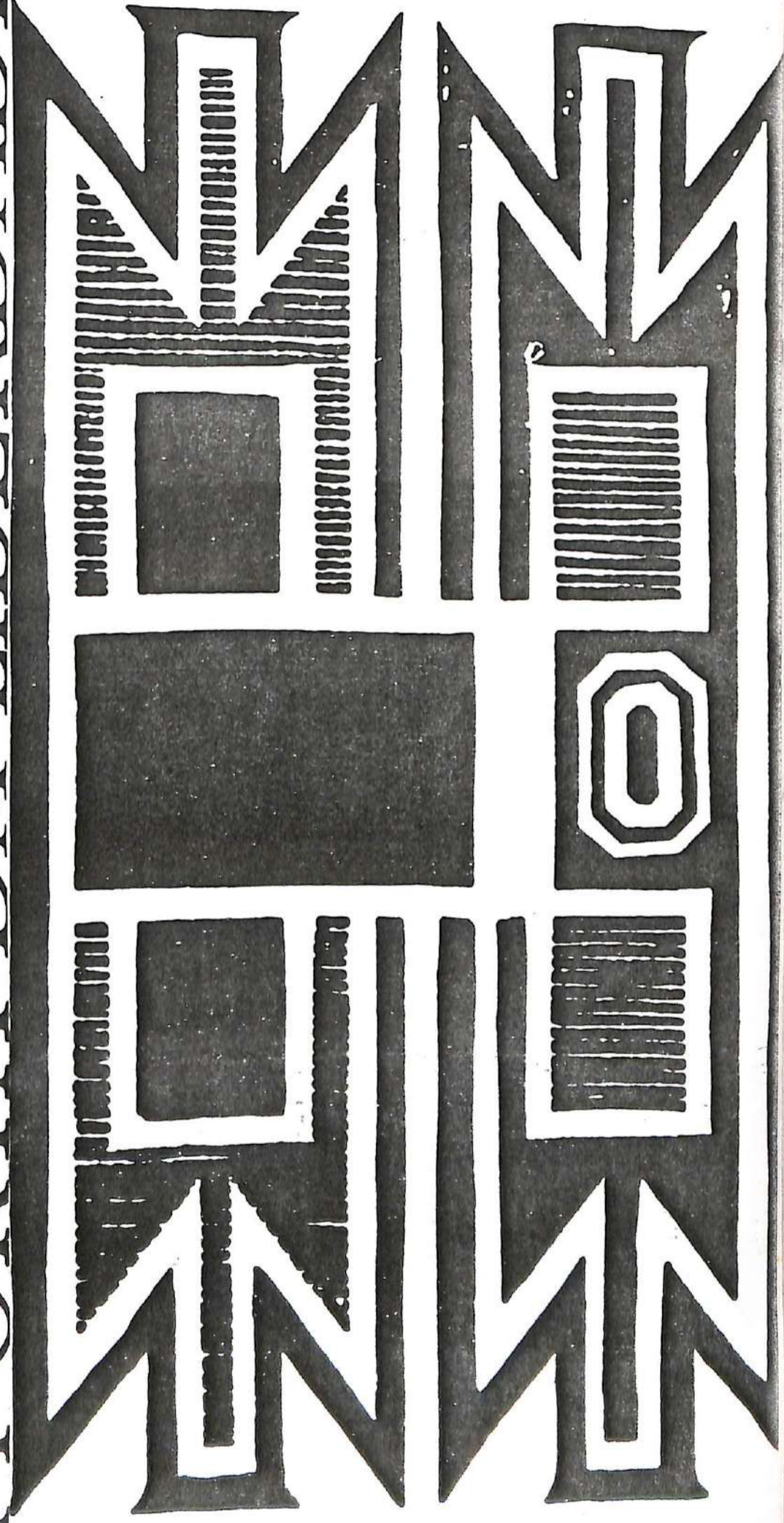
O busto será inaugurado na ante-sala do Palácio Thomé de Souza, Praça Municipal, sede da Prefeitura de Salvador. A estátua definitiva será fixada na Praça Nelson Mandela, junto ao Plano Inclinado da Liberdade, cuja população é majoritariamente negra. O busto tem 65cm de altura e na prefeitura ficará num pedestal com 1,20m de altura, forrado com veludo grená.

A presença de Nelson Mandela no Brasil alerta também para outra vítima do *apartheid* e que, aqui, praticamente ainda não chegou: a literatura negra sul-africana.

Tanto pior, quando escrita em *zulu*, *africaner* ou *sotho*, dialetos locais. Oportunamente, o poeta e contista Paulo Colina traduziu para o português e transformou em coletânea exemplos significativos dessa produção pouco acessível e desconhecida entre nós.

□ POR OSWALDO DE CAMARGO

A PORTA DA LIBERDADE



Quando a liberdade quer se instalar em um país, o caminho tem sido, quase sempre, o mesmo: abrir veredas; depois, caminhos largos, com o fuzil e a palavra.

Em toda a história da Humanidade — desde que o Homem se armou de racionalidade — os maiores manejadores da “palavra útil”, emprestada a uma causa, foram os poetas. Destes é a palavra mais veloz e cortante.

Por isso, nenhuma ocasião é mais oportuna do que esta, quando Nelson Mandela visita o Brasil, para lembrarmos alguns nomes da Literatura sul-africana contemporânea que, a seu modo, sustentaram com a palavra o ímpeto da atitude política libertária de revolucionários como Mandela. Esses poetas têm seus irmãos, em outras “tendas”, alguns mais velhos e de outras línguas, basta lembrar Agostinho Neto, de expressão portuguesa, ou o senegalês David Diop, o congolês Feliz Tchikaya U'tam'si, ou Charles Nokan, da Costa do Marfim, este, poeta do citadíssimo “Quando os dentes dos negros falam”, extraordinário em sua candura e ironia: “Todos pensam que eu sou um canibal/Mas bem sabem o que são as línguas.

“Todos vêem as minhas gengivas rubras/Mas quem as tem brancas/ Vivam os tomates” (excerto, tradução de Manuel Seabra).

Os nomes que aparecerão neste pequeno território poético sul-africano podem ser considerados — na proposta do tradutor deles todos, Paulo Colina — “outra gente nada estranha”. Paulo Colina, como poeta afro-brasileira, também um estranho, e autor, entre outros livros, de *Todo o Fogo da Luta*, os entende muito bem.

É necessário informar, conforme expõe o tradutor na introdução de sua coletânea, “que a literatura sul-africana é escrita em inglês, africaner, xhosa, zulu, bantu, sotho e outras

línguas e/ou dialetos correntes naquele país”. Vê-se, pois, que, em parte é um mundo ainda pouco acessível. Difícil de se adentrar nele, no seu estado natural, quando o poeta não se está expressando em línguas européias. E Paulo Colina nos dá um exemplo: Mazisi Kunene, poeta essencial na poesia sul-africana contemporânea, escreve em zulu e traduz, a seguir, seus poemas para o inglês. Tradutores já houve que, na tentativa de aproximação de dicção e clima poético, tentaram trazer em dialeto o tonus de poetas africanos, esses estranhos... Tal o caso da aventura tradutória de Manuel Seabra, vertendo para o crioulo português o poema do nigeriano Aig-Imoukhued, escrito em “Pidgin English”, sobre a introdução da monogamia e do divórcio, lá. Finamente irônico: “Eu foi igreja,/ eu foi tribunal/ Eles todo dia fala di “nova cultura”,/ Eles fala di ‘igualdade’, fala di ‘divórcio’./ Eles todo dia quase fura meu orelha;/ Uma mulher para um homem”. (Trecho de “Uma mulher para um homem”, na antologia “Poesia Africana de Hoje”, do tradutor citado.)

Dos poetas que Paulo Colina escolheu, o mais antigo é Mazisi Kunene, nascido em 1930, em Durban. Em 1959 preparou, em Londres, uma tese sobre poesia zulu, na *School of Oriental and African Studies*. Escreveu, também em zulu, teatro e poesia.

Quatro mulheres aparecem nesta coletânea: Jumainah Montaung, Gloria Nkadimeng, Lindiwu Mabusa e Phyllis Altman. Pouco ainda se sabe delas, além do que expressam escrevendo. Motivo, segundo o tradutor: elas ainda militam, clandestinamente, no ANC. São irmãs, esposas, soldados, em luta.

Um dos mais contemplados com as versões de Paulo Colina é Mongane Wally Serote, também prosador. Autor de *Selected Poemes: Yakhali Inkono* (Prêmio Memorial Ingrid Jonker), em *O Crescimento* ele expõe: “Se meus pensamentos e mãos se estenderem/ Para po-

dar os ramos e varrer as folhas/ Havia aqui um pensamento crescendo./ Então palavras, depois ação./ Assim, se você diz poda em vez de corte,/ Eu o estou ensinando sobre o crescimento de coisas”.


Outros que na coletânea comparecem: Mafika Pascal Gwala, autor de *Jol'linkomo*, e Oswald Mbuyseni Mtshali, nascido em Vryheid, em 1940. Escreveu *Sounds of Cowhide Drum*.

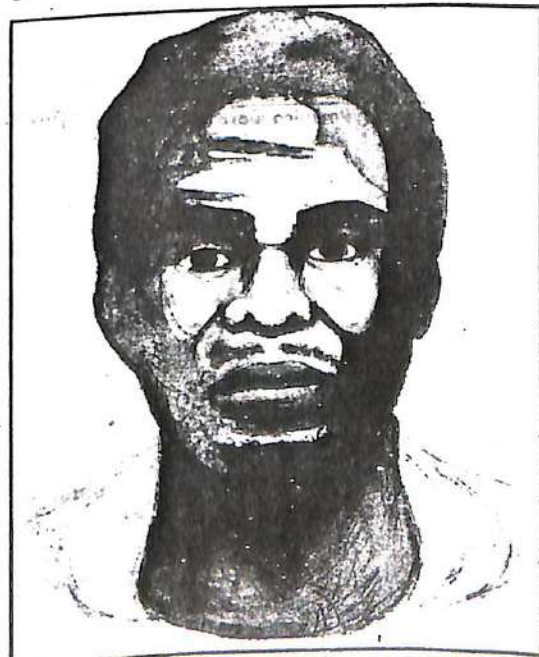
São tortuosos os caminhos da Literatura Negra Sul-Africana. Se a Liberdade era contida e aprisionada, como Mandela, também, por decorrência, a palavra de poetas, contistas, oradores. E a partir dos anos 50 — informa-nos Paulo Colina — muitos livros foram proibidos na África do Sul. E de 1963 em diante a Santa Inquisição foi reinstaurada, via Censura, com banimentos e queimas de volumes em praça pública.

Os caminhos, todos, fechados. A cisão com o passado foi profunda, deixando praticamente órfã uma literatura. E só a partir de 1968 se inicia uma nova era na literatura negra sul-africana, com predominância da Poesia.

Os poetas da coletânea de Paulo Colina, intitulada *Outra Gente Nada Estranha — Poesia Negra Sul-Africana Contemporânea*, falam sobretudo do cotidiano do negro sul-africano. O ideal seria trazer toda ela para este espaço do “Caderno de Sábado”. Pela excelência dos poemas, nesta tradução, e pelo quase nenhum conhecimento que se tem, no Brasil, desses autores. Os exemplos que escolhemos para essa mínima amostragem confirmarão nossa assertiva.

Paulo Colina, contista, dramaturgo e militante forte no campo da Literatura Afro-Brasileira, acrescenta, com essas traduções, algo que faltava para conhecermos melhor a alma dessa gente nada estranha...

É se conhecendo melhor que os homens, todos, brancos, negros, amarelos, se irmanam. Para que juntos, com suas diferenças, partam para forçar, com ação e beleza, um mundo melhor. 



Oswald Mbuyseni Mtshali: forte vínculo com Agostinho Neto: o decano entre eles. Padrão

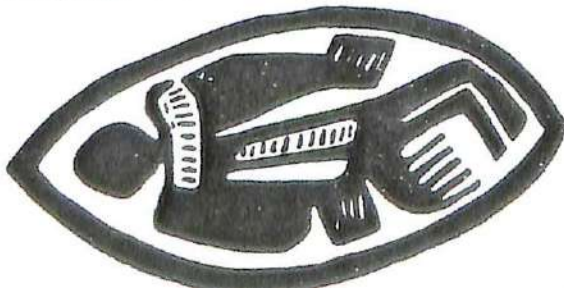
Agostinho Neto:

Outra gente nada estranha

UMA HERANÇA DE LIBERTAÇÃO

MAZISI KUNENE

Já que foram vocês que em todas essas épocas magras
Transmitiram às nossas mentes as visões de vida,
Aceitem essas armas pelos filhos dos nossos filhos.
Eles eram nossos.
Eles romperam os cercos inimigos.
Assim, deixem nossos filhos viverem com nossas vozes.
Com toda a plenitude dos nossos pesadelos.
Deixem que eles nos enterrem na montanha
Para lembrá-los de nossas andanças.
O ocaso rouba a nossa juventude
Nós temos que partir.
Temos que seguir a pista do pássaro-assassino
Ou então dormir o sono do terror
Para quem sabe as próximas gerações
Possam herdar nosso sonho de festa.
Nós que vigiamos a água vagar sobre nossas cabeças
Nós que sentimos o arido cheiro da morte
Que vimos os urubus abandonarem a carne dos nossos companheiros
Nós lhes legamos os raios da manhã...



Desenho
esculpido em
osso

O DIÁLOGO REAL

MONGANE WALLY SEROTE

Não tema Bass (*)
Só porque apareci súbito
E nossas faces se encontraram
Nesta noite negra como eu.
Não tema —
Nós sempre nos encontraremos
Quando você menos esperar.
Na noite negra como eu,
Surgirei.
Não tema —
Ajulpe seu coração
Quando você me temer —
Eu culparei minha mente
Quando lhe temer
a noite negra como eu.
Não tema Bass,
Seu coração é tão imenso como o mar
sua mente como a terra.
á tudo bem, bass,
Não tema.

TRADUÇÕES DE PAULO COLINA



Pintura
parietal
da etnia
Ndebele

HERÓI TOMBADO

GLORIA NKADIMENG

Tombaste guerreando companheiro
quebrando entre nós dois a corda da vida
tu que renunciaste a uma vida amada
por vinte milhões desta terra natal
tu companheiro justa e coragem
Não borrarei esta terra
a te pranteiar... não agora
mas mobilizarei meu desejo

Tu que foste silenciado por tua língua honesta
tu que arrancaste a máscara do disfarçado-branco-purificado
senso de educação escravocrata
e o quê da carcaça por prata revestida do tribalismo que (abominavas

Que importa?
não dispensaste esforço nem vida
para esmagar os criadores desses mágicos bárbaros
agora sem vida descansas aqui em um húmulo fértil
de vinte milhões de corações
agora não te carregarei com as atas riscadas
de gás lagrimogênio em teus olhos jovens
na brutalidade sibilante que o dia foi

Não não te carregarei
estarei muda como o silenciado que (agora) és
mas serei um bumerangue ricocheteando em frui
para sepultar esta morte
definitivamente



Desenho
comum
entre os
Ndebele

O REGIME SUL-AFRICANO A BANIU

PHYLIS ALTMAN

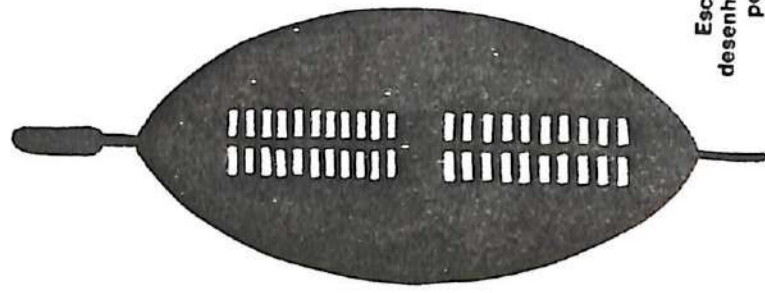
Eu não aceitaria muda seus sacramentos
Nenhum óleo para selar meus lábios mente olhos coração.
Então arrancaram minha língua e mutilaram minha mão
Deram-me por penitência o taciturno silêncio
Dias desolados para contar meu rosário
Meu lar minha cela, retirada do mundo dos homens.

Mesmo aqui escondida
Eu respiro penso vivo amo
Meu consolo o amor — que eles odeiam
Sou eu quem ama e eles que odeiam
Eu porém sou infinita.

UMA VIDA PERDIDA

JUMAIMAH MOTAUNG

Três em ponto
A hora mais escura
O cantar de um galo
O choro de uma criança
Morta de fome
Como a mãe
O despertar de um dia escuro
Cônjuge da miséria
O corpo da criança que chora
Pende na película de luz
De Kwashiokor
Quem sabe? Quem sabe?
Da esquina do dia o frango cocorica
A mãe desperta
Em seus olhos um filme confuso
A faz chorar junto
Com sua criança
Ela embrulha nas mãos
As lágrimas da criança
E com a morte na cabeça
Anda por todo o país



Escudo
desenhado
pelos
Zulus

Editorial Vozes d'África

A visita de Mandela serve para repensar a diplomacia brasileira para com os países do Continente Africano (Pág. 6).

Vozes d'África

Encerrando sua visita a quatro países latino-americanos, o líder sul-africano Nelson Mandela chega hoje à Bahia, estado de maior população negra no País, para uma visita de poucas horas, pois, segundo o seu programa de viagem, hoje mesmo segue para o Espírito Santo, cujo governador, Albuíno Azeredo, é da mesma etnia.

No momento em que Mandela percorria as ruas do Centro Histórico de Havana, uma cidade onde a presença dos descendentes de africanos é marcante tanto quanto em Salvador, Rio ou Recife, na Bahia um grupo de africanos era libertado de um navio onde estavam presos ilegalmente, a fim de serem devolvidos aos seus países de origem.

Eles são apenas um minúsculo retrato dos problemas que enfrentam todos os países africanos.

Metade de tais países é governada por ditaduras militares ou regimes de partido único. A outra metade, mesmo sem os militares ou o partido único, está longe de oferecer a liberdade e o desenvolvimento pregados pelos líderes que desencadearam o processo de libertação na década de 60.

Por incrível que possa parecer, só a África do Sul consegue reformar pacificamente sua Constituição, ainda assim por força de pressão internacional, que Mandela deseja continuar, a fim de que o segregacionismo acabe de uma vez por todas em sua pátria.

Ocorre que os ventos da liberdade que sopram noutros continentes terminam por influir nos acontecimentos de nações africanas que, quando não andam em ritmo extremamente lento, andam para trás, num incontrolável processo de regressão sócio-econômica.

X
X X

O nacionalismo de Kenyatta, Boigny, Nyerere, Agostinho, Cabral, Patrice Lumumba e tantos outros resultou em monopartidarismo, ditaduras sangüinárias como as de Idi Amin e Bokassa, em tentativas de secessão (Katanga, Biafra, Eritreia, Somália) ou rebeliões e confrontos religiosos como na Argélia, Tunísia e Nigéria.

É por isso que países ricos em petróleo, como são a Nigéria e a Argélia, exibem um quadro de miserabilidade e problemas igual a de seus demais vizinhos de infortúnios.

Some-se a isso mais a inexperiência política, a falta de quadros, o paternalismo, a falência econômica e a desertificação e teremos um continente potencialmente rico convertido em presa da fome, da pobreza e das epidemias.

Segundo previsão de técnicos da Organização Mundial de Saúde, para citar apenas o flagelo da AIDS, o quadro é tão grave que a peste pode dizimar populações inteiras de países africanos, como, por exemplo, Uganda.

Infelizmente, os ventos modernizado-

res que atingem determinados e poucos países africanos não trazem a esperança de solução para os problemas sociais, como acontece no Leste europeu ou na União Soviética.

Mas, as possibilidades de mudanças políticas ao estilo nigeriano, com dois ou três partidos (Guiné, Zaire), ou ao estilo senegalês, com um falso multipartidarismo que destrói a oposição diante do partido único (Costa do Marfim, Gabão), devem ser acompanhadas pela diplomacia brasileira.

Até o governo Juscelino, a diplomacia brasileira em relação à África tinha como base o colonialismo.

Com a ascensão de Jânio Quadros, pela primeira vez o Brasil mandou para a África um embaixador descendente de africanos.

X
X X

O Itamaraty começou a sintonizar-se com a política terceiro-mundista, que viria a tomar rumos novos no governo Geisel, sob a batuta de Saraiva Guerreiro.

A tragédia de Angola é típica de um continente que mostra facetas cada vez mais exuberantes de inviabilidade.

Depois de 17 anos dilacerando-se entre si, o grupo guerrilheiro apoiado pela União Soviética faz as pazes com os guerrilheiros apoiados pelos Estados Unidos, deixando no campo de luta 700 mil mortos de ambos os lados.

Os outrora guerreiros vão decidir agora o seu prestígio de forma civilizada, via eleições.

O marxismo, tanto no Leste europeu quanto na União Soviética, significou um absoluto fracasso ainda em Moçambique, Somália, Etiópia, Chade, Sudão e Libéria.

Ora, a retirada ideológica da URSS criou um vazio que oferece oportunidade aos africanos de repensarem o seu destino. Talvez voltarem as vistas para a América Latina, e nesse ponto entra em cena a habilidade da diplomacia brasileira.

Mandela é um símbolo da tragédia e da possibilidade de a África se recompor, ainda que voltando para si própria. Com certeza, o Itamaraty não deve estar alheio a tais vertentes que agora se reabrem, pois não é possível que um continente de tantas riquezas e de tantas tradições milenares, desde os faraós do Egito aos xeiques atuais, não encontre um caminho de paz e liberdade para o seu futuro e seja o eterno teatro do domínio de seus filhos por outros povos e das lutas entre as tribos que o povoam, desde os árabes do Norte aos africanos do Sul.

Temos profundas afinidades com povos africanos, sobretudo os que se identificam conosco pelo mesmo idioma, pelo que há razões bastante para que nos interessemos pelo seu destino. A reabertura de nossas relações com a África do Sul é um passo importante nesse relacionamento, que desejamos se estreite sob os auspícios da integração racial, todos contribuindo para um futuro melhor para a África e para a América.

Mandela prega unidade na África do

São Paulo (AE) — Lembrando que na década de 60 os negros sul-africanos receberam às armas, na luta por seus direitos, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, pregou ontem, em São Paulo, a necessidade da queda do governo do presidente da África do Sul, Frederic de Klerk, para a manutenção da paz. "Sem a saída do governo atual, não haverá mais diálogo nem negociação. A única saída para a paz é a formação de um governo interno, de unidade, com representantes de todos os partidos políticos", disse Mandela, em contundente discurso de improviso, após o almoço com que foi homenageado no Palácio dos Bandeirantes.

Mandela começou falando da situação do seu país, onde vivem 30 milhões de negros, sete milhões de brancos e quatro de mestiços. "O poder político continua nas mãos dos brancos. Um percentual mínimo da população tem acesso a instrução, e a maioria vive na miséria", denunciou. "Não é mais possível prolongar esta situação insustentável, pois as diferenças podem se acentuar cada vez mais", afirmou. Ele demonstrou claramente sua irritação com as notícias divulgadas recentemente de que o governo sul-africano financiou dois co-

mícios, em 1989 e 1990, da principal força de oposição ao CNA entre os negros, o Partido da Liberdade Inkatha.

"Na década de 60, pegamos em armas por nossos direitos. Com as mudanças do governo, nos últimos meses, ressaltantes das sanções econômicas internacionais impostas à África do Sul em 1986, o CNA fez esforços pela paz. Mas a denúncia, dia 19 passado, de que o governo colaborou com outras organizações, para derrotar o CNA, não deixa mais alternativa para a paz", disse Mandela. Ele afirmou que a transição do "apartheid" para um regime mais humano depende de um governo de unidade, com representação de todos os partidos. "Se o governo de unidade não for aceito, não haverá paz", avisou o líder.

ATRASO NA CHEGADA

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, chegou às 15h15min a São Paulo, com mais de três horas de atraso, devido ao desvio da sua bagagem, que ficara retida em Miami, nos Estados Unidos. Eles desembarcaram de um avião Xingu, da Força Aérea Brasileira, no Aeroporto de Congonhas, onde foram recebidos pelo go-

vernador Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB), por sua mulher Ika, e pela prefeita Luiza Erundina (PT). Estavam também no aeroporto uns 50 representantes do Movimento Negro Paulista. O casal seguiu para o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, onde almoçou.

Dado o frio de seis graus, Fleury emprestou a Mandela um sobretudo de lã cinza, que o líder negro vestiu sobre seu terno da mesma cor, antes de posar para fotos. No almoço, para 130 pessoas, foram servidos salada waldorf, lagosta ao thermidor com molho de estragão e bebidas nacionais (vinho branco Almaden, tinto Conde de Foucault e champagne M. Chandon). A sobremesa destoa inteiramente do clima: sorvete de creme com cobertura de chocolate.

A diretora do Coletivo da Mulher Negra da Baixada Santista, Eidlind Guinhermina, entregou a Winnie Mandela um documento denunciando a situação de discriminação em que vivem as mulheres negras no Brasil, submetidas ao subemprego. Do palácio, Mandela seguiu para a prefeitura e a Assembleia Legislativa.

Fleury atende pedido do líder

O governador de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB), disse ontem estar disposto a fazer um apelo

para a atribuição do governo federal, através do Itamaraty. Mandela não nos pediu apoio financeiro,



nageado no Palácio dos Bandeirantes. Mandela começou falando da situação de seu país, onde vivem 30 milhões de negros, sete milhões de brancos e quatro de mestiços. "O poder político continua nas mãos dos brancos. Um percentual mínimo da população tem acesso a instrução, e a maioria vive na miséria", denunciou. "Não é mais possível prolongar esta situação insustentável, pois as diferenças podem se acentuar cada vez mais", afirmou. Ele demonstrou claramente sua irritação com as notícias divulgadas recentemente de que o governo sul-africano financiou dois co-

no depende de um governo de Unidade, com representação de todos os partidos. "Se o governo de unidade não for aceito, não haverá paz", avisou o líder.

ATRASO NA CHEGADA

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, chegou às 15h15min a São Paulo, com mais de três horas de atraso, devido ao desvio da sua bagagem, que ficara retida em Miami, nos Estados Unidos. Eles desembarcaram de um avião Xingu, da Força Aérea Brasileira, no Aeroporto de Congonhas, onde foram recebidos pelo go-

thermidor com molho de estragão e bebidas nacionais (vinho branco Almaden, tinto Conde de Foucault e champagne M. Chandon). A sobremesa destoa inteiramente do clima: sorvete de creme com cobertura de chocolate.

A diretora do Coletivo da Mulher Negra da Baixada Santista, Eidiland Guilhaermina, entregou a Winnie Mandela um documento denunciando a situação de discriminação em que vivem as mulheres negras no Brasil, submetidas ao subemprego. Do palácio, Mandela seguiu para a prefeitura e a Assembleia Legislativa.

Fleury atende pedido do líder

"O governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), disse ontem estar disposto a fazer um apelo ao presidente Fernando Collor para que o Brasil não levante as sanções diplomáticas e econômicas à África do Sul. Se o fizer, Fleury estará atendendo a um pedido do líder negro Nelson Mandela, que lhe falou sobre isso em encontro reservado que mantiveram, depois de almoçarem no Palácio dos Bandeirantes. "Mandela me pediu

apoio político para que o Brasil só levante as sanções se o atual governo sul-africano cair e assumir um governo de unidade, com representantes de todos os partidos políticos da África do Sul", explicou o governador.

Fleury — que pouco antes, durante o almoço, fizera um brinde ao líder, afirmando que "Mandela é liberdade e igualdade" — disse que ele terá todo o apoio político do governo de São Paulo naquela questão. "A política ex-

terna brasileira é atribuição do governo federal, através do Itamaraty. Mandela não nos pediu apoio, financeiro, mas político, e estou disposto a levar ao presidente o seu pedido", afirmou o governador. Fleury contou que ele e Mandela conversaram também sobre os problemas comuns ao Brasil e à África do Sul. "Falamos sobre o desemprego e sobre a necessidade de maior justiça social nos dois países", afirmou.

Mandela quer sanção contra apartheid

São Paulo — Na conversa que teve com o governador Luiz Antônio Fleury Filho, o líder sul-africano, Nelson Mandela, voltou a fazer um apelo aos países do Primeiro Mundo e aos que aderiram à luta do seu povo contra o apartheid: que as sanções econômicas contra a África do Sul sejam mantidas até que haja mais igualdade entre brancos e negros. A conversa com o governador paulista se desenvolveu no mezanino do Palácio dos Bandeirantes, onde foi servido um almoço para 150 pessoas. Nelson Mandela reclamou do alto índice de desempregados entre os negros, cerca de três milhões de pessoas. Mandela só deixou o palácio do governo por volta das 19h, indo para a prefeitura.

Nelson Mandela defendeu os direitos humanos ao ser recebido na prefeitura Luiza Erundina e recordou que essa luta está ocorrendo em Soweto e em São Paulo e pediu a todas as entidades negras presentes que apoiem os direitos da pessoa humana em qualquer parte do mundo. "Essa luta" — disse o líder sul-africano — "significa eliminar as diferenças entre ricos e pobres, a falta de educação, de

habitação", acrescentando que "o Estado está na obrigação de ajudar a todos os homens para que todos possam ter os mesmos direitos independentemente de sua cor".

Por ordem médica, Mandela, apressou o fim da homenagem que recebeu no plenário da Assembleia Legislativa, na noite de ontem. Visivelmente esgotado, não conseguiu esperar que vários líderes de partidos discursassem para ele. Foi preciso que as palavras dos deputados fossem cassadas para que Mandela antecipasse o discurso de agradecimento.

Por volta de 21h30, membros da comitiva do visitante informaram que Mandela não iria ao ato público marcado para o estádio do Pacaembu. Sendo representado por sua mulher, Winnie Mandela. Em breve discurso, no plenário da Assembleia, Nelson Mandela falou sobre sua luta e revelou que desde que saiu da prisão, pela primeira vez, podia presidir a uma sessão legislativa. Antes do término da sessão, o presidente da Casa, Carlos Apolinário, do PMDB, deixou Mandela presidir a solenidade, fato inédito porque o regimento interno não permite tal concessão.

Rio — Ao agradecer o apoio do povo brasileiro na luta contra o apartheid na África do Sul, Nelson Mandela reforçou o que ele sentia pelo país que visitava. "Se não fosse pela ajuda da comunidade internacional, em particular do Brasil, não estaria aqui esta noite", aplaudidíssimo no show em sua homenagem, realizada quinta-feira na Praça da Apoteose, no Rio. Mandela, que recebeu a Medalha Pedro Ernesto, das mãos do deputado Luís Henrique Lima (PDT), ao contrário do vereador Edson Santos (PC do B) conforme estava programado, disse que o Brasil e o povo ocupam um lugar especial nas relações entre os dois países. "Temos muito a aprender com o Brasil. Sabemos que são inúmeras as dificuldades em criar uma democracia não racial, e por este motivo temos que reforçar nossas relações", acrescentou.

Ao lado do líder sul-africano, o governador Leonel Brizola e o prefeito Marcello Alencar, todos acompanhados de esposas, ouviram atentos ao discurso de Man-

dela. Brizola sorriu quando Mandela agradeceu ao apoio do governo estadual. Ele falou sobre o problema dos direitos humanos que se espalha não apenas no Brasil, mas em outros países da América Latina, Ásia, África e Oriente Médio.

Mandela afirmou que a "minoría branca sempre se valeu da força bruta na África do Sul, e que este tipo de governo não seria mais tolerado". Antes de se despedir, um pouco cansado da extensa programação que o levou a diferentes lugares, prometeu dar um basta no apartheid. Ao lidar o público para suas casas, Mandela disse um "muito obrigado" em português, deixando rapidamente o local. A plateia, entretanto, continuou fazendo a festa numa homenagem bonita, de muita energia e luz.

A expectativa pela presença de Nelson Mandela na Praça da Apoteose, durante o show "Mandela o Rio te abraça", na noite de quinta-feira, só terminou com a

chegada do líder sul-africano por volta das 21h30 ao Sambódromo. Mandela subiu ao gigantesco palco 15 minutos depois, acompanhado da mulher Winnie, do governador Leonel Brizola, a esposa dona Neuza, do prefeito Marcello Alencar e uma numerosa comitiva que incluía autoridades, políticos e artistas. O público calculado em aproximadamente 50 mil pessoas não sabia ao certo quando Nelson Mandela chegaria à Praça da Apoteose. Inúmeros atores, cantores, blocos de afonemas estiveram presentes na homenagem ao presidente do Congresso Nacional Africano. O clima era dançante na Apoteose na apreensão dos cantores. Um respeitoso silêncio deu lugar quando Mandela iniciou o discurso. "Senhoras e Senhores, boa noite", disse ele em um arrastado português, para em seguida agradecer em inglês o apoio na luta contra o racismo na África do Sul. "O povo brasileiro é um amigo leal que nos apoiou nos momentos mais difíceis", afirmou.

Preconceito é denunciado

No instante em que o líder sul-africano, Nelson Mandela, desembarcava em São Paulo, ontem, uma denúncia de preconceito racial era feita na cidade vizinha de São José dos Campos, pela jovem Kátia Regina, barrada num emprego local por causa da cor. Kátia é jornalista e procurou uma agência de empregos na cidade, sendo logo chamada. Assim que se apresentou à empresa para a entrevista de praxe foi dispensada com argumento de que a vaga estava preenchida. Isso só ocorreu depois que diretores da empresa viram sua cor: negra.

Kátia Regina, 20 anos, pediu a abertura de inquérito e fez um apelo aos negros: que denunciem todos os lances de preconceito. Com uma população acima de 200 mil habitantes, São José dos Campos é a principal cidade do Vale do Paraíba. É um município moderno e uma

das cidades de São Paulo que recebiam mais migrantes do Estado de Minas.

Atraso — Nelson Mandela atrasou sua chegada em seis horas: previsto para às 9h30, seu desembarque em Congonhas só ocorreu às 3h30 da tarde. Mandela esperou no Rio as 39 malas que foram desviadas no percurso da viagem.

Atropelos — Antes do pouso do jatinho da FAB, centenas de pessoas pressionavam porteiros da ala nacional do aeroporto para que os deixassem entrar (na parte interna) para se abrigarem do chuvisco e do frio. Não foram atendidas. Houve intervenção do governador Fleury. Os negros não aceitaram entrar pela porta lateral, porta-de serviço. Foi preciso que Fleury se dispusesse a entrar com eles pela porta lateral.

Outro lance que deixou os representantes das entidades negras aborrecidos: na pauta dos discursos na solenidade, à noite, não havia lugar para eles. A situação só foi contornada com a iniciativa da prefeita Luíza Erundina, que desistiu da palavra em favor das entidades.

JORNAL DO COMMERCIO

Editado desde 1.º de outubro de 1827

Mandela quer governo interino de unidade para África do Sul

SÃO PAULO — Lembrando que na década de 60 os negros sul-africanos recorreram às armas, na luta por seus direitos, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, pregou ontem em São Paulo, a necessidade da queda do Governo do presidente da África do Sul, Frederic De Klerk, para a manutenção da paz. "Sem a saída do Governo atual, não haverá mais diálogo nem negociação. A única saída para a paz é a formação de um Governo interino, de unidade, com representantes de todos os partidos políticos", disse Mandela, em discurso, após o almoço com que foi homenageado no Palácio dos Bandeirantes.

Mandela começou falando da situação do seu País, onde vivem 30 milhões de negros, sete milhões de

brancos e quatro de mestiços. "O poder político continua nas mãos dos brancos. Um percentual mínimo da população tem acesso à instrução, e a maioria vive na miséria", denunciou. "Não é mais possível prolongar esta situação insustentável, pois as diferenças podem se acentuar cada vez mais",

afirmou.

Ele demonstrou claramente sua irritação com as notícias divulgadas recentemente de que o Governo sul-africano financiou dois comícios, em 1989 e 1990, da principal força de oposição ao CNA entre os negros, o Partido da Liberdade Inkatha.

Fleury defenderá sanções

O governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), disse ontem estar disposto a fazer um apelo ao presidente Fernando Collor para que o Brasil não levante as sanções diplomáticas e econômicas à África do Sul. Se o fizer, Fleury estará atendendo um pedido do líder negro Nelson Mandela, que lhe falou sobre isto

em encontro reservado que mantiveram, depois de almoçarem no Palácio dos Bandeirantes. "Mandela me pediu apoio político para que o Brasil só levante as sanções se o atual governo sul-africano cair e assumir um governo de unidade, com representantes de todos os partidos políticos da África do Sul", explicou o governador.

ESTADO DE MINAS

FUNDADOR DOS "DIÁRIOS ASSOCIADOS": ASSIS CHATEAUBRIAND

Belo Horizonte, sábado, 3 de agosto de 1991

Diretores Gerais: Paulo Cabral de Aráujo e Pedro Aguiinaldo Fulgêncio

Diretor-Executivo: Camilo Teixeira da Costa

Diretor de Redação
Roberto Elmo de Castro Silva

Diretor de Publicidade
Edison Zenóbio

Diretor de Administração
José Tarciso Fialho de Oliveira

Diretor de Finanças
Hélio Azeite

Diretor Industrial
Alvaro Teixeira da Costa

Diretor-Secretário: Theobaldo Pereira Diretor-Adjunto: Cyro Siqueira

Racismo provoca evasão de negros das escolas

pesquisa mostra que discriminação afasta crianças negras das salas de aula

País com grande contingente de pessoas negras, onde a discriminação racial é legalmente proibida, o Brasil ainda convive com problemas decorrentes do preconceito de cor. Uma pesquisa da Fundação João Pinheiro (FJP) concluiu que a violência psicológica sofrida por crianças negras é um fator de estímulo à evasão escolar.

Intitulada "Racismo na Escola — Linguagem do Silêncio", a pesquisa incluiu entrevistas com adultos negros e um levantamento em escolas da rede pública de Belo Horizonte em que a maioria dos alunos é negra. A primeira fase do trabalho, em 1985, mostrou que as escolas adotam critérios discriminatórios já no ato da matrícula. A clientela é selecionada de maneira homogênea. Há escolas públicas que se especializam em crianças de classe baixa, enquanto outras voltam-se para crianças de classe média.

De acordo com o trabalho, quando uma escola recebe clientela heterogênea, tenta homogeneizá-la ao definir turmas e turmas. Na avaliação dos técnicos da FJP esses mecanismos de seleção permitem às instituições, principalmente as com estudantes de classe média, de-

fender seu status e desempenho, recusando ou marginalizando a criança pobre. O mesmo ocorre com as crianças negras, pois a negritude era associada à pobreza.

A maioria desses alunos era encaminhada a escolas carentes, com instalações físicas precárias, sem equipamentos e nas quais o corpo docente não tinha valorização profissional. Na fase recente da pesquisa, os pesquisadores estudaram uma escola da periferia da capital, com maioria de estudantes negros e sem infra-estrutura adequada. Noventa por cento dos estudantes gastavam dois anos para concluir uma série.

Uma turma da quarta série primária tinha alunos de 14 a 16 anos, quando a idade normal seria 10 anos. Entrevistados pelos pesquisadores, os estudantes admitiram casos de racismo, mas usaram exemplos de outros alunos, evitando mencionar sua condição de negros. A baixa aceitação prejudicava o rendimento escolar e reduzia as aspirações do grupo. Segundo a equipe da FJP, altitude do professor também negro, não contribuía para estimular os alunos.

O Ministério da Educação,



André

“Me sentirei honrado com a presidência”

Jornal do Brasil

4/8/91

■ Há quatro dias no Brasil, com mais dois pela frente antes de voltar para casa, o líder negro sul-africano Nelson Mandela corre de um canto a outro em busca de apoio a um provável governo da maioria negra na África do Sul. Dezoito meses após sair da prisão e em meio a um processo de transição emperrado, ele evita especular sobre seu pa-

pel neste futuro governo, mas adianta que se sentirá honrado se for escolhido pelo voto para presidir um país que ele vem redescobrendo aos poucos após passar mais de um terço da vida na prisão. Aos

73 anos, o presidente do Congresso Nacional Africano surpreende pela disposição de cumprir uma agenda alucinante que começou há 15 dias em Madri e terminará na noite de terça-feira no Rio, aonde

ele volta para um dia de descanso antes de regressar à África do Sul. Às 7h30 da manhã de ontem Mandela concordou em conceder uma entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL, respondendo as perguntas por escrito em seu quarto de hotel em São Paulo antes de viajar para Salvador.

Gabriela Máximo

Há meses o Congresso Nacional Africano vinha acusando o governo sul-africano de financiar o Inkatha, a organização negra rival do CNA. Quando o senhor saiu da África do Sul, há duas semanas, o presidente Frederik de Klerk finalmente admitiu ter dado ao menos 90 mil dólares ao Inkatha entre 1989 e 1990. Na terça-feira o senhor deixa o Brasil de volta para casa. Qual será sua resposta a esta crise?

A resposta do Congresso Nacional Africano ao que nós chamamos de escândalo do Inkathagate não será dada somente por mim quando eu voltar para a África do Sul. O Comitê Nacional executivo do CNA se reuniu e deu uma resposta à crise. A delegação (que o acompanha na viagem) também se reuniu e emitiu um comunicado oficial do qual se podem tirar os pontos principais. Nossa conclusão geral é que um governo interino para a África do Sul nesse período de transição é condição sine qua non para uma solução negociada. O apar-

theid continua violento. Por exemplo, as notícias de envolvimento do governo sul-africano no apoio ao senhor (Jonas) Savimbi (líder da guerrilha de direita União Nacional pela Independência Total de Angola — Unita), no processo de pacificação de Angola. Por consequência, o poder nas mãos do Partido Nacional (PN, do presidente De Klerk) põe em perigo não apenas o processo de paz interno na África do Sul, mas também processos semelhantes em nossa região.

O senhor defende a formação de um governo provisório na África do Sul enquanto durem as negociações de paz. Como seria a composição deste governo? Ele excluiria o Partido Nacional que está no poder desde 1948?

— Um governo interino na África do

Sul deverá ser um Governo de União Nacional, que envolverá todos os partidos políticos com expressão que estejam dispostos a participar do processo. O Congresso Nacional Africano e o Partido Nacional são os dois partidos mais significativos. Portanto, não há por que excluir o Partido Nacional ou nenhum outro partido político importante.

— Ao seu ver, o presidente Frederik de Klerk ficou enfraquecido depois do escândalo de financiamento do Inkatha? Este novo cenário poderá dar ao Congresso Nacional Africano vantagens políticas em possíveis negociações futuras?

— O Congresso Nacional Africano não procura vantagens sobre outros partidos políticos da África do Sul em futuras negociações. Não é do ponto de vista do CNA que o senhor De Klerk deva estar em desvantagem de alguma forma nas negociações. É, na verdade, a insensatez de uma busca cega por vantagens que tem levado o governo do senhor De Klerk a atividades criminosas. O único partido que deve estar e estará em vantagem no processo de negociações é o povo da África do Sul. Se uma democracia verdadeira emergir na África do Sul ele (o povo) deve ter colhido os benefícios destas vantagens.

— Há menos de um mês os Estados Unidos, seguidos de alguns países europeus, suspenderam as sanções econômicas impostas pelas Nações Unidas contra a África do Sul. O senhor se sentiu traído pela comunidade internacional?

— A suspensão das sanções e de outras formas de pressão sobre o regime do apartheid foi, onde isto aconteceu, tragicamente prematura. Não queremos atribuir motivos ulteriores a esses países que já tomaram uma atitude nesse sentido. Nós esperamos, no entanto, que todos os países que já modificaram suas políticas e os que estão analisando a questão revejam suas políticas a respeito como maté-

ria de urgência e em observação ao estabelecido na Declaração de Harare e na Declaração de Consenso sobre o Apartheid e suas Conseqüências Destrutivas na África do Sul, das Nações Unidas — ambas de 1989.

— Embora o Parlamento sul-africano tenha derrubado recentemente a Lei da Terra, que reservava aos brancos a quase totalidade do solo nacional (87%), o problema não foi resolvido. Se as negociações de paz recomeçarem, qual será a exigência do Congresso Nacional Africano em relação à propriedade da terra?

— A questão da terra é complexa. Nossas propostas em relação a ela são igualmente complexas. Nós ope-

ramos a partir da premissa de que não se pode permitir que a situação atual continue para sempre. Estamos propondo a criação de uma Corte de Reivindicação da Terra que trate das demandas das pessoas que foram expulsas de suas terras durante o regime atual (1948 - 1990). Acreditamos que a população negra deva ser assistida para adquirir e utilizar produtivamente a terra para o cultivo.

— O senhor foi libertado há 18 meses, após passar 27 anos na prisão, dos quais cinco cumprindo pena de trabalhos forçados. A lembrança dessa experiência é uma presença constante na sua vida?

— Vinte e sete anos na prisão não é algo que uma pessoa deseje para sua vida. Mas a pessoa deve se concentrar na tarefa que tem nas mãos. Parte desta tarefa é assegurar que uma África do Sul democrática seja estabelecida e que nela nenhuma outra pessoa possa sofrer o mesmo destino.

— No que o senhor mais pensava enquanto estava preso?

— As lutas do povo da África do Sul eram, naturalmente, o que vinha em primeiro lugar à minha mente durante os 27 anos em que estive na prisão. Tinha tempo também para estudar e refletir a respeito da luta de outros povos, de outros lugares do mundo, com o objetivo de ver o que poderíamos aprender. É claro que o sofrimento por que minha família, especialmente minha mulher, estava passando era uma agonia com a qual tinha que conviver.

— O senhor tem esperanças de chegar à presidência da África do Sul?

— A questão da presidência da África do Sul tem que ser decidida pelo povo sul-africano. Se ele achar que eu posso servi-lo me sentirei honrado. Minha tarefa neste momento, no entanto, é assegurar que o povo tenha o direito de escolher através de eleições em um sistema democrático.

Mandela pede descanso

Líder sul-africano desembarca em Salvador exausto

SALVADOR — O líder negro sul-africano Nelson Mandela, de 73 anos, desembarcou ontem em Salvador visivelmente cansado, a ponto de pedir para repousar um pouco no Palácio de Ondina, onde almoçou com o Governador Antônio Carlos Magalhães, o Arcebispo de Salvador, Dom Lucas Moreira Neves, secretários de Estado e um grupo de políticos.

A chegada de Mandela, inicialmente prevista para 11 horas, sofreu atraso de uma hora e 45 minutos, mas foi marcada por muita euforia e tumulto. Desde cedo, dezenas de grupos culturais afro, muitos com baterias, além do trio elétrico Doces Bárbaros, aguardavam no Aeroporto Dois de Julho, agitando faixas e bandeiras.

Nelson e Winnie Mandela são cultuados como heróis pela comunidade negra de Salvador, que representa 80% da população local. Quase duas dezenas de ônibus foram alugados pelas entidades culturais afro para transportar admiradores ao aeroporto. Alguns partidos políticos, como PDT, PMDB, PCB e PC do B também participaram da recepção, com faixas e bandeiras.

No mirante localizado no primeiro andar do aeroporto, o movimento ecológico Onda-

zul estendeu bandeira de 50 metros de largura por cinco de comprimento, nas cores preto, verde e amarelo, símbolo do Partido Congresso Nacional Africano (CNA), que combate o *apartheid* na África do Sul.

Quando o líder sul-africano, seguido da mulher, surgiu no alto da escada do avião, mais de duas mil pessoas que o aguardavam aplaudiram e gritaram seu nome, mas Mandela, mostrando sinais de fadiga, se limitou a erguer rapidamente o punho — gesto simbólico da luta do CNA.

Ele foi cumprimentado pelo Prefeito Fernando José, o Vice-Prefeito Waldir Régis e pequena multidão de políticos, que invadiu o pátio de desembarque. O grupo foi engrossado por curiosos.

Mandela mal pôde conhecer cerca de 30 representantes da secular irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte — descendentes de escravos — que vieram de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, para recebê-lo. Trajando roupas de festa — saia rodada preta, bata branca e pano da costa vermelho — as mulheres abriram alas na saída lateral do aeroporto, onde se exibia um grupo de capoeiristas.

No Palácio de Ondina, após os cumprimentos de praxe, Mandela se disse muito cansado e foi levado a um quarto, para descansar. Ele elogiou o Brasil, dizendo que o País "é um exemplo para a África do Sul, porque conseguiu restabelecer a democracia".

Mandela agradece apoio dos brasileiros

SALVADOR — O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, disse ontem em Salvador que o apoio do povo e do governo brasileiros é muito importante para a África do Sul. "Devo dizer que estamos em um País que consideramos um dos maiores amigos e que tornou possível que eu fosse liberado para estar aqui, agora", disse. "O apoio do povo e governo do

Brasil atravessou as paredes da prisão e ficaram muito sensibilizados."

Falando ao governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), antes do almoço programado para o Palácio de Ondina, Mandela disse que a vitória da democracia no Brasil foi uma fonte de incentivo para outros países, especialmente para a África do Sul.

Segundo ele, se há um país que entende os problemas sul-africanos, este País é o Brasil, que tem problemas semelhantes. Mandela disse que a população negra brasileira não pode ser considerada totalmente integrada à vida econômica e social brasileira. Ele contou ter sido informado pelos governadores do Rio, Leonel Brizola (PDT), e de São Paulo, Luiz Antônio Fleury (PMDB), da existência de preconceito

racial no Brasil e da luta de ambos contra isso. "Nós os felicitamos por essa decisão como felicitamos a todas as comunidades que lutam pela igualdade racial", afirmou.

Mandela chegou a Salvador com duas horas de atraso, às 12h45. A Bahia é a terceira etapa de sua viagem ao Brasil. Na quinta-feira, ele havia visitado o Rio e, ontem, São Paulo.

Uma multidão o aguardava

desde cedo, entre grupos de entidades negras, capoeiristas, baianas em traje a rigor e uma representação de 14 senhoras negras da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira (entidade fundada por escravos há 200 anos). Ao desembarcar foi recebido pelo prefeito de Salvador, Fernando José (PRN). Na confusão que se formou a seguir, ninguém sabia para onde Mandela seguiria do ae-

roporto. Inicialmente ele e sua comitiva iriam para o Hotel Bahia. Othon, mas acabaram seguindo para o Palácio de Ondina, onde o governador e outras autoridades o esperavam. No palácio, depois de rápido encontro com o governador na sala de visitas, Mandela e a mulher Winnie retiraram-se para aposentos que lhes foram indicados para descansar um pouco.

A GAZETA

Vitória (ES), domingo, 4 de agosto de 1991



A casa é sua, irmão

Uma criança negra da Bahia presta a sua homenagem ao líder Mandela

A CAZETA Vitória (ES) domingo 4 de agosto de 1991

Um símbolo de resistência

Lino Geraldo Rezende
Editor de Internacional

Não-cidadão durante 27 anos preso, Nelson Mandela é, hoje, indiscutivelmente, o líder da África do Sul. O regime branco, racista, está vivendo o seu ocaso. No seu lugar deve surgir um regime multirracial onde os negros, até por serem maioria, é que ficarão no comando. Quando isso acontecer — e não está longe — terá ruidoso o mais odiado regime de segregação racial do mundo.

A África do Sul, ao contrário de muitos outros países africanos, é rica. Essa riqueza, no entanto, foi destruída em detrimento da maioria de sua população, os negros. Mesmo com a abolição de várias leis do apar-

theid, os negros ainda não chegaram à cidadania completa. Os avanços, no entanto, podem — e devem — todos eles serem creditados a Mandela. Da prisão, servindo como símbolo para milhões, ele comandou o desmantelamento do regime racista.

Considerado o inimigo número 1 do regime, Nelson Mandela soube, ao longo dos anos, resistir a ofertas tentadoras. O Governo branco da África do Sul, querendo livrar-se dele, mais de uma vez lhe ofereceu a liberdade em troca do exílio. Mandela disse não. Entre deixar o país e permanecer na prisão ele preferiu a segunda. Essa persistência, aliada à pressão internacional — pela qual a própria prisão de Mandela contribuiu —, obrigou o regime branco a mudar. Lenta e seguramente, pensavam

os líderes, eles deixariam o país quase como estava. Isto é, os brancos continuariam no Governo mandando e controlando as riquezas e os negros ficariam nos guetos.

Foi graças a essa abertura que Mandela deixou a prisão. Fora dela, assumiu naturalmente a liderança dos negros, passando a dirigir, de fato, o Congresso Nacional Africano, embora sendo seu vice-presidente. E foi no comando do CNA — que hoje preside — que Mandela conseguiu que os brancos, aos poucos, recuassem e começassem a desfazer o regime racista. Foi graças à sua atuação que os negros sul-africanos estão ganhando, aos poucos, a condição de cidadãos de seu país. Antes, como o próprio Mandela, eles só tinham deveres. Direitos, nenhum.

O apartheid, pelo menos legalmente, não mais existe. Nem por isso, a África do Sul tornou-se uma democracia. Os negros, maioria do país, não têm voto. Mas hoje têm voz e, usando-a através de Mandela, conseguem ser ouvidos. O próximo passo — apesar da resistência dos brancos — é o surgimento de um nação efetivamente multirracial.

Quando isso acontecer, e Nelson Mandela tem colocado todo o seu peso e liderança nesse sentido, terá fim o mais odiado regime segregacionista do mundo. Estará nascendo, também, uma nova nação. A África do Sul vai, então, poder reparar melhor sua riqueza, dando aos negros condições melhores. Nesse dia, quem estará à frente do Governo, com toda certeza, será Nelson Mandela. Deixará, então, de ser somente um símbolo, pois terá transformado um sonho — o da integração racial no país — em realidade.

Mandela chega a Vitória e fala hoje em estádio

A Gazeta - Vitória/ES
4/8/91

Depois de passar o dia de ontem em Salvador, onde chegou com duas horas de atraso, o líder negro, e presidente do Congresso Nacional Africano, Néelson Mandela, estará hoje, às 17h30m, no estádio da Desportiva Ferroviária, em Cariacica, para falar aos capixabas. Mandela deverá se deslocar para o estádio de helicóptero, depois de descansar na residência oficial do Governo, na Praia da Costa, segundo a programação. O dia de ontem foi marcado por uma sucessão de informações desencontradas sobre a vinda de Mandela ao Estado. O Governo chegou a anunciar o cancelamento da visita através de nota oficial. (Página 11)

Racismo é abordado na Bahia

Salvador — O líder negro sul africano Nelson Mandela disse ontem em Salvador ter sido informado pelos governadores do Rio, Leonel Brizola (PDT), e de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), da existência de preconceito racial no Brasil. Ele afirmou que a população negra local não pode ainda dizer que tenha se integrado totalmente à vida econômica e social do País, mas elogiou a Constituição e as leis brasileiras, nas quais não há qualquer sinal de discriminação racial.

O líder parabenizou as entidades brasileiras que lutam pela igualdade racial e disse que se identifica com elas na luta pela total integração dos negros em todas as áreas, como a política, a educacional e a econômica. "Questões como a pobreza, o analfabetismo, causam preocupação no mundo todo. Mas o Brasil está muito à frente da África do Sul, pois conseguiu restabelecer a democracia, e não tem discriminação racial em suas leis. Nós ainda temos isto no nosso país", lembrou Mandela.

Apoio

Em conversa com o governador Antônio Carlos Magalhães (PFL), no Palácio de Ondina, onde almoçou, ele disse que a vitória da democracia sobre a ditadura no Brasil foi uma fonte de muito incentivo para outros países, especialmente para a África do Sul. "Devo dizer que estamos em um país

que consideramos um dos maiores amigos e que tornou possível que eu fosse libertado para estar aqui, agora. O apoio do povo e do Governo do Brasil atravessou as paredes da prisão e ficamos muito sensibilizados", disse.

Mandela chegou a Salvador com duas horas de atraso, às 12h45m, e desembarcou no Aeroporto Dois de Julho de um avião da Força Aérea Brasileira. Uma multidão o aguardava desde cedo, com grupos de entidades negras, capoeiristas, baianas em traje típico e uma representação de 14 senhoras negras da Irmandade da Boa Morte de Cachoeira (entidade fundada por escravos há 200 anos) e faixas e cartazes espalhados pelo saguão. Ele foi recebido pelo chefe do cerimonial do Governo baiano, José Sampaio, pelo prefeito de Salvador, Fernando José IPRN, e por políticos, e foi para o Palácio de Ondina, se encontrar com o governador e com o arcebispo primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves.

Mandela ressaltou o trabalho da Igreja contra o preconceito racial, citando o bispo sul-africano Desmond Tutu. Depois de um rápido encontro com o governador, na sala de visitas, Mandela e sua mulher Winnie retiraram-se para aposentos onde descansaram um pouco. Depois das 15 horas, ele almoçaria com Antônio Carlos e convidados. No cardápio, havia xinxin de galinha, moqueca de peixe e outras comidas baianas.

CORREIO BRAZILIENSE

Mandela admite a discriminação no Brasil

Salvador — O líder negro sul-africano, Nelson Mandela, disse ontem em Salvador ter sido informado pelos governadores do Rio, Leonel Brizola (PDT), e de São Paulo, Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB), da existência de preconceito racial no Brasil. Ele afirmou que a população negra local não pode ainda dizer que tenha se integrado totalmente à vida econômica e social do País, mas elogiou a Constituição e as leis brasileiras, nas quais não há qualquer sinal de discriminação racial.

O líder parabenizou as entidades brasileiras que lutam pela igualdade racial e disse que se identifica com elas na luta pela total integração dos negros em todas as áreas, como a política, a educacional e a econômica. "Questões como a pobreza, o analfabetismo, causam preocupação no mundo todo. Mas o Brasil está muito à frente da África do Sul, pois conseguiu restabelecer

a democracia, e não tem discriminação racial em suas leis. "Nós ainda temos isto no nosso país".

Em conversa com o governador Antônio Carlos Magalhães (PFL), no Palácio de Ondina, onde almoçou, ele disse que a vitória da democracia sobre a ditadura no Brasil foi uma fonte de muito incentivo para outros países, especialmente para a África do Sul. "Devo dizer que estamos em um país que consideramos um dos maiores amigos e que tornou possível que eu fosse libertado para estar aqui, agora. O apoio do povo e do governo do Brasil atravessou as paredes da prisão e ficamos muito sensibilizados", disse. Mandela chegou a Salvador com duas horas de atraso, às 12h45, e desembarcou no Aeroporto Dois de Julho de um avião da Força Aérea Brasileira. Uma multidão o aguardava desde cedo, com grupos de entidades negras, capoeiristas e baianas em traje típico.

Presidência está nos planos

São Paulo — Nelson Mandela, presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), embarcou ontem às 10h para Salvador de onde prossegue sua visita de cinco dias pelo Brasil. Antes de embarcar no turboélice Brasília da Força Aérea Brasileira (FAB), Mandela disse que a sua candidatura para a presidência da África do Sul estava nas mãos do seu povo. "Se eles me quiserem para o cargo será uma grande honra para mim", afirmou.

O líder sul-africano contra a política do *apartheid* voltou a defender a manutenção das sanções econômicas contra a África do Sul enquanto o governo não aceitar a proposta do CNA para a formação de uma União Nacional, com a participação de todas as principais tendências políticas do país. Mandela disse ainda que

o governo brasileiro pode contribuir para o sucesso de sua causa fornecendo recursos necessários, sem especificar quais, para o programa do CNA.

"Estou muito feliz com esta visita ao Brasil e espero voltar um dia para ter um contato maior com o povo", afirmou Mandela. O presidente do CNA disse ainda que gostou muito dos dois estados que visitou até o momento: Rio de Janeiro e São Paulo. Mandela pediu desculpas por não ter participado do show em sua homenagem, que ocorreu na noite de quinta-feira no estádio do Pacaembu. Ele disse que foi informado do cancelamento do evento devido ao frio intenso e a chuva fina que caía sobre a capital. Mandela disse que sentia muito ter decepcionado estas pessoas.

Líder lembra Desmond Tutu

Em Salvador Mandela foi recebido pelo chefe do cerimonial do governo baiano, José Sampaio, pelo prefeito de Salvador, Fernando José (PRN), e por políticos, e foi para o Palácio de Ondina; se encontrar com o governador e com o arcebispo primaz do Brasil, Dom Lucas Moreira Neves.

Mandela ressaltou o trabalho da Igreja contra o preconceito racial, citando o bispo sul-africano Desmond Tutu. Depois de um rápido encontro com o governador, na sala de visitas, Mandela e sua mulher Winnie

retiraram-se para aposentos onde descansaram um pouco. Depois das 15h, ele almoçaria com Antônio Carlos e convidados. No cardápio, havia xinxin de galinha, moqueca de peixe e outras comidas baianas.

A chegada de Nelson Mandela em sua comitiva provocou algum tumulto no aeroporto devido ao atraso no vôo. As saudações dos afoxés e grupos de capoeira foram prejudicadas pela rapidez com que Mandela e comitiva deixaram as dependências do aeroporto. Após o almoço com o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, Nelson Mandela foi homenageado pelo prefeito de Salvador, Fernando José. No final da tarde de ontem, Mandela seguiu para o estado do Espírito Santo, encerrando sua rápida visita à capital baiana.

CORREIO BRAZILIENSE

CORREIO BRAZILIENSE 4 de agosto de 1991

ARTIGO DEFINIDO

Nelson Mandela no Brasil é mais do que um negro que entrou na história

■ Adão Ventura

A História, em tempo algum, desde o advento da mídia — caminhou assim tão célere quanto agora. Não importa em que regime político ou em que ponto do mapa-mundi. Abaixo, com o muro de Berlim e o redesenho do Leste Europeu, vieram também outros valores, sepultados (dizem) para sempre.

Em consequência, ruíram históricos argumentos, monolitizados ao longo dos anos de dominação, nem sempre democrática ou baseada em fatos reais. Dogmas estratégicos, entre os quais o de que a divisão dos negros na África do Sul era um problema puramente étnico. Um marketing cevado e (a ferro e fogo) incorporado ao discurso do *apartheid*, em

quia e o desafio soviético pós-marxista, a contrapor Yeltsin e Gorbachev na missão, até bem pouco tempo inimaginável, de acabarem com o comunismo.

Com a chegada ao Brasil de Nelson Mandela, vê-se que o contexto brasileiro e mundial mudou drasticamente, desde o primeiro anúncio de sua visita, em maio, até a confirmação oficial de agora, em agosto. Em maio, o mundo era outro — idem, o Brasil e, mais ainda, a África do Sul. Havia o *Apartheid*, e o partido de Mandela, o ANC, ainda que legítimo de fato, não o era de direito. Agora, é governo.

Agora é História, célere e latente, a exigir de nós — filhos deste país de maioria negra — uma postura coerente com este processo, sempre em mutação. A presença de Nelson Mandela no Brasil significa muito mais do que a visita em si, naturalmente emblemática da causa negra mundial. Para o Brasil, onde a pluralidade étnica nem sempre é trabalhada com democracia, Mandela é muito mais do que um negro que fez História no mundo dos brancos.

Vemos na visita dele à nossa terra uma comprovação de que a consciência de um povo, depois de alcançada, pode levá-lo ao Poder. E que, tão logo esse povo atinja tal patamar, há que se deixar à porta o cajado e o cassetete, e que se ti-

Também porque a História teima em repetir-se (embora tantos tolos teimem na ignorância disso), o fim do *apartheid* na África do Sul faz parte do mesmo processo histórico que ocorre com a causa negra no Brasil. Eventos imediatamente consequentes, se bem que, aqui, com certo atraso. No Brasil, só agora o negro saiu da sombra, na qual a sua dor não tinha testemunhas. Dá-se, aqui e agora, o *apartheid* brasileiro, que, se ainda doloroso, é pelo menos manifesto. Oficial.

Começa em nosso país, a partir da oficialização da dor e da identificação formal de nossos algozes — o mesmo processo de conscientização nacional, e não apenas negra, que fatalmente porá fim à discriminação racial. Valendo para todos, também para o branco vilipendiado. Para o amarelo ridicularizado, o índio exterminado e o mestiço desprezado. Mandela no Brasil é a História começando, aqui, o nosso roteiro de libertação. E com *Colt* e o bodoque deixados às portas da cidade, confirmando que é da diferença que os diferen-

Agenda oficial de Mandela exclui negro

Reuters



CIDADE

... chegam a Brasília. Grupos de representantes dos negros preparam recepção

presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), amanhã, a Brasília, será marcada pelo descontentamento de associações organizadas que não conseguiram espaço para um contato com o líder negro. O Ministério das Relações Exteriores, responsável pela agenda, alega que esta é uma visita política, onde Mandela busca apoio e aliança do governo brasileiro à sua luta.

As entidades, no entanto, se farão presentes nos lugares a serem visitados, portando faixas e cartazes, num misto de saudação e denúncia. Alguns líderes negros tentarão furar o bloqueio oficial, para entregar um documento denunciando a situação da população negra no Brasil. Os vários grupos existentes em Brasília são unânimes em afirmar que a presença de Mandela, "símbolo da liberdade", representa uma oportunidade para a rediscussão e reflexão sobre a democracia racial.

"É um momento para a comunidade negra refletir em cima da situação sul-africana e perceber que as semelhanças com a nossa situação não são meras coincidências", disse o coordenador do Grupo Cultural Afro Ilê Obá, Lúcio Xamayca, que espera obter pelo menos um encontro com a equipe de gabinete do CNA que acompanha

período da tarde está programada uma visita ao Supremo Tribunal Federal e à UnB. As 20h30, o Itamaraty oferece um jantar ao líder negro.

Título

O maior período da permanência de Nelson Mandela a Brasília ficou destinado à Universidade de Brasília. Ali lhe será concedido o título de Doutor Honoris Causa, "em prol de sua luta pela igualdade de direitos humanos", informou o reitor da UnB, Antônio Ibañez. A proposta de concessão do título a Mandela foi feita pelo Departamento de História e aprovada pelo Conselho Universitário, em março do ano passado, quando o líder saiu da cadeia, após 27 anos de prisão.

Nelson Mandela receberá também uma placa de bronze, representativa das entidades do movimento negro de Brasília. A solenidade será realizada às 15h30 no auditório da Faculdade de Ciências da Saúde, extremo da ala sul do Minhocão. Foram convidados para o evento associações de classe, sindicatos e entidades negras do DF. O reitor e Mandela farão pronunciamentos. Ao final, haverá apresentação da Associação de Capoeira Novos Baianos.

O título de Doutor Honoris Causa é concedido, raramente, a

Preconceitos já vêm da infância

A discriminação, segundo representantes de entidades negras, começa na escola. "A cada dia as crianças vão mais cedo para as escolas e mais cedo formam seus conceitos", disse o presidente do Centro de Estudo Afro-Brasileiro, Waldimiro de Souza. Ele acrescentou que a participação do negro no desenvolvimento do País não ocupa o mesmo espaço que a do europeu. "Os livros didáticos também mostram o negro como preguiçoso, sem uma postura de beleza e membro de uma família desorganizada", complementou. Há anos, o Ceab reivindica junto ao Ministério da Educação uma alteração do currículo escolar.

A proposta de criação de uma educação autônoma, através de escola própria e formação específica para professores, está sendo estudada pelo Movimento Negro Unificado, informou a integrante do grupo, Maria das Graças Santos. Segundo ela, a estrutura escolar hoje não está adequada à realidade da criança negra. "Tudo lhe é dado para assumir que tem traços e cultura diferentes. Ela não tem com quem se identificar e a família poucas vezes pode dar um suporte", disse, acrescentando que poucos conseguem passar do 1º grau e, menos ainda, chegar aos cursos de nível superior.

Além de atuar em cima da música e da estética negras, o Grupo Cultural Afro Ilê Obá, oferece cursos de dança infantis. "É mais fácil começar a mudar a sociedade pela criança", afirmou o coordenador do grupo, Lúcio Xamayca. "A história ensinada nas escolas não nos contempla e o negro ocupa uma situação de invisibilidade", declarou Cecília Luli, do Coletivo de Mulheres Negras do DF.

O cartaz de divulgação de uma gincana do Centro Educacional Fenix, do Lago Sul, — onde aparecem duas faces: uma branca, representando o bem e o bom e outra negra, aliada ao mal e o ruim — é um exemplo da discriminação existente nas escolas, afirmaram vários representantes de entidades. O painel levou o Ceab a registrar queixa na polícia. Segundo Waldimiro de Souza, "o cartaz, aliado às mensagens que os livros didáticos já trazem, reforça a associação do negro com tudo que há de negativo". A direção da escola alegou ter buscado apenas simbolizar o mundo do drogado como um mundo bastante escuro (o cartaz visava afastar as crianças das drogas). (G.F.)

"Jornal de Brasília "

4/8/91

Entidades querem resgate da raça

O Brasil é o segundo país com maior população negra, depois da Nigéria. Baseado nisso, o Encontro Nacional de Entidades Negras, a realizar-se em novembro, em São Paulo, vai estudar propostas para um projeto de formação de uma sociedade multirracial e o resgate da participação do negro nas contradições étnicas do Brasil. Uma reestruturação em que todas as raças sejam igualmente consideradas, em busca de oportunidades iguais.

Estatísticas do IBGE, do último censo, mostram que dos 47% brasileiros com renda igual ou inferior a um salário mínimo, cabem aos negros o percentual de 38%. Os brancos detêm 85% dos rendimentos dos trabalhadores não manuais; 65% dos rendimentos dos trabalhadores manuais urbanos; 57% dos trabalhadores manuais rurais. O universitário branco ganha cerca de 80% mais que o negro. Mostra ainda que 30% dos trabalhadores brancos não têm carteira assinada, índice que sobe para 57% quando se trata de negros.

A mulher negra, além da disputa com o homem pelo mercado de trabalho, concorre também com a mulher branca. "O mercado de trabalho é totalmente dirigido para a mulher branca e as negras continuam desempregadas ou subempregadas", declarou Cecília Luli, coordenadora do Coletivo de Mulheres Negras do DF. Criado há um ano, o grupo tem objetivo organizar e discutir a posição da mulher negra. (G.F.)

SALVADOR — O líder negro sul-africano Néelson Mandela, que deixou São Paulo ontem às 10 horas rumo a Salvador, de onde prossegue sua visita de cinco dias pelo País, disse ontem na capital baiana ter sido informado pelos governadores do Rio, Leonel Brizola (PDT), e de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), da existência de preconceito racial no Brasil.

Ele afirmou que a população negra local não pode ainda dizer que tenha se integrado totalmente à vida econômica e social do País, mas elogiou a Constituição e as leis brasileiras, nas quais não há qualquer sinal de discriminação racial.

O líder parabenizou as entidades brasileiras que lutam pela igualdade racial e disse que se identifica com elas na luta pela total integração dos negros em todas as áreas, como a política, a educacional e a econômica. "Questões como a pobreza, o analfabetismo, causam preocupação no mundo todo. Mas o Brasil está muito à frente da África do Sul, pois conseguiu restabelecer a democracia, e não tem discriminação racial em suas leis. Nós ainda temos isto no nosso país"

ALMOÇO



INTERNATIONAL EDITION
The Miami Herald

**MANDELA IN BRAZIL:
A SPECIAL TRIP**

Activist confronts
Brazil blacks' fight
for racial democracy
STORY, 4A

Sunday, August 4, 1991



Albuino propõe negócios a Nelson Mandela

VITÓRIA - O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, poderá ter ajuda financeira dos empresários do Espírito Santo para o seu partido. O governador



Albuino

Albuino Azeredo (PDT), ele mesmo um empresário bem sucedido e bem relacionado, disse que se empenharia nesse sentido. Mandela chegou ontem às 22h10 no Aeroporto de Goiabeiras, muito cansado, e toda a programação organizada pelo governo acabou sendo alterada.

Albuino quer estabelecer, como informou, uma parceria econômica com a África do Sul, e acredita que o Espírito Santo possa ser uma porta de entrada dos produtos daquele país devido ao seu sistema portuário. O governador convocou empresários de vários setores para uma reunião ontem à tarde com Mandela, e citou a mineração como uma das áreas onde pode haver parceria com os sul-africanos. Para receber Mandela, Albuino teve ajuda da Companhia Vale do Rio Doce.

Ao desembarcar do avião da FAB, com duas horas de atraso, o líder foi recebido por cerca de 300 pessoas e festejado por grupos folclóricos. Ainda na pista, Mandela cumprimentou o governador e o prefeito Vitor Buaziz (PT), e foi saudado com o hino do estado pela Banda da Polícia Militar. Do aeroporto, o presidente do CNA seguiu para a residência do governo na Praia da Costa.

O governador não participou do jantar com o líder e parecia preocupado com o seu estado de saúde. Recomendou ao secretário de Saúde, Luiz Tavares, um cardiologista, que acompanhasse o visitante. Embora Mandela estivesse viajando com o seu próprio médico, também cardiologista, o secretário escalou três profissionais e um enfermeiro para plantão permanente na residência. No local há também uma ambulância para qualquer emergência. Mandela, segundo Luiz Tavares, não se queixou de saúde. "Mas fui informado de que ele é hipertenso, por isso estamos tomando todas as precauções. Dois hospitais de Vitória estão de plantão para atender ao líder em qualquer eventualidade".

Mandela passa em Vitória o período maior de sua visita ao Brasil, mais de 36 horas. A programação anterior, incluindo a inauguração de uma placa em sua homenagem no Palácio do Governo, foi alterada. Ontem de manhã, Mandela repousou na residência oficial de verão - uma casa de dois andares, com praia particular, que sua mulher, Winnie, considerou maravilhosa. À tarde, o líder receberia empresários convidados pelo governo, para negociar ajuda para o CNA.

LUX JORNAL

DIARIO POPULAR
SÃO PAULO-SP

105 AGO 1994

Mandela, "quase morto de tanto amor"

VITÓRIA — Depois de sofrer com o entusiasmo de uma multidão de admiradores que o cercou na chegada à Vitória no sábado — "Quase fomos mortos de tanto amor", comentou — Nelson Mandela dedicou ao descanso metade do tempo de sua visita ao Espírito Santo. Passou mais de 13 horas recolhido na residência oficial do governo do estado, no município de Vila Velha, antes de cumprir a agenda de compromissos oficiais. "Agora estou preparado para encontrar o Holyfield ou o Mike Tyson", brincou o líder sul-africano, já sem os sinais de cansaço que ostentou nos três primeiros dias de visita ao Brasil, após uma maratona de viagens por países da Europa, América Central e América do Sul.

Em entrevista coletiva à noite, Mandela comentou a ajuda que o governo americano pretende conceder ao Inkatha, grupo zulu rival do CNA. "Não controlamos os fundos por parte de qualquer governo ou instituição estrangeira. Eles têm o direito de apoiar a organização que em sua opinião possa representar melhor seus interesses", afirmou, ressaltando que, independentemente dessa ajuda, não acredita que qualquer outra organização possa suplantar o favoritismo do CNA.

Mandela levantou mais uma vez a possibilidade de o CNA voltar a recorrer à luta armada, caso fracassem as negociações com o governo da minoria branca. "Estão sendo registrados problemas sérios, que podem causar a interrupção das negociações. Neste caso, teremos que recorrer à força para atingir nossos objetivos", disse. Durante o dia, ele afirmara

que a instalação de um governo provisório para a preparação das eleições presidenciais "é a única solução pacífica para a África do Sul".

Mandela chegou ao Espírito Santo às 22h50 de sexta-feira e atravessou 20 metros do saguão do aeroporto das Goibeiras em meio a uma multidão que foi recepcioná-lo. "Fomos chacoalhados, pisaram nos nossos pés e puxaram nossas roupas. Quase fomos mortos de tanto amor", disse ele, no dia seguinte, a representantes de movimentos negros de Vitória, com os quais conversou por meia hora. Do aeroporto, foi direto para a residência oficial da Praia da Costa, em Vila Velha, uma casa ampla com cinco suítes, uma praia particular e quase 5 mil metros quadrados de bosques.

O líder sul-africano conversou também com empresários de vários setores, interessados em intercâmbios, principalmente no setor de minérios. O presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo, Sérgio Rogério de Castro, falou sobre a importância do intercâmbio, mas não demonstrou a possibilidade de apoio político e financeiro concreto ao CNA.

Nelson e Winnie Mandela só interromperam o descanso às 13h30 de ontem. Falante e risonha, Winnie comentou que tem pensado muito na possibilidade de ser a primeira-dama da África do Sul. "Mas esta não é a minha prioridade. Prefiro continuar lutando pelo meu povo."

Um sócio em Salvador

■ O baiano José Lopes dos Santos, que mora no subúrbio de Salvador, vestiu sua melhor roupa no último sábado e foi com a mulher conhecer de perto o líder sul-africano Nelson Mandela. No saguão do hotel onde a contítiva descansava, esperou calmamente ser chamado e, depois de algumas horas, foi à suíte de Mandela, retornando ao seu lado. Esses minutos de fama e glória na vida de Lopes não teriam existido se ele não fosse o sócio de Nelson Mandela. Mas nem mesmo a semelhança física o estimulou a conhecer a história e

importância do sul-africano na luta contra o *apartheid*. "Sei somente que ele foi preso durante muito tempo porque protegia os negros", disse. Desde fevereiro do ano passado, quando Nelson Mandela foi libertado e seu rosto voltou aos jornais, a vida de José Lopes dos Santos começou a mudar. Para os amigos ele não é mais José e sim Mandela. Santos, 49 anos, casado, um filho, é gráfico e ganha Cr\$ 40 mil por mês. Agora, ele sonha em ser convidado para fazer publicidade: "Pode ser que agora minha vida melhore."

Mandela se encontra hoje com Collor

ELIANE VELLOSO

VITÓRIA — O Líder negro sul-africano Nelson Mandela conseguiu ter, ontem, sua primeira manhã de descanso na maratona de quase 100 horas na visita ao Brasil, onde já percorreu as Capitais do Rio, São Paulo e Bahia. Hoje, ela continua em Brasília, onde ele se avista com o Presidente Fernando Collor, com quem discutirá a instalação no Brasil de um escritório do seu partido, o Congresso Nacional Africano (CNA).

A visita ao Espírito Santo foi a mais longa de Mandela — chegou sábado à noite e deixa Vitória hoje de manhã. Ele ficou na

residência oficial do Governo do Espírito Santo — uma casa com cinco suítes e praia particular, que não é ocupada pelo Governador Albuíno Azeredo e teve de ser preparada às pressas.

O descanso proporcionou ao líder negro muita disposição e bom humor. Por volta das 14h de ontem, ele deixou-se fotografar ao lado da mulher Winnie e do Governador Albuíno Azeredo, nos jardins, e brincou dizendo que restabelecera as forças e estava pronto para lutar até com o Mike Tyson.

Ao chegar procedente de Salvador, Mandela foi recepcionado por uma multidão no aeroporto. Ontem à tarde, quando recebeu líderes do movimento negro, vol-

sido “chacoalhado” pela multidão, mas que sabia que eram manifestações de carinho.

— Quase fomos mortos pelo amor de vocês — disse.

Ontem à tarde, após se reunir com empresários na residência oficial, Mandela voou de helicóptero até o estádio da Desportiva Ferroviária, para um “showmício” que reuniu cerca de dez mil pessoas. Ele desembarcou no meio do gramado e caminhou até o palco, ao som da “Oração de São Francisco” e ovacionado pela população. Antes de reembarrcar no helicóptero, o Líder negro, apesar dos seus 73 anos, dos quais passou 27 na prisão, caminhou novamente pelo gramado, para se despedir do povo capixaba.

A noite, Mandela participou de um jantar no Palácio Anchieta, oferecido pelo Governo do Estado.

● **GOLPE** — A visita de Nelson Mandela ao Brasil atraiu alguns aproveitadores, que tentaram tirar vantagem das festas organizadas para o Líder negro. O Governo do Espírito Santo quase foi vítima de um golpe de Cr\$ 40 milhões, de uma firma de publicidade que tentou vender um pacote de peças promocionais para a visita. Os empresários da firma chegaram a apresentar dois falsos jornalistas negros, que se diziam representantes do “New York Times” e da revista “Ebony”. A empresa conseguiu vender um painel e dois balões inflados por Cr\$ 6 milhões.

Telefoto de Chiquito Chaves





Albino dão-se as mãos, na residência do Governador



Foi com extrema alegria e grande orgulho que recebemos, em nosso país, a visita de Nelson Mandela, um dos maiores líderes negros da história da humanidade. Aos 72 anos de idade, recém-eleito

para a presidência do Congresso Nacional Africano (ANC), depois dos longos anos que passou na prisão, ele é hoje, sem dúvida — mais do que uma liderança na luta pela emancipação política do seu povo —, um símbolo universal da resistência contra toda e qualquer forma de opressão e exploração do homem. Por isso, depois de sua

homem um voto. Os **bantustões**, onde a população negra é segregada, ainda são mantidos, compondo um quadro social temível para a maioria negra.

No Brasil, nós, negros, vivemos a experiência da farsa da Abolição. Passados 100 anos sobre a assinatura da Lei Áurea, continuamos sem terras para morar e cultivar, ocupando favelas e periferias dos grandes centros, explorados, discriminados e, a cada dia que passa, exterminados pela fome, pela violência física tanto na cidade como no campo, não importando se adulto ou criança.

Nesse contexto, setores da burguesia fazem recrudescer em nosso meio a questão da pena de morte. A onda de assassinatos, estupros, assaltos, seqüestros vai servindo de

Visita de Mandela gera debate sobre racismo

JOSÉ ARBEX
Da Reportagem Local

Você é racista? Quantas vezes você refletiu seriamente sobre isso? Nos últimos dias, muita gente se colocou esta questão, talvez pela primeira vez na vida. A razão: o líder negro sul-africano Nelson Mandela, 73, está no Brasil desde o dia 1.º com sua mulher, Winnie.

Mandela é o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), a mais importante organização de luta contra o regime de segregação racial (apartheid) na África do Sul. O líder negro propõe uma sociedade não racista e não sexista.

A visita de Mandela é muito importante para o Brasil por provocar reflexões sobre o racismo, tema normalmente "esquecido". Aqui, a minoria branca, que concentra a riqueza, alimenta hábitos e atitudes racistas que, na maioria das vezes, não são explicitados.

É verdade que as leis brasileiras proíbem o racismo. Mas os exemplos de sua prática multiplicam-se no cotidiano —o estereótipo do negro delinquente e preguiçoso, a sua inexpressiva participação no Congresso Nacional e no Executivo.

Como no Brasil, a minoria branca da África do Sul concentra a riqueza. Mas ali o racismo foi transformado em lei, que vigorou

plenamente até fevereiro de 1990. É difícil descrever o apartheid. Basta pensar que em raras ocasiões negros e brancos puderam ocupar os mesmos espaços (escolas, clubes, restaurantes).

Mandela diz que o apartheid ainda vigora, sob muitos aspectos, na vida prática. Ainda que os pilares do regime tenham sido abolidos —afirma Mandela—, muitas instituições mantêm a segregação racial.

Em sua juventude, Mandela defendia a luta armada e "flertava" com o Partido Comunista. Foi preso em 1963, e tornou-se símbolo da luta contra o racismo. A campanha internacional por sua libertação ajudou a isolar a África do Sul. O país foi submetido a um amplo boicote econômico e político.

Mandela acha que o boicote internacional deve continuar, pelo menos até que a legislação sul-africana aprove um sistema eleitoral baseado no "um homem, um voto". Isto é, o sufrágio universal livre, direto e secreto.

Mandela também enfrenta a divisão entre tribos negras que lutam entre si pelo poder. Apesar do CNA ser amplamente representativo (tem pelo menos 400 mil associados), sofre a oposição do grupo "Inkhata", que, segundo Mandela, mantém vínculos com o governo branco.

hoje à Brasília para uma audiência com o presidente Fernando Collor de Mello.

Em Vitória, Mandella ficou hospedado na casa de verão do governo do estado na praia da Costa em Vila Velha (a 5 km do centro de Vitória). Todos os encontros marcados pelo CNA, com empresários e entidades civis, foram transferidos para a tarde de ontem.

Pouco antes do almoço, oferecido pelo governador do Espírito Santo, Albuíno Azeredo, Mandella passeou pelos jardins da casa com a mulher. Ele afirmou que dormiu muito bem e que estava "totalmente recuperado".

Segundo a integrante do cerimonial do governo do estado, Helena de Almeida, Mandela e Winnie dormiram até as 9h00.

O BRASIL ESTÁ MELHOR QUE A ÁFRICA DO SUL NA QUESTÃO RACIAL?



Bolívar Lamounier, 48, cientista político

Sim. A evolução racial no Brasil foi bem menos violenta que na África do Sul, mesmo tendo sido negativa do ponto de vista do social.



Dalmo Dallari, 59, secretário dos Negócios Jurídicos de São Paulo

Em termos. No Brasil não temos uma legislação que obriga a discriminação e o enclausuramento da população negra em regiões determinadas. Isso torna menos visível a discriminação, ficando mais fácil fingir que ela não existe.

AURÉLIO GIMENES*

Enviado especial a Vitória

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, 73, reafirmou ontem em Vitória (ES), que a formação de um governo interino de unidade nacional "é a única forma de solução pacífica para a democratização da África do Sul".

Mandela pediu a instalação de uma Assembléia Constituinte para elaboração de uma nova Constituição, que "determinará como e quando haverá eleições livres no país".

Mandela, acompanhado de sua mulher, Winnie, chegou em Vitória sábado à noite, por volta das 23h00, depois de uma maratona de três dias pelo Rio, São Paulo e Salvador. O casal deve chegar

Tomaram café no quarto onde o casal permaneceu até as 13h30. A

O almoço foi servido por volta das 14h00 para todos os integrantes da comitiva do CNA com a presença do governador e sua mulher. De acordo com Helena, foi oferecido aos convidados muquecas capixabas de peixe, siri e camarão, além de uma torta de mariscos. Para Winnie, que não gosta de mariscos, foi servido frango com creme de milho.

Albuíno Azeredo disse que a visita de Mandela será muito importante para unir comercialmente o Brasil à África do Sul. No final da tarde, Mandela participou de um ato público no Estádio da Desportiva Ferroviária e a noite seria homenageado no Palácio do Governo.

* Colaborou a correspondente em Vitória

Mandela quer Constituinte na África do Sul
Em visita a Vitória (ES), o líder do CNA defende uma solução pacífica para a democratização de seu país

A GAZETA

Vitória (ES), segunda-feira, 5 de agosto de 1991 — Ano LXIII — Nº 21337 — Edição de 24 páginas —



O líder negro Nelson Mandela cumprimenta o público no Estádio Engenheiro Araripe ladeado por Vítor (E) e Albuino (D)

Mandela emociona multidão e admite luta armada na África

O líder negro sul-africano Nelson Mandela emocionou a platéia de sete mil pessoas que foi ouvi-lo ontem no estádio Engenheiro Araripe, quando disse que o Espírito Santo está solidário com o seu povo pela libertação da África do Sul.

Mandela chegou ao estádio às 17h50m, acompanhado da mulher, Winnie, do governador Albuino Azeredo e da primeira-dama, Waldicéia Azeredo. Em um trecho de seu discurso, Mandela destacou que sua luta é para

acabar com a violência e para conseguir liberdade para os negros de sua sociedade. Ainda no estádio, Mandela recebeu do governador a comenda Jerônimo Monteiro. Às 18h50m, ele e a comitiva deixaram o local em direção à residência oficial, na Praia da Costa.

Em entrevista coletiva no Palácio Anchieta, à noite, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) voltou a falar da necessidade de libertação de seu país e disse que a única solução

pacífica para a África do Sul é a renúncia do presidente, Frederick De Klerck. Mandela, porém, não descartou a possibilidade de luta armada, caso não seja possível uma negociação. Ele revelou acreditar que o Brasil não deixará de dar apoio ao país, caso opte por uma guerra civil.

Após a entrevista, Mandela e sua comitiva foram homenageados com um jantar. Hoje, às 8h45m, ele se despede do Estado e embarca para Brasília. (Págs 3 e 5)

Mandela já admite luta armada

tante e demonstrando estar bem disposto, Nelson Mandela inicialmente recebeu os fotógrafos e cinegrafistas. Em seguida, os repórteres tiveram autorização para se aproximarem do líder negro. Às 16h15m, os jornalistas puderam acompanhar o presidente do CNA quando este recebeu um grupo de pessoas do movimento negro do Espírito Santo. Desta vez, no entanto, não foram permitidas perguntas. Antes de seguir para o Estádio Engenheiro Araripe, Mandela teve um encontro com o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo, Sérgio Rogério de Castro, e alguns empresários, ligados à Federação.

Constituinte

Depois de abordar a questão da renúncia de Frederick De Klerk, Nelson Mandela afirmou que se persistirem problemas na África do Sul que impeçam o reinício das negociações, será necessária uma nova Constituição, que determinará como devem ser realizadas as eleições para a escolha do novo governante sul-africano", afirmou o dirigente do CNA.

À noite, em entrevista coletiva no Palácio Anchieta, Mandela porém, não se mostra pessimista em relação a uma solução pacífica para a questão sul-africana. "Nós sabemos que a maioria do povo na África do Sul deseja uma solução pacífica e se nós não conseguirmos esse objetivo poderemos recorrer ao poder à força, para alcançá-lo".

Depois, Mandela disse como a CNA pretende chegar ao poder. "Nós

dirigente em sua visita ao Brasil, Mandela foi bastante evasivo. "A nossa apresentação nos quatro Estados visitados foi bem-aceita e de maneira positiva". Em relação ao apoio do Brasil à luta do CNA, Nelson Mandela disse que essa solidariedade já foi demonstrada nas sanções à África do Sul e que se não fosse esse apoio, tanto do Brasil quanto dos demais países, eles não estariam "na última milha para alcançar a causa pela qual que vêm lutando há anos".

O líder sul-africano disse ainda que não acredita que o apoio brasileiro será retirado caso a CNA opte pela luta armada para derrubar o presidente De Klerk. "Já recebemos apoio considerável para a realização da luta armada e, se chegarmos a ela, não vejo razão para acreditar que esse apoio venha a ser retirado". Depois da entrevista coletiva, Mandela e sua comitiva foram homenageados com um jantar no Palácio Anchieta. Hoje, às 8h45m, ele embarca para o Rio de Janeiro. A visita de Mandela ao Espírito Santo foi a mais longa de todas as realizadas até agora nos estados brasileiros.

Ao final da entrevista coletiva no Palácio Anchieta, o governador Albuíno Azeredo fez uma análise da presença do líder sul-africano no Estado e considerou sua vinda ao Espírito Santo muito importante, principalmente politicamente. "O Estado entra no cenário nacional e internacional com a presença de Mandela. Tenho certeza de que, a partir de agora, vamos conseguir um lugar ao sol na Federação", destacou.



...as foram ao estádio da Desportiva levar seu apoio à luta contra o

Líder emociona no estádio

Aproximadamente sete mil pessoas receberam no início da noite o líder negro Nelson Mandela, no estádio Engenheiro Araricê, em Jardim América. No seu discurso, que durou cerca de 20 minutos, o dirigente afirmou que o "povo do Espírito Santo está inteiramente conosco nessa luta pela libertação da África do Sul e com seu apoio não há dúvidas que vamos vencer", afirmou.

Mandela chegou ao estádio no helicóptero do Governo acompanhado de sua mulher, Winnie, do governador Albuíno Azeredo e da primeira-dama Valdicéia. Uma parte do gramado do estádio foi isolada pela Polícia Militar e policiais federais. Após o pouso, exatamente às 17h50m, a multidão passou a gritar o nome de Mandela, durante todo o trajeto até o palanque oficial. Na saudação ao dirigente o governador Albuíno disse que a sua presença no Espírito Santo era fruto de muita luta e perseverança de um Estado pequeno.

Nelson Mandela iniciou o seu discurso em português, chamando a todos de senho-

ras e senhores e dando boa noite. Depois, apresentou os membros da delegação. Em seguida, disse que nunca teve qualquer dúvida a respeito de sua vinda ao Espírito Santo e que os capixabas estavam entre os seus melhores amigos. "Essa recepção nos lembra a que o meu povo fazia a cada companheiro que era libertado das prisões na África do Sul".

Mandela falou ao público que a sua luta era por melhor educação, saúde, habitação, para acabar com a violência e as tendências fascistas existentes na sua sociedade. "Estamos lutando e rezando não apenas por liberdade para negros ou brancos, ricos ou pobres e sim por todo o nosso povo e por todos os povos da Terra, inclusive o do Brasil. Estamos lutando para forçar o Governo do meu país a colocar em prática medidas que acabem com o racismo e com o autoritarismo e o nosso povo acredita que em breve teremos essas mudanças". Depois do discurso, Nelson Mandela recebeu a comenda Jerônimo Monteiro das mãos do governador e se despediu do público.



... foram ao estádio da Desportiva levar seu apoio à luta contra o "apartheid"

Líder emociona no estádio

Aproximadamente sete mil pessoas recepcionaram ontem no início da noite o líder negro Nelson Mandela, no estádio Engenheiro Araricê, em Jardim América. No seu discurso, que durou cerca de 20 minutos, o dirigente afirmou que o "povo do Espírito Santo está inteiramente conosco nessa luta pela libertação da África do Sul e com seu apoio não há dúvidas que vamos vencer", afirmou.

Mandela chegou ao estádio no helicóptero do Governo acompanhado de sua mulher, Winnie, do governador Albuíno Azeredo e da primeira-dama Valdicéia. Uma parte do gramado do estádio foi isolada pela Polícia Militar e policiais federais. Após o pouso, exatamente às 17h50m, a multidão passou a gritar o nome de Mandela, durante todo o trajeto até o palanque oficial. Na saudação ao dirigente o governador Albuíno disse que a sua presença no Espírito Santo era fruto de muita luta e perseverança de um Estado pequeno.

Nelson Mandela iniciou o seu discurso em português, falando a todos de senho-

ras e senhores e dando boa noite. Depois, apresentou os membros da delegação. Em seguida, disse que nunca teve qualquer dúvida a respeito de sua vinda ao Espírito Santo e que os capixabas estavam entre os seus melhores amigos. "Essa recepção nos lembra a que o meu povo fazia a cada companheiro que era libertado das prisões na África do Sul".

Mandela falou ao público que a sua luta era por melhor educação, saúde, habitação, para acabar com a violência e as tendências fascistas existentes na sua sociedade. "Estamos lutando e rezando não apenas por liberdade para negros ou brancos, ricos ou pobres e sim por todo o nosso povo e por todos os povos da Terra, inclusive o do Brasil. Estamos lutando para forçar o Governo do meu país a colocar em prática medidas que acabem com o racismo e com o autoritarismo e o nosso povo acredita que em breve teremos essas mudanças". Depois do discurso, Nelson Mandela recebeu a comenda Jerônimo Monteiro das mãos do governador e se despediu do público.









da Costa

da

Foto de Nestor Ma





... les bandes de Congo

VITÓRIA DA LIBERDADE

NELSON MANDELA ESPERA POR VOCE.



Bastidores da visita

● A ausência de algum funcionário do gabinete do governador na entrada da residência da Praia da Costa fez com que o ex-governador Artur Carlos Gerhardt Santos fosse embora do local, minutos depois de ter chegado. Ele havia sido convidado para um encontro com Nelson Mandela e foi impedido de entrar na residência. Um soldado da PM informou ao ex-governador que a ordem era "para não deixar entrar ninguém".

● A mesma situação constrangedora passou o músico Mauricio de Oliveira. Nem mesmo o secretário de Justiça, Renato Soares, que foi até o portão, conseguiu a permissão para que ele subisse até a residência. Depois de ficar duas horas no local, ele finalmente conseguiu entrar, mas junta-

mente com os representantes de movimentos negros. Oliveira entregou discos ao dirigente do CNA.

● No Estádio da Desportiva Ferroviária, junto às cadeiras sociais, os dirigentes do Sindicato dos Funcionários do Iesp colocaram uma faixa de protesto com os dizeres: "Mandela: a saúde está em greve há 55 dias por intransigência do governador Albuíno". A PM tentou retirar a faixa mas não conseguiu. Também não se sabe se Mandela teve tempo para vê-la.

● Logo que Mandela desceu do helicóptero no campo da Desportiva, uma pessoa invadiu a área cercada pela Polícia Militar e por policiais federais, na tentativa de se aproximar do dirigente. Rapidamente foi contida e levada para fora do estádio.

● Ao chegar ao palanque, Mandela foi saudado com a música "Oração de São Francisco", que tem como refrão: "É dando que se recebe". E quando foi anunciada a presença do governador Albuíno Azeredo, parte do público ensaiou uma vaia. O ex-governador Max Mauro teve como companhia no palanque oficial, o prefeito de Cariacica Vasco Alves, declarado adversário político de Max Mauro.

● No final da entrevista coletiva no Palácio Anchieta, atendendo a um pedido dos jornalistas, Nelson Mandela posou para uma fotografia ao lado dos profissionais que estão fazendo a cobertura de sua visita ao Espírito Santo.

O grande coração africano e a festa dos capixabas

Chico Neto

Quando, logo pelo início da tarde de ontem, podiam-se avistar nitidamente grandes nuvens enegrecidas no céu dominado de Vitória, muita gente pensou que, como aconteceu há coisa de dois anos atrás em megashow no estádio Engenheiro Araripe — o Xou da Xuxa, com Paquitas e tudo o mais —, fosse cair muita água sobre as cabeças do público. Mas a carismática liderança negra personificada em Nelson Mandela parece ter sido suficiente para que o vento sul levasse para longe as ameaças de chuva. O povo merecia.

Logo ao início, por volta das 15h30m, pouca coisa ali dava a impressão de que o evento fosse transcorrer com o necessário clima de animação em que, originalmente, se pautara (afinal, a visita de uma figura desse porte, a despeito de todo o protocolo que a acompanha, deveria significar um povo energizado e feliz). Todo o amplo gramado do estádio estava praticamente vazio, acomodando apenas, além de organizadores do show, representantes da imprensa local e nacional. O público, este se acomodava, ainda pequeno, nas arquibancadas.

"Isso é sacanagem", protestava, do lado de fora do cercado do campo, a assistente social Mariana Nolasco. "Interrompi um churrasco na minha casa para vir ver a tal da 'Festa da Liberdade', e o povo, mais uma vez, vai ficar distanciada". Tal mal-estar, contudo, durou menos do que ecoaram os protestos de várias outras pessoas presentes, que, como Mariana, não entendiam a relação possível entre confraternização de liberdade de distância do público. Enquanto alguns grupos se apresentavam no palanque e crescia a expectativa da chegada de Mandela e sua comitiva, a organização de Vitória Mandela houve, por bem, liberar o gramado. Alegria geral.

Pouco antes, o sensível marasmio que se respirava das arquibancadas foi sendo quebrado tão logo subiram ao palco os apresentadores oficiais do evento, André de Biase e o sempre envolvente Edu Henning. Destaque-se que, ao contrário

A GAZETA

5/8/91

do que o que se esperava, o grupo de reggae que os antecedeu não se mostrou suficiente para

quebrar o gelo da platéia. Com jeitinho — afinal, são versados nisso —, de Biase e Henning esquentaram o público até o momento mais emocionante de todo o espetáculo, que foi, sem dúvida, a descida de helicóptero que transportava, além de Nelson e Winnie Mandela, a comitiva do Governo e alguns membros do Congresso Nacional Sul-Africano.

A essa altura, já havia tomado conta do palco o grupo Piratas do Asfalto, que, com rock mesmo, mudou o clima do estádio. Tão logo desceu o helicóptero, atacaram com a Oração de São Francisco em um momento que, se tinha tudo para ficar patético, na verdade arrepiou literalmente toda aquela gente. Bandas de congo, representantes de entidades de cultura negra, famílias inteiras que, com certeza, vieram de longe para ver de perto a imagem da vitória sobre a opressão, todo esse povo se espremia, junto ao pelotão de choque, para ver a comitiva passar. Cartazes eram mostrados, faixas agitadas e uma verdadeira chuva de palmas ecoava. Não houve, é fato, quem não se emocionasse.

Uma vez instalada no palco, a numerosa comitiva foi sendo apresentada. O governador Albuíno Azevedo levou vaias, mas saiu-se bem em sua saudação e no final ganhou alguns aplausos. Igualmente foram vaiados o ex-governador Max Mauro e o prefeito de Cariacica, Vasco Alves — o que contrastou com o coro de aplausos destinados ao prefeito de Vitória, Vitor Buaz. Eis, sem dúvida, outro exemplo de carisma personificado. Ao final de todas as apresentações, Mandela falou — não antes de pedir que se sentassem as pessoas que estavam de pé na plataforma — e foi

aplaudido direto. Apresentou sua comitiva, falou sobre a luta contra o apartheid na África do Sul e, antes de ir embora, declarou: "Quando eu voltar para casa, direi que o povo do Espírito Santo está inteiramente conosco".

Nova comoção: de repente, as pessoas corriam em direção à passarela improvisada no gramado por onde passaria, novamente, a comitiva que veio no helicóptero. "É Alcione que vai chegar!", gritou alguém, ensaiando um tumulto que acabou se diluindo, pois todos estavam vendo que quem passava por ali, indo em direção a um voo por alçar, era, mais uma vez, o tão querido líder negro, sua bela Winnie e a comitiva. Mandela, do alto de seus 70 e tantos anos de idade e quase trinta de cadia por conta da repressão, irradia uma bondade que, em seu caso, é exatamente o que nele esperam ver as pessoas. Cada um identificado com sua própria luta.

Não faltou, antes da partida de Mandela, quem subisse ao palco, para homenageá-lo mais de perto. Foi a vez do compositor Hélio Marques, num vistoso e até caricato terno branco, cantar-lhe uma balada ao som de um playback que terminava mais ou menos assim: "(...) Punhos cerrados, olhos lacrimajantes/Clamam aos ventos por liberdade/Ooooooôôôô, Mandela viverá". A seguir, voltou à cena o grupo Piratas do Asfalto, com o vocal firme de William Bull, e voltou o povo a dançar seu rock.

Dai por diante, o "quente" propriamente dito do evento — a cantora Alcione, Neguinho da Beija-Flor e outros espetáculos — foram aos poucos tomando seus lugares ao palco. As pessoas dançavam, cantavam e queriam mais. Aqui a altura, é certo, Nelson Mandela e sua comitiva já significavam, para todas aquelas pessoas — cerca de 7 mil — nada mais que uma visita bem-saudada que se fora. Quem foi ali, desfraldando as mais variadas bandeiras que tinha por defraldar, não deve ter se esquecido do momento de emoção que foi o encontro com alguém que personifica, lembremos, não ser impossível vencer a luta por melhores condições de vida. Mas enquanto isso, o povo quer mesmo é sambar. E tome Alcione.

A TARDE

Salvador, Bahia ● Segunda-feira ● 5/8/1991

Políticos dizem que Mandela desprestigiou o Legislativo

O presidente da Assembléia Legislativa, deputado Eliel Martins (PFL), fez, ontem, duras críticas contra o líder negro sul-africano, Nelson Mandela, por ter "desrespeitado, durante a visita a Salvador, o Poder Legislativo estadual e municipal". A atitude de ter deixado vereadores e deputados lhe esperando no plenário da Câmara Municipal, das 11 horas da manhã às 19 horas, para o presidente da AL, significou que Mandela "não fez a devida avaliação da importância da homenagem que a Câmara e a Assembléia lhe prestariam".

Quanto à responsabilidade do comitê organizador da visita do líder negro a Salvador, Martins não descartou, mas é categórico. "O comitê pode até ter responsabilidade nesse incidente, mas é inadmissível que um líder internacional como ele tenha se deixado comandar em um episódio desse porte", assegura o presidente da AL. Segundo Eliel Martins, a Câmara Municipal e a Assembléia não iriam prestar a Mandela uma simples homenagem, mas lhe conceder uma manifestação de apoio à sua luta em prol da raça negra. "Ele não valorizou o apoio a sua luta e sim a homenagem ao homem, representada pelo busto que inaugurou na prefeitura", disse.

Entre os políticos que durante metade do dia de anteontem permaneceram no plenário da Câmara aguardando Mandela, a opinião, ontem, era a de que o Poder Legislativo havia sido preterido em favor do Executivo, já que, segundo eles,

não houve cansaço que impedisse que Mandela estivesse com o prefeito Fernando José e com o governador Antonio Carlos Magalhães. O vereador Javier Alfaya (PC do B), autor do projeto de lei que concedeu a Mandela o título de Cidadão de Salvador, era um dos mais aborrecidos com o cancelamento da visita à Câmara, onde tanto o título como a medalha "Libertador da Humanidade", oferecida pela AL, seriam entregues.

"O que motivou, inicialmente, a vinda de Mandela a Salvador foi, justamente, a concessão do título, e não posso deixar de ver nisso a participação dos integrantes do comitê de recepção a ele", disse Javier. A deputada Maria José Rocha, também do PC do B e responsável pelo desarquivamento do projeto da resolução do ex-deputado Emiliano José (PSB) que concedeu a medalha da AL, também não poupou críticas, porém foi mais condescendente com o que teria sido responsabilidade do comitê de recepção.

"Não sei de quem é a culpa, mas tenho certeza que o próprio Mandela é responsável por esse desrespeito do qual todos nós fomos vítimas. Sendo ele um dirigente, um líder internacional, como então se transformaria em um dirigido nas mãos dos membros do comitê?", questionou Maria José. O presidente da Câmara de Vereadores, Osório Vilas Boas, extremamente aborrecido, fez questão de lembrar que o fato representou um dos maiores desrespeitos vividos pela instituição que dirige.

MBB defende posição do PDT

— Ao generalizar a acusação de existência de racismo nos partidos políticos de esquerda, o coordenador de bases do MNU, Ivonei Pires, no mínimo cometeu uma injustiça contra o PDT, que consagra, e vem cumprindo rigorosamente, grupo, e vem cumprindo rigorosamente, pontos do seu programa que defendem as minorias e os segmentos discriminados, como o negro, a mulher e o índio.

A afirmação é do jornalista Luís Augusto Gomes, que integra a corrente pedetista "Movimento Brasil Brizola". Ele concorda com a afirmação de que "democracia racial é mito no Brasil", mas vê também uma dose de preconceito político que muitas vezes dificulta a análise isenta dos fatos. Entre os exemplos de participação do negro no PDT, Luís Augusto cita os governadores Albuino Azeredo, do Espírito Santo, e Alceu Collares, do Rio Grande do Sul, e eleitos em estados de minoria negra, onde se afirma haver muito preconceito racial. Lembra também o ex-deputado Carlos Alberto Caó, "figura de expressão no parti-

do, autor da lei antiapartheid e secretário da Polícia Militar, coronel Nazareth Cerqueira, e da ex-secretária de Desenvolvimento Social do Rio, Edialeida Nascimento, entre outros.

O jornalista destacou ainda a criação, pelo governador do Rio, da Secretaria de Promoção e Defesa das Populações Negras, tendo à frente Abdias Nascimento, "suplente que certamente será o primeiro senador negro do País, no momento em que Darcy Ribeiro assumir uma função no governo Brizola".

— Quando agradeceu à recente homenagem que recebeu no Palácio Guanabara — concluiu — o próprio Nelson Mandela reconheceu o compromisso do PDT com a causa negra no Brasil, ao afirmar: "Olhando para seus rostos, tenho a impressão de estar em casa, não só porque seu governo sempre esteve ao nosso lado na luta contra o apartheid, mas porque aqui há uma população igual à nossa".

Mandela insiste na renúncia de Klerk

Vitória (AE) — O líder negro sul-africano Nelson Mandela, 73 anos, afirmou ontem que a instalação de um governo de transição é a única forma visível de solução pacífica para os problemas da África do Sul. Mandela recebeu a imprensa na Residência Oficial de Verão do governo do estado, na Praia da Costa, onde está hospedado, e deu uma rápida entrevista, na qual insistiu sobre a necessidade de renúncia do presidente Frederick de Klerk.

Ele comentou que o seu partido, o Congresso Nacional Africano (CNA), e as forças que o apoiam, solicitarão a inauguração do governo interino, ao qual De Klerk terá que transferir todos os poderes de governo. Além disso, acrescentou: "Esta agora se tomou uma exigência central. É a única forma de realizarmos a transição pacífica".

O líder negro viveu momentos de muita emoção. O governador Albuino Azeredo (PDT), que hospeda Mandela, mandou abrir os portões para receber só representantes das entidades negras da Grande Vitória. Mais de 40 pessoas, com trajes típicos, algumas muito pobres, moradores de favela, entraram pela primeira vez no casarão oficial.

Mandela, ao lado da mulher Winnie, sentada em uma poltrona, recebeu o grupo de representantes negros. Mulheres jovens e velhas, emocionadas, ao lado dos seus filhos e companheiros, entregaram a Winnie uma pequena caixa azul, com uma plaqueta. Mandela também recebeu nos braços o garoto Edson Mandela Rangel, de dois anos, filho de Márcia e Edson Monteiro Rangel, líderes da Pastoral dos Negros da Arquidiocese de Vitória, sob aplausos. O líder viu muito e a criança chorou

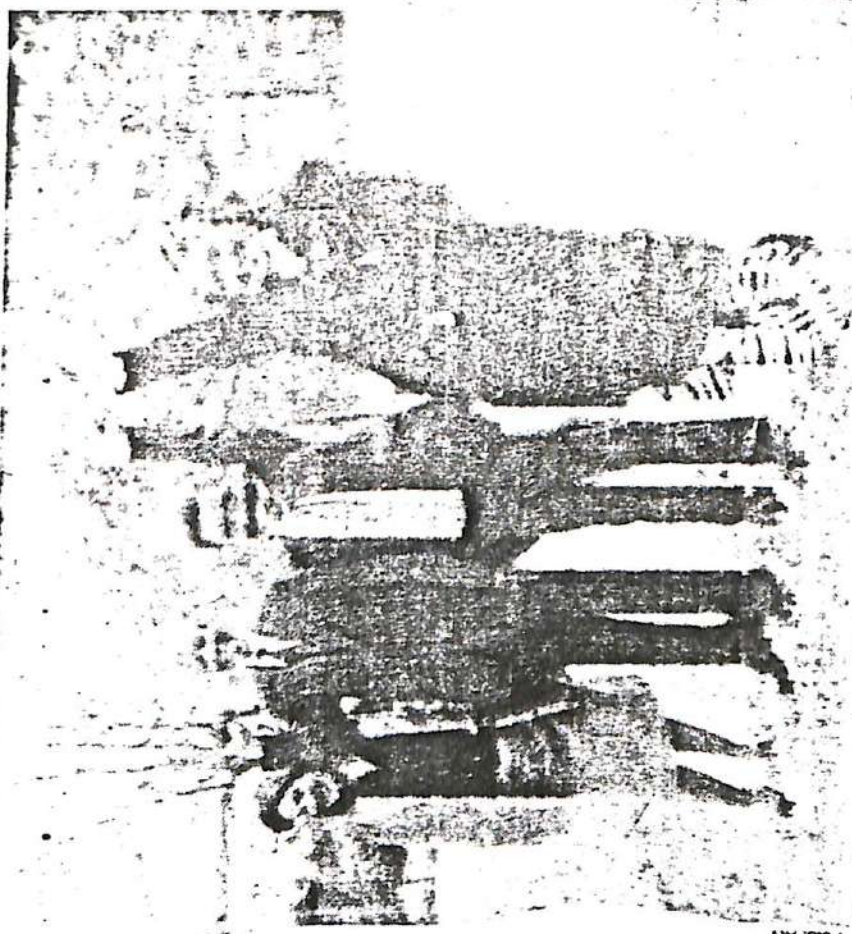
Africano (CNA), Nelson Mandela, poderá ter ajuda financeira dos empresários do Espírito Santo para o seu partido. O governador Albuino Azeredo (PDT), ele mesmo um empresário bem-sucedido e bem relacionado, disse que se empenhará nesse sentido. Mandela chegou antontem às 22h40min no Aeroporto de Goiabeiras, muito cansado, e toda a programação organizada pelo governo acabou sendo alterada.

Albuino quer estabelecer, como informou, uma parceria econômica com a África do Sul, e acredita que o Espírito Santo seja uma porta de entrada dos produtos daquele país devido ao seu sistema portuário. O governador convocou empresários de vários setores para uma reunião ontem à tarde com Mandela, e citou a mineração como uma das áreas onde pode haver parceria com os sul-africanos. Para receber Mandela, Albuino teve ajuda da Companhia Vale do Rio Doce.

Ao desembarcar do avião da FAB, com duas horas de atraso, o líder foi recebido por cerca de 300 pessoas e festejado por grupos folclóricos. Ainda na pista, Mandela cumprimentou o governador e o prefeito Vitor Bualiz (PT), e foi saudado com o hino do estado pela banda da Polícia Militar. Do aeroporto, o presidente do CNA seguiu para a residência do governo, na Praia da Costa.

GOVERNADOR PREOCUPADO

O governador não participou do jantar com o líder e parecia preocupado com o seu estado de saúde. Recomendou ao se-



Punhos cerrados, Mandela posa ao lado do governador capixaba

o secretário escalou três profissionais e um enfermeiro para plantão permanente na residência. No local há também uma ambulância para qualquer emergência. Mandela, segundo Luiz Tavares, não se queixou de saúde. "Mas fui informado que ele é hipertenso", por isso, estaremos

maior de sua visita ao Brasil, mais de 36 horas. A programação anterior, incluindo a inauguração de uma placa em sua homenagem no Palácio do Governo, foi alterada. Ontem, pela manhã, Mandela repousou na Residência Oficial de Verão — uma casa

Na Bahia também tem Mandela

Na foto, um momento que gerou perplexidade em muitas pessoas, durante vários instantes da visita do líder Nelson Mandela a Salvador, no último sábado. "Dois Mandelas?", perguntaram alguns e vários hóspedes do Othon Palace Hotel chegaram a pedir autógrafo àquele senhor, que de tempo claro passeava pelo saguão do hotel, sem preocupações com a segurança. A todos, com um largo sorriso, o gráfico baiano José Lopes esclarecia o equívoco. E falava, também, da sua felicidade em ter podido realizar o antigo sonho: conversar com o líder negro. Ele foi o único a ter autorização para subir à suíte onde Mandela estava hospedado, o que fez em companhia de sua mulher. Hoje, o "Mandela baiano" retorna à sua rotina, mas com a satisfação do sonho realizado e com boas histórias a respeito da confusão que sua presença gerou.

...ia também tem Mandela

...ento que gerou perplexidade em muitas pessoas, durante vários...lder Nelson Mandela a Salvador, no último sábado. "Dois Mande...guns e vários hóspedes do Othon Palace Hotel chegaram a pedir...or, que de tempo em tempo passeava pelo saguão do hotel, sem preocu...nça. A todos, com um largo sorriso, o gráfico baiano José Lopes...E falava, também, da sua felicidade em ter podido realizar o...ar com o líder negro. Ele foi o único a ter autorização para subir...a estava hospedado, o que fez em companhia de sua mulher...no" retorna à sua rotina, mas com a satisfação do sonho realizado...respeito da confusão que sua presença gerou.



Punhos cerrados, Mandela posa ao lado do governador capixaba

... maior de sua visita ao Brasil, mais de 36...horas. A programação anterior, incluindo...a inauguração de uma placa em sua home...nagem no Palácio do Governo, foi alterada...Ontem, pela manhã, Mandela repousou na...Residência Oficial de Verão — uma casa...de dois andares, com praia particular, que...sua mulher, Winnie, considerou maravilho...sa. À tarde, o líder recebeu empresários...convidados pelo governo, para negociar...ajuda para o CNA.

...o secretário escalou três profissionais e um...enfermeiro para plantão permanente na re...sidência. No local há também uma ambu...lância para qualquer emergência. Mande...la, segundo Luiz Tavares, não se queixou...de saúde. "Mas fui informado que ele é...hipertenso, por isso estamos tomando to...das as precauções". Dois hospitais de Vitó...ria estão de plantão para atender ao líder...em qualquer eventualidade.

Mandela passa em Vitória o período

...le país devido ao seu sistema portuário...O governador convocou empresários de...vários setores para uma reunião ontem à...tarde com Mandela, e citou a mineração...como uma das áreas onde pode haver par...ceria com os sul-americanos. Para receber...Mandela, Albuino teve ajuda da Compa...nhia Vale do Rio Doce.

...Ao desembarcar do avião da FAB, com...duas horas de atraso, o líder foi recebido...por cerca de 300 pessoas e festejado por...grupos folclóricos. Ainda na pista, Mandela...cumprimentou o governador e o prefeito...Vitor Buaiz (PT), e foi saudado com o hino...do estado pela banda da Polícia Militar...Do aeroporto, o presidente do CNA seguiu...para a residência do governo, na Praia da...Costa.

GOVERNADOR PREOCUPADO

...O governador não participou do jantar...com o líder e parecia preocupado com o...seu estado de saúde. Recomendou ao se...cretário da Saúde, Luiz Tavares, um car...diologista, que acompanhasse o visitante...Embora Mandela esteja viajando com o...seu próprio médico, também cardiologista,

...era que transitem todos os poderes de go...verno. Além disso, acrescentou: "Esta ago...ra se tornou uma exigência central. É a...única forma de realizarmos a transição pa...cífica".

...O líder negro viveu momentos de muita...emoção. O governador Albuino Azeredo... (PDT), que hospeda Mandela, mandou...abrir os portões para receber só represen...tantes das entidades negras da Grande Vi...tória. Mais de 40 pessoas, com trajes típi...cos, algumas muito pobres, moradores de...favela, entraram pela primeira vez no casa...rão oficial.

...Mandela, ao lado da mulher Winnie,...sentada em uma poltrona, recebeu o grupo...de representantes negros. Mulheres jó...vens e velhas, emocionadas, ao lado dos...seus filhos e companheiros, entregaram a...Winnie uma pequena caixa azul, com uma...placeta. Mandela também recebeu nos...braços o garoto Edson Mandela Rangel,...de dois anos, filho de Márcia e Edson Mon...teiro Rangel, líderes da Pastoral dos Ne...gros da Arquidiocese de Vitória, sob aplau...sos. O líder riu muito e a criança chorou...assustada com o movimento.

CAPIXABAS AJUDARÃO CNA

...O presidente do Congresso Nacional

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor Vice-Presidente
Ari Cunha

Diretor Gerente
Evaristo de Oliveira

Diretor de Redação
Luiz Adolfo Pinheiro

Diretor Técnico
Ari Lopes Cunha

Diretor Comercial
Maurício Dinepi

8 Brasília, segunda-feira, 5 de agosto de 1991

Brasil

Mandela quer governo

Vitória — O líder negro sul-africano Nelson Mandela, 73 anos, afirmou ontem que a instalação de um governo de transição é a única forma visível de solução pacífica para os problemas da África do Sul. Mandela recebeu a imprensa na residência oficial de verão do governo do estado, na praia da Costa, onde está hospedado, e deu uma rápida entrevista, na qual insistiu sobre a necessidade de renúncia do presidente Frederik De Klerk.

Mandela comentou que o seu partido, o Congresso Nacional Africano (CNA), e as forças que o apoiam, solicitarão a inauguração do governo interino, ao qual De Klerk terá que transferir todos os poderes do governo. Além disso, acrescentou: esta agora se tornou uma exigência central. É a única forma de realizarmos a transição pacífica.

O líder negro viveu momentos de muita emoção. Às 16h, o governador Albuíno Azeredo (PDT) que hospeda Mandela, mandou abrir os portões para receber só representantes das entidades negras da Grande Vitória. Mais de 40 pessoas, com trajes típicos, al-

gumas muito pobres, moradoras de favela, entraram pela primeira vez no casarão oficial.

Mandela, ao lado da mulher Winnie, sentada em uma poltrona, recebeu o grupo de representantes negros. Mulheres jovens e velhas, emocionadas, ao lado dos seus filhos e companheiros, entregaram a Winnie uma pequena caixa azul, com uma plaqueta. Mandela também recebeu nos braços o garoto Edson Mandela Rangel, de dois anos, filho de Márcia e Edson Monteiro Rangel, líderes da Pastoral dos Negros da Arquidiocese de Vitória, sob aplausos, o líder riu muito e a criança chorou assustada com o movimento.

Ao desembarcar do avião da FAB, com duas horas de atraso, o líder foi recebido por cerca de 300 pessoas e festejado por grupos folclóricos. Ainda na pista, Mandela cumprimentou o governador e o prefeito Vitor Buaziz (PT), e foi saudado com o Hino do Estado pela Banda da Polícia Militar. Do aeroporto, o presidente do CNA seguiu para a residência do governo na praia da Costa.

interino na África

Baianos ficam frustrados

Salvador — O líder negro sul-africano Nelson Mandela deixou frustrados os vereadores e deputados estaduais baianos, inclusive alguns federais, que organizaram duas homenagens para ele durante sua visita a Salvador. Durante oito horas, os parlamentares aguardaram a presença de Mandela na Câmara Municipal para outorgar-lhe o título de "Cidadão de Salvador" e a medalha "Libertadores da Humanidade", concedida pela Assembleia Legislativa do estado.

"Foi, talvez, a maior decepção da história da casa", lamentou, irritado, o presidente da Câmara, Osório Villas-Boas.

A Comissão de Recepção chegou a sugerir que fossem entregues no palanque da Praça, mas Villas-Boas foi taxativo: se Nelson Mandela não podia ir até à Câmara, os parlamentares não iriam até ele para render-lhe homenagens.

Winnie tem esperanças

Vitória — A mulher do líder negro sul-africano Nelson Mandela, Winnie, disse ontem, em Vitória, quando o casal foi saudado por grupos de origem africana na residência do governador Albuíno Azeredo, que o apoio que estão recebendo do povo brasileiro lhes dá força para "dar um golpe final no apartheid" quando retornarem à África do Sul. Winnie disse que está preparada para ser a primeira-dama, reafirmando a esperança de que seu marido será o futuro presidente da África do Sul.

O governador do Espírito Santo, Albuíno Azeredo, não participou do jantar com o líder sul-africano Nelson Mandela e parecia preocupado

Recomendou ao secretário de Saúde, Luiz Tavares, um cardiologista, que acompanhasse o visitante. Embora Mandela esteja viajando com o seu próprio médico, também cardiologista, o secretário escalou três profissionais e um enfermeiro para plantão permanente na residência. No local há também uma ambulância para qualquer emergência.

Mandela, segundo Luiz Tavares, não se queixou de saúde. "Mas fui informado de que ele é hipertenso, por isso estamos tomando todas as precauções. Dois hospitais de Vitória estão de plantão para atender o líder em qualquer eventualidade".

Ontem de manhã, Mandela repousou na residência oficial de verão — uma casa de dois andares, com praia particular, que sua mulher, Winnie, considerou maravilhosa. À tarde, o líder recebeu empresários convidados pelo governo, para negociar ajuda para o

O líder negro da África do Sul vai receber hoje, em Brasília, o título de Doutor Honoris Causa da UnB e deixar lições de liberdade ao País

Brasília hoje faz festa para um rei negro, um monge de ébano que encarou sua imolação nos cárceres da Cidade do Cabo como um aprendizado para seu crescimento e que encontrou na disciplina sua maior forma de protesto contra a brutal dominação imposta à sua raça há três séculos. Nelson Mandela, hoje eclipsa as lideranças constituídas dos africanos e anda pelo mundo com honras de chefe de Estado e, pacificamente, ainda que com palavras duras, vai-se impondo como um poder que nem a mão-de-ferro do regime de *apartheid* pode deter.

As 15h30 Mandela recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília. É mais uma das centenas de homenagens que este mártir vivo tem recebido em todo o planeta em sua peregrinação que procura sensibilizar governos e sociedades para sua luta de décadas, o que ele tem conseguido, ainda que assista a uma repentina valorização do nome de F.W. De Klerk, presidente da África do Sul e seu libertador, depois de 27 anos de cativo, onde foi mantido muitas vezes incomunicável, acusado do crime de ter sonhado com a liberdade e a igualdade.

A celebração de hoje é pela vitória pessoal de um homem que acreditou que o sonho era possível, mesmo num país dominado pelo rancor e pela intolerância, mesmo entre os negros, que se matam. Nelson Mandela é o nome de um sonho, que serve de exemplo para todo o mundo, que vem se acostumando com pequenas discriminações, como se elas não fossem, aos poucos, formando uma consciência má.

Mandela é um tótem vivo. Suas palavras mostram um homem duro, implacável, embora sem o rancor que se poderia esperar de alguém que tenha ficado tanto tempo preso por causa de um sonho. Ele joga duro quando suas convicções estão em jogo, muitas vezes se mostra cético diante das promessas de Pretória, esperando uma reviravolta na política de distensão social que a África do Sul vive, tão acostumado está com as idas e vindas do jogo dos africanos. Nelson Mandela está vivendo um sonho com os pés nos grilhões. Como ninguém, ele sabe o preço deste sonho.

Mais do que qualquer um, ele sabe que o governo De Klerk não está entregando um domínio conquistado em 300 anos e a custo de muito sangue, de mãos beijadas. O mundo cercou a África do Sul de tal forma que era como se o país fosse em um outro planeta, embora esteja abrindo os braços para recebê-la de volta muito mais rapidamente do que quando decidiu pelo boicote, o que incomoda profundamente Mandela.

O mundo econômico está de olho no Produto Interno Bruto da África do Sul — cerca de 80 bilhões de dólares — e numa boa injeção de dinheiro no mercado internacional por um povo que tem dinheiro para consumir. Mandela pede que os governos da Europa e Estados Unidos continuem com o boicote, mas está difícil segurar a sanha mercantil dos homens de negócio que dominam as grandes corporações e, por tabela, os países. O líder africano tem corrido o mundo para mostrar que a situação em seu país ainda é grave, que ainda não é tempo de comemorar — ainda assim o mundo solta foguetes.

O Brasil não tem dinheiro a oferecer a Nelson Mandela e daqui ele só vai levar solidariedade e simpatia. O País estende o tapete vermelho para receber um rei, mas tem muito a ganhar com sua visita: é uma boa hora para se colocar a mão na cabeça e ver porque a democracia brasileira é a única do mundo que não traz resultados imediatos para o País no mercado internacional.

A x é,

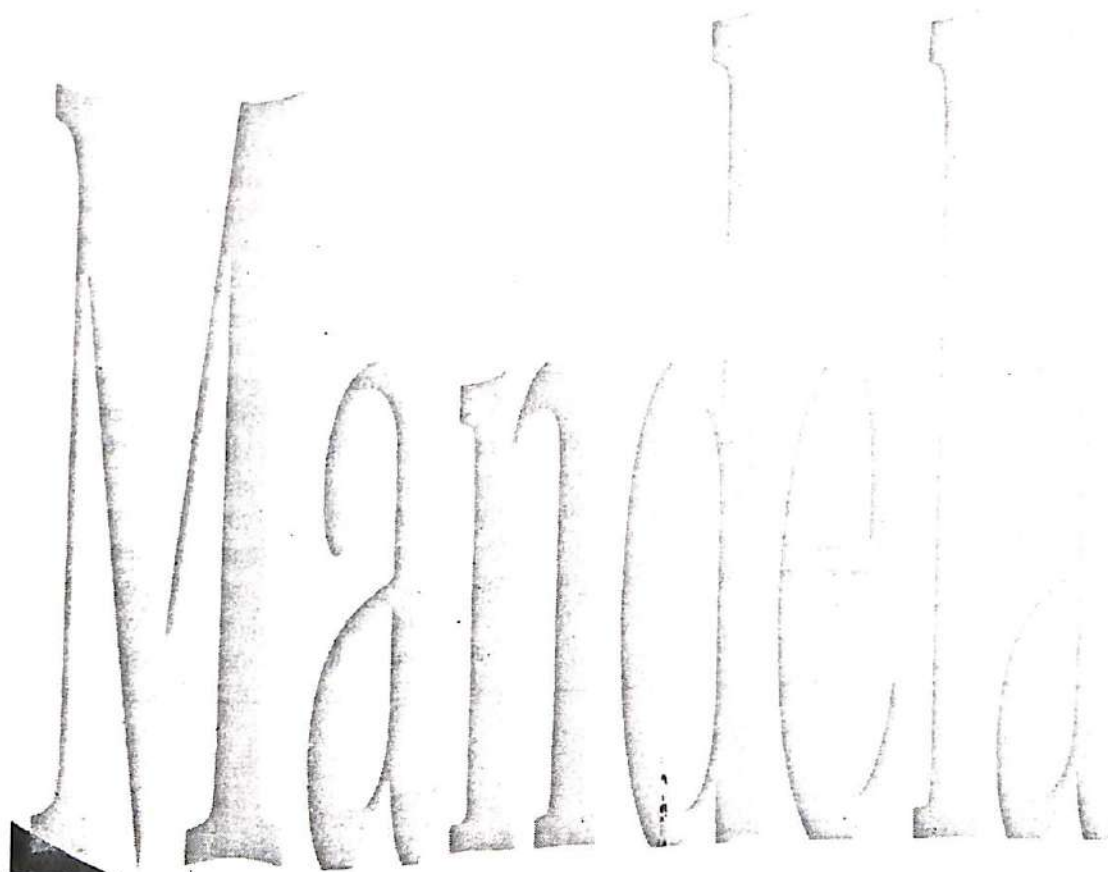
Sósia rouba parte da cena

Salvador — Um sósia do líder negro sul-africano roubou parte da cena da visita de Nelson Mandela a Salvador, na tarde de sábado. Foi o gráfico José Lopes dos Santos, de 49 anos de idade, 24 anos a menos do que Mandela, mas mesmo assim muito parecidos.

A semelhança física entre os dois — Lopes tem, no entanto, menor estatura — fez com que muita gente se aproximasse do gráfico, pedindo para tirar uma fotografia com ele.

“Olhe o Nelson Mandela”, disse uma turista hospedada no Bahia Othon Palace, onde o maior símbolo mundial da luta contra o racismo descansou por quase três horas.

Na verdade, era Lopes quem circulava com desenvoltura pelo hotel. Com um sorriso ele desfazia o equívoco. Em companhia da mulher, Carlinda Lopes dos Santos, o “Nelson Mandela baiano”, trajado a rigor, foi conhecer o homem famoso com quem se parece. O esforço valeu a pena.



CNA pode receber ajuda de empresários

Vitória — O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, poderá ter ajuda financeira dos empresários do Espírito Santo para o seu partido. O governador Albuíno Azeredo (PDT), ele mesmo um empresário bem sucedido e bem relacionado, disse que se empenhará nesse sentido. Mandela chegou sábado às 22h40 no Aeroporto de Goiabeiras, muito

na visita que faz ao Brasil — ele chegou sábado à noite e só deixa Vitória hoje de manhã. Ontem à tarde, depois de se reunir com empresários na residência em que estava hospedado, Mandela voou de helicóptero para o Estádio da Desportiva Ferroviária para um showmício, que reuniu cerca de dez mil pessoas. Ele desembarcou no meio do gramado e caminhou quase 200 metros até o palco, ao som da “Oração de

que tentou vender um pacote de peças promocionais para a visita de Mandela a Vitória.

Os empresários da firma chegaram a trazer dois falsos jornalistas negros, que se disseram representantes do “New York Times” e da revista “Ebony”. A empresa conseguiu vender um painel e dois balões por Cr\$ 6 milhões.

O descanso proporcionou ao líder negro muita disposição e

NA LUTA



Martin Luter King



Desmond Tutu



Uma história de intolerâncias

A luta pelo fim dos preconceitos raciais tem uma data significativa, embora pouco lembrada: 1º de fevereiro de 1960. Foi neste dia que quatro estudantes sentaram-se diante do balcão de uma lanchonete e pediram café. Não foram atendidos porque eram negros, mas continuaram sentados até a lanchonete fechar. Foi o primeiro de uma série de "protestos sentados" ocorridos nos anos 60, reflexos de um episódio isolado, ocorrido cinco anos antes, dia 1º de dezembro de 1955, em Montgomery, quando Rosa Parks, uma negra, se recusou a dar lugar no ônibus a um homem branco e foi presa.

De Rosa Parks a Spike Lee são 37 anos de luta. Mas a luta da libertação é bem anterior, desde que nos séculos XV e XVI o tráfico de homens começou a se tornar comum. Os egípcios escravizaram todos os prisioneiros, os árabes faziam incursões por outros territórios exclusivamente para capturar homens, mas na era moderna a escravidão não cresceu na Europa, fazendo com que os mercadores de escravos vi-rassem suas atenções para a América, um novo mundo a ser explorado.

Portugal foi o primeiro país a se engajar no tráfico de negros para suas colônias, mas foi a Espanha quem mais usou este expediente. No Brasil a história da escravidão é um amontoado de mentiras ainda não suficientemente combatidas e só recentemente é que a figura de Zumbi foi resgatada pela História do Brasil, a oficial, ainda que as crianças continuem sem saber onde fica Palmares e o que eram Quilombos. Me-nos ainda se fala de Luís Gama, que conquistou sua

Brasília, segunda-feira, 5 de agosto de 1991,

CORREIO BRAZILIENSE

Cidades

UnB entrega título *Honoris Causa* a Mandela

A Universidade de Brasília entrega hoje, às 15h30, o título **Doutor Honoris Causa** ao presidente do Conselho Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, que chega à Brasília para uma curta visita, às 11h30. O título será entregue pelo reitor Antonio Ibanez no auditório da Faculdade de Ciência de Saúde, da UnB.

O título **Honoris Causa** é concedido a personalidades que tenham se distinguido seja pelo saber, pela atuação em prol das artes, das ciências, das filosofias, das letras, ou melhor entendimento entre os povos. O líder negro enquadra-se melhor neste último. Ele tornou-se um mártir — uma espécie de símbolo — lutando contra a segregação racial existente na África do Sul. Por este motivo, ele ficou 27 anos na prisão, a partir de 1962. Ao ser libertado, continuou militando a favor da revogação do **Apartheid**.

Segundo a Assessoria de Comunicação da UnB, a cerimônia será aberta às entidades do movimento negro, grupos organizados da sociedade e ao público em geral. O final da programação está previsto para as 17h30 e será marcado com um show de capoeira, apresentado pela Associação de Capoeira Novos Baianos.

Boicote — Nelson Mandela tentará convencer o governo brasileiro a manter o boicote econômico à África do Sul e não abrir embaixada em Johannesburg onde hoje apenas um encarregado de negócio responde pela diplomacia do Brasil. A informação é de um dos membros do Congresso Nacional Africano, o partido de Mandela, e que o acompanha na visita de cinco dias ao País.

Mandela dirá ao presidente Fernando Collor que o repúdio da comunidade internacional ao **Apartheid** é fundamental para o desmonte integral do regime segregacionista que vigora no seu país. Dirá ainda ao presidente brasileiro que só a instalação de um governo interino multiracial pode conduzir a transição do regime racista para uma democracia não racial.

Mandela retornará ao Rio hoje à noite, depois de cumprir sua agenda em Brasília com a característica de um chefe de Estado, onde terá encontro com o presidente, visitará o congresso e o supremo. Na terça-feira ele reúne a imprensa para uma coletiva no Copacabana Palace para fazer um balanço de sua visita ao País. A ampliação de sua agenda em terras brasileiras (seu último compromisso, a princípio, seria em Brasília foi comunicada hoje pela assessoria de imprensa do Palácio Guanabara.

CRÔNICA DA CIDADE

Sérvulo Colmbra Tavares

Cantares para o irmão Mandela

Brasília tinha três anos e engatinhava, sofrendo a insídia e o desprezo dos que não acreditavam na aventura pioneira de JK e Israel. Naquele mesmo dia em que a coluna de Ary Cunha proclamava melhoramentos para a Novacap, na África do Sul era preso, disfarçado de motorista, em estrada ao norte da província de Natal, Nelson Rolihlahla Mandela. Naquele cinco de agosto de 1962, ao invés de aprisionar um simples negro, o governo da África do Sul estava criando um líder mundial, que hoje está chegando a Brasília.

Durante 27 anos, Mandela, mesmo preso, enfrentava a ira do "apartheid" que lhe impôs a pena de prisão perpétua (e se fosse a pena de morte "amaralina"?). Sua esposa Winnie, heróica e resistente, lembra o "Livro dos Santes": "Mulher bela é uma graça: Espanta melancolias, Consola mágoas". E assim foi por quase trinta anos, quando a masmorra racista prendeu seu marido, "gemendo porque apanhava apanhando, para não gemer", com se ainda vivêssemos em tempo de escravidão.

O Rio de Janeiro, mulato e insoneiro, deu-lhe a recepção que merecia. Em tempo de samba, poesia e negritude, Brizola chamou o povão, o mesmo povo que ele leva para os braços de Collor, e todos cantaram nas ruas a liberdade na voz de Leci Brandão, em cujas veias corre sangue africano de seus avós, o mesmo sangue do herói Mandela. A Bahia trouxe o afoxé para as ladeiras cheirando a dendê e fez o melhor do seu acarajé, para a alegria da bela Winnie.

Aqui no Brasil, Mandela vê e observa o calor da miscigenação, o respeito pelo negro que fez o Brasil crescer. Aqui ele sentiu a realidade racial de um País do Terceiro Mundo que busca seu destino multirracial com respeito à dignidade humana.

O casal Mandela amanhece hoje em Brasília. O Itamarati iria brilhar na mídia mundial se convocasse, bem cedo, o sambista Brigadeiro para, em nome do povão negro e do samba can-



dango, dar boas-vindas ao maior expoente da raça em todo o mundo.

A mensagem de Mandela é um hino à liberdade, e à determinação. Liberdade que seus descendentes brasileiros procuraram, sofrendo na carne. Liberdade que gerações e gerações de negros brasileiros foram buscar nos Palmares, na luta heróica do Zumbi, do Pai-João, da Nêga Fulô, do negro-cativo, que nos canaviais do Nordeste e nas senzalas do Centro-Oeste, no garimpo diamantino, no tronco, no colar de ferro, na chibata e na canga, escreveram a mais bela história desta Nação de três raças tristes.

Brasília recebe seu irmão Mandela com um canto agreste na imensidão deste cerrado, onde não mais os feitores espiam e o branco agressor enrolou a chibata e soltou as amarras e juntos cantam um canto novo, despojado de grilhões, como disse o negro poeta Cruz e Souza: "Livre da Mãtria escrava/arrancar os grilhões que nos flagelam/e livre penetrar nos Dons que selam/a alma e lhe emprestam toda a etérea lava. Mandela, aqui há liberdade. "Iza Uzobona"!

Bem-vindo, Mandela, irmão negro! Malraux, que amou Brasília o saudá: "A liberdade pertence aos que a conquistaram".

Reflexo de toda injustiça

Nelson Mandela mereceu todas as homenagens com que foi recebido no Brasil, pelo que vale como símbolo da luta contra o racismo que imperava na África do Sul e que já começa, ainda que lentamente, a ruir graças a revogação patrocinada pelo presidente F.W. de Klerk, das leis que alicerçavam o regime do apartheid. Tendo passado um pouco menos da metade da sua vida nas prisões sul-africanas por liderar e defender as suas idéias, Mandela adquiriu um **status** de líder de uma luta indiscutivelmente justa, em defesa dos negros de seu país.

E ele se houve com dignidade, após deixar a prisão, assumindo uma posição de estadista, de um líder que, na eventualidade difícil de uma eleição livre, seria elevado à chefia de um governo de maioria negra. É claro que ele não deixa a crepitante retórica das personalidades revolucionárias, nos discursos que faz interna e externamente, pois precisa manter viva a chama de luta contra a dominação branca no país. Mas ele já tem consciência de que a restauração da unidade sul-africana não se fará pela simples substituição de uma política de desprezo e ódio por outra de vingança e retaliação. O caminho deve ser outro.

As homenagens que Mandela re-



Mandela irradia muita simpatia

cebe e a admiração que causa aonde quer que vá no exterior, servem como uma reparação moral aos anos perdidos nos cárceres e à indômita persistência na luta contra o racismo, em seu próprio país. Mas refletem também a insatisfação local de milhares de pessoas nos países visitados que sofrem injustiças e se sentem marginalizados no processo e no fluxo normal da vida nacional. Um fato lamentável que ocorre no mundo inteiro, qualquer que seja a condição econômica e política do país e de seu governo.

Mandela

recebe comenda do Rio Branco e agradece apoio

BRASÍLIA — O líder sul-africano Nelson Mandela disse ontem que o Brasil é um dos seus mais fortes aliados na luta contra o *apartheid*. Mandela fez um discurso para o presidente Fernando Collor — com quem teve encontro reservado de 30 minutos — numa solenidade no gabinete anexo da Presidência da República, quando foi homenageado com a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco.

— Essa homenagem que recebi foi completamente inesperada. Mas eu devia ter previsto, porque quando estava na prisão a voz do governo e do povo do Brasil chegava forte e clara.

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) lembrou as palavras de apoio que ouviu dos brasileiros: "Nós estamos comprometidos na luta contra o *apartheid*. Nós estamos com você. Nós queremos você e seus companheiros fora da prisão". Descobriu, assim, que o "governo e o povo do Brasil estão preocupados com essa luta não apenas em seu próprio país mas em todo o mundo".

Mandela afirmou que a condecoração que recebeu de Collor não foi dada a ele "como indivíduo mas pela causa que representa:

— Da mesma forma que a condecoração não está sendo dada pelo presidente brasileiro, mas pela alma do povo brasileiro.

Collor falou primeiro e disse ser um privilégio conhecer Mandela pessoalmente e apertar a mão de quem é o "símbolo do nascimento de uma África

do Sul fortalecida e participante, racialmente integrada, que muito deve à bravura de Nelson Mandela e à sua fé na vitória da razão". "Peço-lhe que veja na Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco a admiração de toda uma sociedade multirracial que continua a aperfeiçoar-se na arte do convívio harmonioso entre suas várias culturas."

O líder sul-africano — que chegou ao Palácio do Planalto com 25 minutos de atraso — afirmou em sua fala que volta alegre para casa: "Volto para meu país cheio de satisfação, cheio de inspiração, com esperança de justiça e confiante na vitória final".

□ O primeiro dia da visita oficial de Nelson Mandela a Brasília foi marcado por pequena mobilização popular e extrema desorganização no mais concorrido dos compromissos — na Universidade de Brasília (UnB), onde o título de doutor honoris causa foi entregue em meio a tumulto no gramado poeirento. Forte aparato de segurança em torno de Mandela frustrou esperanças de contatos mais próximos e levou os líderes do Movimento Negro Unificado a ensaiar confronto com a segurança do Palácio do Planalto. Mandela e Winnie foram recebidos na Base Aérea por embaixadores de países africanos, inclusive o da África do Sul, Jrvan Gernet, diplomatas e o secretário-executivo do Itamarati, Marcos Azambuja.



Mandela condecorado por Collor: homenagem do povo

Líder nota amargura do negro

Embora reconhecendo que as leis brasileiras contra a discriminação racial são satisfatórias, o presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, disse ontem ter notado forte sentimento de amargura entre os negros que encontrou no Brasil. O comentário de Mandela foi feito durante conversa com o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Sidney Sanches, que não escondeu do líder negro a prática de racismo na sociedade.

Na visita que fez ao Supremo, Man-

dela foi informado pelo ministro Sidney Sanches de que ainda é comum no país a preferência pelos brancos quando se trata de emprego, por exemplo:

— A impressão que se tem é que as pessoas só têm medo de tornar ostensivo seu racismo por causa das penalidades previstas na Constituição. Aqui, racismo é crime inafiançável, com pena de reclusão — contou Sanches. Mas também lembrou que há muitos casamentos entre brancos e negros e a prova disso está na existência do mulato.

Flagrantes da visita

Mesma língua — A primeira parte do encontro entre o presidente Collor e o líder sul-africano Nelson Mandela durou 20 minutos. A conversa foi em inglês, sem intérprete, sobre a conjuntura internacional. Mandela disse ao presidente ter ficado impressionado com os governadores brasileiros com os quais se encontrou, considerando-os verdadeiros representantes do povo, relatou o porta-voz da presidência, Cláudio Humberto.

Tumulto — O presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, recebeu ontem o título Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília, mas os embaixadores, deputados, senadores e a quase totalidade dos professores convidados não ouviram nem viram nada, nem mesmo o próprio Mandela. A sessão não foi solene, não cumpriu o horário programado nem foi realizada no auditório da Faculdade de Ciência da Saúde, mas fora do prédio, longe das autoridades convidadas, no meio da poeira e do tumulto provocado por quase duas mil pessoas que.

Reminiscências — Sem que ninguém esperasse, a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) foi a grande oradora da sessão de homenagem do Legislativo ao presidente do Congresso Nacional Africano. Ao contrário dos quatro parlamentares que discursaram em tom solene e formal, ela se valeu de lembranças de sua visita à África do Sul no ano passado para homenagear Mandela e sua mulher.

Winnie, e fez um discurso pessoal, na condição de mulher negra.

Dubiedade — O Brasil manterá as sanções econômicas contra o governo da África do Sul. A informação foi dada ontem por Nelson Mandela em entrevista no Itamarati. Segundo o líder negro, o encontro com o presidente Fernando Collor no Palácio do Planalto foi bem sucedido e caloroso. Mandela disse que o caso Inkhatagate — liberação de US\$ 600 mil para o partido Inkhata, por parte de autoridades do governo sul-africano — representa uma situação dúbia, pois promove uma frente anti-CNA.

Gentileza — Do primeiro dia de visita ao Rio de Janeiro, na quinta-feira passada, o líder negro sul-africano Nelson Mandela certamente não imaginou que fosse conversar durante 20 minutos dentro de um carro com o governador Leonel Brizola, enquanto sua mulher, Winnie, comprava-lhe meias, cuecas e pijamas. Como as 39 malas da comitiva ficaram retidas em Miami, última escala da viagem oficial, o governador se ofereceu para fazer compras com o casal. Brizola pagou a conta de Cr\$ 220 mil na loja masculina Jopar pela compra de cinco pares de meia de algodão; três cuecas; um sapato de cromo alemão marrom nº 43; duas gravatas estampadas de seda pura; uma camiseta Ellesse branca; dois pijamas de malha de manga comprida; duas camisas sociais de linho e duas es-

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

ANO LXVII — RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1991 — Nº 21.076

Collor manterá sanções à África do Sul

BRASÍLIA — O Presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, foi condecorado ontem pelo Presidente Fernando Collor com a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco. Ao homenagear Mandela, o Presidente afirmou que a obra do líder sul-africano "já é parte da História".

— Ao defender os direitos da raça negra, sua luta foi também a afirmação de valores universais da democracia e da justiça social; foi afirmação de que a paz só se alcança pelo entendimento, pelo respeito mútuo e pela igualdade — disse Collor.

No discurso de agradecimento, Mandela disse que a luta do povo brasileiro contra a ditadura e o autoritarismo foi uma vitória que inspirou a luta contra o racismo na África do Sul. Mandela disse que estava surpreso com a condecoração que recebeu e que voltaria a seu País completamente inspirado, cheio de esperança de Justiça e confiante na vitória final.

— Estou aqui, hoje, num País que sei que é um dos nossos mais fortes aliados. Essa honra que recebi foi completamente inesperada, mas eu deveria ter esperado porque mesmo quando estava na prisão a voz do Governo e do povo do Brasil chegou forte e clara. Essa condecoração não é dada a mim como indivíduo, mas a uma causa. Da mes-

ma forma, ela não foi dada pelo Presidente, mas pela alma do povo brasileiro. Volto cheio de satisfação para meu País e agradecido pelo amor e respeito demonstrado pelo povo brasileiro — disse Mandela.

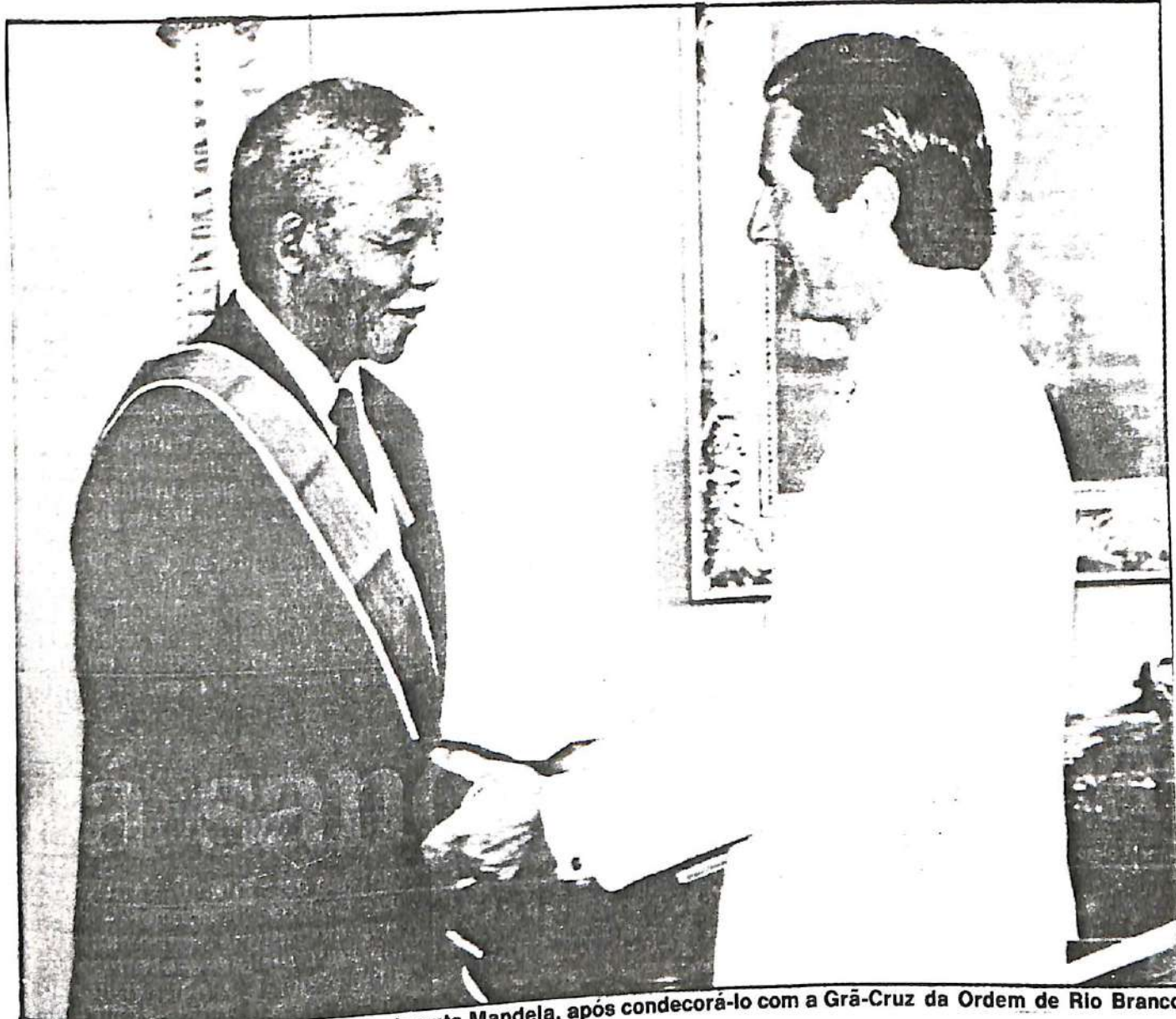
Mandela disse que não se opõe à iniciativa do Governo brasileiro de elevar o nível da sua representação diplomática na África do Sul, enviando um Embaixador a este país. Na visita a Brasília, o líder sul-africano teve a garantia de que serão mantidas as sanções brasileiras contra a África do Sul, mesmo depois de reativadas as relações entre os dois países.

— Nossa visita foi muito bem-sucedida e superou todas as nossas expectativas. Antes mesmo de eu ter oportunidade de tocar no assunto, o Presidente Fernando Collor garantiu que manterá as sanções brasileiras à África do Sul — disse Mandela em entrevista coletiva no Itamaraty.

Com o sinal verde de Mandela, o Governo brasileiro deverá, em breve, nomear um Embaixador junto à África do Sul, onde a representação diplomática do País é apenas no nível de Encarregado de Negócios. A nomeação de um Embaixador, na avaliação da Chancelaria brasileira, seria uma forma de o Brasil indicar que as sanções permaneceriam enquanto não se completar o processo de normalidade institucional.

Collor manterá sanções

Telefoto de Sérgio Marques



No Palácio do Planalto, Collor cumprimenta Mandela, após condecorá-lo com a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco

BRASÍLIA — O Presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, foi condecorado ontem pelo Presidente Fernando Collor com a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco. Ao homenagear Mandela, o Presidente afirmou que a obra do líder sul-africano "já é parte da História".

— Ao defender os direitos da raça negra, sua luta foi também a afirmação de valores universais da democracia e da justiça social; foi afirmação de que a paz só se alcança pelo entendimento, pelo respeito mútuo e pela igualdade — disse Collor.

No discurso de agradecimento, Mandela disse que a luta do povo brasileiro contra a ditadura e o autoritarismo foi uma vitória que inspirou a luta contra o racismo na África do Sul. Mandela disse que estava surpreso com a condecoração que recebeu e que voltaria a seu País completamente inspirado, cheio de esperança de Justiça e confiante na vitória final.

— Estou aqui, hoje, num País que sei que é um dos nossos mais fortes aliados. Essa honra que recebi foi completamente inesperada, mas eu deveria ter esperado porque mesmo quando estava na prisão a voz do Governo e do povo do Brasil chegou forte e clara. Essa condecoração não é dada a mim como indivi-

ma forma, ela não foi dada pelo Presidente, mas pela alma do povo brasileiro. Volto cheio de satisfação para meu País e agradeço pelo amor e respeito demonstrado pelo povo brasileiro — disse Mandela.

Mandela disse que não se opõe à iniciativa do Governo brasileiro de elevar o nível da sua representação diplomática na África do Sul, enviando um Embaixador a este país. Na visita a Brasília, o líder sul-africano teve a garantia de que serão mantidas as sanções brasileiras contra a África do Sul, mesmo depois de reativadas as relações entre os dois países.

— Nossa visita foi muito bem-sucedida e superou todas as nossas expectativas. Antes mesmo de eu ter oportunidade de tocar no assunto, o Presidente Fernando Collor garantiu que manterá as sanções brasileiras à África do Sul — disse Mandela em entrevista coletiva no Itamaraty.

Com o sinal verde de Mandela, o Governo brasileiro deverá, em breve, nomear um Embaixador junto à África do Sul, onde a representação diplomática do País é apenas no nível de Encarregado de Negócios. A nomeação de um Embaixador, na avaliação da Chancelaria brasileira, seria uma forma de o Brasil indicar que as sanções permaneceriam enquanto não se completar o processo de normalidade institucional.

Presidente lembra as raízes comuns

BRASÍLIA — O Presidente Collor conversou por 20 minutos reservadamente com Nelson Mandela e lhe disse que do lado de cá do Atlântico ele e seu povo só têm amigos. Os dois conversaram em inglês e dispensaram intérprete.

— Entre Brasil e África não há distância, porque temos as mesmas raízes — disse Collor.

Segundo o Porta-Voz Cláudio Humberto, Mandela ficou igualmente impressionado com os governantes brasileiros com quem teve contatos nesta visita. Mandela disse a Collor ter percebido que "os governantes brasileiros são gente do povo" e destacou a vitória do Brasil sobre as ditaduras.

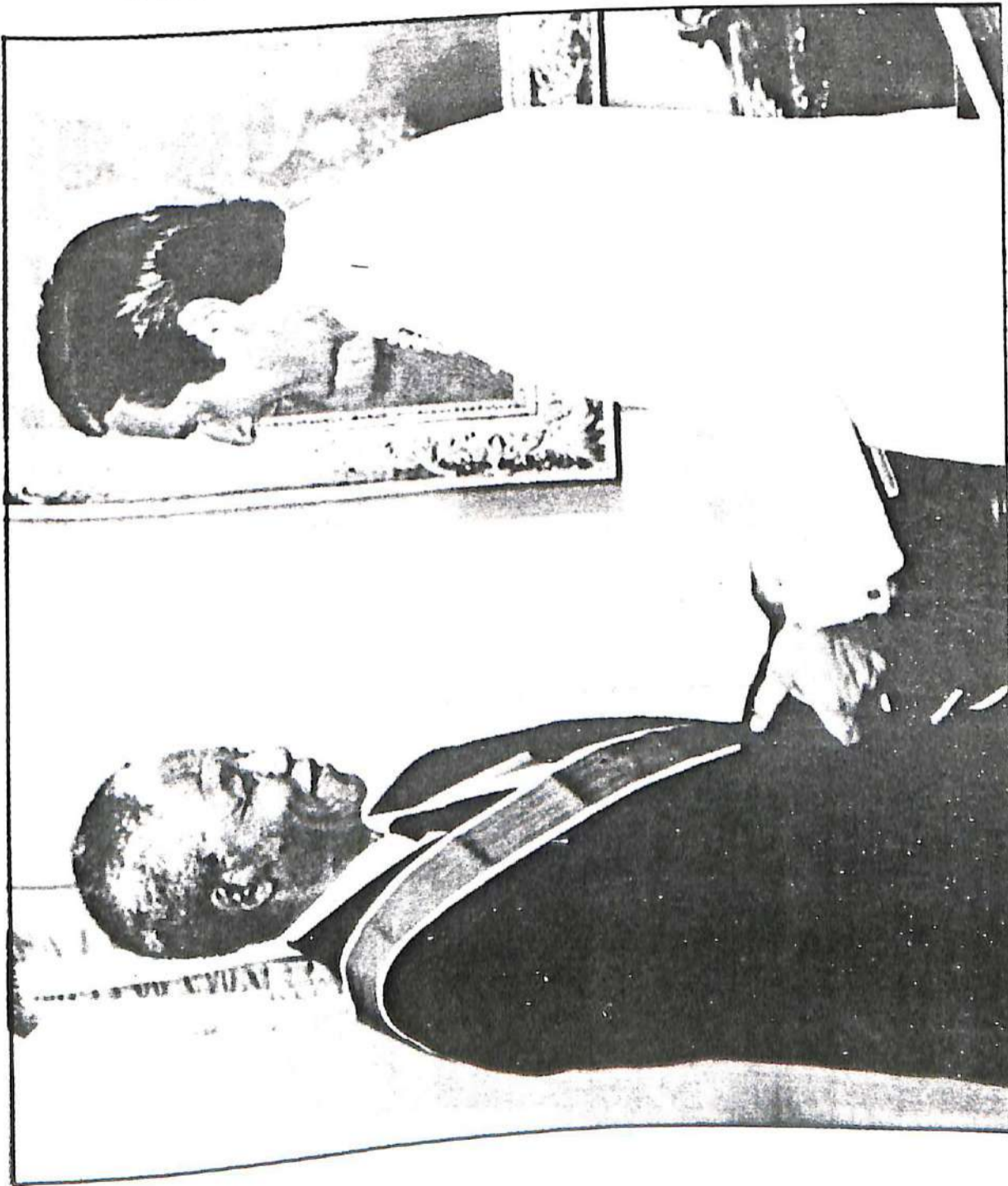
— Tenho certeza de que em breve os objetivos de sua luta serão alcançados, com a democratização da África do Sul. Isso marcará uma nova era para seu país e o Brasil e seu povo apóiam sua causa — respondeu Collor.

Mandela e Winnie conheceram a menina Winnie Marcela, de 5 anos. Batizada em homenagem à mulher do líder negro, a menina recebeu um beijo de Mandela, à tarde, na entrada do hotel onde o casal está hospedado.

O Globo 6/8/91

à África do Sul

Telefoto de Sérgio Marques



No Palácio do Planalto, Collor cumprimenta Mandela, após concederá-lo com a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco

Presidente lembra as raízes comuns

BRASÍLIA — O Presidente Collor conversou por 20 minutos reservadamente com Nelson Mandela e lhe disse que do lado de cá do Atlântico ele e seu povo só têm amigos. Os dois conversaram em inglês e dispensaram intérprete.

— Entre Brasil e África não há distância, porque temos as mesmas raízes — disse Collor.

Segundo o Porta-Voz Cláudio Humberto, Mandela ficou igualmente impressionado com os governantes brasileiros com quem teve contatos nesta visita. Mandela disse a Collor ter percebido que "os governantes brasileiros são gente do povo" e destacou a vitória do Brasil sobre as ditaduras.

— Tenho certeza de que em breve os objetivos de sua luta serão alcançados, com a democratização da África do Sul. Isso marcará uma nova era para seu país e o Brasil e seu povo apoiam sua causa — respondeu-lhe Collor.

Mandela e Winnie conheceram a menina Winnie Marcela, de 5 anos. Batizada em homenagem à mulher do líder negro, a menina recebeu um beijo de Mandela, à tarde, na entrada do hotel onde o casal está hospedado.

Winnie quer levar o 'Minha Gente' para a África do Sul

Visitante surpresa com a juventude de Rosane Collor

BRASÍLIA — Winnie Mandela ficou muito impressionada com a juventude da Presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Dona Rosane Collor. As 12h30m, ao ser recebida pela Primeira Dama na LBA, a mulher do líder sul-africano Nelson Mandela disse que não esperava que Dona Rosane fosse mais jovem do que sua filha mais moça. No encontro, Winnie foi informada sobre o Projeto Minha Gente, desenvolvido pela LBA e se interessou em elaborar um plano semelhante para a África do Sul.

A audiência de Winnie com Dona Rosane durou 55 minutos — com a Princesa Diane, a Primeira Dama conversou 25 minutos e com a filha do Presidente dos EUA, George Bush, Dorothy, o encontro foi de 30 minutos. Enquanto Rosane usava *tailleur* bege, com detalhes em preto e exibia um relógio Rolex, cravejado de brilhantes, Winnie usava traje típico sul-africano e relógio de material plástico.

— Eu poderia supor que uma mulher tão jovem e bonita estivesse trabalhando com algo no ramo de moda e não com um trabalho social tão importante. A senhora é uma dádiva de

Telefoto de Josemar Gonçalves



A Deputada Benedita da Silva recebe Mandela na Base de Brasília

Deus para esta cidade — disse Winnie.

Ante os elogios ao Minha Gente, Dona Rosane disse que o Projeto é a menina dos seus olhos. Ela contou que trabalhara dois anos na LBA, em Alagoas, antes de casar com Collor. Disse que só resolveu assumir efetivamente a Presidência da LBA após conhecer os problemas do povo brasileiro, durante a campanha presidencial. Para Winnie, a preocupação com as questões sociais deve ter sido uma das qualidades que levou Collor a se casar com Rosane.

Winnie assistiu a um vídeo sobre todos os programas desenvolvidos pela LBA desde o início do Governo Collor. Ela elogiou o Projeto, mas acredita que seria difícil aplicá-lo na África do Sul devido à segregação racial.

— Sou negra e, por isso, obrigada a viver em área restrita para os negros. Temos que viver em enclaves. Além da divisão por raças, imposta pelo *apartheid*, os africanos são divididos em grupos tribais — disse Winnie, acrescentando um dos objetivos da viagem ao Brasil é conhecer a integração do povo.

Benedita dedica seu discurso à 'irmã de luta'

BRASÍLIA — A Deputada Benedita da Silva roubou a festa na sessão de homenagem a Mandela. Aplaudida antes mesmo de chegar à tribuna, Benedita dedicou seu discurso a Winnie, mulher do líder negro sul-africano, a quem chamou de "irmã de luta".

— A sua luta se difere da nossa apenas por uma única palavra: sutileza. Do contrário, é lá e cá — disse Benedita, recebendo muitos aplausos, inclusive de Nelson Mandela ao lembrar que Winnie nunca permitiu que a prisão do marido caísse no esquecimento.

— Sorridente, sempre demonstrava o quanto sabia das coisas — continuou a Deputada petista, que ao final de seu discurso quebrou o protocolo: dirigiu-se à Mesa do Plenário e deu dois beijos em Nelson Mandela. Depois, trocou um longo abraço com Winnie, enquanto as galerias gritavam os seus nomes e aplaudiam. O Presidente do Congresso, Mauro Benevides, apertava insistentemente a campanha para dar continuidade à sessão.

Em seu discurso, Mandela pediu o apoio da comunidade internacional para a realização de eleições livres em seu país.

Obra social e juventude de D. Rosane encantam Winnie

Visitante quer um projeto parecido na Africa do Sul

BRASÍLIA — Winnie Mandela ficou muito impressionada com a juventude da Presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Dona Rosane Colôr. As 12h30m, ao ser recebida pela Primeira Dama na LBA, a mulher do líder sul-africano Nelson Mandela disse que não esperava que Dona Rosane fosse mais jovem do que sua filha mais moça. No encontro, Winnie foi informada sobre o Projeto Minha Gente, desenvolvido pela LBA e se interessou em elaborar um plano semelhante para a África do Sul.

A audiência de Winnie com Dona Rosane durou 55 minutos — com a Princesa Diane, a Primeira Dama conversou 25 minutos e com a filha do Presidente dos EUA, George Bush, Dorothy, o encontro foi de 30 minutos. Enquanto Rosane usava *tailleur* bege, com detalhes em preto e exibia um relógio Rolex, cravejado de brilhantes, Winnie usava traje típico sul-africano e relógio de material plástico.

— Eu poderia supor que uma mulher tão jovem e bonita estivesse trabalhando com algo no ramo de moda e não com um trabalho social tão importante. A senhora é uma dádiva de Deus para esta cidade — disse Winnie.

Ante os elogios ao Minha Gente, Dona Rosane disse que o Projeto é a menina dos seus olhos. Ela contou que trabalhara dois anos na LBA, em Alagoas, antes de casar com Colôr. Disse que só resolveu assumir efetivamente a Presidência da LBA após conhecer os problemas do povo brasileiro, durante a campanha presidencial. Para Winnie, a preocupação com as questões sociais deve ter sido uma das qua-

Benedita lembra papel de Winnie e sai aplaudida

BRASÍLIA — A Deputada Benedita da Silva roubou a festa na sessão de homenagem a Mandela. Aplaudida antes mesmo de chegar à tribuna, Benedita dedicou seu discurso a Winnie, mulher do líder negro sul-africano, a quem chamou de “irmã de luta”.

— A sua luta se difere da nossa apenas por uma única palavra: sutileza. Do contrário, é lá e cá — disse Benedita, recebendo muitos aplausos, inclusive de Nelson Mandela ao lembrar que Winnie nunca permitiu que a prisão do marido caísse no esquecimento.

— Sorridente, sempre demonstrava o quanto sabia das coisas — continuou a Deputada petista, que ao final de seu discurso quebrou o protocolo: dirigiu-se à Mesa do Plenário e deu dois beijos em Nelson Mandela. Depois, trocou um longo abraço com Winnie, enquanto as galerias gritavam os seus nomes e aplaudiam. O Presidente do Congresso, Mauro Benevides, apertava insistentemente a campainha para dar continuidade à sessão.

Em seu discurso, Mandela pediu o apoio da comunidade internacional para a realização de eleições livres em seu país.

UnB: homenagem, carinho e tumulto

BRASÍLIA — No centro do círculo improvisado por seguran-

Líder fala sobre o racismo no Brasil

BRASÍLIA — Nelson Mandela disse ontem ao Presidente do STF, Ministro Sydney Sanches, que sentiu uma amargura nos negros brasileiros com quem conversara nas visitas ao Rio de Janeiro, ao Espírito Santo e a Salvador. O comentário foi feito quando Sanches e Mandela conversavam sobre a situação do negro no País.

— A Constituição de 1988 foi importante para o negro, pois criou mecanismos mais duros para impedir o racismo, no entanto, do ponto de vista social e econômico, ainda não se conseguiu dar ao negro brasileiro condições de igualdade com o branco. Um dos principais problemas de nosso País é a má distribuição de renda, e o negro é o mais atingido — disse Sanches a Mandela.

Acompanhado da mulher Winnie e de representantes de países africanos no Brasil, o líder sul-africano disse ao Presidente do STF que um dos principais objetivos do Congresso Nacional Africano é implantar um Judiciário totalmente independente na África do Sul.

— Os direitos humanos só podem ser garantidos se houver um sistema judiciário isento e independente, e isto ainda não existe em nosso país — disse Mandela.

Para o Presidente do STF, a visita de Mandela ao Tribunal foi o momento mais gratificante já vivido por ele na chefia da Corte máxima do Judiciário brasileiro.

Mandela deveria receber a homenagem no auditório do STF.

Atraso e confusão marcam visita do líder anti-apartheid ao Brasil

Mandela cria anticlímax ao dizer que há democracia racial no país

JOSÉ ARBEX

Da Reportagem Local

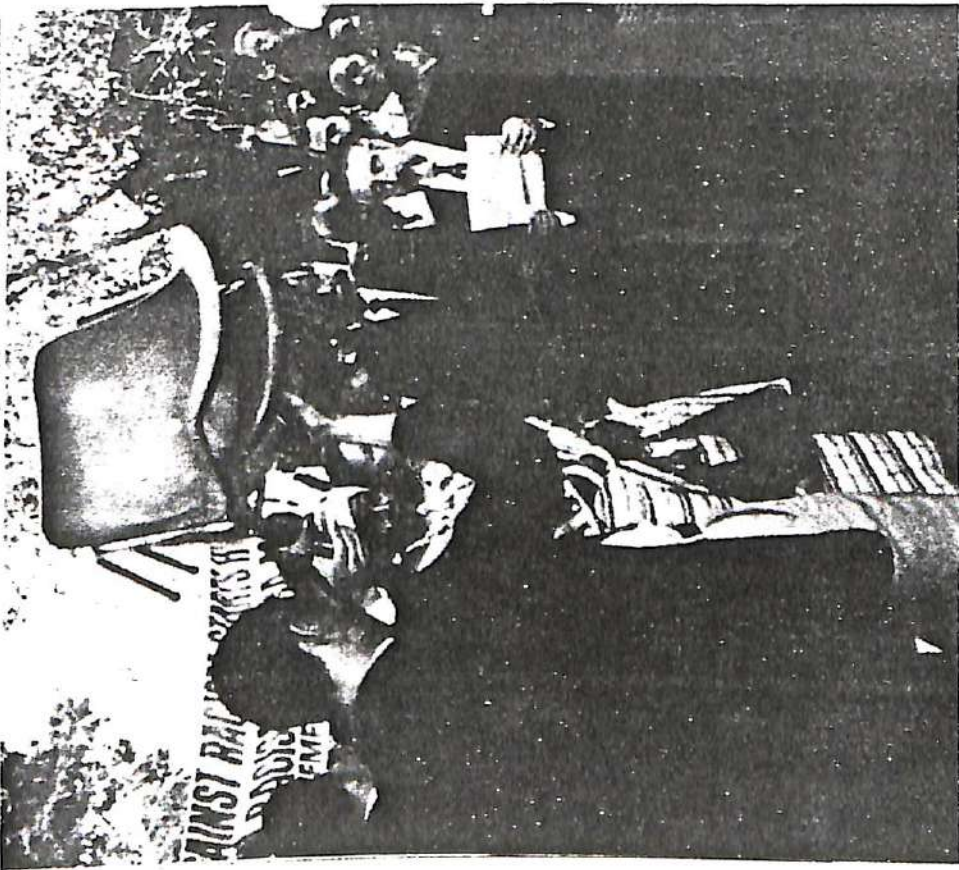
ANÁLISE

Poucas visitas ao Brasil foram tão mal organizadas como a do líder sul-africano Nelson Mandela, 73, iniciada no Rio, dia 1.º. Foram cinco dias de atrasos e falta a compromissos. Políticos ansiosos por aparecer ao seu lado (como num visita papal) conseguiram mudar sua agenda, marcada por um amadorismo que, entre outras coisas, limitou o contato com a imprensa.

Mandela causou perplexidade — e até ira entre entidades de defesa de negros — ao afirmar, no Rio, que o Brasil é um “modelo avançado” de democracia racial. Deixou a impressão de um abismo entre as expectativas criadas pela visita (um jornal baiano, por exemplo, anunciava a chegada do “anjo negro da liberdade”) e o seu resultado final.

Mandela chegou a São Paulo no dia 2, com seis horas de atraso. Não foi, à noite, ao “showmício” no estádio do Pacaembu, frustrando 4 mil pessoas que suportaram um frio de 6 graus durante quatro horas. Deu “furos” semelhantes em Salvador, Vitória e Brasília. “Cansaço causado pela idade” tornou-se uma explicação padrão que não consegue ocultar a

Allon de Freitas



Mandela na visita à UNB, marcada por confusão

precariedade da agenda.

Em Salvador, o prefeito Fernando José da Rocha (PRN) — considerado o pior do Brasil, por unanimidade em pesquisas de opinião — gastou Cr\$ 16 milhões na recepção a Mandela

(dos quais Cr\$ 4 milhões num busto em sua homenagem). O governador Antônio Carlos Magalhães (PFL) ofereceu um banquete para 100 pessoas. Nada podia contrastar mais com a miséria da maioria do Estado

mais negro do país (75% da população).

Governador e prefeito afirmam que não há segregação no Estado, cuja economia tem perfil de alta concentração de renda nas mãos de latifundiários, em sua maioria brancos. Significativamente, a quase totalidade dos agentes de segurança de Mandela em Salvador eram negros — fato excepcional, segundo jornalistas que trabalham na capital baiana.

Modificando a agenda original, o Congresso Nacional Africano (CNA) — organização presidida por Mandela — incluiu Vitória (ES) no roteiro. O governador do Estado, Albuíno Azeredo (PDT), que é negro, nega ter oferecido dinheiro ao CNA em troca da visita. Mas há algo mal explicado no reino capixaba.

Em junho, o porta-voz do obscuro grupo “Amandla”, Jorge Xavier, disse à Folha ter intermediado contatos entre o CNA e Albuíno, que ofereceria algo em torno de US\$ 30 mil para financiar parte da visita. Uma integrante do Comitê de Recepção a Mandela de São Paulo, que pede para não ser identificada, diz que membros do “Amandla” participaram, no começo do ano, de um “Comitê pró-Iraque”. O “comitê”, verificou-se à época, foi uma falcatrua montada para desviar dinheiro.

Mandela exige

sília, o líder sul-africano vis

Brasil deve manter sanções

Da Sucursal de Brasília

Nelson Mandela volta amanhã para a África do Sul com a garantia do presidente Fernando Collor de Mello de que o Brasil manterá as sanções a seu país enquanto o regime do apartheid não for totalmente eliminado.

Por decreto do ex-presidente José Sarney, o Brasil não vende petróleo nem armas para África do Sul, além de não firmar acordos nas áreas cultural e desportiva. Apesar destas restrições há relacionamento comercial entre os dois países.

Mandela disse, em entrevista coletiva no Itamaraty, que o presidente Collor lhe deu essa garantia antes mesmo que ele tocasse no assunto. O líder do CNA admitiu a possibilidade de apoiar o Brasil na intenção de elevar o status da sua representação diplomática na África do Sul, enviando para lá um embaixador. Ele disse que o CNA está revendo sua posição.

Antes de conceder a entrevista no Itamaraty, Nelson Mandela foi homenageado pelo Congresso Nacional, onde recebeu o Gran Colar.

Brasil deve manter sanções

Da Sucursal de Brasília

Nelson Mandela volta amanhã para a África do Sul com a garantia do presidente Fernando Collor de Mello de que o Brasil manterá as sanções a seu país enquanto o regime do apartheid não for totalmente eliminado.

Por decreto do ex-presidente José Sarney, o Brasil não vende petróleo nem armas para África do Sul, além de não firmar acordos nas áreas cultural e desportiva. Apesar destas restrições há relacionamento comercial entre os dois países.

Mandela disse, em entrevista coletiva no Itamaraty, que o presidente Collor lhe deu essa garantia antes mesmo que ele tocasse no assunto. O líder do CNA admitiu a possibilidade de apoiar o Brasil na intenção de elevar o status da sua representação diplomática na África do Sul, enviando para lá um embaixador. Ele disse que o CNA está revendo sua posição.

Antes de conceder a entrevista no Itamaraty, Nelson Mandela foi homenageado pelo Congresso Nacional, onde recebeu o Gran Colar.

O líder negro sul-africano Nelson Mandela foi recebido ontem em Brasília pelo presidente Fernando Collor, que o condecorou com a Grã-Cruz da

Mandela mantém encontro com o presidente e diz que visita ao País superou expectativas

BRASÍLIA — O presidente Fernando Collor garantiu ontem ao líder sul-africano Nelson Mandela que o Brasil não levantará as sanções impostas à África do Sul desde 1985. Nu-

Mandela no Planalto

Ordem do Rio Branco. Durante o encontro, um grupo de 25 pessoas fez uma manifestação do lado de fora do Palácio do Planalto. Com faixas e carta-

Na sua passagem por Brasília, Mandela foi recebido no Supremo Tribunal Federal (STF), onde se disse desapontado com as grandes potências por terem levantado as sanções econômicas contra a África do Sul antes mesmo que os negros tenham obtido o direito de voto. Depois, no mais tumultuado compromisso do dia, Mandela foi receber o título de Doutor Honoris Causa na Universidade de Brasília. Por um erro de avaliação,

zes, eles acusaram Collor de racismo por não ter integrantes negros no governo. Na saída, Mandela cumprimentou os manifestantes.

Página 6

A mulher de Mandela, no entanto, também abriu espaço para elogiar a juventude de Rosa-

ne: "Você é mais nova que minha filha mais moça", afirmou. Winnie observou ainda que, pela beleza, Rosane estaria vocacionada a trabalhar como modelo ou com assuntos de moda. Descontraída em seu encontro com Winnie, a primeira-dama acabou não percebendo que a saia de seu tailleur havia subi-

O Dia 6/8/91

Agência Folha



la cumprimenta Collor durante a cerimônia de condecoração

**Mandela diz
que no Rio se
sente em casa**

QUER DIZER QUE ELE
SE SENTE NA ÁFRICA DO
SUL...

PRÉ OU PÓS
APARTHEID?

*

* Isso porque
não me convidaram
pro coquetel.



Jaguar.

● **Homenagem**

No dia em que o líder negro sul-africano Nelson Mandela chegou ao Rio, a TV Globo exibiu à noite o filme **Zulu**, que relata como uma dúzia de soldados do exército colonial inglês armados de rifles mataram milhares de africanos que só tinham para se defender primitivas lanças.

Espera-se que Mandela, cansado, tenha ido dormir sem ver o filme.

O Dia 6/8/91

Winnie interessada pela LBA

BRASÍLIA - Num encontro de uma hora com a primeira-dama Rosane Collor, Winnie Mandela, mulher de Nelson Mandela, se disse interessada em aproveitar a experiência realizada na Legião Brasileira de Assistência (LBA) para trabalhar em favor das populações carentes da África do Sul.

Winnie informou que a população exilada pelo governo branco do seu país (mais de 20 mil pessoas) está retornando e aumentando as carências por escolas, moradias e programas de assistência à saúde. Ela não esclareceu como aplicaria a experiência da LBA na África do Sul.

Mandela obtém

a manutenção de sanções

O líder negro Nelson Mandela afirmou, ontem, que o presidente Fernando Collor lhe garantiu que o Brasil não vai levantar as sanções comerciais contra a África do Sul, adotadas pelo País há seis anos, em represália ao "apartheid". O pedido para que o Brasil mantenha as sanções foi feito pelo próprio Mandela, no encontro de 30 minutos que manteve ontem com Collor.

Ao fazer o balanço da visita de um dia a Brasília, em entrevista no Itamaraty, Mandela disse estar muito satisfeito com a receptividade que teve do Presidente brasileiro em relação às posições do Congresso Nacional Africano (CNA), organização presidida por ele e que lidera o movimento para o desmantelamento do "apartheid". "A visita superou nossas expectativas", afirmou.

Além da manutenção do embargo comercial, Mandela pediu a Collor apoio à instituição de um governo provisório na África do Sul, que possa supervisionar o processo de transição do "apartheid" para uma comunidade não-racial. Esse governo provisório convocaria depois uma assembléia constituinte. Para Mandela, o atual governo de Pretória não tem condições de conduzir o processo, "pois é jogador e juiz ao mesmo tempo".

Embaixador

O líder negro sul-africano deu a entender que não é contra o envio de um ministro de primeira classe da carreira diplomática para dirigir a embaixada brasileira em Pretória elevando o nível da representação. Segundo ele, o CNA já reviu tal posição e concluiu que os países amigos da causa negra acabam em desvantagem por não terem um embaixador que possa obter, em nível mais alto, a versão das autoridades governamentais sobre a realidade sul-africana.

Mandela confirmou a existência de estudos para a abertura de um escritório do CNA no Brasil, para facilitar os contatos com o governo brasileiro. Ele disse que o assunto é urgente na agenda da organização. Disse também que o CNA quer assinar acordos de cooperação com o governo brasileiro.

Condecoração

No Palácio do Planalto, Mandela, foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, a mais alta comenda do governo brasileiro. Mandela recebeu a condecoração como uma homenagem a sua causa — a luta pelos direitos da popula-

ção negra da África do Sul.

Mandela cumprimentou Collor por sua eleição e confirmou que o Brasil é um dos mais fortes aliados dos sul-africanos contra o regime de segregação racial, o "apartheid". Confiante na vitória final, lembrou que, ainda na prisão, a voz dos brasileiros chegava a ele, dizendo "estamos com você".

Mandela chegou ao Palácio do Planalto às 12h25, com vinte e cinco minutos de atraso para a audiência com Collor. Sorridente, acenou para os populares que o saudavam na Praça dos Três Poderes, antes de dirigir-se para o gabinete do Presidente. Na conversa de meia hora, a política internacional e a situação da África do Sul foram os temas que predominaram.

Já no salão anexo ao gabinete de Collor, Mandela recebeu a faixa azul e branca da Ordem do Rio Branco. Em seguida, Collor fez um breve discurso, em que renovou o "irrestrito apoio do povo brasileiro a todos os seus compatriotas empenhados em fundar a democracia na África do Sul".

Manifestação

Representantes do Movimento Negro Unificado (MNU) fizeram manifestação de protesto contra a discriminação racial, na Praça dos Três Poderes, enquanto o líder negro sul-africano, era recebido em audiência por Collor, no Palácio do Planalto. Quando Mandela deixou o Planalto, os cerca de 20 militantes do MNU "driblaram" a segurança palaciana e pararam a comitiva do líder negro para cumprimentá-lo.

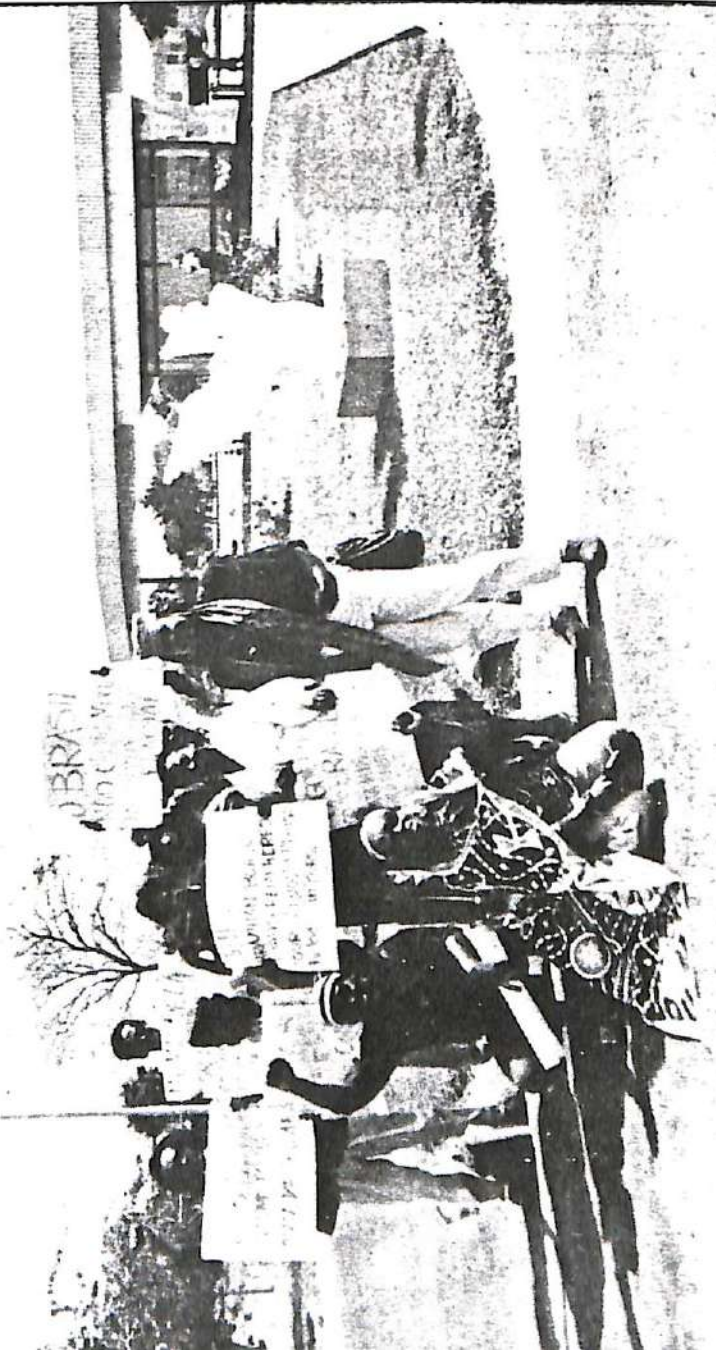
Tranquilo e sorridente, Mandela apertou a mão dos manifestantes que não conseguiram conter o choro diante do seu maior líder. Com faixas em inglês, os militantes do Movimento Negro Unificado destacaram as lutas contra a segregação racial no Brasil. Uma delas dizia que "somente a união do povo negro destruirá o 'apartheid' no mundo, inclusive no Brasil".

A segurança do Palácio do Planalto também não conseguiu evitar que os manifestantes bloqueassem a comitiva de Mandela atirando-se na frente do comboio.

Mandela fica em Brasília até hoje. O dia será livre e somente às 20h00 ele deixará a capital, em voo da Força Aérea Brasileira, rumo ao Rio de Janeiro. A chegada no aeroporto do Galeão está prevista para às 22h00. As 22h30, Mandela encerra a visita ao Brasil e retorna a Johannesburg.

Jornal de Brasília

Terça-feira, 6/8/91



Representantes de diferentes grupos afro-brasileiros foram impedidos de entrar na base

Festa

Mesmo barrados, o clima próximo ao portão da Base Aérea era de festa. Com trajes coloridos lembrando as tribos africanas e com alguns instrumentos musicais, os 20 representantes dos movimentos dançaram, cantaram e gritaram palavras de ordem saudando o líder Mandela. "Hoje o dia é de festa e de alegria. Não importa se cremos ou não Mandela de perto, que interessa é o que ele representa para a nossa raça", afirmou

Mali Garcia, do Coletivo de Mulheres Negras.

Mesmo se sentindo discriminada por não ver de perto Nelson e Winnie Mandela, Lídia Garcia, do Bazafró disse estar feliz pelo casal ter vindo ao Brasil. "Mandela foi a descoberta da negritude para muita gente. Foi por causa dele e de sua luta que aconteceram centenas de encontros e seminários sobre a raça negra e a discriminação racial", ressaltou. Lídia lamentou não poder conversar com Winnie

para fazer denúncias sobre a situação da mulher e das crianças negras brasileiras.

Rais Romeu, do Balogun, disse que estava feliz de participar da festa em homenagem a Mandela e acrescentou que espera que a sua visita ao Brasil sirva para reverter o quadro discriminatório do País. "Mesmo privado de falar com Mandela acreditado na sua sensibilidade e esperamos que ele consiga das autoridades a reversão do indireto "apartheid" brasileiro", ressaltou



Mandela recebe o Grande Colar da Ordem do Congresso Nacional das mãos do presidente do Congresso, senador Mauro Benevides,

Congresso faz homenagem

O líder negro sul-africano, Nelson Mandela, foi homenageado ontem pelo Legislativo, ao receber o Grande Colar da Ordem do Congresso Nacional, durante sessão solene especialmente instalada com essa finalidade. Aplaudido pelos funcionários, tanto na entrada como ao deixar o edifício, Mandela também recebeu do vereador Clóvis Ilgenfritz (PT-RS) o título de cidadão de Porto Alegre. A homenagem, que ocorreu no salão azul do Senado, foi uma iniciativa do PT.

Em discurso emocionado, a deputada Benedita da Silva (PDT-RJ) ressaltou especialmente a atuação de Winnie, mulher de Mandela, durante os 28 anos de prisão do líder negro. O senador Mauro Benevides (PMDB-CE), presidente do Congresso, discursou em nome da

Casa, seguido do deputado Eraldo Trindade (PFL-AP) e do senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ).

Também discursou o deputado Amaury Müller (PDT-RS), autor do requerimento que deu origem à sessão solene. O deputado Miguel Arraes (PSB-PE) falou em nome dos inscritos, mas Benedita, já conhecida do casal, e preferida para falar em nome da Câmara, acabou, assim mesmo, fazendo sua homenagem em nome da comissão de recepção. A deputada negra quebrou o protocolo ao abraçar e beijar, em plenário, tanto o líder como sua mulher.

Mandela, num discurso em inglês, lembrou que sua terra, apesar dos problemas raciais que enfrenta, é um país de promessa e prosperidade.

Líder quer direito de voto

O líder negro sul-africano, Nelson Mandela, durante a visita de 45 minutos que fez ontem à tarde ao Supremo Tribunal Federal (STF), voltou a defender o direito de voto para os negros em seu país. "Somos a favor do sistema multipartidário, para que a população possa ser representada", disse.

Segundo Mandela, o direito de votar e ser votado já foi verbalmente prometido pelo governo, mas até agora não foi adotado. Ele criticou a decisão das grandes potências, como os Estados Unidos, de suspender as sanções econômicas à África do Sul antes que o direito ao voto "fosse dado, mantido e intensificado".

Mandela reafirmou seu desejo

de poder fazer parte de um Estado não racista. Para isso, lembrou sua luta por uma constituição democrática que garanta direitos iguais a todo o seu povo. Na conversa com o presidente do STF, ministro Sydney Sanches, o líder negro acusou a Justiça em seu país de ser parcial, por representar apenas a minoria branca europeia, que continua a ser classe dominante. Apoiado pelo ministro Sydney Sanches sobre o papel de Winnie na sua luta contra o apartheid, Mandela mostrou-se um marido carinhoso e orgulhoso: "Ela é uma mulher extremamente forte e corajosa, que tem me apoiado sempre. Sua força ajudou-me a suportar a prisão".

UnB dá título de doutor

Geralda Fernandes

A outorga do título de doutor Honoris Causa a Nelson Mandela, concedido na tarde de ontem na Universidade de Brasília, teve de ser realizada no jardim externo da instituição. O auditório da Faculdade de Ciências da Saúde (FCS), não foi suficiente para tantos interessados em ver de perto o líder negro. Mais de mil pessoas, entre parlamentares, secretários do GDF, estudantes, professores e funcionários da UnB, representantes de movimentos negros e líderes sindicais aplaudiram e evocaram o nome de Mandela como símbolo da liberdade e da igualdade.

Sob aplausos e rufar de tambores do Grupo Cultural Afro Ilê Obá, Mandela chegou ao local às 16h20, 50 minutos além do horário previsto para o início da solenidade. Na entrada do auditório recebeu uma pequena cesta com frutos tropicais e sua mulher, Winnie Mandela, recebeu um buquê de flores. Em nome da comunidade acadêmica, Mandela recebeu ainda uma placa de bronze com os dizeres: "Na qualidade de líder da luta mais antiga contra a dominação colonial em África, você é o herói e o símbolo de todos nós que lutamos pela dignidade pessoal e pela auto-liberação dos povos".

Em seguida, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) dirigiu-se a uma sala de reuniões da FCS onde foi agraciado com uma placa representativa das entidades do movimento negro do DF. Mandela ainda tentou entrar no auditório superlotado para receber o título de honra e fazer o pronunciamento, mas foi levado a desistir por sua comitiva e saiu por uma porta lateral para o jardim. O percurso do líder negro foi seguido de perto por sua mulher, sua comitiva, pelo reitor Antônio Ibañez, segurando as mãos dadas em torno do grupo pela imprensa e populares.

Demonstração de amor
"É a maior demonstração de amor que estou recebendo", disse Mandela em inglês, agradecendo o

título a ele concedido. Ele referiu-se ao tumulto dos que queriam chegar mais perto como "uma demonstração de calor humano". Em pé, o reitor fez seu discurso afirmando que, ao escolher Nelson Mandela para receber o título de doutor Honoris Causa da UnB, o Conselho Universitário desejou não só homenagear a figura emblemática como líder da luta de libertação do povo negro da África do Sul, "mas quis simbolizar, nesta homenagem, seu apoio e solidariedade a todas as lutas de libertação da sociedade humana, sempre que a opressão e a tirania privem esta sociedade e o ser humano dos seus direitos essenciais".

Antônio Ibañez falou do orgulho da UnB pela tradição de luta de Mandela em prol da liberdade e democracia. "Embora constrangidos, temos de admitir que nosso País se fez, em grande parte, com o trabalho escravo dos ancestrais de Vossa Excelência", e acrescentou: "Ao dedicarmos nossa solidariedade e nossa colaboração pela liberdade dos povos africanos, não fazemos mais do que resgatar a dívida contraída perante a história e a humanidade".

Cooperação

O reitor falou ainda de discriminações contra os índios e contra a classe trabalhadora. "Enquanto as nações e os governos, as sociedades e os indivíduos não aprenderem a reger suas relações dentro dos princípios do respeito mútuo, da reciprocidade dos direitos e da fraterna cooperação entre os cidadãos, estaremos condenados a viver num mundo dividido entre pobres e ricos, proletários e magnatas, negros e brancos e por aí fora, cultivando o ódio e a guerra, num mundo de conflitos permanentes e inevitáveis". O reitor propôs o lançamento sobre o Atlântico de uma ponte "alicerçada no entendimento e na cooperação entre nossos povos" e concluiu: "Sou apenas o dirigente temporário da UnB, onde se ensina, se pesquisa e se aprende — e pratica — a cidadania. São estas armas — as idéias e os conhecimentos — que lhe oferecemos".

Cooperação deverá crescer

Jornal de Brasília

Terça-feira, 6/8/91

O ministro interino das Relações Exteriores, Marcos Azambuja, manifestou ontem a expectativa de que o Brasil e a África do Sul terão "a mais frutífera cooperação" com a virtual reinserção daquele país no cenário internacional, através de processo dirigido pelo líder negro e presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela.

"Esperamos por este momento com confiança e certeza", disse Azambuja. O ministro interino observou que tal mudança possibilitará, no breve prazo, a plenitude do convívio internacional da África do Sul.

As afirmações de Azambuja foram feitas durante o jantar que ofereceu na noite de ontem, no Itamaraty, ao líder negro sul-africano Nelson Mandela e à sua mulher, Winnie, com a participação de mais de cem convidados e um cardápio composto de musse de salmão, galinha d'angola e torta de amêndoas. O chanceler interino elogiou Mandela, lembrando que seu nome significa, em todas as

línguas, coragem e esperança. "Ao libertá-lo, enfim, a África do sul começou a libertar-se do passado e dos seus erros", sustentou.

Há 18 meses Nelson Mandela foi libertado, depois de 27 anos preso pelo regime racista de Pretória. Azambuja observou que a causa de Mandela é a causa de todos: a luta pela igualdade entre os homens, pela liberdade dos povos em favor do diálogo político que conduza à livre expressão democrática e à plena soberania nacional.

O chanceler interino acredita que entre os cem convidados para o jantar estavam representadas as "várias raças que compõem o mosaico, rico e harmonioso de nossa nacionalidade".

Azambuja também observou que poucos homens conseguiram, em vida, "seu sacrifício transformar-se em vitória irresistível e em reconhecimento mundial", como é o caso da luta de Nelson Mandela contra o "apartheid" na África do Sul.

LBA entusiasma Winnie

Num encontro de uma hora com a primeira dama Rosane Collor, Winnie Mandela, mulher do presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, se disse interessada em aproveitar a experiência realizada na Legião Brasileira de Assistência (LBA) para trabalhar em favor das populações carentes da África do Sul.

Winnie informou que a população exilada pelo governo branco do seu país (mais de 20 mil pessoas) está retornando e aumentando as carências por escolas, moradias e programas de assistência à saúde. Ela não esclareceu como aplicaria a experiência da LBA na África do Sul.

Winnie contou que uma das heranças do "apartheid", que dividiu a população entre brancos, negros, índios e mestiços, é a da absoluta separação racial. "Temos que viver conforme divisões étnicas. Eu sou negra e obrigada a viver numa área restrita aos negros. Por isso, não sei como aplicaria um programa como esse no meu país", lamentou.

Rosane prometeu enviar-lhe, mais tarde, maior quantidade de informações sobre o trabalho de LBA.

A conversa foi marcada pelo interesse de Winnie em contar o máximo sobre os problemas vividos pelo seu país. Depois de explicar os esforços que estão sendo feitos para uma transição pacífica, ela narrou os problemas por que passam os africanos no exílio.

Elogiou também a primeira dama pela juventude — "você é mais nova que minha filha mais moça" — e disse que, pela beleza, Rosane estaria mais vocacionada a trabalhar como modelo ou com assuntos de moda.

Depois de ouvir a mulher do presidente Collor dizer-lhe que, em 17 estados, estão sendo construídas unidades do projeto "Minha Gente", Winnie disse que um dos maiores problemas na África do Sul hoje são os reassentamentos humanos. "Temos que trazer homens, mulheres e crianças de volta, e a grande maioria é de pessoas feridas na guerra."



Mandela disse que não deveria se surpreender com apoios do Brasil

Mandela apela para que sanções sejam mantidas

Ainda não é hora de suspender as sanções econômicas contra o governo da África do Sul. Este foi o recado do líder negro Nelson Mandela, em sua passagem ontem por Brasília. Maior força de oposição ao regime segregacionista de seu País, ele disse ao presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Sydney Sanches, que há muito para mudar e as sanções devem não apenas serem mantidas, como até aumentarem.

Mandela se disse desapontado com as grandes potências que levantaram as sanções econômicas antes sequer que os negros tenham obtido o direito de voto. Sanches lembrou que Mandela havia sido preso exatamente no dia 5 de agosto, e passou 27 anos na prisão.

Em duas ocasiões, Mandela ouviu reparos quanto à democracia racial supostamente existente no Brasil. O próprio Sanches disse-lhe que os direi-

tos dos negros existem há cem anos e que hoje são plenos, mas que a população negra é a que mais sofre com a má distribuição de renda do País e que há discriminação do ponto de vista social.

No STF, Mandela elogiou a independência do Judiciário e respondeu a uma série de perguntas de Sanches. A pequena assistência se emocionou quando ele falou de sua resistência ao **apartheid** e do papel de Winnie Mandela. "É uma mulher extremamente corajosa e sem o apoio, o amor e a coragem dela, eu teria mais dificuldades para sair da prisão forte e corajoso como saí".

Com Collor — A permanência do boicote econômico contra a África do Sul não foi discutida durante a conversa reservada ontem de manhã com o presidente Fernando Collor, no Palácio do Planalto. O presidente do Congresso Nacional Africano — partido de oposição do **apartheid**,

apenas ouviu que "desse lado do Atlântico", ele e seu povo "só têm amigos".

A conversa com Collor durou cerca de 20 minutos e aconteceu antes da cerimônia de sua condecoração com a Grã-cruz do Rio Branco, uma das mais importantes concedidas a personalidades ilustres. A conjuntura internacional foi o tema principal no encontro dos dois. Impressionado com a capacidade de luta de Mandela, o Presidente previu que em breve todo o seu esforço para a derrubada do **apartheid** será recompensado.

"Haverá então o início de uma nova era para a África e toda a humanidade", assegurou Collor. O líder negro aproveitou o encontro com o Presidente para confessar sua satisfação em conhecer os governantes do País, aos quais classificou como "gente do povo" que conseguiu fazer com que a democracia dobrasse a ditadura.

Collor diz que é sócio natural

O líder sul-africano Nelson Mandela também confirmou ontem que o Brasil é um dos seus mais fortes aliados na luta contra o **apartheid**. Mandela fez nesse sentido um discurso para o presidente Fernando Collor, numa solenidade no gabinete anexo da Presidência da República. Ao receber a Grã-Cruz da Ordem de Rio Branco, disse que se tratava de homenagem "completamente inesperada". E completou: "Mas eu deveria ter esperado, porque mesmo quando estava na prisão a voz do Governo e do povo do Brasil

ouviu dos brasileiros: "Nós estamos comprometidos na luta contra o **apartheid**; nós estamos com você; nós queremos você e seus colegas fora da prisão". Mandela ressaltou que descobriu que o "Governo e o povo do Brasil estão entre homens e mulheres preocupados com essa luta não apenas em seu próprio País mas em todo mundo".

Primeiro a falar, Collor considerou um "privilegio" conhecer Mandela pessoalmente e apertar a mão de alguém que será o "símbolo do nascimento de uma África do Sul unificada e principalmente,

Mandela foi também a afirmação dos valores universais "da democracia e da justiça social".

O presidente enfatizou que a luta que "Vossa Excelência" tem liderado pela implantação definitiva desses princípios na África do Sul sempre despertou "a mais genuína solidariedade na gente brasileira". Para Collor, "nossos povos têm sido irmãos na aspiração comum por dignidade, justiça e bem-estar para todos os homens".

"Saiba que, nesta jornada no Brasil, do outro lado do

Multidão leva homenagem da UnB para rua

A cerimônia de entrega do título de **Doutor Honoris Causa** da Universidade de Brasília ao líder negro sul-africano Nelson Mandela foi marcada pela desorganização. Por um erro de avaliação, o lugar reservado para a cerimônia foi o auditório da Faculdade de Ciências de Saúde, com capacidade máxima para 500 pessoas, embora houvessem mil.

Com mais de uma hora de atraso, o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) chegou à UnB, ontem por volta das 16h30. No entanto, não pôde entrar no recinto, porque não havia espaço. A cerimônia então foi transferida para a rua. Mandela disse que a forma como estava sendo realizada a cerimônia era inédita. "O amor e a solidariedade nos impediram de realizar a cerimônia no local apropriado. Eu me orgulho disso", acrescentou. Ele exaltou, em discurso, que a universidade tem a função de "perseguir o desenvolvimento, os valores, as habilidades e atitudes para o desenvolvimento da luta pela democracia e a paz, em abundância".

Segundo o reitor Antônio Ibanez, esta foi a entrega do título **Doutor Honoris Causa** de maior público na UnB. Já foram agraciados o rei Juan Carlos, da Espanha, e o arquiteto Oscar Niemeyer, entre outros.

Organização — O reitor da UnB, Antônio Ibanez, disse que a visita de Mandela à universidade foi um sucesso, apesar dos problemas na organização do evento. "Quando percebemos que aqui seria o único lugar em Brasília que o público em geral poderia ver Nelson Mandela, não havia mais tempo de trocar de local", explicou.

ARI CUNHA

Visto, Lido e Ouvido

Mandela ouviu protesto, mas queria apoio financeiro

Nelson Mandela deve sair do Brasil amargando uma decepção, mas a culpa principal lhe cabe, por não haver explicado com clareza as razões dessa visita. As instituições de negros no Brasil são radicais, e a qualquer razão delatam logo como segregação qualquer ato que venha a lhe tirar o privilégio de mando, quando se trata de visita de negro ao nosso País.

O que Mandela queria, na verdade, era que lavassem a escadaria com água de rosa, no Palácio da Cultura. O seu desejo mesmo era contatar grandes empresários, principalmente do ramo de mineração, a fim de fazer um "entendemos", de forma a que os brasileiros financiassem a próxima eleição na África do Sul, possibilitando a que seu partido vencesse o pleito.

Em decorrência disto, Mandela abriria, depois, as portas do seu país aos investidores que acreditaram no poder de seu partido.

Acontece, que o lobby na África do Sul é muito forte, e apartheid não é outra coisa senão os brancos querendo manter o poder, para não entregá-lo a estrangeiros. Entendem as famílias que dominam o país, que uma vez libertos, os negros terão que procurar outros "brancos" para dividir as responsabilidades, porque o subsolo do país é rico demais, e se o mercado de Amsterdan, por exemplo, conseguir abocanhar uma parte, o todo vai demorar pouco.

Assim, o que Mandela queria era conversa com gente de dinheiro, e não falar novamente em segregação. Ele, hoje, é uma figura mundial, é um espelho para o mundo, e não quer mais perder tempo, aplicando-o integral a recuperar o país, tomando o poder. Tempo, mesmo, ele já perdeu 27 anos que amargou na cadeia.

Winnie elogia juventude de Rosane Collor

Winnie Mandela e Rosane Collor tiveram ontem uma conversa "de mulher para mulher, de mãe para filha", como queria a provável primeira-dama da África do Sul. Só que a conversa foi particular, longe dos repórteres no sexto andar do Ministério da Ação Social. E foi Winnie quem pediu aos jornalistas que se retrisassem: "Deixem-nos a sós, prometo não tirá-la de vocês por muito tempo — eu sei que adoram fotografá-la".

De mãe para filha, com certeza: "Você é mais jovem do que a minha filha mais nova", admirou-se Winnie. E, quanto à beleza de Rosane, "surpreende-me que, ao invés de dedicar-se às obras sociais, não tivesse virado modelo fotográfico". Mas, de mulher para mulher, também: "Mesmo antes de me casar com o presidente Collor, eu já trabalhava com crianças carentes na LBA", contou Rosane. "E fiz o mesmo trabalho social quando fui a primeira-dama de Alagoas, aos 19 anos de idade", ressaltou. Winnie por sua vez, elogiou o Projeto Minha Gente.

No Congresso, emoção e aplausos

O Congresso Nacional realizou ontem uma sessão especial em homenagem ao líder sul-africano, Nelson Mandela, que foi condecorado com a maior comenda do Legislativo — o grã-colar do Congresso Nacional. A sessão foi requerida em 1987, ainda durante a Assembléia Nacional Constituinte, pelo então deputado Carlos Alberto Caó, entre outros.

Mandela chegou com sua comitiva às 18h e foi recebido na entrada do Congresso, pelo seu presidente, senador Mauro Benevides, que o conduziu ao Salão Negro do Senado. Em seguida, Mandela dirigiu-se ao plenário, sempre muito aplaudido, por onde passava. Ao entrar no recinto, o líder sul-africano foi recebido de pé e sob intensos aplausos que só cessaram no momento em que se sentou à Mesa, ao lado do presidente do Congresso.

Benevides, antes de iniciar seu discurso, concedeu a Mandela a ordem grã-colar. O presidente do Senado destacou que o líder personifica o símbolo da resistência contra a tirania racista. "O advogado que colocou a profissão a serviço dos ideais de justiça, dignidade e liberdade".

JEFFERSON PINHEIRO



Com o menino Júlio: presente

mostrou interesse pelo conceito de crime inafiançável e imprescritível aplicado ao racismo no Brasil pela Constituição de 1988 no inciso 42 do artigo 5º. O ex-deputado Carlos Alberto Caó, hoje secretário de Habitação do Rio, fez a tradução. Afinal, o próprio Caó é o autor do projeto de regulamentação desse dispositivo, que defendeu na Assembléia Nacional Constituinte.

Nenhum país do mundo conta com uma norma como essa, admirou-se Mandela, que já fora informado a respeito e cobrava mais detalhes. Caó,

Winnie no Rio, acompanhou-os em algumas das visitas que fizeram em Brasília.

Logo após, falou o senador Nelson Carneiro, o deputado Miguel Arraes (PSB-PE) e, por último a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) que dirigiu seu discurso à esposa de Mandela, Winnie Mandela, numa fala muito emocionada e aplaudida sobretudo ao destacar que "nossa luta se diferencia apenas por uma palavra: sutileza, de resto, é lá e cá".

Nelson Mandela falou durante, aproximadamente, 30 minutos, alertando para o fato de que o **apartheid** em seu país não acabou e pedindo apoio à demanda por eleições livres e uma Assembléia Constituinte que possa estabelecer uma nova Constituição para a África do Sul.

Ao deixar o plenário, Mandela foi surpreendido por dois meninos, Julio César e André Costa Santos, que entregaram um berimbau onde havia escrito "a luta não acabou". O berimbau é do pai, Mestre Chibata, mestre de capoeira ou, simplesmente, Raimundo dos Santos Filho, um funcionário do Senado que pretendia, na UnB, onde Mandela esteve à tarde, fazer uma apresentação com seu grupo Fol-

Mandela recebe 'Honoris Causa'

BRASILIA — Pequena mobilização popular e extrema desorganização no mais concorrido dos compromissos — na Universidade de Brasília (UNB), onde recebeu o título de Doutor Honoris Causa no meio de um tumulto em gramado seco e poeirento — marcaram o primeiro dia da visita oficial do líder sul-africano Nelson Mandela a Brasília. O forte aparato de segurança montado em torno de Mandela acabou frustrando as esperanças de contatos diretos que embalaram lideranças negras da capital da República nos últimos dias e levaram os líderes do Movimento Negro Unificado a ensaiar um confronto com seguranças no Palácio do Planalto.

Em um jatinho da FAB, Mandela e sua mulher, Winnie, chegaram a Brasília às 11h45min. Na Base Aérea, estavam à sua espera embaixadores de países africanos, inclusive o da África do Sul, Jrvan Gernet, diplomatas brasileiros, alguns deputados federais e o secretário-executivo do Itamarati, Marcos Azambuja. "Estou feliz por estar aqui", anunciou Mandela, que sorridente atendeu os apelos para se aproximar do local onde estavam os jornalistas. Da Base Aérea, seguiu direto para o encontro com o presidente Fernando Collor, no Palácio do Planalto, em uma rápida viagem, frustrando cerca de 20 manifestantes que aguardavam a sua passagem.

Sob o comando do Movimento Negro Unificado, uns poucos manifestantes de diferentes grupos afro-brasileiros — grupo cultural Ile Oba e Coletivos de Mulheres Negras, entre outros — levaram suas faixas e cartazes saudando o líder sul-africano e denunciando o racismo no Brasil. "Mandela está com o mais racista do Brasil", "abaixo o Apartheid do Brasil", começaram a gritar os manifestantes irritando os seguranças do Planalto e provocando rápidas discussões.

Por volta das 13h, quando Mandela deixava o Planalto em companhia do embaixador Marcos Azambu-

ja, os manifestantes, não mais de 20, conseguiram avançar para o meio da pista, forçando o comboio que levava a comitiva a parar. Os seguranças da presidência da República e policiais militares forçaram a passagem com empurrões e troca de xingamentos com os manifestantes. O que não impediu que Mandela, que sorria acenando para todos, descesse o vidro do carro Mercedes que o transportava e provocasse uma onda de emoção em alguns presentes. "Agora podem me empurrar, estou feliz, eu saudei o meu líder", gritava chorando a adolescente Mali Garcia, massageando o braço machucado na confusão. Sua mãe, Lídia, uma das líderes do Movimento Negro Unificado ainda tinha voz para comandar um coro contra o aparato policial: "racistas", "capitão do mato", gritavam os manifestantes.

Na suíte do hotel Naum Plaza, a mesma em que se hospedaram os príncipes de Gales, Charles e Diana, Mandela e Winnie tiveram um almoço íntimo — sopa de aspargos de entrada, salada e frango grelhado no prato principal, frutas tropicais (eles pediram manga e abacaxi) de sobremesa e guaraná como bebida ("eles adoraram guaraná", informou um diplomata brasileiro). Depois de uma hora e meia de descanso, o casal Mandela foi ao STF, onde os únicos populares atraídos foi um grupo de turistas japoneses, interessados em fotografar a guarda dos dragões da independência.

Na UNB, o mais concorrido dos compromissos e também o mais tumultuado, estudantes, professores e funcionários, misturados aos grupos afro-brasileiros, que tocavam músicas típicas e dançavam, aplaudiram delirantemente o líder sul-africano, presenteado com flores e uma cesta de frutas tropicais. Ao final, queixando-se da falta de chances para chegar mais perto de Mandela, integrantes do Movimento Negro Unificado enrolavam as faixas que diziam "Democracia Racial Brasileira" e

"Nosso Apartheid e a Luta Contra o Racismo Começa Aqui".

— A forma com que a cerimônia foi realizada é inédita e demonstra o amor e a solidariedade que as pessoas têm por nós. Eles impediram que fôssemos ao lugar adequado e fiquei orgulhoso por isto — afirmou Mandela.

A confusão no auditório, que tem 300 lugares e recebeu um público de mais de 500 pessoas, contribuiu também para abreviar os discursos do líder sul-africano e do reitor da Universidade, Antônio Ruiz Ibanez. Enquanto este elogiou o trabalho de Mandela à frente do Congresso Nacional Africano, o homenageado comparou o analfabetismo, a subnutrição e o sistema de saúde de seu país aos problemas do Brasil, garantindo que os dois países lutam pela mesma causa. No final da visita, Mandela agradeceu a acolhida e disse que voltaria para casa com a certeza de que sua luta estava fortalecida.

Segundo o reitor Antônio Ibanez, esta foi a cerimônia de entrega de título de doutor Honoris Causa mais concorrida da Universidade. A decisão de entregar o título a Nelson Mandela foi tomada no começo de 1990, quando o presidente da CNA saiu da prisão, mas só foi confirmada este ano, com a notícia da visita de Mandela ao Brasil. O evento conseguiu reunir parlamentares como o senador Eduardo Suplicy (PT-SP) e a deputada Benedita da Silva (PT-RJ), representantes de grupos de defesa dos direitos humanos, membros da comunidade negra, blocos afros e até professores e funcionários da UNB, que estão em greve há mais de um mês.

O próximo título de Honoris Causa da UNB será entregue ao economista ex-ministro Celso Furtado. Ele conseguiu a aprovação necessária de mais de dois terços de votos dos membros do Conselho Universitário. O arquiteto Oscar Niemeyer e o rei Juan Carlos, da Espanha, também já foram condecorados pela Universidade de Brasília.

Líder negro nota amargura no Brasil

Embora reconhecendo que as leis brasileiras contra a discriminação racial são satisfatórias, o presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, disse ontem ter notado um forte sentimento de amargura entre os negros que encontrou no Brasil. O comentário de Mandela foi feito durante conversa com o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Sidney Sanches, que não escondeu do líder negro a prática de racismo na sociedade.

Na visita que fez ao Supremo, Mandela foi informado pelo ministro Sidney Sanches que ainda é comum no País a preferência pelos brancos quando se trata de emprego.

— A impressão é de que as pessoas têm medo de praticar racismo por causa das penalidades previstas na Constituição. Aqui isso é um crime inafiançável com pena de reclusão — contou Sanches. O presidente do STF lembrou que há muitos casamentos entre brancos e negros e a prova disso está na existência do mulato.

Mandela, por sua vez, lembrou ao presidente do STF que em países como os Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha, onde

existem fortes leis contra o racismo, os negros continuam sendo discriminados. Disse ainda que ficou satisfeito por ter ouvido essa mesma versão de todos os governadores que encontrou. “É encorajador saber que as autoridades do Brasil se dão conta dessa situação e tentam desestimular a discriminação”, comentou o líder negro. Para Mandela, a identificação do racismo é o primeiro passo para resolver o problema.

O presidente do Congresso Nacional Africano contou que a luta atual está dirigida para a elaboração

de Constituição democrática com direitos iguais a todos os cidadãos africanos e a um sistema multipartidário. Mandela contou ao presidente do STF que a promessa verbal do direito ao voto não foi cumprida.

Mandela se queixou do sistema judiciário africano que composto, na sua maioria, por brancos, não trata com justiça um conflito entre brancos e negros.

“Existem alguns magistrados notáveis, são a minoria, mas é com eles que contamos nas nossas lutas”, contou Mandela.

Collor condecora visitante

BRASÍLIA — O presidente Fernando Collor estava tão satisfeito em encontrar-se com o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, que fez questão que seus filhos, Joaquim Pedro e Arnon Afonso, conhecessem o líder da luta contra o *apartheid* (legislação racista). Collor e Mandela conversaram reservadamente por meia hora, principalmente sobre este tema.

Em discurso durante a solenidade em que condecorou Mandela com a medalha Grã Cruz da Ordem do Rio Branco, o presidente disse ao líder negro que o “Brasil é um sócio natural e um amigo vigoroso de todos os sul-africanos empenhados em implantar a democracia na África do Sul”.

Mandela disse que foi “uma honra inesperada” receber a condecoração, e afirmou que, quando estava na prisão, “a voz do Governo e do povo do Brasil chegava forte e clara”. Ele lembrou que os brasileiros estiveram sempre comprometidos contra o *apartheid*, e lutaram por sua libertação e a de outros líderes da luta contra o racismo.

— Volto para casa cheio de satisfação e inspiração pelo amor e respeito demonstrados pelo povo brasileiro — disse Mandela, que classificou o Brasil como

Journal do Comércio 6/8/91

E disse a Mandela que a obra dele já é parte da história. “Ao defender os direitos da raça negra, sua luta foi também a afirmação dos valores universais da democracia e da justiça social”, elogiou.

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) lembrou as palavras de apoio que ouviu dos brasileiros: “Nós estamos comprometidos na luta contra o *apartheid*, nós estamos com você. Nós queremos você e seus colegas fora da prisão”. Mandela ressaltou que descobriu que o “Governo e o povo do Brasil estão entre os homens e mulheres preocupados com essa luta, não apenas em seu próprio país mas em todo o mundo”. Mandela afirmou que a condecoração que recebeu de Collor não foi dada a ele como indivíduo, mas pela causa que representa. “Da mesma forma que a condecoração não está sendo dada pelo presidente brasileiro mas pela alma do povo brasileiro”, elogiou.

Collor disse ser um “privilegio” conhecer Mandela pessoalmente e apertar a mão de alguém que será o “símbolo do nascimento de uma África do Sul fortalecida e participante, racialmente integrada”. “Uma África do Sul que muito deve à bravura de Nelson Mandela e

Grandes nações desapontam

O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA — maior força de oposição ao regime segregacionista da África do Sul), Nelson Mandela, se disse desapontado com as grandes potências que levantaram as sanções econômicas contra o governo de seu país antes sequer que os negros tenham obtido o direito de voto.

Ele afirmou ao presidente do Supremo Tribunal Federal, Sydney Sanches, que as sanções deveriam ser mantidas e intensificadas, pois há muito ainda por mu-

dar. Sanchez lembrou que Mandela havia sido preso exatamente no dia 5 de agosto, e passou 27 anos na prisão.

Em duas ocasiões, Mandela ouviu reparos quanto à democracia racial supostamente existente no Brasil. O próprio Sanchez disse-lhe que os direitos dos negros existem há cem anos e que hoje são plenos, mas que a população negra é a que mais sofre com a má distribuição de renda no País e que há discriminação do ponto de vista social.

Minha Gente empolga Winnie

Azambuja prevê cooperação

BRASÍLIA — O ministro interino das Relações Exteriores, Marcos Azambuja, manifestou ontem a expectativa de que o Brasil e a África do Sul terão "a mais frutífera cooperação" com a virtual reinserção daquele país no cenário internacional, através de processo dirigido pelo líder negro e o presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela.

— Esperamos por este momento com confiança e certeza — disse Azambuja. O ministro interino observou que tal mudança possibilitará, no breve prazo, a plenitude do convívio internacional da África do Sul.

As afirmações de Azambuja foram feitas durante o jantar que ofereceu à noite, no Itamaraty, ao líder negro sul-africano Nelson Mandela e à sua mulher, Winnie, com a participação de mais de cem convidados e um cardápio composto de musse de salmão, galinha-d'angola e torta de amendoas. O chanceler interino elogiou Mandela, lembrando que seu nome significa, em todas as línguas, coragem e esperança.

— Ao libertá-lo, enfim, a África do Sul começou a libertar-se do passado e dos seus erros — sustentou.

Há 18 meses Nelson Mandela foi libertado, depois de 27 anos preso pelo regime racista de Pretória. Marcos Azambuja observou que a causa de Mandela é a causa de todos: a luta pela igualdade entre os homens, pela liberdade dos povos, em favor do diálogo político que conduza à livre expressão democrática e à plena soberania nacional.

Congresso também entregou comenda

O líder negro sul-africano Nelson Mandela foi homenageado ontem pelo legislativo, ao receber o Grande Colar da Ordem do Congresso Nacional, durante sessão solene especialmente instalada com essa finalidade. Aplaudido pelos funcionários, tanto na entrada como ao deixar o edifício, Mandela também recebeu do vereador Clóvis Ilgenfritz (PT—RS) o título de Cidadão de Porto Alegre. A homenagem, que ocorreu no Salão Azul do Senado, foi uma iniciativa do PT.

Em discurso emocionado, a deputada Benedita da Silva (PT—RJ) ressaltou especialmente a atuação de Winnie, mulher de Mandela, durante os 28 anos de prisão do líder negro. O senador Mauro Benevides (PMDB—CE), presidente do Congresso, discursou em nome da Casa.

Também discursou o deputado Amaury Muller (PDT—RS), autor do requerimento que deu origem à sessão solene. O deputado Miguel Arraes (PSD—PE) falou em nome dos inscritos, mas Benedita, já conhecida do casal, e preterida para falar em nome da Câmara, acabou, assim mesmo, fazendo sua homenagem em nome da Comissão de Recepção.

Mandela pede a manutenção das sanções

Brasília (AE) — O presidente do Congresso Nacional Africano (CNA) — maior força de oposição ao regime segregacionista da África do Sul Nelson Mandela, se disse desapontado com as grandes polêmicas que levantaram as sanções econômicas contra o governo de seu país antes sequer que os negros tenham obtido o direito de voto.

Ela afirmou ao presidente do Supremo Tribunal Federal, Sydney Sanchez, que as sanções devam ser mantidas e intensificadas, pois há muito ainda por mudar. Sanchez lembrou que Mandela havia sido preso exatamente no dia 5 de agosto, e passou 27 anos na prisão.

RACISMO NO BRASIL

Em duas ocasiões, Mandela ouviu reparos quanto à democracia racial supostamente existente no Brasil. O próprio Sanchez disse-lhe que os direitos dos negros existem há 100 anos e que hoje são plenos, mas que a população negra é a que mais sofre com a má distribuição de renda no País e que há discriminação do ponto de vista social.

No STF, Mandela elogiou a independência do Juízo e respondeu a uma série de perguntas de Sanchez. E emocionou a requenta assistência, inclusive a intérprete, quando falou de sua resistência ao "apartheid" e do papel de Winnie Mandela. "É uma mulher extremamente corajosa e sem o apoio, o amor e a coragem dela, eu teria muito mais dificuldades para sair da prisão forte e corajoso como sei".

Quanto à questão social no Brasil, Man-

dela disse que tinha cuidado os mesmos comitês do regime segregacionista do Rio, Leonel Brizola, e do Eritrio Santo, Albuino Azerre, (do famo do PDT), e que era importante ver que as autoridades tinham consciência do problema.

DOUTOR DA UNB

Na Universidade de Brasília, no mais tumultuado compromisso do dia, Mandela foi recebido por entidades do movimento negro, que carregavam faixas em inglês com dizeres como "o governo branco do Brasil mata mais negros que o governo branco da África do Sul".

Mandela foi à UnB receber o título de doutor Honoris Causa, mas havia muito "mais gente do que o que poderia comportar o auditório de 300 lugares, e por pouco tumulto não causaria problemas sérios. A sede da entidade foi transferida para o jardim e pouca gente conseguiu ouvir os discursos do líder e do reitor Antonio Ibanez. Mas Mandela parecia feliz. Foi muito quando uma mulher gritou que o amava, abraçou-o a solidariedade do povo brasileiro na luta contra o "apartheid" e disse que voltava para casa imbecilizado.

Ela chegou à Base Aérea de Brasília às 11h50min, com 50 minutos de atraso. Foi recebido pelo ministro Interino das Relações Exteriores, embaixador Marcos Azambuja, e por vários embaixadores africanos, inclusive o da África do Sul, Johan Rhenk Von Gernert. Da Base, seguiu para a audiência com o presidente Fernando Collor.

Winnie é recebida por Rosane

TRANSIÇÃO PACÍFICA

A conversa foi marcada pelo interesse de Winnie em contar o máximo sobre os problemas vividos pelo seu país. Depois de explicar os esforços que estão sendo feitos para uma transição pacífica, ela narrou os problemas por que passam os africanos no exílio, onde os líderes contra o racismo mantiveram vivo o Congresso Nacional Africano.

Depois de afirmar que "a luta contra o 'apartheid' não acabou", ela se congratulou com "a integração racial conseguida pelo Brasil". Elogiou também a primeira-dama pe-laventude — "você é mais nova que minha filha mais moça" — e disse que, pela beleza, Rosane estaria mais vocacionada a trabalhar como modelo ou com assuntos de moda.

Depois de ouvir a mulher do presidente Collor dizer-lhe que, em 17 estados, estão sendo constituídas unidades do projeto Minha Gente, Winnie disse que um dos maiores problemas na África do Sul hoje são os reassentamentos humanos. "Tenho que trazer homens, mulheres e crianças de volta, e a maioria é de pessoas feridas na guerra, em função da luta pela liberdade".

Collor entrega condecoração

Brasília (AE) — O presidente Fernando Collor estava satisfeito em encontrar-se com o presidente do Congresso Nacional Africano (CNA), Nelson Mandela, que fez questão que seus filhos, Joaquim, Pedro e Amion Alonso, acompanhassem o líder da luta contra o "apartheid" (legislação racialista). Collor e Mandela conversaram reservadamente por meia-hora, principalmente sobre este tema.

Em discurso durante a solenidade em que condecorou Mandela com a medalha Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, o presidente disse ao líder negro que o "Brasil é um sócio natural e um amigo vigoroso de todos os sul-africanos empenhados em implantar a democracia na África do Sul". Mandela disse que foi "uma honra inexpressável" receber a condecoração, e afirmou que, quando estava na prisão, "a voz do governo e do povo do Brasil chegava forte e clara". Ele lembrou que os brasileiros estiveram sempre comprometidos contra o "apartheid", e lutaram por sua libertação e a de outros líderes da luta contra o racismo.

Enquanto eles conversavam no Palácio do Planalto, do lado de fora 25 pessoas, com faixas e cartazes, acusavam Collor de racismo, por não haver negros em seu governo. "Negros são 60% do povo brasileiro. Mandela, pergunte ao presidente Collor onde estão os negros em seu governo", dizia uma das faixas. Na saída, Mandela parou o carro para cumprimentar os manifestantes.

Apiaudado por representantes do movimento negro de Brasília, ele afirmou que a colonização europeia foi marcada pela segregação racial, e pediu a união de todos para que este mal seja "varrido da face da terra". "Estamos felizes em comunicar que, no nosso país, o edifício racista está começando a rachar", assegurou, pronunciando um futuro brilhante para a África do Sul, pelo qual se disse disposto a dar sua vida. Mandela garantiu, no entanto, que é precipitada a conclusão de que o "apartheid" esteja morto, e denunciou que em seu país ainda há a tentativa de ressuscitar o racismo.

FORTE ALIADO

"Volto para casa cheio de satisfação

Pedidos são bem acolhidos

NO CONGRESSO

Ao ser condecorado ontem com o Grã-Cruz da Colar do Congresso Brasileiro, numa homenagem prestada pelo Poder Legislativo, o líder negro sul-africano Nelson Mandela fez um emocionado discurso de agradecimento, conclamando ao combate ao racismo, onde quer que este se encontre. "Vamos nos reunir para relegar o racismo ao depósito da sucata da História", pediu, depois de dizer que veio de uma terra onde a maioria da população é oprimida pelo único "pecado" de ter nascido negra.

Apiaudado por representantes do movimento negro de Brasília, ele afirmou que a colonização europeia foi marcada pela segregação racial, e pediu a união de todos para que este mal seja "varrido da face da terra". "Estamos felizes em comunicar que, no nosso país, o edifício racista está começando a rachar", assegurou, pronunciando um futuro brilhante para a África do Sul, pelo qual se disse disposto a dar sua vida. Mandela garantiu, no entanto, que é precipitada a conclusão de que o "apartheid" esteja morto, e denunciou que em seu país ainda há a tentativa de ressuscitar o racismo.

A TARDE

A TARDE • Terça-feira • 6/8/1991

Editorial

No país da miscigenação

O líder Mandela testemunhou que o racismo no Brasil é exceção, predominando, neste país, a integração das várias etnias (Pág. 6).

No país da miscigenação

Salvador, Bahia • Terça-feira • 6/8/1991

Só um cego negaria a existência de sentimento racista alimentado por uma minoria no Brasil, mas só outro cego por conveniência ou fanatismo poderia negar que este preconceito é exceção, predominando, mesmo nos estados onde a população de origem africana é minoritária, a salutar integração racial.

O líder negro Nelson Mandela teve uma feliz oportunidade de observar *in loco* uma sociedade que ele, com justa razão, considerou muito mais avançada do que aquela que existe na África do Sul, exaltando a miscigenação que observava.

O que, entretanto, não ficou claro para todos aqueles que acompanharam suas declarações no Brasil foi a razão para pedir a renúncia do governo De Klerk, justamente aquele que legalizou o partido de Mandela — o Congresso Nacional Africano —, libertou-o, acabou com as leis segregacionistas e permitiu a volta da África do Sul ao convívio do mundo civilizado. Qualquer especialista em África do Sul sabe que uma hipotética queda do governo De Klerk significará a volta dos radicais da direita, que sempre foram contra qualquer concessão aos negros. Seria um retrocesso sem precedentes.

Mandela viu com seus próprios olhos como o negro ascende no Brasil em condições de perfeita igualdade com os descendentes de outras etnias. Foi recebido por um governador negro e empresário, Albuíno Azeredo, e, se fosse ao Rio Grande do Sul, onde existe uma população majoritária de origem européia, seria recebido por outro governador negro, Alceu Collares. Na Praça Castro Alves foi aplaudido por 20 mil pessoas, a maioria esmagadora de pele clara, o mulato baiano.

Os maiores elogios do líder negro foram disparados em direção à Igreja Católica, na conversação com D. Lucas Moreira Neves, confirmando a importância desta instituição, junto com a Igreja Anglicana, ocasião em que lembrou o bispo Desmond Tutu, na luta contra a segregação racial na África do Sul. E neste ponto foi além, mostrando conhecimento de que a Constituição brasileira proíbe o racismo, pune com pena de prisão, sem fiança, quem pratica o racismo, e isto tanto vale para quem pratica o racismo contra o negro como na direção oposta. É o Brasil talvez o único país do mundo onde a discriminação racial é crime capitulado em lei, a Lei Afonso Arinos.

Houve momentos de estranheza que podem ser da responsabilidade de uma assessoria despreparada para organizar os eventos de que participou Mandela no Brasil. Como explicar que tenha recusado títulos concedidos pela Câmara Municipal da principal cidade negra do Brasil e da Assembléia Legislativa, se foi justamente o Legislativo que o convidou para vir a Salvador?

Se não chegou a ir a uma favela, onde na miséria o branco convive com pessoas de qualquer outra etnia, recebeu favelados em palácio, no Espírito Santo, que foram cumprimentá-lo. Enfim, uma visita a uma favela só serviria mesmo para confirmar a realidade de que em nosso país a desigualdade social está acima de qualquer residual racista, e isto acontece desde antes da abolição da escravatura.

Afinal, aqui os brancos, as sinhás dos engenhos entregaram os seus filhos recém-nascidos para serem amamentados pela "mãe negra", e além do mais mantiveram o cruzamento com os africanos, resultando numa miscigenação que não vem de 13 de maio de 1888. Lamentavelmente, grupos desinformados e com a marca da intolerância e da ignorância comportam-se de forma ingrata para com uma princesa que libertou os negros da escravidão, Izabel.

O testemunho do líder do CNA sobre a miscigenação e integração racial no Brasil não é nenhuma novidade. O bispo Desmond Tutu já havia feito referências a esta realidade e o embaixador da Nigéria teve oportunidade, recentemente, de dar um puxão de orelhas em grupelhos que se comportam com grande raiva em relação àqueles que eles chamam de brancos, que são os brasileiros descendentes de europeus.

A tragédia africana, que começou com o colonialismo e ainda está longe de chegar ao seu final, tem revelado a menoridade intelectual dos líderes de hoje, comparados aos da década de 60. Já não se encontram mais homens da estatura de Senghor, de um Patrice Lumumba, mas sim os Salassié (um genocida que não merece elogios apenas porque alguém imagina que era um rei que gostava de reggae), os Bokassa e os Idi Amin Dada.

As lideranças da década de 60 foram formadas exatamente nos melhores centros acadêmicos dos países colonizadores. Uma vez saindo dos bancos escolares e voltando a seus países de origem foram os primeiros governantes. Mas o que resta desta elite está sendo ceifado pela morte num continente onde a tônica é a inviabilidade econômica e social. Não por conta do homem, da etnia, mas pelos poucos recursos naturais que muitos países têm e pela falta de uma elite para melhor distribuir a renda naqueles que nadam em riquezas, como o petróleo, o ouro, o diamante.

Por fim, nada mais injusto do que alguém acusar os partidos políticos brasileiros de racistas. Caso qualquer um deles tivesse esta postura, simplesmente não poderia se registrar, porque estaria contrariando a Carta Magna do País. Além do mais, estariam os autores da aberração sujeitos à punição com prisão.

X
X X

A disseminação de informações intencionalmente deturpadas de fatos históricos brasileiros não empanou o brilho da visita de um homem que apresentou pequenas contradições em seu discurso, desde o desembarque. Ao chegar, testemunhou o quanto o Brasil se encontra à frente da África do Sul, em termos de democracia racial e de desenvolvimento econômico. Mas parece ter se deixado levar por assessores irresponsáveis e de má-fé, ao levantar a questão da discriminação justamente no estado onde ela inexistente, que é a Bahia.

Muito cansado, Mandela deixou a Bahia após saborear um filé ao molho-madeira num hotel cinco-estrelas, e falou ao povo na Praça Castro Alves, diante da estátua e da cripta do maior poeta das Américas, o Poeta dos Escravos, apesar de branco. Portanto, se Zumbi dos Palmares significou uma página épica na resistência à escravidão, não há como negar o papel de pessoas como a princesa Izabel na valorização da raça negra. Graças a pessoas como ela, o negro está hoje em todos os escalões da administração pública, no comando de empresas privadas, muitas delas de sua propriedade, no clero, nas Forças Armadas, nas universidades, enfim, em toda parte, pois os instrumentos para a promoção pessoal tanto estão à disposição dos brancos quanto dos negros que, quando são pobres, são tão pobres quanto os descendentes de europeus ou nativos de tribos aculturadas, estes, sim, que podem se dizer os mais brasileiros de todos os brasileiros, porque aqui já viviam há milênios, quando chegaram as caravelas de Cabral e foram guerreiros e tangidos para as matas por brancos e negros.

A TARDE

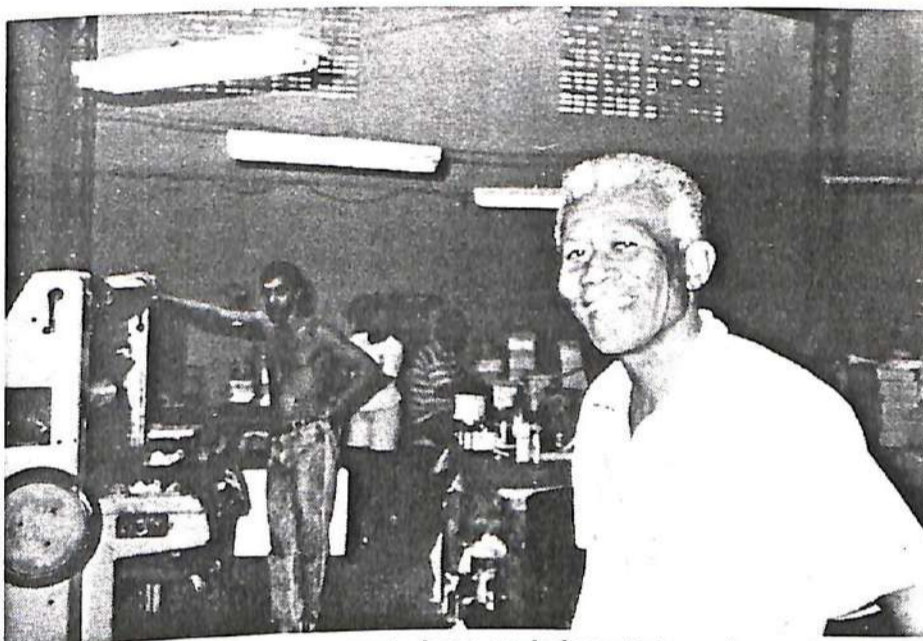
6/8/91

A rotina após a glória de um dia do "Mandela" baiano

Não fosse ele José Lopes dos Santos! Com feições semelhantes ao do líder negro Nelson Mandela, a mesma cor de pele e até a cabeleira branca, apesar de seus 49 anos, este último fim de semana e o dia de ontem teriam sido apenas normais. Não foram: o sócio de Mandela está colhendo nestes dias os frutos por esta semelhança, em todos os lugares por onde tem passado. No domingo, os amigos e vizinhos "fizeram uma festa danada" em sua casa na Rua Voluntários da Pátria, no Lobato.

Cenas parecidas aconteceram ontem também, em Pernambués, onde trabalha há oito anos na Gráfica Arembepe. "um rapaz me parou na rua para perguntar se eu era mesmo a pessoa da foto, ao lado de Mandela", conta. Na gráfica, onde recebe Cr\$40 mil mensais pela função de encarregado de produção, a rotina de trabalho foi alterada. Em tom de brincadeira, alguns colegas já o estão ameaçando de seqüestro, outros se oferecem para ser seus seguranças, e um mais modesto se contenta em poder carregar as suas malas.

José não conseguiu bater "aquele papo" com Mandela, como chegara a sonhar, mas ficou plenamente satisfeito com os três apertos de mãos trocados entre ele, o sócio e o original, no sábado passado. O primeiro foi na porta do elevador do Bahia Othon Palace Hotel. Estava no saguão à espera da coletiva — que não houve — onde seria apresentado, quando alguém sugeriu que subisse até a suite onde se encontrava o casal africano. Quando chegou ao andar, Mandela estava prestes a descer pelo outro elevador. "Ele sentiu o impacto ao me ver, deu para sentir", conta José. Os dois apertaram as mãos e desceram juntos.



Na gráfica, Lopes suporta bem as brincadeiras dos colegas

Lá fora, novo aperto de mãos antes de cada casal — Nelson e Winnie, José e Carlita — entraram em carros diferentes, rumo à Praça Castro Alves, local do terceiro cumprimento. Agora, só recordações. José, que até então pouco sabia sobre a vida de Mandela, diz que, "daqui para frente, vai se aprofundar nas leituras sobre o líder". Não somente no rosto, mas fisicamente os dois são também parecidos: "Ele não é assim tão mais forte do que eu, como estão dizendo, mas, certamente, tem a vida mais despreocupada, pelo menos financeiramente".

No fundo, bem que o Mandela baiano sonha em melhorar sua condição de vida, após tanto estardalhaço sobre a semelhança entre os dois (percebida, pri-

meiramente, segundo José, por amigos dos donos da gráfica onde trabalha, logo após Mandela, o original, voltar às páginas de jornais, ao sair do cativo de 27 anos na África do Sul). E foram estes amigos dos donos de seus patrões, "gente ligada à imprensa", que prometeram um encontro entre os dois, assim que o líder africano viesse a Salvador.

Pode ser que sua vida continue a mesma, mas o breve sucesso que conseguiu no último sábado é uma coisa que não esquecerá jamais. "Foram todos muitos carinhosos comigo. Quero agradecer ao público, que me tratou tão bem. As mulheres me beijavam e abraçavam. Teve gente que queria uma foto comigo. Foi tudo muito emocionante", diz.

Na raça

CÉLIUS ÁULICUS

Esteve aqui neste nosso Brasil um cidadão chamado Mandela, natural da União Sul-africana, de cor preta, nascido na Cidade do Cabo e morto em cidade nenhuma, possivelmente por negligência do Governo de Pretória ou por falta de pontaria dos policiais de Sowetho. Pois ainda vivo, apesar de preto e de sul-africano, Mandela aproveitou a sorte para conhecer o Brasil, o paraíso da igualdade racial, com a discriminação proibida pela Constituição e por leis diversas.

Do nosso repúdio a qualquer forma de apartheid ele pôde ter provas, desde o momento em que desembarcou em Brasília, até a hora de tomar o avião para ir embora. Viu que os brancos aqui respeitam tanto os direitos dos negros, que não perdem ocasião de prestar-lhes as mais calorosas homenagens. Entre as autoridades presentes ao seu desembarque e às inúmeras recepções em sua honra, não encontrou um só preto fazendo-lhe medidas, tirando-lhe o chapéu, batendo-lhe continência. De negros, só percebeu alguns membros de organizações populares, que, assim mesmo, por poucos que fossem, tiveram seu acesso sempre dificultado, ou até impedido, aos lugares onde ele conferenciava com os brancos dos altos escalões da democracia brasileira.

Os brancos com quem teve o privilégio de conversar o líder dos negros da África do Sul mostraram-lhe como, no Brasil, não há nenhuma discriminação por motivo de cor ou de raça.

Aqui, o preto reconhece o seu lugar e, assim, pode viver na mais completa harmonia com os brancos. É verdade que, em Belo Horizonte, por um processo natural de seleção, nos anos de 1920 e 30, quando ainda se usava fazer o "footing", havia o lado dos brancos e o lado dos pretos, na Praça da Liberdade e na avenida Afonso Pena. Mas mesmo aquele hábito, que não representava qualquer manifestação discriminatória nem prática de racismo, deixou de existir. E agora, se a gente anda por uma rua de BH, precisa de muita atenção para diferenciar um preto de um branco. Para distinguir os negros dos outros transeuntes, o mais prático é verificar os que não são atendidos prontamente nas lojas, as mulheres grávidas que não conseguem lugar cedido em ônibus, os velhos que recebem mais trancos dos que caminham em sentido contrário, as pessoas de qualquer idade de quem a polícia exige documentos em todas as esquinas, os motoristas multados por dirigirem em estado de abstinência de bebidas alcoólicas. A cor da pele também facilita a distinção do preto do branco. As condições sociais, não. Porque, no Brasil, todos são iguais perante a lei.

Tudo isso viu o nosso amigo Mandela neste país da igualdade. Ficou sabendo que se as crianças pretas deixam as escolas públicas de Belo Horizonte aos magotes, como noticiou o ESTADO DE MINAS outro dia, não é por discriminação coisa nenhuma. É porque se sentem deslocadas vendo meninos diferentes delas, de cara branca, sapato no pé, camisa limpa e sem rasgão. Aqui, constatou Mandela, os pretos não são chamados pelos nomes pejorativos de crioulo ou "colored",

como no Alabama, no Texas, no Mississipi e em outros lugares do Sul e do Oeste dos Estados Unidos. No Brasil, eles recebem tratamento onomástico carinhoso, como Jamelão, Bringela, Piche Duro, Lanterna sem Pilha, Lâmpada Queimada, Crise de Energia, Tziu, Gravata de Smoking, Branca de Neve, Meia-Noite e Trinta.

Vamos mais longe, meu caro Mandela. Você não viu nada. Não há no Brasil instituição social, cultural ou política que não admita pretos em seus quadros. O caso do dr. São Benedito é perfeito para demonstrá-lo.

O dr. São Benedito todos conhecem. Gastroenterologista e oncologista de renome internacional, PhD por várias universidades americanas, com diploma "honoris causa" da Sorbonne, apresentou em um congresso, na Suécia, a comprovação da cura de vários cânceres no duodeno e no cólon. E foi ele quem quis saber se o Velho Clube aceitava ou não aceitava preto mesmo. Com o pretume reluzente da pele diagramada em tropical inglês, camisa e gravata italiana, meteu-se no hall nobilíssimo da tal sociedade. E disse ao sujeito de fraque que o recebeu: "Quero saber se eu posso ser recebido neste clube..."

— Claro, professor. Um homem com o seu renome. Responda a umas perguntas de praxe: estado civil, idade, naturalidade, edereço...

Respondeu. E o enfrascado: "O senhor tem smoking?"

— Claro, uai!

— Então, está admitido. Já pode vir hoje à noite. Vai ficar encarregado de servir as bebidas no jantar de homenagem ao comendador Ermírio.

Grito contra o racismo

Ricardo Leoni

Mandela se afirma identificado com negro brasileiro

Antes de embarcar de volta para a África do Sul, o líder negro sul-africano Nelson Mandela disse que se sente identificado com a luta da população negra brasileira contra a discriminação racial. Em sua última entrevista no Brasil, Mandela afirmou sentir-se feliz por ter constatado que tanto os governadores dos estados por onde passou quanto o presidente Fernando Collor "reconhecem que este é um problema e precisa ser tratado pelo governo". Mandela evitou comentar a possibilidade de o Brasil transformar sua representação na África do Sul em embaixada, mas ressaltou que qualquer decisão brasileira deverá ser antes discutida com o Congresso Nacional Africano.

Após uma maratona de cinco dias pelo Brasil, o presidente do CNA, de 73 anos, tirou o dia de ontem para descansar na suite presidencial do Hotel Copacabana Palace. Segundo seus assessores, ele só se levantou às 16h. Duas horas mais tarde, Mandela recebeu o governador Leonel Brizola, que chegou às 18h acompanhado pelo cacique Juruna. Por alguns instantes, ficaram juntos representantes das três raças que compõem a população brasileira.

O governador se despediu de Mandela — a quem se referiu como "futuro governante da África do Sul" — e pediu que ele "não se esqueça de que tem aqui no Brasil muitos amigos". Brizola afirmou estar certo de que a luta do CNA conduzirá a África do Sul a uma democracia sem discriminação racial. "Será construído um país soberano. A África do Sul vai surgir como um grande país", afirmou. O governador acrescentou que vai propor a seus colegas de partido a colaboração financeira com a campanha de Mandela pela democratização da África do Sul. Brizola reiterou sua proposta de colocar na Cinelândia "garrafas" para recolher doações ao CNA.

Mandela voltou a reivindicar a formação de um governo provisório para promover a transição em seu país. Ele acusou o presidente Frederik de Klerk de ter promovido reformas no sistema racista com o objetivo de "fazer com que a comunidade internacional suspenda as sanções", mas mostrou-se otimista e evitou especular sobre a volta da luta armada contra o governo de minoria branca. "Se o governo deixar de agir de acordo com a expectativa da população, na época vamos analisar", explicou. Mandela disse não ter dúvidas de que o CNA conta com o apoio da maioria da população negra de seu país. "É por isso que o governo está discutindo conosco", disse.

O líder negro anunciou que será realizado ainda este mês um encontro entre o CNA e outros importantes grupos negros sul-africanos: a Organização do Povo Azariano (Azapo) e o Congresso Pan-africanista (CPN). "Esperamos que com esta conferência consigamos formar uma frente patriótica", informou. Ao sair do Golden Room do Copacabana Palace, Mandela surpreendeu a segurança e parou para cumprimentar um grupo de participantes de uma feira de moda íntima que era promovida num salão próximo que era promovida num salão próximo.



Mandela deixa o Palácio Guanabara com Brizola e o índio Juruna

Winnie visita 2 shoppings

Um pulôver, uma camiseta e um macacão jeans para o mais novo de seus sete netos — um ano e meio — e um relógio para a filha foram as únicas lembranças que a mulher do líder sul-africano Nelson Mandela, Winnie Mandela, comprou durante sua visita a dois shopping centers da Zona Sul do Rio, na tarde de ontem. "Está tudo muito caro", disse Winnie, assustada com o preço das roupas e acessórios no Brasil.

Winnie saiu do Hotel Copacabana Palace, onde ocupou com o marido a suite presidencial, no início da tarde, acompanhada de dois seguranças à paisana e da intérprete, Simone Troupla. Para despistar repórteres, Winnie saiu pelos fundos do hotel, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, embarcando num carro oficial. Na despedida do Brasil, Winnie queria conhecer shoppings e praias, sem a presença de jornalistas. Ela ficou fora do hotel cinco horas.

O primeiro shopping visitado por Winnie foi o São Conrado Fashion Mall, em São Conrado, onde só admirou vitrines. "Elas são muito bonitas, mas os objetos são muito caros", reclamou a intérprete. Winnie se disse impressionada com a beleza do shopping, mas resolveu visitar o Rio Sul, em Botafogo, onde fez suas compras. Nos presentes para o neto e no relógio Champion que resolveu levar para a filha, Winnie não gastou mais de Cr\$ 30 mil.

Enquanto Winnie admirava vitrines, quem passava por ela ficava em dúvida se era realmente a mulher do líder. Vestida com um tra-

je típico cor bege, tipo de roupa que usou todos os dias no Brasil, Winnie despertava a atenção das outras pessoas. O fato de os seguranças se manterem à distância fez com que as pessoas imaginassem tratar-se apenas de uma integrante da comitiva de Mandela.

"Ela é muito jovem para ser a Winnie", comentou uma senhora. Segundo a intérprete, a mulher de Nelson Mandela ficou feliz em poder conhecer os shoppings fora da agenda oficial e revelou o desejo de voltar ao Rio, para passear. "Gostaria de passar as férias aqui", comentou Winnie. Ela e sua intérprete também tomaram café simples num bar de um dos shoppings, mas depois Winnie comentou ter gostado mais do guaraná. O governador Leonel Brizola providenciou algumas garrafas da bebida para o casal.

Com a mulher, Winnie, e uma comitiva de 10 pessoas, Nelson Mandela chegou ao Copacabana, por volta de 1h, vindo de Brasília. O líder negro não saiu da suite 601 sequer para tomar café-da-manhã ou almoçar. Ele se encontrou com o ministro do Exterior da Malásia, Tam Sri Gozhali, a quem pediu ajuda para construção de casas populares no bairro de Soweto. Gozhali só veio ao Brasil para este encontro. O secretário de Trabalho e Ação Social, Carlos Alberto Caó, também esteve no hotel. Ele considerou excelente os resultados da visita, tanto para o Brasil quanto para o CNA.

Mandela admite que Brasil discrimina negros

CARLOS FRANCO
Da Sucursal do Rio

O líder negro sul-africano Nelson Mandela, voltou atrás na sua opinião de que haveria uma "democracia multirracial" no Brasil "muito mais avançada" do que o sistema vigente na África do Sul.

Ontem, Mandela afirmou que existe "discriminação racial no Brasil." Ele disse que manteve contato com grupos negros que o colocaram a par da realidade racial no país.

"Volto para a África do Sul mais forte e disposto para lutar contra a política de segregação

racial", disse Mandela. Ele afirmou que está otimista quanto à renúncia do presidente da África do Sul, Frederik de Klerk, e a instalação de um governo provisório.

Quanto à ampliação da representação brasileira na África do Sul, com o envio de um embaixador brasileiro para o país, Mandela disse que "isso deverá ser negociado pelo governo com o CNA".

O chefe de relações exteriores do CNA, Yusuf Saloojee, disse que é contra a ampliação da representação diplomática brasileira na África do Sul enquanto De Klerk não renunciar.

Visita de Mandela

"Ontem, na matéria de autoria do sr. José Arbex, com o título 'Atraso e confusão marcam visita do líder anti-apartheid ao Brasil', observamos com desprazer no texto publicado uma série de inverdades e até mesmo palavras injuriosas ao nosso nome e com relação ao projeto de nossa autoria denominado 'Projeto Amanda'. A nossa ida ao Espírito Santo fora a convite, da Universidade Federal do Espírito Santo (sub-reitoria comunitária), Prefeitura Municipal de Vitória e governo do Estado do Espírito Santo. Como consequência, obtivemos 'protocolo de intenções', onde, certo restou que os órgãos supra mencionados, através da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, uma vez aprovado o projeto para estruturação da visita do dr. Nelson Mandela e comitiva àquele Estado da União, o governo do Estado do Espírito Santo repassaria à Fundação Ceciliano Abel de Almeida a quantia de nove milhões de cruzeiros, quantia essa destinada à viabilização do evento. No período de 16/06/91 à 22/06/91, em seguidas reuniões com o sr. Renato Viana Soares (secretário de Justiça e Cidadania do Estado do Espírito Santo) e outros assessores, inclusive o sr. Edivarci Martins, após entrega do planejamento integral da visita do dr. Nelson Mandela (inclusive, telefone e fax privativos do ilustre visitante), fomos surpreendidos com nossa exclusão sumária do evento. A respeito do 'Comitê Pró-Iraque', sói se afirmar que fomos vítimas e não partícipes em quadri-lhas."

Jorge Octavio Xavier Junior, Benedito Vicente da Silva e Joseph Adeniyi Majaro (São Paulo, SP)

Veja 7/8/91

DIPLOMACIA

Herói em visita

Samba e picaretagem seguem Mandela

José Alves de Moura, o inevitável "Beijoqueiro" que caça celebridades, vestiu smoking e aguardou pelo momento de avançar sobre o líder sul-africano Nelson Mandela e sua mulher, Winnie, que desembarcaram no Aeroporto do Galeão, na manhã de quinta-feira da semana passada, para uma maratona de cinco dias pelo Brasil. Depois de se engalfinhar com meia dúzia de policiais, o Beijoqueiro voltou para casa de lábios abanando, com a roupa em frangalhos e inaugurou a estadia de Mandela no Brasil, composta por uma coleção de fatos divertidos, pitorescos e até absurdos que acompanham a maioria das excursões de personalidades internacionais, sejam elas brancas ou negras. "Tenho a sensação de estar em casa", disse Mandela, ao desembarcar.

Aos 73 anos, Mandela chegou ao Brasil exausto, mas sustentou o sorriso e a elegância que o caracterizam, apesar de ter ficado sem suas malas, extraviadas em uma conexão de voo em Miami. Reagiu com bom humor às homenagens, como a festa de 50.000 pessoas que foram ao Sambódromo para vê-lo de perto e sambar ao som de Martinho da Vila. Em São Paulo, foi apanhado pelo frio da cidade e teve de emprestar um capote do governador Luiz Antônio Fleury. O líder sul-africano não abandonou a cordialidade nem mesmo quando tomou conhecimento da decisão recente do governo brasileiro de indicar um embaixador em Pretória, reconhecendo assim o fim da segregação racial naquele país. Até agora, como sanção pelo apartheid, o Brasil mantinha relações diplomáticas de segunda classe com a África do Sul, deixando a embaixada nas mãos de um encarregado de negócios.

POUSO EXTRAORDINÁRIO — O problema é que Mandela percorreu o Brasil dizendo que o apartheid não acabou, e essa notícia poderia azedar uma parte da viagem. O próprio ministro Francisco Rezek, no entanto, ficou livre de ouvir qualquer recriminação. Na sexta-feira, ele embarcou

para a China, evitando um encontro com Mandela durante sua passagem por Brasília. O roteiro do líder sul-africano foi movimentado pela ação de um obscuro grupo denominado Amandla, que abriga alguns dos envolvidos na montagem do conto-do-vigário destinado a enviar "leite para as crianças do Iraque" durante a guerra no Golfo. A organização intermediou o encontro entre o visitante ilustre e um de seus anfitriões, Albuíno Azeredo, do Espírito Santo, um dos três governadores negros do país, ao custo de 27.000 dólares por um pouso extraordinário de Mandela em Vitória. Jorge Xavier, um dos coordenadores do grupo, disse a VEJA que o dinheiro se destinava a financiar uma viagem à África do Sul, três meses atrás. "Viajei, fiz os contatos com o CNA e até levei um representante do governo do Espírito Santo", garante. O secretário de Justiça, Renato Soares, nega a existência do acerto e jura que recusou a proposta de Xavier. A se acreditar no grupo Amandla, palavra que significa poder na língua materna de Mandela, constata-se que o governador Albuíno Azeredo tornou-se a primeira autoridade brasileira a pagar ingresso para receber visita. ■

VISITA

Última prova de Mandela

Só mesmo quem passou 30 anos na cadeia para aguentar a desorganização brasileira

Depois de resistir, vitorioso, ao ódio racial e à violência do regime sul-africano que o confinou nas prisões por quase 30 anos, o líder negro Nelson Mandela quase sucumbiu à desorganização, à vaidade e à malandragem brasileiras. Já nas primeiras 48 horas da visita oficial de cinco dias ao País, Mandela foi recebido em terras brasileiras com as honras devidas a um herói, mas sem os cuidados que se deve ter ao se homenagear uma personalidade internacional da sua importância e com o seu passado. Mas ele, aos 73 anos, ainda resistiu aos desacertos oficiais de um circuito que começou no Rio, seguiu para São Paulo, Bahia, Espírito Santo e devia terminar em Brasília, na segunda-feira, 5.

Para isso, no entanto, ele teve que exercer uma de suas mais notórias virtudes – a tolerância – desde que desembarcou no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, na manhã de quinta-feira, 1º, quando, ao descer do avião, soube que as malas haviam ficado retidas em Miami (EUA).

Primeiro anfitrião do casal Nelson e Winnie Mandela e de mais cinco representantes do Congresso Nacional Africano, o CNA, que liderou a luta contra o apartheid, o governador

do Rio, Leonel Brizola, esbanjou seu entusiasmo para o ilustre visitante desde seu desembarque no aeroporto do Galeão. Da agenda de compromissos originalmente programada, os únicos itens mantidos foram a inauguração de um Ciep – ou Cizolão – na zona Oeste da cidade, batido com o nome de Nelson Mandela, e um show de música popular na carnavalesca passarela do Sambódromo. O governador, que devia ter o controle da agenda de Mandela, desistiu de participar do planejamento das horas que o visitante ficaria no Rio por não poder acompanhar o ziguezague inventado por asses-

chegou a incluir encontro com algumas lideranças da comunidade negra, uma entrevista coletiva e uma solenidade na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, onde o líder sul-africano deveria receber o título de Doutor Honoris Causa. Depois de muita confusão, todos esses compromissos foram cancelados na véspera. Mas não foram só os embaixadores do Itamaraty que ficaram de fora. A confusão saiu do meio diplomático para atingir também as várias entidades organizadas dos negros. “Após reuniões com o governo para elaborar a agenda, percebemos que a participação do movimento negro foi cortada”, protestou Amauri Mendes, do Fórum Estadual de Entidades



De Mandela para Brizola: cadê a minha comitiva?

Negras, certamente invejoso do movimento negro, na Bahia, que conseguiu mais acesso a Mandela, brindado com uma apresentação do famoso grupo Afoxé Filhos de Gandhi. O governador Antônio Carlos Magalhães, embora tenha liberado prontamente Cr\$ 5 milhões para a recepção, manteve uma discreta presença na agenda do visitante.

Em São Paulo, o governador Luís Antônio Fleury Filho foi um pouco mais generoso com a presença ilustre no Estado. Consta que liberou Cr\$ 40 milhões para a recepção. Um pouco mais do que concedeu o governador capixaba, Albuino Azeredo. Desatento – ou desacostumado

o governador do Espírito Santo entregou Cr\$ 27 milhões para um tal de Projeto Amandla que se dizia encarregado de preparar, no Brasil, a recepção a Mandela. O governador nega isso. Mas quando deu pela coisa, percebeu que o Espírito Santo tinha ficado de fora da agenda e o dinheiro tinha ido embora. Ligou para o Itamaraty e conseguiu dividir o tempo do visitante com os baianos. Na Terra de Todos os Santos, por sinal, os mesmos malandros tentaram, sem sucesso, arrancar dinheiro, depois de espalharem prospectos por Salvador onde diziam que contavam com o apoio da Força Sindical, liderada por Luís Antônio de Medeiros.

O casal Mandela não deve ter se aborrecido tanto, desde que ele ganhou liberdade em fevereiro do ano passado. Na primeira recepção oficial, nos jardins do Palácio Guanabara, o líder negro recebeu do prefeito Marcelo Alencar o título de Cidadão Honorário da cidade. Foi saudado pelo governador Brizola – “Este casal aqui presente está fadado a construir

um dos maiores países do mundo: a África do Sul”, garantiu exultante o anfitrião – e quando, por fim, discursou, desnudou a confusão do protocolo: “Quero pedir licença ao governador para que minha delegação possa subir ao palanque”, solicitou Mandela.

O cerimonial do governo fluminense é comandado pela mesma embaixatriz Elizabete Vieira de Melo que, no primeiro governo Brizola, atritou-se com o Itamaraty durante a visita em 1985 do presi-

dente francês François Mitterrand, ao Rio. Brizola a despediu, diante dos argumentos de que a diplomata, embora usasse punhos de renda, tinha as mãos de ferro no trato com as questões de cerimonial. Filiada ao PDT e com um inegável fôlego para o trabalho, ela conseguiu voltar ao Palácio, com a reeleição de Brizola.

Depois de enfrentar e livrar-se de tantos dissabores criados por sua visita ao Brasil, Nelson Mandela deve retornar à África do Sul “com a proposta de formar um governo provisório pluralista”, como reiterou no Rio – ciente, mais do que nunca, de como será difícil desincumbir-se da tarefa a que agora se propõe: cons-

Lembranças do Brasil

Entrevista/ Nelson Mandela

Dos seis dias que passou no Brasil, o líder sul-africano Nelson Mandela, 73 anos, negro e protestante, levou em sua bagagem algumas surpresas. Boas e más. Encantou-se com a comida baiana e com o calor e a musicalidade de negros de todas as religiões reunidos na Praça Castro Alves, em Salvador. Mas descobriu que, no Brasil, existe uma forma velada e perversa de discriminação racial. E nem toda a delicadeza de sua missão – ele veio ao Brasil pedir apoio político e financeiro – foi suficiente para impedi-lo de disparar uma de suas armas favoritas: a sinceridade.

“Está bem claro”, afirmou, em entrevista exclusiva a O DIA, “que sociedades com uma história de racismo brutal, como a escravidão no Brasil, não podem esperar que a solução para o legado dessa discriminação venha somente de sua Constituição.”

Durante a visita, Mandela não falou pessoalmente a nenhum jornalista brasileiro, à exceção de uma conversa informal com O DIA ao longo de vatapás e frutas-de-conde no Palácio de Ondina. Além de considerar os quitutes afro-baianos “terrific” (sensacionais) – “uma das razões para que um dia eu volte ao Brasil” –, Mandela, com seu jeito manso, apontou como uma de suas viagens mais importantes a que fez a Londres: uma investida perfeita de diplomacia e de mídia, ao lotar o estádio de Wembley meses depois de deixar a prisão.

Transformado – por força de uma dignidade que sobreviveu a 27 anos de prisão e por obra de um carisma que tem mais a ver com bom senso do que com ardores revolucionários – na maior estrela da política internacional da atualidade, Mandela é do tipo que todo mundo quer não só ver, mas pegar. Em Salvador, recebeu as perguntas de O DIA e entregou as respostas por escrito no Copacabana Palace, no Rio, ao se despedir do Brasil.

– Se o senhor tivesse que escolher, preferiria ser qualificado de líder sul-africano ou líder negro?

– Eu me considero, em primeiro lugar, um líder sul-africano que é negro. Mas também me considero um líder negro por articular as opiniões, as necessidades e as aspirações do povo negro oprimido.

– O senhor acredita que universidades e empresas brasileiras deveriam reservar lugares a negros para reduzir as disparidades sociais entre as raças? Com base em sua experiência, o que o Brasil poderia fazer?

– Uma ação afirmativa (ou seja: uma política ativa de estímulo à integração) é totalmente necessária. Educação é uma das áreas óbvias. Tendo a acreditar que programas de ação afirmativa para os negros devam começar no pré-escolar e no primário e não somente em universidades. Mas, para que isso funcione em esferas como educação, essas medidas precisam ser acompanhadas por um avanço econômico das comunidades mais carentes. A melhoria da qualidade de vida dos carentes assegura o sucesso

– Como o senhor explica, depois de quase três décadas de prisão, esta disposição de negociar com tanta serenidade pessoal uma transição pacífica com seus ex-inimigos?

– A questão crucial é que eu fui para a cadeia há 29 anos já disposto a negociar um acordo para os problemas políticos da África do Sul. Agora, que nós estamos conversando com os executores do apartheid, isso significa que alcançamos o que o ANC (Congresso Nacional Africano) queria há 80 anos. Portanto, ódio e recriminações ficariam deslocados agora. Precisamos nos concentrar em nosso maior desafio: transformar um estado racista numa sociedade democrática, não-racial e não-sexista

– Os anos da prisão ainda o atormentam à noite, quando se deita em casa?

– Vinte e sete anos de cadeia não podem ser simplesmente apagados da consciência de ninguém. Mas tenho tarefas mais urgentes à frente do que me sentar à noite e me lamentar por todos esses anos. Se agisse assim, estaria dando a meus carcereiros uma vitória. Uma vitória que eles não conseguiram nem quando eu estava preso e incomunicável. Se eu for bem-sucedido, a prisão não terá sido em vão.

– O senhor acredita que negros devem apoiar o mesmo partido simplesmente porque são negros?

– Seria ridículo esperar que pessoas apoiem o mesmo partido porque têm a mesma cor de pele. No ANC, temos pessoas de várias raças, etnias e religiões. Quando se pensa que existem negros na África do Sul que apoiam o apartheid, pode-se dizer que eles estariam muito mais confortáveis em alguns dos partidos brancos. Só que, infelizmente, estes não aceitam negros.

– Nos últimos anos, mais negros do que brancos mataram negros na África do Sul. O senhor considera os conflitos tribais o maior obstáculo em sua campanha por uma sociedade pacífica em seu país?

– A violência infligida por negros a negros não é tribal. Eles não estão se matando pura e simplesmente por pertencerem a diferentes etnias. Esta é uma formulação racista estimulada pelo regime de Pretória com o objetivo de disfarçar seus crimes. O maior obstáculo para a paz é a existência de um regime que patrocina a violência, mente e divide para reinar.

– O que o senhor espera num futuro breve? Um governo de transição de que tipo?

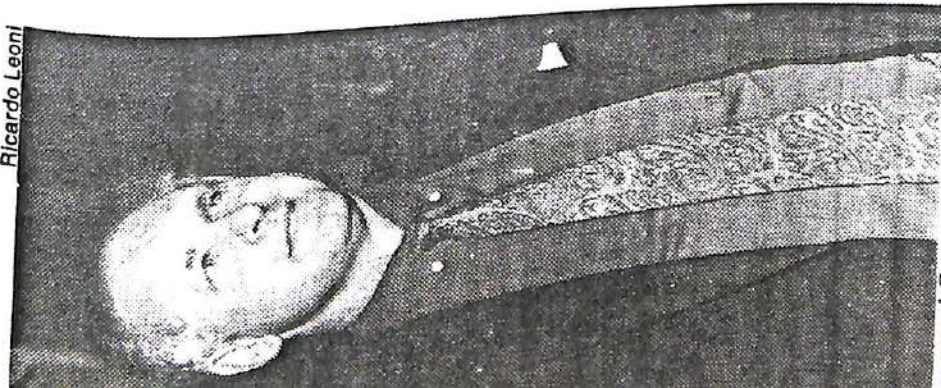
– Queremos um governo interino de unidade nacional que administre a transição. Um governo como este tem que ser soberano. Tem que ser formado por todos os partidos políticos na África do Sul. Deve supervisionar a eleição, na qual todos tenham direito a voto, de uma Assembléia Constituinte, que deverá elaborar uma nova Constituição. Um governo que surja deste processo representará todos os sul-africanos.

O Dia

08/8/91

Mandela tem branco na liderança

Ricardo Leoni



Raymond Suttner: exemplo

aulas de direito na Universidade de Natal, em Durban, uma instituição considerada liberal para os padrões sul-africanos da época, onde trabalhou de 1971 a 1975. A carreira, como ele próprio define, era apenas uma fachada para sua verdadeira atividade. À noite, o comportado professor universitário ganhava as ruas de Durban para distribuir clandestinamente panfletos do CNA.

A família desconhecia a verdadeira vida de Suttner até ele ser preso pela primeira vez em 1975 (permaneceu na prisão até 1983) por promover as ideias da organização negra. Era uma penitenciária só para brancos onde havia outros "seis ou 10" presos políticos brancos, que pertenciam ao CNA ou ao Partido Comunista — ou a ambos, como Suttner. Mais tarde, voltou a ser preso em 1986. Foi solto dois anos depois e condenado a mais um de prisão domiciliar. Suttner decidiu desafiar as autoridades e fugiu, passando cinco meses viajando pela África, Europa e Estados Unidos. Quando voltou, no início do ano passado, encontrou o país em transformação. Mandela estava livre e o CNA legalizado. Era o início das reformas no regime racista promovidas pelo presidente Frederik de Klerk.

Nos curtos períodos em que esteve em liberdade nos últimos 20 anos, Suttner pôde perceber uma mudança no comportamento da população branca de seu país. "Na primeira vez que fui preso, achavam que eu era

louco, excêntrico ou traidor. Na segunda vez já foi um pouco diferente", recorda-se. Com o passar do tempo, explica ele, o CNA ganhou força e 50 mil militantes foram presos num período de três anos, muitos dos quais eram brancos. "Com isso, as pessoas aceitaram que não era tão estranho assim. Desde 1990 muitos brancos passaram a integrar o CNA", conta Suttner, que atribui esta mudança de comportamento ao fato de o CNA ter se tornado parte da cultura política da África do Sul "e não apenas da África do Sul negra".

Suttner, que conheceu Mandela somente após sua libertação, no ano passado, não gosta de falar de sua convivência com o líder negro. "Sou um político", esquivou-se. Prefere também não especular sobre projetos do CNA para futuras eleições livres na África do Sul por considerar que ainda há muito trabalho a fazer antes disso pois os negros não têm direito a voto. Embora nunca tenha dado um tiro, afirma que não hesitaria em fazê-lo "como um membro disciplinado do CNA", caso a organização volte a lançar mão deste recurso contra o governo de minoria branca. Aos 45 anos, casado e sem filhos, Suttner lamenta que nos últimos meses a extrema-direita racista tenha ganhado força na África do Sul. "Acho que os brancos sul-africanos cresceram como africanos-europeus. É por pertencer ao CNA que consegui me enxergar como um verdadeiro sul-africano patriota", avalia.

Nelson Mandela JB

(...) Com relação à visita do líder sul-africano ao Brasil (...) a minha perplexidade fica em que pode Mandela representar para o negro brasileiro. A minha preocupação é se o líder negro poderá influenciar as autoridades brasileiras a fazerem algo pelo negro brasileiro que, desde o doloso ato de assinatura de abolição da escravatura, permanece escravo. Convidar um líder negro, gastar dinheiro em eventos de cultura afro-brasileira, tentar perpetuar as tradições da "mãe-África", não resolvem o problema do nosso negro. Apenas reforça a posição dos protagonistas, deixando os coadjuvantes sem fala, na marginalidade. (...) Será que a visita de Nelson Mandela dará forças ao nosso negro para vencer as batalhas mais duras, em que mostre o seu real valor, na conquista de uma sociedade fraterna fundamentada na justiça social? (...) Acir Braga da Silva — Rio de Janeiro. 11/01/91

COCAÍNA
O Rio de Roraima
expõe no Congresso

veja



A NOVA AFRICA DO SUL

o ex-primeiro-ministro Nelson Mandela
ao Brasil

Como o apartheid está
sendo destruído

A África do Sul e Brasil: quem
é quem na história





ADOREI O SEU ESTILO...

VOCÊS SÃO UM MODELO DE DEMOCRACIA RACIAL!

...BOBAGEM MANDELA!

NO DURO! EU TENHO A SENSACÃO DE ESTAR EM CASA!!



EXTRAVIARAM MINHA BAGAGEM, DERAM-ME A MAIOR CANSEIRA COM DIREITO A SAMBÓDROMO E HOSPEDAGEM EM APARTHEID-HOTEL!!



HA-HAM!

É UMA AFRICA!!

ME VOCÊ DARIA O ENDEREÇO DA SUA MODISTA?



Visitante Mandela

Sr. Diretor:

Na esperança de que sejam esclarecidos certos pontos relativos à cobertura que este conceituado semanário fez da visita do líder sul-africano Nelson Mandela ao Rio de Janeiro, permita-me relatar que os compromissos do sr. Mandela no Rio não foram definidos unilateralmente pelo cerimonial do governo do Estado, mas acertados em sucessivas reuniões no Itamaraty com a participação das diversas entidades envolvidas na programação e, principalmente, participação de três membros do CNA o que constituiu a delegação precursora da viagem. Alterações de agenda foram realizadas sempre em função dos pedidos do sr. Mandela aos diplomatas brasileiros quando ele ainda se encontrava no México, e, finalmente, pelo próprio líder sul-africano quando de sua chegada ao Rio.

Sobre o episódio do palanque e o fato de toda a comitiva do sr. Mandela não ter tido o acesso que o cerimonial havia previsto, prendeu-se, segundo me foi relatado, a motivos de segurança – era um pequeno palanque, de leve estrutura metálica, desenhado apenas para que o sr. Mandela pudesse ser visto por todos os convidados. Quanto aos comentários sobre minha pessoa, lamento não ter sido procurada pela repórter de *Istoé Senhor* que esteve no Palácio Guanabara cobrindo a visita. Surpreende-me e entristece-me ver seu prestigioso semanário fazer afirmações totalmente inverídicas quanto a inexistente atrito com o Itamaraty por ocasião da visita do presidente Mitterrand, em 1985.

Elisabeth Gallotti Vieira de Mello
Chefe do cerimonial
do governo do Estado do Rio

Istoé Senhor responde: a embaixatriz Elisabeth Vieira de Mello foi afastada do cerimonial do governo do Estado logo após a visita do presidente Mitterrand. Em seu lugar, assumiu interinamente o cientista político e especialista em assuntos internacionais, Clóvis Brigagão. A sra. Vieira de Mello não pode negar o tumulto que foi a agenda de visita do sr. Nelson Mandela, ao Rio.

